INÊS 249

FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 104 ★ Nº 34.850 | DOMINGO, 1º DE SETEMBRO DE 2024 | R$ 9,90

Conclusão do inquérito das fake news não está longe, diz Barroso

Em entrevista à Folha, presidente do STF também nega crise com o Congresso Nacional e afirma ser impensável democracia em que Legislativo possa suspender decisões da corte

O presidente do STF, Luís Roberto Barroso, disse em entrevista à **Folha** que a conclusão do inquérito das fake news não está distante. Aberta em 2019 sob relatoria de Alexandre de Moraes, a apuração foi expandida depois da trama golpista após a eleição de 2022.

Segundo Barroso, boa parte do resultado do inquérito foi enviada ao procurador-geral Paulo Gonet. "Caberá a ele pedir o arquivamento ou fazer a denúncia."

Também afirmou haver "zero crise" ao comentar a relação do STF com a Câmara e o Senado.

Para ele, o Legislativo pode discutir projetos que afetam a corte, mas é "relativamente impensável um modelo democrático em que o Congresso possa suspender decisão do Supremo", disse em referência a emenda à Constituição em debate.

Sobre o X, Barroso afirmou que uma empresa sem representante legal não tem condições de operar no Brasil. **Política A10 e A11**

X cria perfil 'Alexandre Files' para vazar decisões sigilosas do STF contra a empresa A6

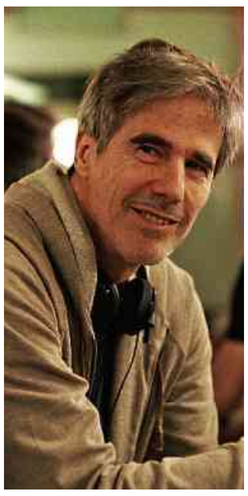


Lalo de Almeida/Folhapress

Exploração de gás e óleo na amazônia atropela agricultores com valor baixo por terras

Terreno de produtor em Itapiranga (AM) abriga poço e sua casa; polos de prospecção crescem em área preservada e ignoram indígenas **Ambiente A64**

ilustríssima



O cineasta no set de 'Ainda Estou Aqui'

Alile Dara Onawale/Divulgação

A DITADURA PELO CINEMA DE WALTER SALLES

Diretor afirma a Sérgio Dávila que seu novo longa, sobre família Rubens Paiva, é alerta para autoritarismo **B6**

Continua acontecendo, escreve Marcelo Rubens Paiva **B9**

MÔNICA BERGAMO

Egos ditam rumos do SBT, afirma amigo de Silvio **B4**

política

Edição de hoje da Folha estreia novo projeto gráfico **A28**

ciência



Kananda Eller, 28, fala sobre química

Adriano Vizoni/Folhapress

TIKTOKERS TRADUZEM CIÊNCIA PARA O PÚBLICO A68

Vinicius Mota

O aprendizado no limiar da destruição

O que fascina o protagonista de "A Montanha Mágica", livro que faz cem anos, é mais o percurso do que o desfecho. **B19**

Secretário de Redação da Folha, passa a escrever mensalmente

Energia cara pesa no preço de produtos e acentua desindustrialização do país

Estudo sobre efeitos do encarecimento da energia elétrica, de gás natural ou outras fontes, na produção industrial nacional mostra impacto no preço de itens básicos ao consumidor.

Ela corresponde a 27% do preço do pãozinho e 33% das carnes e leite. Na perspectiva da indústria, a alta comprometeu a estrutura produtiva e reduziu a competitividade. **Mercado A33**

Bolsistas de escolas de elite de SP relatam discriminação

A **Folha** ouviu relatos de alunos negros e periféricos de escolas como Marista Arquidiocesano, Porto Seguro, São Luís e Santo Américo, na capital paulista. Eles dizem ser alvo de piadas e exclusão por colegas e até diretorias. Colégios negam segregação. **Cotidiano A59**

cotidiano

Apagão atinge Paulista, centro, zona norte de São Paulo e Guarulhos A62

mundo

Embate de Kamala e Trump leva divisão entre mulheres e homens a ápice nos EUA A55

EDITORIAIS A2

Política econômica de Lula volta a perder credibilidade Sobre elevação do dólar e dos juros.

Drama da cracolândia exige ação multidisciplinar Acerca de medidas tomadas em SP.

ISSN 1414-5723

opinião

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Política econômica de Lula volta a perder credibilidade

Alta do dólar tem motivos mais amplos que os apontados para intervenção do BC; sem controle de gastos, números desastrosos das contas do Tesouro Nacional em junho também impulsionam juros de mercado

A nova escalada da cotação do dólar, que atingiu R$ 5,69 na sexta-feira (30) e recuou depois para R$ 5,61 devido à intervenção do Banco Central no mercado, é sintoma de mais um rodada de perda de credibilidade da política econômica.

O BC vendeu US$ 1,5 bilhão à vista, montante anunciado na noite anterior para fazer frente a uma saída pontual de recursos —uma prática que, em momentos assim, nada tem de anormal.

Entretanto, com a insistência da cotação em subir durante a manhã, acabou vendendo mais, o equivalente a US$ 765 milhões em contratos de swap cambial, um tipo de contrato que dá aos compradores proteção ante uma alta da moeda americana.

Não foi apenas o dólar que voltou a assustar. Juros de mercado também dispararam, já incorporando aumento de ao menos 1,5 ponto percentual, para 12% ao ano, da taxa Selic nos próximos meses. Juros de prazos mais longos também continuaram a subir.

A razão de fundo da desconfiança, como sempre, são as contas públicas em descontrole. A economia em ritmo relativamente forte até impulsiona a arrecadação de impostos, mas os gastos públicos crescem ainda mais. Nos últimos 12 meses, a despesa aumentou cerca de 15% acima da inflação, recorde na série histórica.

Como resultado da conduta irresponsável que emana do Planalto e de seu núcleo político, as finanças públicas tiveram em junho novo déficit histórico. Em 12 meses, o rombo ficou em R$ 257,7 bilhões, sem os juros, e R$ 1,128 trilhão (exorbitantes 10,1% do Produto Interno Bruto), incluindo os encargos da dívida.

Apesar da retórica para incautos, nota-se que quem mais beneficiou rentistas nos últimos anos foram administrações petistas.

O resultado é a rápida elevação da dívida, de 4,1 pontos percentuais neste ano, para 78,5% do PIB. Neste ritmo, já não se pode descartar que o endividamento venha a superar os piores momentos da pandemia de Covid-19 até o final do terceiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O governo insiste em buscar mais receitas, mas tem sido rechaçado pelo Congresso. Passa da hora de enfrentar seriamente os gastos. Promessas de controles pontuais, como o pente-fino em programas sociais, não bastarão. Será preciso avançar em medidas estruturais, mas até aqui o Planalto não mostra intento de seguir nessa direção.

Déficit do setor público chega a 10,1% do PIB em 12 meses, quando se incluem os juros. Apesar da retórica para incautos, nota-se que quem mais beneficiou rentistas nos últimos anos foram administrações petistas

O expansionismo fiscal é parte da explicação para o crescimento mais acelerado da economia e da demanda, além do potencial, o que tem elevado a inflação para mais de 4%, em trajetória de distanciamento das metas.

É daí que vem a justificativa, a esta altura correta, para o aumento da Selic, em desalinho ao que se espera no exterior.

O ambiente se torna mais incerto com a perspectiva de troca de comando em um BC que precisa ajustar sua comunicação. A confusão permeia todo o governo, que parece à deriva em meio às tempestades que ajuda a criar.

Drama da cracolândia exige ação multidisciplinar

Insistir na ênfase policial, como fazem o governo Tarcísio e a prefeitura de Nunes, equivale a enxugar gelo; usuários se espalham pela região, enquanto as bases do problema são tratadas com desmazelo

Quem quer que tente enxugar gelo perceberá, em pouco tempo, a inutilidade da iniciativa: o pano até absorve gotas já formadas, mas não impede que a água continue migrando do estado sólido para o líquido. Algo assim ocorre com a cracolândia, no centro de São Paulo.

A diferença é que o governo de Tarcísio de Freitas (Republicanos) e a prefeitura sob Ricardo Nunes (MDB) parecem não entender que, quando dão ênfase quase exclusiva à abordagem policial, podem até obter alguns resultados, mas não impedem a o ciclo de crime, deterioração urbana e degradação humana.

Faz pouco mais de dois anos que uma megaoperação mirou o tráfico de drogas na praça Princesa Isabel, onde à época se localizava o fluxo de usuários. Houve prisões e apreensões. Os dependentes químicos, por sua vez, espalharam-se pelas ruas adjacentes e outras áreas da capital.

Alguns meses depois, contudo, voltaram a se fixar em um único ponto, desta vez na rua dos Gusmões, entre a avenida Rio Branco e a rua dos Protestantes. É lá que agora estão as deprimentes cenas de consumo de crack a céu aberto, às quais se somam o acúmulo de lixo nas vias e o aumento de furtos e roubos no entorno.

A movimentação, de um lado, revela os limites das ações policiais; dispersões provocadas à força apenas deslocam as pessoas para lá e para cá. De outro lado, ela também mostra o poderio do banditismo na cidade.

Investigações da Polícia Civil detectaram um padrão: o fluxo de usuários fica sempre perto de hotéis clandestinos mantidos por pessoas ligadas à facção Primeiro Comando da Capital (PCC).

Tais hospedarias têm, entre outras, as funções de esconderijo de drogas e ponto de encontro de traficantes. Dezenas delas foram identificadas, lacradas, emparedadas. Mas novas logo surgem, às vezes ao lado das anteriores.

Para piorar, a elaboração de mandados judiciais para agir nesses estabelecimentos é quase inviável, porque eles sempre mudam de endereço e de gerência.

Deve-se combater o crime organizado com inteligência e vigor. Mas a segurança precisa se integrar a programas de saúde, moradia e geração de renda, tudo de forma contínua e a longo prazo

Não que esses esforços sejam inúteis —não são. Deve-se combater o crime organizado com vigor, e o trabalho de inteligência policial é preferível à brutalidade que, infelizmente, costuma-se empregar com mais frequência.

Ocorre que, assim como o pano não evitará o derretimento do gelo, a polícia, sozinha, não resolverá o problema humano e urbano da cracolândia. É imperativo adotar uma ação multidisciplinar, em que a segurança se integre a programas de saúde, moradia e geração de renda —tudo de forma contínua e a longo prazo.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
834.898 - Fechamento 2º Semestre de 2023
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

A vida como não conhecemos

Hélio Schwartsman

SÃO PAULO Teólogos e astrobiólogos têm um problema comum. É possível que seus objetos de estudo, respectivamente Deus e vida alienígena, não existam e, mesmo que existam, nunca se façam cognoscíveis para nós. Mas astrobiólogos tentam desenvolver uma física adequada para lidar com a dificuldade.

Essa pelo menos é a proposta de "Life As No One Knows It" (vida como ninguém conhece), da física teórica convertida em astrobióloga Sara Imari Walker.

Walker, que foi orientanda do físico brasileiro Marcelo Gleiser, começa mapeando os problemas de sua área. Não existe definição de vida que pare em pé. Uma das mais populares, como a que diz que vida são sistemas químicos autossustentáveis capazes de evolução darwiniana, exclui bilhões de abelhas operárias, já que elas não se reproduzem.

E fica pior.

Se a vida alienígena tiver base numa química muito diferente da nossa, é possível que nós não consigamos nem reconhecê-la caso topemos com ela.

Walker sugere que abandonemos a busca de definições e nos contentemos, à moda de Turing, com um teste para separar produtos abióticos de coisas vivas. Para a autora, a teoria da montagem, que ela ajudou a desenvolver, faz isso. Seleção gera complexidade. Então, entidades que exijam muitos passos (tipicamente mais de 15) para ser construídas devem ser consideradas como de origem viva.

Vale notar que, sob essa perspectiva, a vida não é algo binário, mas vem num espectro. A proposta abarca não só seres vivos mas também coisas que eles constroem, como satélites e inteligência artificial. Com a teoria da montagem, Walker diz ser possível desenvolver uma nova física, formalizável, mensurável e falseável, capaz de lidar com a vida como nós não conhecemos.

A teoria da montagem é algo novo e, portanto, polêmico. Ao vender seu peixe, a autora faz ótimas observações sobre filosofia da ciência e nos coloca a par dos últimos desenvolvimentos na pesquisa sobre as origens da vida e em astrobiologia. Vale a leitura.

*

PS – Dou três semanas de férias ao leitor.

As chances que restam a Ricardo Nunes

Bruno Boghossian

BRASÍLIA Atropelada por prenúncios de uma tragédia, a candidatura de Ricardo Nunes parece dependente de episódio ao estilo "deus ex machina". A expressão originada no teatro grego descreve uma intervenção inesperada e de última hora para resolver encrencas.

A campanha na TV vai ajudar o prefeito, mas dificilmente assumirá sozinha a dimensão de milagre. Ainda que Nunes tenha um latifúndio nas telas, a propaganda só será suficiente para mudar o jogo se o candidato for capaz de encaixar uma mensagem forte.

Nunes tem a vantagem de disputar a eleição sentado na cadeira. Ele usará a propaganda para tentar convencer o eleitor de que faz um bom governo e, na sequência, transformar uma avaliação positiva em voto.

O problema é que o prefeito tem uma montanha a escalar. Só 25% dos paulistanos dizem que o governo é ótimo ou bom. Os números não são piores porque sua reprovação também é baixa, de 25%. O foco estará nos 48% que consideram a gestão regular.

A campanha de Nunes decidiu apostar nesse caminho em vez de esperar por um socorro do bolsonarismo. A maior dúvida sobre as chances do prefeito ainda está depositada em sua capacidade de frear a adesão de eleitores de direita a outro campo.

A última semana foi especialmente desastrosa para Nunes, com Jair Bolsonaro dando todos os sinais de que tem interesse em pular no barco de Pablo Marçal para evitar uma derrota pessoal. O risco para o prefeito é que as pesquisas e o apoio do bolsonarismo cristalizem a imagem do ex-coach, dentro desse eleitorado, como o candidato destinado a enfrentar a esquerda.

Restaria a Nunes uma solução que sua campanha começou a ensaiar, apontando que Marçal é tão inconsistente que entregaria a vitória para Guilherme Boulos no segundo turno. O discurso só vai colar se o prefeito conseguir evitar um processo antecipado de normalização da candidatura do ex-coach —algo que se vê nas mesas de empresários e entre eleitores preparados para um vale-tudo contra a esquerda.

A bala de prata seria uma eventual derrubada da candidatura de Marçal pela Justiça Eleitoral. Nesta hipótese, mais que incerta, o prefeito precisaria de uma reação calculada para herdar os votos do ex-coach enquanto assiste, tranquilo, à saída de cena do rival.

Vamos ao cinema?

Ruy Castro

RIO DE JANEIRO Nem foi há muito tempo. Quando as pessoas ainda saíam de casa para ir ao cinema, escolhia-se o filme pelos anúncios no segundo caderno. Eram minipeças de propaganda que já vinham prontas dos estúdios com textos para torná-los imperdíveis, mas tão exagerados que mal tinham a ver com os filmes. Há dias, herdei uma coleção deles, de filmes dos anos 1940 a 1960. Algumas amostras:

"Sobre seu corpo divino, a renda negra estendia tentações e perigos! Mesmo nos braços do seu amado, ela sentia pairar sobre sua cabeça a terrível ameaça daquela voz macia e sádica! 'A Teia da Renda Negra', com Doris Day". "Ele desejava a noiva e a fortuna do amigo... e para possuí-las teria que cometer um crime perfeito!... 'O Sol por Testemunha', com Alain Delon". "Sabotado! Censurado! Vetado! Explode agora nas telas brasileiras uma das mais belas histórias de amor! 'A Aventura', de Michelangelo Antonioni".

"Diferente de tudo que você já viu! O filme que fará você tremer na poltrona e exclamar: 'Mas... que mundo cão!' Mulheres lavando homens em banhos públicos japoneses! Porcos mais valiosos que bebês, amamentados por mulheres! Hetairas que desfilam seus encantos à luz do dia! 'Mondo Cane'!". "Que espécie de monstro ele se tornou ao ingerir o Coquetel Drácula? Jerry Lewis é 'O Professor Aloprado'".

"O mais lindo animal do mundo! Em certa ocasião, Maria pareceu-me uma dama esquisita. Agora vejo que tem o corpo de um animal... Vive como um animal... É um animal!... Ava Gardner é 'A Condessa Descalça'". "Nunca houve um homem como meu Johnny! Homem como todos os homens... Atirador com o demônio em seus olhos... Mas quando ele tomava-me em seus braços... Joan Crawford em 'Johnny Guitar'". "Casablanca... Ninho de intrigas... antro de maldade... Onde cada beijo poderia ser o último e onde muito se amava e muito se pecava porque a vida pouco valia... Humphrey Bogart e Ingrid Bergman, em 'Casablanca'".

Hoje o Procon veria nisso publicidade enganosa. Os filmes continuariam maravilhosos do mesmo jeito.

Marçal reforça idiotia como rota para o poder

Candidato mostra que idoneidade não atrai eleitores, voto não é selo de verdade, e o futuro é idiota

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Ao pedir desculpas por sua postura na campanha pela prefeitura da maior metrópole brasileira, Pablo Marçal oferece uma via de compreensão da atualidade política.

O candidato do PRTB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro) admite ter-se comportado como idiota com o objetivo, vitorioso, de subir nas pesquisas eleitorais. Sua retratação não representa uma mudança de atitude, mas retrato de uma estratégia: idiotia como caminho para o poder.

Não é demais remontar à origem da palavra.

"Idiotes", na Polis grega, eram aqueles centrados em negócios privados, alheios à vida pública, que interessava aos "politikós".

Os significados atuais das duas palavras derivam dessa oposição. Mas se tornou pesado o atributo de idiota, pois implica ignorância, estreiteza mental e desconexão com o mundo.

Entre nós, por semeadura de Bolsonaro ou fatalismo fonológico, a bilabial oclusiva "b" tem sido marca subliminar de palavras associadas ao destrambelho mental: bobo, besteirol, baixarias. Às vezes, na televisão, BBB, senão em pilares do atraso parlamentar, como Bala, Bíblia e Boi.

O B de Bozo se esvaziou, perdeu eco, mas o oco fica à espera de que alguém o preencha. De idiotia renovada.

É que a mistificação idiotizada tem uma lógica própria: num determinado formato, o vazio de sentido é preenchido, como numa casca de noz, por significações secundárias, alheias ao original e, no entanto, funcionais.

Ele admite ter-se comportado como idiota com o objetivo, vitorioso, de subir nas pesquisas. Sua retratação não representa uma mudança de atitude, mas retrato de uma estratégia

Isso acontece na propaganda, na tevê popularesca e no populismo que inunda as redes sociais. Quase uma segunda linguagem, de trânsito fácil na esfera dos "idiotes". Multidões participam à distância de um reality show.

Influenciador é um desdobramento desse infradiscurso. Agente de mídia com efeito na realidade, à cata de bode expiatório para a culpa inconsciente que cada um carrega, dispensa ideias, como um camelô de fantasias de imunidade a todos os males.

Transposto para o vácuo da política, ele acena com o que chama de antissistema: esculacho dos políticos, transformação de defeitos em virtudes, liberdade de empreender, até o crime.

Surpresos com a reação pública à sua "liberdade", os delinquentes dos ataques golpistas do 8 de janeiro de 2023, civis e militares, julgavam-se empreendedores de patriotismo. De normalização do crime, na verdade.

Pablo Marçal garante que, com Deus, celular e rede social, todos no Brasil podem empreender. Ficou conhecido ao vender a 30 pessoas um curso de como "superar a vida e tornar-se um vencedor": com ele à frente, escalariam o Pico dos Marins, o mais difícil da serra da Mantiqueira. Terminaram, claro, resgatados às pressas pelo Corpo de Bombeiros. Mas, na retórica da xaropada, vexame é corda de alpinista na capitalização da idiotia.

Dependurado, Marçal calcula que a Prefeitura de São Paulo seja o sopé de um novo pico, a Presidência da República. Um coach de inovadora ciência política: idoneidade não atrai eleitores, voto não é selo de verdade, o futuro é idiota.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Como pensam os chineses

Como para eles não há teoria absolutamente verdadeira, não há uma política pública que possa ser deduzida da teoria; a regra é fazer experimentações

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Professor emérito da Fundação Getulio Vargas, ex-ministro da Fazenda (1987, governo Sarney), da Administração e da Reforma do Estado e da Ciência e Tecnologia (1995-1998 e 1999, governo FHC)

A revista The Economist publicou em 11 julho artigo com o título "Xi Jinping inabalavelmente comprometido com o setor privado". A publicação tem dificuldade de entender que um país possa estar ao mesmo tempo comprometido com o setor privado e com o setor público.

Para a perspectiva neoliberal, da qual a revista é a principal representante no jornalismo, ou um país está comprometido com o mercado ou com o Estado, porque os dois seriam incompatíveis: o aumento de um setor implicaria a diminuição do outro.

A visão do desenvolvimentismo não é oposta, mas é muito diferente. Estado e mercado, setor público e setor privado são complementares. Em certos casos, o avanço do setor público pode expulsar ("crowd out") o setor privado, mas isso é antes a exceção do que a regra. Geralmente, o investimento público cria demanda para o setor privado.

Basta seguir a regra desenvolvimentista: os setores que são monopolistas e os que envolvem segurança nacional devem ser controlados pelo Estado, enquanto os setores competitivos devem ficar por conta do setor privado.

O mercado é uma instituição coordenadora do capitalismo insuperável quando há competição —quando, portanto, há mercado. Quando, porém, não há um mercado para coordenar o setor, é mais racional deixá-lo por conta do Estado.

Mas vejamos o que nos diz The Economist. "Segundo a visão chinesa de fazer políticas públicas, a China adota políticas de cima para baixo, mas também abraça a experimentação de baixo para cima". Para os chineses, experimentar é sempre bom.

Mais do que isso, como para eles não há teoria absolutamente verdadeira, não há uma política pública que possa ser deduzida da teoria; a regra é experimentar políticas diferentes —algo que é mais fácil quando se tem diferentes regiões para fazer as experiências.

Os chineses acreditam no poder das contradições; pensam, portanto, de forma dialética. Pensam o Estado e o mercado não apenas como complementares, mas também como mantendo entre si uma relação de atração e rechaço. Isso é pensar dialeticamente, compatível com a filosofia de Confúcio.

Os chineses acreditam no poder das contradições; pensam, portanto, de forma dialética. Pensam o Estado e o mercado não apenas como complementares, mas também como mantendo entre si uma relação de atração e rechaço. Isso é pensar dialeticamente, compatível com Confúcio

Eles afirmam defender os dois princípios de coordenação econômica de forma "inabalável", "inarredável" —em relação aos quais o governo não cederá. A revista informa que na China existem 867 mil empresas que têm algum grau de propriedade estatal.

Cito The Economist, resumindo: "A sorte das empresas privadas da China piorou. Sua participação no investimento atingiu 59% em 2014, de acordo com dados oficiais. Mas essa porcentagem caiu desde então. No final do ano passado, era de apenas 50%. Em vez de apoio, os empresários privados da China sofrem repressão. Três anos atrás, as empresas privadas representavam 55% do valor de mercado das 100 maiores listadas da China, de acordo com o Peterson Institute. No final do ano passado, esse número era de 37%".

Mas, reconhece a revista, os dois "inabaláveis" são mais compatíveis do que parecem. Segundo o diretor de um think tank em Pequim, "a economia privada não enfraqueceu a economia estatal, mas melhorou a eficiência das empresas estatais".

Continua a revista: "As empresas privadas temem que as empresas estatais as expulsem: 'O Estado avança, o setor privado recua', como os chineses às vezes dizem. Mas, desde a crise financeira global de 2007-9, o setor privado muitas vezes recuou por conta própria em resposta às desacelerações do mercado, não aos avanços do Estado. Nesses casos, os investimentos de veículos estatais, inclusive das empresas de infraestrutura dos governos locais, preencheram a lacuna na demanda deixada por um setor privado intimidado. As ligações entre as indústrias são 'como uma teia de aranha gigante', aponta Xiaohuan Lan, da Universidade Fudan. Funcionários do Partido Comunista disseram repetidamente que os empresários privados são 'nosso próprio povo'. Os funcionários não são indiferentes à iniciativa privada. O compromisso inabalável do partido com o setor é sincero —mesmo que muitos empresários desejem que fosse menor".

Como se vê, The Economist fez suas críticas ao modelo desenvolvimentista chinês. Não poderia deixar de fazê-las, já que a forma de coordenação econômica alternativa ao liberalismo econômico é o desenvolvimentismo. E a revista teme a competição. Não obstante, parece haver aprendido com a China a pensar dialeticamente.

Eleições municipais, desafios nacionais

Desconfiança no sistema de votação permanece para parcela significativa do eleitorado, assim como a desinformação e a escalada da violência política

Flávia Pellegrino

Jornalista, é coordenadora-executiva do Pacto pela Democracia

Dois anos depois das mais turbulentas eleições nacionais da nossa história, a população brasileira volta às urnas em 2024 para eleger representantes aos Legislativos e Executivos municipais em meio a um ambiente democrático ainda marcado por imensos desafios e preocupantes ameaças.

Uma delas diz respeito a uma nova realidade no contexto político do país: a desconfiança do eleitorado no sistema de votação brasileiro. Pesquisas recentes têm revelado que entre 30% e 40% dos brasileiros não confiam plenamente no processo de contagem dos votos.

Tamanho descrédito em relação ao mais vital processo democrático de um país já seria por si só profundamente alarmante, porém o atual caso brasileiro é ainda mais estarrecedor devido à sua origem em campanhas de desinformação orquestradas por Jair Bolsonaro e seus aliados ao longo dos últimos anos. Mentiras infundadas ecoaram de maneira tão ampla junto a parte significativa da população que um sistema de votação histórica e mundialmente reputado por sua credibilidade e qualidade entrou para o rol do negacionismo brasileiro.

Muito embora o que esteve em jogo em 2022 seja drasticamente distinto do que permeia as disputas em 2024 e se possa acreditar que a pauta da credibilidade do sistema de votação terá menos centralidade que dois anos atrás, o fato é que essa passou a ser uma questão fundamental para a democracia no Brasil. São prementes os esforços para compreender como as narrativas do negacionismo eleitoral seguem ecoando em 2024 para que, assim, construam-se estratégias mais efetivas voltadas a proteger as eleições de 2026.

O desafio de resgatar a confiança da população brasileira no nosso sistema de votação é imenso, especialmente em razão de dois outros fatores de magnitude nacional também presentes no processo eleitoral deste ano: a complexidade de lidar com fenômenos oriundos de processos de desinformação e o nível de toxicidade e tensionamento político que ainda marcam o ambiente e a convivência sociais no Brasil.

A expectativa de avanços na regulamentação do ambiente digital não se confirmou, reduzindo a possibilidade de que tenhamos um debate público um pouco mais qualitativo, transparente e democrático

A expectativa de avanços na regulamentação do ambiente digital não se confirmou, reduzindo a possibilidade de que tenhamos um debate público um pouco mais qualitativo, transparente e democrático durante o período eleitoral. O desmantelamento da construção que vinha sendo feita acerca do projeto de lei 2.630/2020, o PL das Fake News, no início deste ano foi um balde de água fria para a sociedade civil e para qualquer pessoa verdadeiramente preocupada com a construção de mecanismos —ainda que imperfeitos— dedicados a zelar pela integridade da informação no país.

Ou seja, os desafios democráticos não diminuíram de 2022 para cá. Além da provável tração eleitoral da extrema direita antidemocrática no país, seguiremos enfrentando os mesmos desafios dos processos sistemáticos de desinformação, da profusão dos discursos de ódio e da escalada de violência política, bem como da suspeição sobre o sistema de votação brasileiro.

Que neste processo eleitoral as atenções estejam voltadas às soluções de problemas locais, mas jamais baixemos a guarda para as grandes batalhas democráticas nacionais.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br



Profissionais da Folha preparam esta edição, a primeira no formato berliner, na Redação do jornal Rubens Cavallari/Folhapress

Novo formato da Folha

Sou totalmente a favor do jornal impresso e acompanho a **Folha** desde a adolescência ("Leitores consideram novo formato da **Folha** prático e inovador", Política, 27/8). Já a vi passar por mudanças. Após a internet, vi jornais cancelarem sua versão impressa. A **Folha** continua, e a admiro em tempos de redes sociais e versões digitais. Que a **Folha** reformule a versão impressa, que vendas aumentem, e o jornal fique mais forte.
Everaldo Krigovski (Pontal do Paraná, PR)

O primeiro quarto do século 21 já ficou para trás, e a **Folha** ainda insistindo em edição impressa ("Assinantes e colunistas são garotos-propaganda do novo formato da **Folha**", Política, 29/8). Pelo amor.
Paula Faria (Palmas, TO)

*

Sou assinante convicto da **Folha** impressa. O importante é o jornal físico ser preservado e prestigiado, pois lê-lo é experiência não superada pela edição digital.
João Paulo Zizas (São Bernardo do Campo, SP)

Gostei muito ("Folha adota formato de diários europeus de prestígio", 28/8)! É mais fácil de ler, sem precisar de mesa de apoio para conseguir abrir duas páginas!
Cleomar Ribeiro (Cabo Frio, RJ)

*

Parabéns, **Folha**, sempre facilitando para os leitores. Traz as notícias atualizadas e de mais interesse.
Silene Maria de Sousa (Goiânia, GO)

*

A **Folha** deixou de ser plural! Quer impor religião evangélica. Antes tinha a simpática coluna GLS.
Neli Faria (São Paulo, SP)

*

Devo ter cão menor ou assinar 2º jornal para os embrulhos diários?
Murilo Belezia (São Paulo, SP)

*

A **Folha** impressa não chega mais aqui. Mas assinaria, com certeza.
José Reinaldo Silva (Itararé, SP)

*

Vai dar mais espaço às mulheres?
Lucelena Ferreira (Rio de Janeiro, RJ)

*

E a nova **Folha** vai descobrir que ainda há futebol no Brasil? Juca e Tostão, puxem a orelha deles aí...
Pedro Bianco Netto (Batatais, SP)

Assunto Qual banda você queria que voltasse?

Led Zeppelin. É uma das maiores bandas de rock de todos os tempos e possui 3 dos 4 integrantes em condições de se apresentar.
Thiago Cury Ribeiro da Silva (Uberaba, MG)

*

Fifth Harmony. Sinto falta dos momentos divertidos entre as meninas e da energia caótica no palco. Elas tinham um figurino, R$ 1 e um sonho.
Amalie Marie de Lima Silva (Recife, PE)

*

The Smiths. Por ter sido uma banda icônica, com músicas que marcaram os anos 1980 e 1990.
Anderson Garcia da Costa Araujo (Rio de Janeiro, RJ)

*

Pink Floyd, pelos shows de altíssimo nível, composições belíssimas, afinação impecável. Acompanhou a minha juventude.
Ana Maria Gutierres Sasia (São Paulo, SP)

Se eu tivesse a capacidade de transcender o tecido da realidade e trazer dos mortos Moraes Moreira, a banda cujo retorno eu aguardaria seria a dos Novos Baianos. São uma entidade cósmica, um ponto singularíssimo no Universo.
Caio da Costa Navajas (Brasília, DF)

*

Engenheiros do Hawaii. Todos os integrantes estão na ativa, tocando as músicas da banda. Certamente haveria um grande público que lotaria os shows de um retorno, até porque nem todos os fãs tiveram a oportunidade de ver a formação clássica ao vivo.
Valsi Mazzetto Junior (Curitiba, PR)

*

Creed. Uma banda que arrebatou fãs no início dos anos 2000 com pegada romântica e timbre do Scott Stapp. Ouvia as músicas nas idas para o colégio e nos intervalos das aulas.
Cicero da Conceição Borges (Rio de Janeiro, RJ)

System of a Down. Pela qualidade do show.
Daniella Castanheira (São Paulo, SP)

*

The Clash. Porque foi a única banda que valeu a pena. O álbum "London Calling", que foi eleito diversas vezes o melhor de todos os tempos, inclusive pelo Folhateen na coluna Escuta Aqui, em 1999.
Carlos Roberto de Moraes Júnior (São Paulo, SP)

*

The Smiths. Lembra uma ótima época musical. O álbum "The Queen Is Dead" é o meu favorito.
Marcelo Waldrigues Pimentel (Curitiba, PR)

*

One Direction. Foi a primeira e a última boy band de sucesso estrondoso que a minha geração viu antes da explosão do fenômeno k-pop.
Vinícius A. Arruda Albuquerque (São Luís, MA)

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA R$ 29,90 (plano mensal)
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM R$ 44,90 (plano mensal)

EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA seg. a sáb.	dom.	ASSINATURA SEMESTRAL* Todos os dias
MG, PR, RJ e SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF e SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

* À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

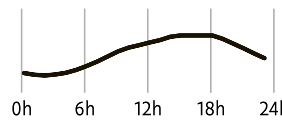
OMBDUSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-015-8080

ATMOSFERA

São Paulo

Hoje 32º 14º



Amanhã 29º 17º

	Rio	Brasília	Ribeirão
Hoje	36º / 15º	30º / 14º	35º / 16º
Amanhã	31º / 17º	31º / 15º	36º / 17º

Fonte: www.climatempo.com.br

TEMPO SECO

Alerta de baixa umidade, entre 20% e 30%, neste domingo (1º)

ONDE No Distrito Federal e em quase todos os estados do país, com exceção de Amapá, Roraima, Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Sul.

QUANDO Até as 21h.
Fonte: Inmet

BLOQUEIO DE RUAS

Vias fechadas para carros neste domingo (1º) em São Paulo, devido ao programa Ruas Abertas

ONDE Avenida Paulista, entre a praça do Ciclista e a praça Oswaldo Cruz; no bairro da Liberdade, as ruas dos Estudantes, dos Aflitos, Américo Campos e Galvão Bueno.

QUANDO Das 9h às 16h.

LOTERIA

MEGA-SENA | CONCURSO 2.769
Os números sorteados pela Caixa Econômica Federal neste sábado (31) são:

10 16 35 46 49 60

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 1º.SET.1924



Fogos de artifício provocam sustos no Bom Retiro após revolução em SP

Estampidos semelhantes a uma fuzilaria e a tiros de canhão provocaram alarme no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, neste domingo (31). Muita pessoas, amedrontadas, telefonaram para a polícia. Na revolução de julho, a capital paulista havia sido palco de conflitos armados e de bombardeiros.

A polícia, contudo, constatou que se tratavam só de sons de rojões e de outros fogos de artifícios queimados por um morador para festejar um batizado.

INÊS 249

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Água na fervura

Expoentes da direita que estiveram no último ato na avenida Paulista demonstram relutância em repetir a dose no sábado (7). Pré-candidato a presidente, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), não irá. Segundo ele, não é momento de intensificar a polarização. Romeu Zema (Novo-MG) e Jorginho Mello (PL-SC), que subiram no caminhão de som há cinco meses, não confirmam presença, assim como Cláudio Castro (PL-RJ). Dos potenciais presidenciáveis, apenas Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP) afirmou que participará.

DESFALQUES Entre dirigentes partidários, Valdemar Costa Neto (PL) a princípio não irá, embora sua assessoria diga que ele pode mudar de ideia na última hora. Ciro Nogueira, do PP, também vai se ausentar. Dos candidatos a prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB) e Marina Helena (Novo) confirmaram presença, enquanto Pablo Marçal (PRTB) segue uma incógnita.

ÁGUAS PASSADAS Dois dos principais aliados de Marçal protagonizaram uma briga que há quatro anos dividiu o Novo, ao qual ambos eram filiados. Daniel José (Podemos), hoje candidato a vereador que tem gravado vídeos com o ex-coach, acusou Filipe Sabará, atual coordenador do programa de governo, de apoiar políticos que não representavam os valores do partido, como Paulo Maluf e Jair Bolsonaro (PL), e de mentir sobre seu currículo. Na época, Sabará foi expulso do partido, e sua candidatura a prefeito de SP foi enterrada.

RECICLAGEM Candidata a prefeita de São Paulo, Marina Helena apresentou como proposta a criação de uma "Lava Jato paulistana" contra a corrupção. A ideia não é nova: foi levantada por Joice Hasselmann (à época no PSL) na campanha de 2020 para a prefeitura da capital.

FURTA-COR Candidato a prefeito de Mauá (SP), o deputado estadual Átila Jacomussi (União Brasil) declarou-se pardo na eleição deste ano. Nas últimas quatro que disputou (2014, 2016, 2020 e 2022), colocou-se como branco. Com a mudança, ele terá o direito de usufruir das cotas eleitorais para candidatos negros. Procurado, Jacomussi não respondeu.

FURO NO CASCO
Um dos principais aliados do prefeito Ricardo Nunes na Câmara de São Paulo, o vereador Rubinho Nunes (União Brasil) decidiu abandoná-lo para apoiar Pablo Marçal. Em vídeo, o ex-coach sugere que poderá trabalhar para que Rubinho se torne presidente do Legislativo. Em nota, o União diz que cortará o tempo de TV e o acesso ao fundo eleitoral do vereador.

POVOS DA FLORESTA A Defensoria Pública da União e o ICMBio assinaram acordo de cooperação técnica para levar atendimento a comunidades indígenas, quilombolas e tradicionais que vivem em unidades de conservação administradas pelo órgão. Serão identificadas localidades prioritárias que possam receber assistência jurídica e atividades educativas.

TRÊS PODERES

VENCEDORA DA SEMANA
Tabata Amaral (PSB), que conseguiu chamar a atenção com críticas duras a Pablo Marçal e provocou outros candidatos a fazerem o mesmo.

PERDEDORA DA SEMANA
Joice Hasselmann (Podemos), que teve o apoio rejeitado por Ricardo Nunes e depois por Marçal.

FIQUE DE OLHO
Disputa entre Alexandre de Moraes e Elon Musk deve turbinar ato na **avenida Paulista** no sábado (7); indicado ao BC, **Gabriel Galípolo** inicia peregrinação junto a senadores que o sabatinarão.

Com Guilherme Seto e Danielle Brant



O bilionário Elon Musk, dono da rede social X, participa de conferência na Califórnia David Swanson - 6.mai.24/Reuters

Ministros querem que ordem de Moraes sobre X seja levada ao plenário para proteger corte

Rede social sai do ar de forma gradual no Brasil após aviso da Anatel a operadoras de internet; OAB recorre contra multa sobre uso de VPN

Julia Chaib

BRASÍLIA Integrantes do STF (Supremo Tribunal Federal) defendem que o ministro Alexandre de Moraes submeta a decisão de suspender o X (ex-Twitter) ao julgamento dos demais magistrados no plenário da corte.

Ao menos 5 dos 11 ministros avaliam ser ideal que uma determinação desse porte passe pelo crivo do colegiado. Um dos objetivos é proteger a instituição e o próprio Moraes de eventuais acusações de abuso de poder.

Um ministro disse acreditar que a maioria da corte concorda com a suspensão do X, por isso ela deverá ser confirmada. Quatro magistrados já indicaram internamente ser a favor da ordem, e ao menos um discorda.

Moraes determinou nesta sexta-feira (30) a derrubada "imediata, completa e integral" do funcionamento do X. A rede começou a saiu do ar no Brasil de forma gradual e, na tarde deste sábado (31), a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) informou que já havia comunicado a todos os provedores de internet grandes, médios e pequenos.

A partir do aviso, as prestadoras teriam até cinco dias para inviabilizar o acesso ao X, mas a rede já havia foi bloqueada pelas principais operadoras.

A decisão vale até que todas as ordens judiciais relacionadas à ferramenta sejam cumpridas, as multas devidamente pagas e seja indicada, em juízo, a pessoa física ou jurídica representante da plataforma em território nacional.

Na própria sexta, Moraes reviu um trecho de sua decisão ligado a lojas virtuais e acesso VPN (rede virtual privada).

O ministro manteve, porém, multa diária de R$ 50 mil às pessoas naturais e jurídicas que tentarem acessar o X por meio de subterfúgios tecnológicos, tais como o uso de VPN, além de outras sanções civis e criminais. Medida que foi vista como desproporcional por especialistas.

Neste sábado (31), a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) recorreu ao STF com pedido de revisão ou esclarecimento acerca da multa. A entidade justifica a solicitação dizendo que multar ou aplicar sanção "de forma genérica e abstrata revela-se medida desarrazoada e desproporcional" e pode atingir "número indeterminado de pessoas" que não são alvo da ação e não poderiam ser responsabilizadas.

Moraes havia intimado o dono do X, o empresário Elon Musk, a indicar em 24 horas um novo representante legal no Brasil, e afirmou que suspenderia a rede caso isso não acontecesse. A intimação ocorreu na quarta-feira (28) em postagem na página oficial do Supremo do próprio X, na qual o perfil do empresário e do Global Government Affairs da rede social foram marcados.

Na quinta (29), sete minutos após o fim do prazo, a rede social publicou mensagem afirmando que não cumpriria as ordens.

Embora a maioria do STF respalde a decisão de suspender a rede social após o descumprimento de ordens judiciais, uma outra determinação de Moraes no caso provoca controvérsias: o bloqueio das contas da Starlink, determinado na quinta (29).

A comunidade brasileira no X somava cerca de 21 milhões em abril deste ano, segundo dados da plataforma Statista. O país tinha o sexto maior número de usuários, conforme o levantamento.

Quando o embate entre Musk e Moraes ganhou tração, em abril, o BlueSky, do cofundador do então Twitter Jack Dorsey, registrou um salto no número de usuários. O Threads, da Meta, dona do Instagram e do Facebook, e o Mastodon também se colocam como concorrentes. Mas, apesar da evolução das plataformas, nenhuma delas ainda substituiu de forma definitiva a rede social.

Rede de Musk cria perfil contra Moraes para vazar decisões sigilosas do STF

O X, antigo Twitter, criou neste sábado (31) a conta "Alexandre Files" para divulgar decisões sigilosas do ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), relacionadas à rede.

Em uma das publicações, o X afirma que irá lançar "luz sobre os abusos cometidos por Alexandre de Moraes em face da lei brasileira". A conta foi criada um dia após Moraes determinar a suspensão da plataforma no Brasil.

Outra postagem cita como suposto exemplo de desrespeito à lei a determinação de bloquear perfis do senador Marcos do Val (Podemos-ES) e da filha do blogueiro Oswaldo Eustáquio, entre outros.



O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, mexe no celular durante evento em Brasília Pedro Ladeira - 22.ago.24/Folhapress

Uso de VPN continua a ser legal no Brasil apesar de decisão de Moraes

Ordem emitida pelo ministro envolve apenas acesso à rede social por meio do sistema; fiscalização total da utilização beira o impossível, dizem especialistas

Júlia Moura

SÃO PAULO O uso de qualquer VPN (rede virtual privada) continua legal no Brasil, apesar da decisão do ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), que estabeleceu multa de R$ 50 mil para usuários que tentarem usar o X (antigo Twitter) por esse tipo de dispositivo. Ilegal é, em tese, acessar a rede social, apesar de especialistas dizerem que isso é de difícil fiscalização.

"A proibição é de uso de VPN para acessar o X, somente", diz Luca Belli, professor e coordenador do Centro de Tecnologia e Sociedade da FGV Direito Rio.

As VPNs (redes privadas virtuais) são uma espécie de túnel na internet que permite que as pessoas acessem a rede como se estivessem em outro lugar no mundo. É muito usada na China, por exemplo, para acessar redes sociais e sites noticiosos censurados pelo país.

"Elas estão hoje em toda parte, inclusive no iPhone, nos programas e antivírus e assim por diante. São uma ferramenta essencial para cibersegurança também", afirma o advogado Ronaldo Lemos, colunista da **Folha**, que classifica a medida de Moraes como "absurda, exorbitante e ineficaz".

Assim, para especialistas, identificar cada uso da rede social de Elon Musk feita no Brasil usando esse tipo de ferramenta é impossível. A proibição seria mais uma maneira de dissuadir o uso da rede e impactá-la economicamente do que banir o uso em definitivo.

"A única maneira de identificar essas pessoas é se elas falarem sobre o assunto, marcarem o ministro, se manifestarem em relação à medida de qualquer forma no X", acrescenta Belli.

Seria necessário, ainda, verificar que o usuário está de fato no Brasil, pois, se ele estiver no exterior, a multa não poderá ser aplicada.

"Imagino que o foco são algumas pessoas específicas investigadas pelo inquérito [das milícias digitais], pois essa fiscalização não é simples, ainda mais se a conta não estiver vinculada ao nome real do usuário e se for privada", diz Felipe Palhares, sócio de Proteção de Dados e Cybersecurity do BMA Advogados.

Além de ser difícil identificar quem usa a VPN para acessar o X, a restrição de Moraes é passível de questionamento, já que não há uma lei sobre o uso dessas redes privadas no Brasil.

De acordo com o Paulo José Lara, codiretor-executivo da ONG Artigo 19, que visa promover o direito à liberdade de expressão e de acesso à informação em todo o mundo, falta entendimento sobre a tecnologia por trás das redes por parte do Judiciário.

"Enquanto o corpo político se abstiver de debater e aprovar leis e regulações sobre grandes plataformas, desde condutas de serviços até regulações econômicas, o poder de big techs também continuará a ameaçar o livre exercício da liberdade de expressão e, potencialmente, a democracia e a soberania", diz Lara.

Com a discussão em torno do tema, voltou à tona o projeto de lei 2630, de 2020, que estabelece normas relativas à transparência de redes sociais e de serviços de mensagens privadas, inclusive a responsabilidade de provedores.

"Hoje, a suspensão [das redes] pelo descumprimento de ordens judiciais não tem previsão, já é uma determinação 'criativa' e a vedação de uso da VPN visa garantir a determinação de suspensão do X, algo que o PL poderia prever, junto a outras hipóteses de suspensão de aplicações de internet", afirma Paulo René, pesquisador do Iris (Instituto de Referência em Internet e Sociedade).

Para o especialista, uma forma mais direta de derrubar o X no Brasil seria determinar que as empresas de VPN bloqueassem o acesso à rede social de Musk.

"O problema é que muitos desses serviços se vendem justamente como forma de burlar suspensões, então muitas não obedeceriam", diz René.

Para Rafael Zanatta, diretor da Associação Data Privacy Brasil de Pesquisa, a decisão de Moraes vai contra dois aspectos da legislação brasileira: a liberdade de expressão e o Marco Civil da Internet.

"A medida afeta quem não é alvo do referido inquérito. E, segundo o Marco Civil da Internet, as pessoas são livres para usar VPN. Para que este uso seja restringido, ele precisa ser especificado. Qual a ameaça à ordem pública de as pessoas usarem esse tipo de sistema para acessar o X?", diz Zanatta.

Muitos usuários de outras redes sociais questionam se o uso de VPN se tornou proibido no Brasil e se ele geraria uma multa de R$ 50 mil.

Atualmente, este não é o caso. O uso desse tipo de sistema continua legal e liberado, a menos que ele seja utilizado para acessar o X, o que poderia gerar uma multa.

"Usuários de VPN, por si só, não precisam se preocupar", ressalta Belli, da FGV.

Insegurança jurídica preocupa, diz Lira

O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), disse neste sábado (31) que o embate do ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), com o bilionário Elon Musk preocupa pela possibilidade de aumento da insegurança jurídica.

Durante o evento em São Paulo, Lira questionou o bloqueio das contas da Starlink, que pertence a Musk. A medida foi uma tentativa de cobrar multas aplicadas contra o X (antigo Twitter).

"Eu sempre me preocupo com o que o Brasil demonstra de segurança ou insegurança jurídica, de previsibilidade. Eu posso estar errado, mas a personalidade jurídica de uma empresa é totalmente diferente da outra", disse.

Embora a maioria do STF respalde a decisão que suspendeu o X, o bloqueio das contas da Starlink na quinta-feira (29) provocou controvérsias entre membros do tribunal.

Brasileiros fora do país criticam Musk e ministro do STF por bloqueio da rede

Michele Oliveira

MILÃO (ITÁLIA) A decisão do ministro Alexandre de Moraes, do STF, de bloquear o acesso ao X se tornou um dos principais temas na plataforma entre os usuários fora do país.

*

'As a Brazilian'

Na manhã deste sábado (31), horas depois de começar a ser cumprida a ordem do STF de suspensão do X, um dos termos em alta na rede social era a expressão "As a Brazilian" (como brasileiro), usada por diversas contas para comentar, em inglês, a decisão.

"As a Brazilian, that's 100% correct. Elon is an egocentric billionaire destroying Twitter" (Como brasileiro, está 100% certo. Elon é um bilionário egocêntrico destruindo o Twitter).

E também: "As a Brazilian who lives in the UK, it is sad to see such an aberration. What's wrong with the Supreme Court?" (Como brasileiro que mora no Reino Unido, é triste ver uma aberração dessas. Qual o problema do STF?).

Top Brazilian Judge

Na cobertura internacional, Moraes sai como protagonista. Como no post do HuffPost Politics, em que a decisão é creditada, no título, a "importante juiz brasileiro", com fotos de Musk e Moraes. É o mesmo tom da agência Associated Press, "A top Brazilian judge".

Na conta da revista Americas Quarterly, um longo perfil de Moraes, publicado na quinta (29), foi repostado com a atualização sobre a decisão. Com o título "Juiz mais poderoso do Brasil está sob os holofotes — de novo", o ministro é descrito como a segunda pessoa mais poderosa do país.

Taxa nele

Frequente comentarista de questões brasileiras no X, o ator americano Mark Ruffalo repostou trecho atribuído a Moraes sobre Musk, que "mostrou total desrespeito pela soberania brasileira". Para o ator, o empresário é um bilionário "estranho" que deve ser taxado "pesadamente".

Como domá-lo

Publicado na sexta, antes da decisão sobre o X, um artigo de opinião do Guardian circulou nas últimas horas, com o título de "Elon Musk está fora de controle. Aqui está como domá-lo". O autor, Robert Reich, ex-secretário do Trabalho dos EUA, listou seis maneiras de impor freios ao empresário, entre elas boicotar a Tesla, evitar anunciar no X, ameaçar Musk com prisão e impedir que seu candidato à Presidência seja eleito.



WMcCann | JBS
Evoluir sempre é o que nos alimenta.
E você, o que te
ali
menta?
A JBS nasceu há 70 anos.
Hoje, está presente em 5 continentes, na casa de milhões de famílias pelo planeta. Mas suas raízes estão no Brasil, onde é a maior empregadora do país.
A JBS produz todos os tipos de proteínas e tem um propósito bem desafiador: alimentar uma população mundial que não para de crescer, conservando o meio ambiente. Ou seja, fazer mais com menos. Por isso, evoluir é o que vai continuar nos alimentando.
JBS
Alimentando o que alimenta o mundo

INÊS 249

Entrevista Luís Roberto Barroso
Presidente do Supremo Tribunal Federal



Pedro Ladeira/Folhapress

‘Fim do inquérito das fake news não está distante’

Após bloqueio do X, presidente do STF diz que empresa não pode operar sem representante, contesta democracia em que Congresso possa suspender decisão da corte e nega crise com Poder Legislativo

Luís Roberto Barroso, 66
Presidente do STF (Supremo Tribunal Federal) e do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) desde setembro de 2023, ingressou no tribunal em 2013, indicado pela ex-presidente Dilma Rousseff (PT). É formado em direito pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), mestre pela Universidade Yale e doutor pela UERJ.

José Marques

BRASÍLIA O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Luís Roberto Barroso, afirma que a conclusão do inquérito das fake news não está distante, após mais de cinco anos da sua instauração e da designação do ministro Alexandre de Moraes como relator.

“Não gostaria de me comprometer com uma data, mas acho que nós não estamos distantes do encerramento porque o procurador-geral da República já está recebendo o material”, diz Barroso.

O inquérito, criado de forma atípica e controversa em 2019, foi expandido com as ameaças à corte e a tentativa de golpe de Estado por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Em relação à decisão de Moraes que bloqueou o X, diz que uma empresa que se recusa a apresentar um representante legal “não tem condições de operar”.

Barroso assumiu o STF durante uma crise com o Congresso e viu o Legislativo destravar propostas contra a corte. Ele diz que vive uma relação harmoniosa com os outros Poderes, mas questiona a possibilidade de aprovação de uma emenda à Constituição que permita ao Legislativo a derrubada de decisões da corte.

“Me parece relativamente impensável um modelo democrático em que o Congresso possa suspender decisão do Supremo.”

*

Como o sr. vê a decisão do ministro Alexandre de Moraes que suspendeu o X no Brasil? Uma empresa que se recuse a apresentar um representante legal no Brasil não tem condições de operar no território brasileiro. Mas ainda vou avaliar o caso concreto, caso seja levado ao colegiado, e eventuais recursos, sempre considerando todos os argumentos.

O sr. assumiu o Supremo num momento de crise com o Congresso, em que houve idas e vindas. A relação progrediu? [Há] zero crise. É preciso distinguir crise de eventuais pontos de vista divergentes. Pensamento único existe em ditaduras e não em democracias. Então há matérias, sim, em que o presidente [Rodrigo] Pacheco, o presidente [Arthur] Lira ou o presidente da República têm posições diferentes.

As relações são harmoniosas, mas a gente não deixa de fazer o que tem que fazer. O orçamento secreto era ilegítimo? É, então a gente declara inconstitucional. Traz algum grau de tensão? Traz. Faz parte da democracia ter divergência e algum grau de tensão legítimo e que é absorvido institucionalmente.

Como o sr. vê o Congresso desengavetar projetos que afetam o STF? O Congresso é o lugar certo para debater as matérias. O Supremo não é blindado. Se o Congresso quer debater, pode debater.

Mas isso não parece ameaça? Toda vez que uma decisão desagrada, anda projeto que afeta diretamente o STF. Não me sinto ameaçado em nenhuma hipótese. Existe uma Constituição que assegura a separação dos Poderes. Se alguma coisa violar isso, é inaceitável. E, se não violar, é direito do Congresso.

É claro que eu participo do debate público para dizer se eu acho o mandato [para ministros do STF] bom ou ruim. Faz parte do meu papel. Ou dizer que nós já resolvemos o problema da devolução de vista ou da submissão das decisões em ações diretas ao plenário automaticamente.

[Mas] rever decisão do Supremo, que foi um precedente do Estado Novo na ditadura [Getúlio] Vargas, me soa mal. Se esse debate se colocar de uma maneira consistente, nós vamos participar dele também.

No momento, me parece relativamente impensável um modelo democrático em que o Congresso possa suspender decisão do Supremo. O que o Congresso pode fazer legitimamente —e já fez— é, ao discordar de uma decisão do Supremo, aprovar uma emenda constitucional em sentido diverso. E, se essa emenda constitucional não violar cláusula pétrea [da Constituição], ela vale.

O sr. tem dito que a rejeição ao STF tem relação com o julgamento de causas divisivas. Isso não exclui percepções sobre o comportamento dos ministros ou o entendimento de que o tribunal está agindo politicamente ou em potencial conflito de interesse? Numa sociedade aberta e livre, as pessoas têm o direito de pensarem o que a elas pareça melhor. Acho que a crítica de que os ministros do Supremo vão a eventos de empresários, seja no Brasil, seja no exterior, só revela um preconceito que existe no Brasil contra a livre iniciativa. Nós nos reunimos ou vamos a eventos de advogados, de membros do Ministério Público, de comunidades indígenas, de sindicatos, de estudantes.

Nós conversamos com os diferentes segmentos da sociedade. Os [próprios] empresários têm interesses conflitantes entre si. Essa história de que nós vamos a eventos, se fosse para acontecer alguma coisa errada, aconteceria a portas fechadas, não em eventos públicos.

Mas tem eventos a portas fechadas também. Teve um episódio que foi imensamente explorado, eu não participei, não saberia dizer. Mas eu posso garantir que, se for para acontecer alguma coisa errada, não é num evento em qualquer outro lugar. E acho que não acontecem coisas erradas.

A gente tem convite de todos. Quando eu aceito um convite para falar, eu não me sinto devedor, eu sou credor, porque eu é que fui lá, saí da minha casa, deixei a minha família e fui lá falar sobre algum tema de interesse das pessoas. Não é “se o sujeito aceitou um convite, então ficou devendo”. Essa é uma percepção equivocada. Agora, muito mais grave é se você visse um ministro ou qualquer outro juiz num ponto escondido privado com alguém, aí podia acontecer alguma coisa errada. Evento público eu não me preocupo.

Mas, se a sociedade vê um ministro na final da Champions League com um empresário, com congressistas em uma festa —pessoas que passam por julgamento do STF—, não afeta a avaliação? Como não existe lei vedando nenhum desses comportamentos, são escolhas pessoais que as pessoas fazem e aí elas se sujeitam à crítica pública. Juízes têm direito de ir a festa e têm direito de assistir a jogo de futebol. [Mas] As pessoas têm o direito de ter a percepção crítica, de modo que cada pessoa escolhe se vai fazer ou não vai fazer.

Continua na pág. A11

> “As relações [com o Congresso] são harmoniosas, mas a gente não deixa de fazer o que tem que fazer. O orçamento secreto era ilegítimo? É, então a gente declara inconstitucional. Traz algum grau de tensão? Traz. Faz parte da democracia ter divergência e algum grau de tensão legítimo e que é absorvido institucionalmente

Continuação da pág. A10

Eu fui a um evento de Brasília em que tinha uma roda de samba e eu cantei, porque tinha toda pertinência. Alguém gravou e botou na rede social. Muita gente criticou. Não era evento público, era fechado, mas, para ministro do Supremo, não tem evento fechado, tem sempre alguém filmando.

Teve gente que criticou e eu continuo achando que eu tenho o direito de cantar em uma festa de amigos. Ao fazê-lo, eu me sujeito à crítica pública, porque quem aceita ter um cargo público está sujeito à crítica pública, à crítica construtiva, à crítica destrutiva. Estar na vida pública é aceitar com resiliência ser criticado.

Depois das reportagens da Folha com mensagens trocadas entre auxiliares do ministro Alexandre de Moraes, o sr. falou em tempestade fictícia. O que é ficção nesse caso? A de que teria ocorrido alguma coisa imprópria. A notícia eu entendo. Vazaram conversas de assessores de um ministro que, eventualmente, tinha falas dele transcritas. Eu entendo perfeitamente que isso seja um fato jornalístico. A imprensa noticiar eu acho natural.

Porém as conclusões que alguns procuraram extrair disso é que eu acho que foram a tempestade fictícia. Não aconteceu nada de errado. A grande crítica é que os pedidos eram feitos informalmente, e eram feitos informalmente porque, por acaso, havia coincidência entre quem requisitava a informação e quem prestava a informação. Não apareceu nada errado.

Agora, pode ser que apareça alguma fofoca ou alguém falar uma frase que você fala na intimidade e que não falaria em público. Mas isso, como eu disse, está no plano da fofoca. Não é no plano jurídico. Juridicamente, não houve nenhum problema.

O assessor de Moraes fala em uma das mensagens que poderia haver questionamento por uso descarado do TSE. Não é sinal de conduta imprópria? Acho que não. O assessor pode ter a opinião que quiser. Mas eu não acho que o ministro Alexandre teria requisitado qualquer coisa de maneira imprópria.

Cabe ao ministro conduzir uma investigação a respeito de temas que o afetam? Ele [Moraes] está investigando um vazamento. Portanto, vazamento é vazamento. Quando eu conduzia um inquérito contra um presidente da República à época, teve fato que vazou e eu mandei instaurar um inquérito também. No meu caso, dependendo de onde tenha saído o vazamento, é crime. Portanto, ele está apurando um crime. Ele não é vítima do crime. A vítima do crime é a administração da Justiça quando há um vazamento ilegal. Ele [Moraes] não é vítima do vazamento.

Moraes conduz o inquérito das fake news desde 2019. Há previsão de o inquérito não se alongar mais? Eu acho que a duração prolongada do inquérito se deve à sucessão de fatos. Ninguém gosta de prorrogar inquéritos, mas os fatos foram se acumulando, e apareceram informações novas. As apurações já foram substancialmente concluídas, e boa parte delas já encaminhadas ao procurador-geral da República.

Ele, pelo que li na imprensa, já declarou que cuidaria disso depois das eleições. Eu não saberia precisar uma data, não gostaria de me comprometer com uma data, mas acho que nós não estamos distantes do encerramento porque o procurador-geral da República já está recebendo o material. Caberá a ele pedir arquivamento ou fazer a denúncia. De modo que acho que não está distante a conclusão do inquérito, seja pelo arquivamento, seja pela denúncia.

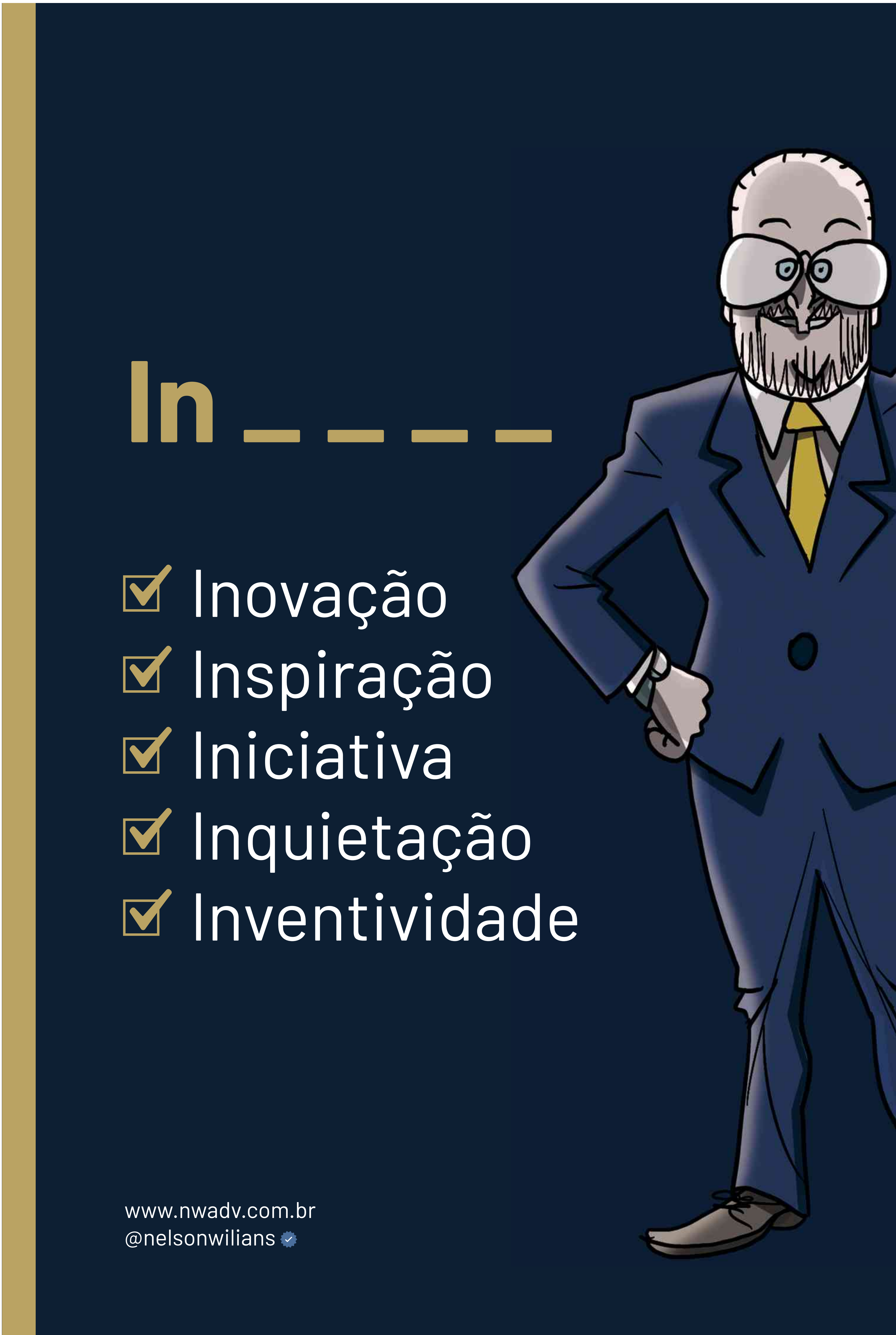
> **Eu acho que a duração prolongada do inquérito [das fake news] se deve à sucessão de fatos. Ninguém gosta de prorrogar inquéritos, mas os fatos foram se acumulando, e apareceram informações novas. [...] Acho que não está distante a conclusão do inquérito, seja pelo arquivamento, seja pela denúncia**

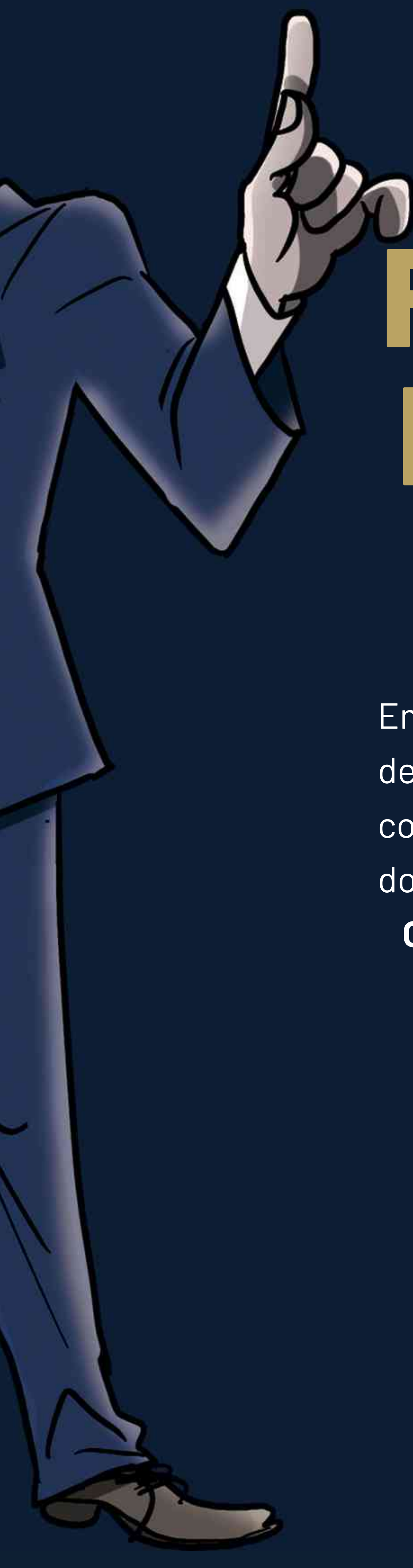
E os processos do 8 de janeiro? Houve cerca de 1.450 denúncias feitas pelo procurador-geral da República. Dessas, 220 denúncias, mais ou menos, envolveram os crimes mais graves, que são esses que estão sendo julgados, com pessoas que efetivamente ingressaram [no prédio], inclusive nesta sala, e a depredaram inteiramente.

Aos outros denunciados, mais de 1.200, continua a ser oferecido o acordo de não persecução penal para a pessoa não ir presa, não usar mais tornozeleira e ter o passaporte devolvido. Consiste tão somente em pagar uma multa de R$ 5.000 —se tiver dinheiro, se não tiver não precisa pagar—, ficar dois anos sem rede social e fazer um curso de democracia no Ministério Público. Mas a maioria não aceitou. Portanto, tem pessoas se sujeitando à prisão por vontade própria, por radicalismo ideológico.

Não acha que as pessoas acreditam que não cometeram crime? Mas não se exige nem a confissão, é apenas admitir que estava em determinado local, em determinado dia e horário e aceitar esse acordo.

O sr. teve embates fortes com o ministro Gilmar Mendes. Hoje têm uma relação cordial. Como foi a reaproximação? Do ponto de vista institucional, faz bem o presidente e o ministro decano terem uma boa relação. A reaproximação foi natural entre duas pessoas civilizadas que tiveram um incidente, se recompuseram e convivem hoje fraternalmente.


In _ _ _ _
Inovação
Inspiração
Iniciativa
Inquietação
Inventividade
www.nwadv.com.br
@nelsonwilians



OMBUDSMAN

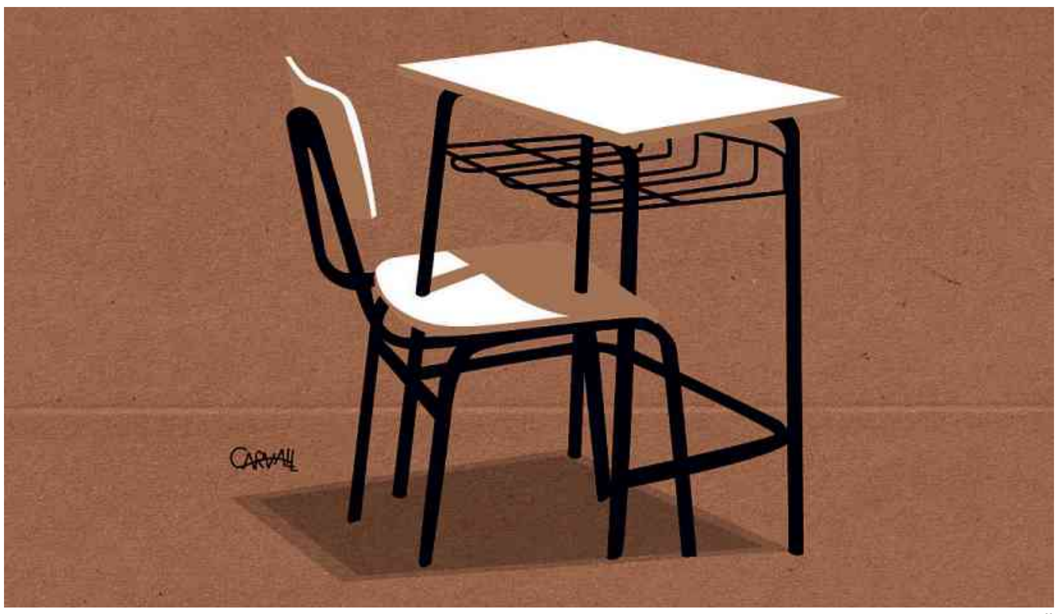
folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman da Folha tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000

Por que falar desse caso?

Reportagem sobre estudante recupera questões a respeito da cobertura de suicídio

Alexandra Moraes



Carvall

Dez dias atrás, a revista piauí colocou no ar uma reportagem sobre Pedro Henrique, 14, aluno bolsista de um colégio particular tradicional de São Paulo. Por que contar a história dele?

Ele era estudioso e interessado. Morava na periferia. Passou por uma seleção de seis etapas para conseguir a bolsa de estudos numa escola com mensalidade média de R$ 4.500. Isso talvez já o tornasse o que os meios de comunicação e hoje também as redes sociais gostam de apresentar como "exemplo de superação".

Também era um menino negro, periférico e gay que teria vivido e relatado episódios de bullying. E enviou um áudio para o grupo da escola antes de tirar a própria vida. Um parente denunciou nas redes sociais o que apontava como as circunstâncias de sua morte.

O texto da piauí recontava esse drama. Antes de sua publicação, o blog Morte sem Tabu, da **Folha**, discorreu sobre cuidados que casos como esse deveriam inspirar.

Como o site da piauí fica hospedado no servidor da **Folha**, o jornal às vezes destaca o material da revista. E o fez em seu site e em sua conta de Instagram com a reportagem sobre Pedro, o que acabou estendendo a polêmica ao jornal. Outros colunistas comentaram o assunto, e a **Folha** entrou no caso lateralmente, para relatar um protesto em frente ao Colégio Bandeirantes, onde Pedro estudava, e ao publicar a resposta da escola à comoção (a instituição disse haver "muitas inverdades" e que "o tema não foi apurado com responsabilidade pelos veículos divulgadores").

Hoje, o jornal dá seguimento à repercussão com reportagem sobre bolsistas em escolas de elite.

A associação de jornalistas que cobrem a área de educação, Jeduca, criticou o texto da piauí em mensagem à ombudsman. Afirma que ele "faz claras suposições de quais seriam as motivações que o teriam levado ao suicídio, como o fato de ele ser negro, gay e ter sofrido bullying na escola".

Uma mãe de estudante da escola também escreveu para apontar problemas. "Por que podemos culpabilizar sem nenhum pudor meninos de 14 anos? (...) É sabido que os índices de suicídios em adolescentes têm aumentado, portanto reputar e declarar, sem investigação, que o fato deu-se como consequência direta de bullying e racismo é superficial e desumano. Sem contar os alunos da escola vítimas dos comentários mais maldosos."

O Jeduca diz que o texto não segue as práticas do manual da Organização Mundial da Saúde para a mídia sobre suicídios. Mas o manual também atesta que "o relato de suicídios de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa, por meios de comunicação esclarecidos, pode prevenir perdas trágicas de vidas".

É nesse sentido que a piauí defende a publicação do material. "Em se tratando de tema tão delicado, como o suicídio, a piauí fez a reportagem da maneira mais equilibrada possível, consciente dos riscos do efeito-contágio e respeitando determinações da OMS. Por isso, não publicou imagens do estudante, não falou do método usado no suicídio, não divulgou o áudio de despedida e informou —no início e no fim do texto— o serviço de atendimento em saúde mental", afirma André Petry, diretor de Redação da piauí, em nota à ombudsman.

A morte de Pedro é uma tragédia sob qualquer ponto de vista, mas o fato de ser um jovem gay, negro e bolsista de uma instituição de elite no Brasil, país profundamente marcado pela desigualdade, acrescenta complexidade à história

"Como é próprio da piauí, a apuração foi ampla, incluindo entrevistas com familiares do estudante, professores, ex-professores, familiares de alunos do Colégio Bandeirantes (bolsistas ou não) e investigadores. A escola não quis falar, mas a matéria registrou iniciativas da instituição sobre o tema. Os leitores se sentiram bem informados e respeitados, a julgar pelos elogios à sobriedade do texto entre os seguidores da piauí nas redes sociais. É recompensador constatar que a matéria tem pautado conversas tão necessárias sobre inclusão social, preconceito e bullying nas escolas", conclui.

O caso de fato mexe com muitas questões educacionais e sociais. A morte de Pedro é uma tragédia sob qualquer ponto de vista, mas o fato de ser um jovem gay, negro e bolsista de uma instituição de elite no Brasil, um país profundamente marcado pela desigualdade, acrescenta sim complexidade à história.

Há também discussões sobre saúde mental e preocupações com danos causados ou piorados pelo uso das redes sociais.

Recentemente, a Fiocruz mostrou a alta de suicídios entre jovens de 10 a 25 anos. Já um levantamento da **Folha** constatou que, pela primeira vez, a taxa de ansiedade de crianças e adolescentes superou a dos adultos no Brasil.

Livros como o atual best-seller "A Geração Ansiosa" tentam esmiuçar o fenômeno e propor mudanças para proteger os jovens. E ouvi-los parece ser um consenso.

Caiado e Zema se unem contra Lula e Bolsonaro

Deputada federal Ione Barbosa (Avante) recebeu governador de Goiás em campanha em Juiz de Fora (MG)

Artur Búrigo

BELO HORIZONTE A deputada federal Ione Barbosa (Avante), candidata à Prefeitura de Juiz de Fora (MG), recebeu no dia 16 de julho a visita de Ronaldo Caiado (União Brasil), governador de Goiás, estado cuja capital fica a cerca de 1.100 km do município da Zona da Mata mineira.

O goiano foi no primeiro dia de campanha da candidata, também apoiada pelo governador do seu estado, Romeu Zema (Novo). Entre seus adversários, estão nomes apadrinhados pelo presidente Lula (PT) e pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Juiz de Fora tem o quarto maior eleitorado do estado, com 390 mil aptos a votar.

Questionada sobre a ida de Caiado a Minas Gerais, a assessoria do Governo de Goiás não retornou. Sua agenda só apontava um compromisso no dia, como palestrante no Rio de Janeiro.

Apesar de Zema e Caiado manterem boa relação e serem citados como possíveis candidaturas presidenciais da direita em 2026, o principal motivo para a ida do goiano a Minas é a escolha do vice de Ione.

O União Brasil, partido de Caiado, estava sendo disputado pelas candidaturas do Avante e do PT da atual prefeita Margarida Salomão, que concorre à reeleição.

O apoio a Ione veio após intervenção da executiva nacional do partido no diretório nacional, contrário à aliança. A ação foi articulada por Ione junto a deputados federais da legenda, que facilitaram a aproximação com o governador.

Mas a aliança é hoje a maior ameaça à chapa. Na semana passada, o Ministério Público de Minas Gerais (MP-MG) entrou com ação de impugnação contra a candidatura por causa do vice, professor Manfrini.



A candidata Ione Barbosa recebe o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, em Juiz de Fora @delegadaione no Instagram

Apesar de constar no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) como filiado ao Avante, a assessoria de Ione disse que houve erro no registro, e que ele é do União Brasil. Mas esse não é o alvo do processo.

Segundo a Promotoria, uma denúncia apontou irregularidades na indicação de Manfrini porque a convenção do União foi no dia 6 de agosto, um dia após a data-limite.

Outro questionamento apontado pelo MP-MG é que as atas do Novo e Avante, apresentadas no dia 5, um dia antes da definição do União, já traziam o nome do candidato. Para a Promotoria, esse é um indício de fraude.

A resistência do diretório local do partido de Caiado à candidatura de Ione apoia-se na questão de que a eleição em Juiz de Fora é uma das prioridades para o PT nas cidades de médio porte. O município é hoje o segundo maior do país administrado pela legenda.



Obra em Barra D'Alcântara (PI), município que recebeu o maior valor de emendas parlamentares para cada eleitor Divulgação/Prefeitura de Barra D'Alcântara

1 em cada 4 prefeitos busca reeleição após receber emendas acima da média

Prefeito de cidade mais impactada reconhece que concorrência é desleal; gestor com parente na Câmara também é beneficiado

DELTAFOLHA

Natália Santos e Flávio Ferreira

SÃO PAULO Na primeira eleição municipal com grande impacto da injeção de dinheiro de emendas parlamentares, mais de 1.500 cidades terão prefeitos tentando a reeleição após terem os caixas privilegiados com R$ 23,5 bilhões em recursos acima do patamar médio apadrinhado por deputados e senadores, segundo análise da **Folha**.

No pleito de 2024, poderão ser conhecidos os efeitos da mudança iniciada no governo de Jair Bolsonaro (PL) que deu aos congressistas papel inédito na destinação das verbas federais. A medida resultou na distribuição total de mais de R$ 80 bilhões em emendas para os 5.568 municípios brasileiros desde o início dos mandatos dos atuais prefeitos, entre 2021 e 2024.

De todos os municípios, 2.873 têm prefeitos que concorrem à reeleição, mas um grupo específico de 1.546 recebeu uma quantia acima da mediana brasileira (o valor do meio de todas as cidades), que é de R$ 847,90 por eleitor durante o mandato.

O candidato à reeleição da cidade mais beneficiada definiu com uma palavra a situação do jogo político local, que pode estar se repetindo em centenas de redutos políticos: desleal.

O termo foi usado por Mardônio Soares, prefeito de Barra D'Alcântara, município do interior do Piauí distante 230 km de Teresina. Emancipada em 1997, a cidade que tem cerca de 3.600 eleitores recebeu um total de R$ 23 milhões de emendas parlamentares nos últimos quatro anos.

Ao dividir o montante pelo número de eleitores, Mardônio teria R$ 7.482,36 por voto (R$ 1.870 por ano a cada eleitor). O valor é 782% superior à mediana de emenda por eleitor brasileiro.

O desequilíbrio político reconhecido por Soares já teve efeito no pleito municipal: ele é candidato único.

O prefeito disse à **Folha** que a maior parte das emendas destinadas ao município em seu mandato foram na modalidade conhecida como "Pix", aquela em que o congressista padrinho da remessa não precisa explicar como o dinheiro será utilizado.

Esse tipo de emenda passou a ser alvo do STF (Supremo Tribunal Federal) pela baixa transparência na remessa de verbas.

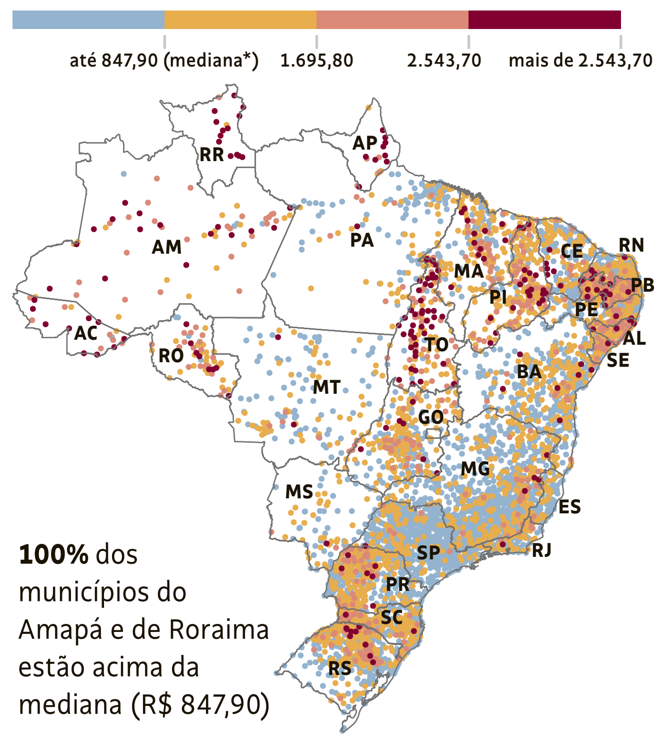
Segundo o prefeito, os recursos das emendas Pix foram usados para obras de calçamento e reforma de prédios.

A maior parte das verbas ao município foi destinada pela ex-deputada federal Marina Santos (Republicanos), mas, segundo o prefeito, também houve remessas apadrinhadas pelos senadores Ciro Nogueira (PP) e Marcelo Castro (MDB).

Emendas privilegiam 1.546 cidades com prefeitos que disputam reeleição

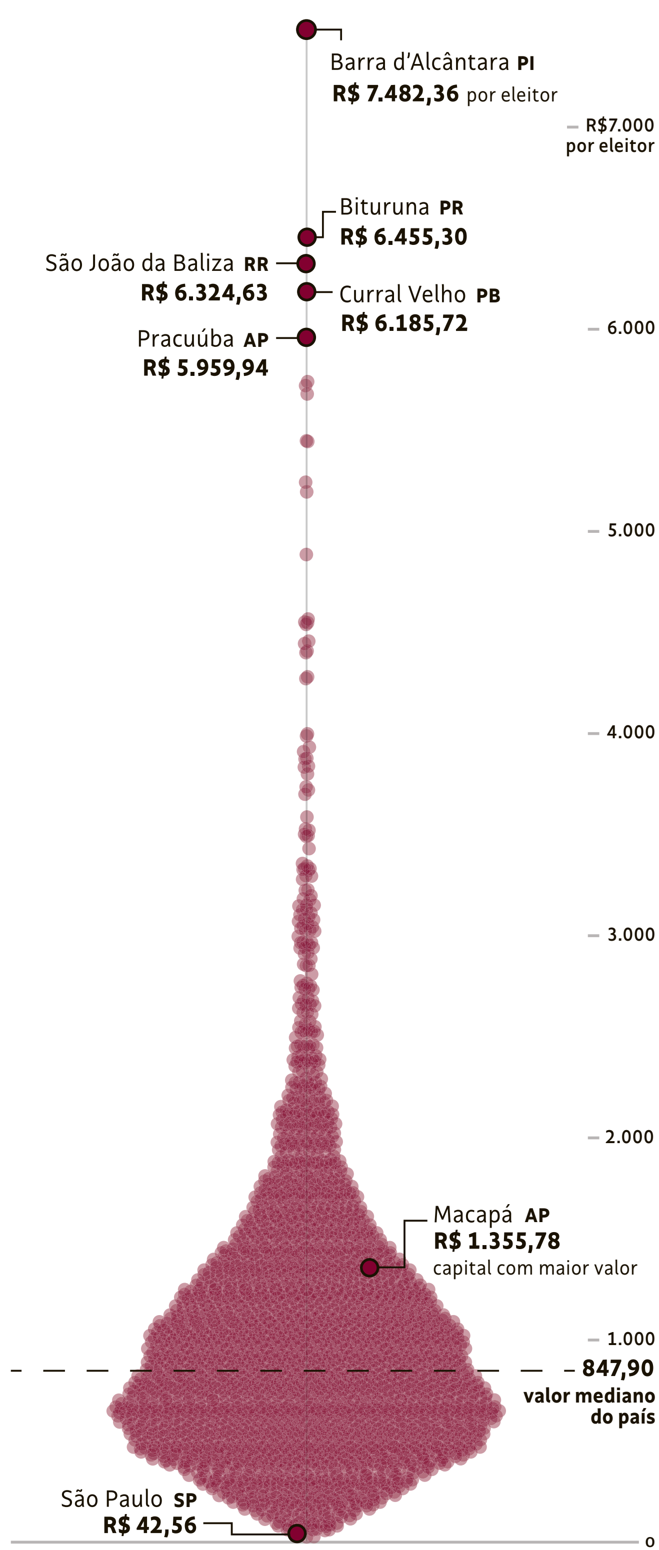
Valor recebido em emendas parlamentares, por município

Em R$/eleitor, considerando soma dos gastos entre 2021 e 2024



Distribuição de emendas para cidades com candidatos à reeleição

Em R$/eleitor, considerando soma dos gastos entre 2021 e 2024



* Valor no centro de um conjunto de dados; difere da média ao impedir distorção na representação do cenário.

Fonte: Análise do DeltaFolha com base em dados de Siga Brasil

Infografia: Nicholas Pretto

Indagado se os recursos recebidos via emenda não causariam um desequilíbrio na disputa eleitoral no município, Soares foi direto: "É desleal a concorrência. Você tem um prefeito que recebe milhões, faz um investimento, o pessoal fica satisfeito".

Porém a candidatura única de Soares está sob ameaça de cassação. O Ministério Público Eleitoral impugnou o registro dele sob o argumento de que o político foi condenado por supostas irregularidades no uso de recursos federais da área de educação, incluindo o desvio de pneus.

Soares alega que a condenação se baseou em um equívoco da fiscalização da CGU e prossegue na candidatura amparado por uma liminar em habeas corpus concedida pelo ministro do STF Gilmar Mendes. Se ele for eleito, e a chapa for cassada, a prefeitura será assumida pelo presidente da Câmara Municipal.

A segunda cidade mais turbinada por emendas no ranking pelo número de eleitores é Bituruna, no interior do Paraná. Conhecido pela tradição vinícola, o município recebeu R$ 83 milhões em emendas nos últimos quatro anos, basicamente R$ 6.455,30 por eleitor. A quantia é 661% acima do valor mediano do país.

No município, ocorre um fato que chama a atenção no sistema das emendas: o grande direcionamento de recursos para parentes de deputados e senadores que governam municípios.

Rodrigo Rossoni (PSDB) venceu a disputa de 2020 e agora tenta a reeleição. Em seu mandato municipal, 43% do valor recebido em emendas tiveram como autor o pai dele, Valdir Rossoni, no período em que ele exerceu o cargo de deputado federal. O total enviado pelo pai foi de R$ 35 milhões.

A **Folha** procurou o prefeito Rossoni via assessoria de imprensa, mas ele não se manifestou.

O cenário que combina prefeituras turbinadas com tentativa de reeleição ocorre em todos os estados, sendo que, em quatro, a maioria das cidades da unidade federativa está nessa situação.

Em Roraima, 60% das cidades terão prefeitos tentando reeleição após serem amplamente beneficiados com emendas. Já em Tocantins, Acre e Rondônia, essas quantidades representam, respectivamente, 56,1%, 54,5% e 53,8% de todos os municípios.

Os prefeitos privilegiados por emendas concorrem à reeleição por 22 dos 29 partidos. No topo da lista, com mais candidatos, estão partidos de centro e direita. O MDB lidera com 274 nomes (18%), seguido do PSD (17%), União Brasil (14%), PP (13%) e PL (8%).

Todas as prefeituras do país receberam algum recurso de emendas. Para classificar os municípios como superimpactados, a **Folha** identificou os repasses enviados a cada cidade, dividiu o dinheiro pelo total de eleitores, ordenou os valores e chegou à mediana, no centro dessa ordem.

As cidades superimpactadas foram as que receberam mais do que o valor mediano (de R$ 847,90 por eleitor). Depois, a reportagem considerou quais os prefeitos dessa lista disputam a reeleição neste ano.



Da esq. para a dir., Ricardo Nunes, Pablo Marçal, Tabata Amaral, José Luiz Datena e Guilherme Boulos no debate da Band Bruno Santos - 8.ago.24/Folhapress

Debate em SP contará com regras mais rígidas

Evento será neste domingo (1º) e candidatos podem ser expulsos no caso de descumprimento de regulamento

SÃO PAULO Depois da debandada registrada no último debate, o confronto marcado para este domingo (1º) entre os candidatos que disputam a Prefeitura de São Paulo tem a presença confirmada dos cinco primeiros colocados nas pesquisas de intenção de voto.

O evento contará com a presença de Guilherme Boulos (PSOL), Pablo Marçal (PRTB), Ricardo Nunes (MDB), José Luiz Datena (PSDB) e Tabata Amaral (PSB).

O embate deve ser marcado por regras mais rígidas e possibilidade de expulsão de quem desrespeitar as regras.

Organizado pela TV Gazeta em parceria com o Canal MyNews, só serão autorizados no local dois assessores por candidato, não haverá plateia, e somente jornalistas poderão acompanhar no local as discussões.

Pelas regras já estabelecidas junto às campanhas, os candidatos serão obrigados a permanecer nos púlpitos e não poderão se aproximar dos adversários.

Os assessores só poderão conversar com os candidatos nos intervalos e não está autorizado o uso de celular ou qualquer outro material. Entretanto, não há restrição para roupas ou uso de boné.

Além disso, o candidato que desrespeitar as regras pode levar advertência e, no caso de descumprimento de regras, ser retirado do debate. O evento conta com a presença de seguranças.

Nunes, Boulos e Datena faltaram no último encontro, promovido pela revista Veja, seguindo estratégia de evitar servir de escada para Marçal desferir ataques e viralizar mais na internet com cortes de vídeos do evento.

Agora, as equipes das candidaturas afirmam que a organização deste debate assegurou regras rígidas e maior controle.

No encontro promovido pelo jornal O Estado de S. Paulo, em parceria com o Portal Terra e a Fundação Armando Alvares Penteado (Faap), as candidaturas protestaram contra o desrespeito ao regulamento. **Ana Luiza Albuquerque, Carolina Linhares, Carlos Petrocilo, Isabella Menon, Joelmir Tavares, Marcos Hermanson e Victória Cócolo**

Debate entre candidatos à Prefeitura de São Paulo

Realização:
- TV Gazeta e Canal MyNews

Quando:
- Domingo (1º), às 18h

Onde assistir
- Site da Folha
- TV Gazeta
- canal no YouTube do MyNews

INÊS 249

Elon Musk e o Twitter

Moraes tem bons argumentos, mas golpistas e Musk ganharão pontos

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História".

No próximo 7 de setembro, Jair Bolsonaro e seus golpistas protestarão na avenida Paulista. Se o fizerem pacificamente, terão o direito de fazê-lo.

A polícia de São Paulo estará lá para garantir que as coisas não saiam de controle. Se alguém levantar uma bandeira nazista, será preso. Se os manifestantes se virarem para fora da manifestação e passarem a ofender transeuntes com agressões racistas, serão presos. Se ninguém fizer nada disso, todo mundo voltará para casa normalmente.

Agora imagine como seria se um bilionário de extrema direita comprasse a avenida Paulista e decretasse que ela não é mais parte do Brasil. Para satisfazer as preferências ideológicas do bilionário, de agora em diante, seria permitido levantar bandeiras nazistas, discursar por golpe de Estado, chamar os negros paulistanos de macacos ou dizer aos judeus de São Paulo que eles deveriam ter sido mandados para as câmaras de gás. A polícia de São Paulo, os juízes brasileiros, não teriam mais poder de estabelecer qualquer limite, para qualquer manifestante, na nova avenida Paulista.

Foi isso que Elon Musk fez com o Twitter desde que comprou a empresa em 2022.

Musk fez questão de restaurar as contas (suspensas pelo dono anterior) de líderes neonazistas como Andrew Anglin, criador do site The Daily Stormer. Anglin, um defensor entusiasmado do direito de se estuprar mulheres, que acabou sendo suspenso de novo. Mas o jornalista Shayan Sardarizadeh, da BBC, postou no dia 16 de agosto exemplos de perfis nazistas que seguem ativos e com direito a monetização.

Será uma pena se o Twitter acabar porque um fascista teve dinheiro para comprá-lo. Torço para que o moleque se canse do brinquedo e venda-o para um adulto

O extremista Tommy Robinson, outra conta recuperada por Musk, hoje é fugitivo da Justiça britânica por postar notícias falsas durante as manifestações racistas do começo de agosto no Reino Unido.

É sempre difícil marcar onde fica a fronteira entre as convicções de Musk e sua ganância. Uma matéria do Times de Londres de 9 de agosto mostrou que o engajamento criado por dez célebres perfis de extrema direita rendeu cerca de US$ 19 milhões para o Twitter em anúncios.

Era natural que essas propensões políticas levassem Musk a se aproximar do bolsonarismo. O bilionário é parte importante da charm offensive que os golpistas brasileiros fazem junto à direita americana. Avaliam, com razão, que a falta de apoio americano contribuiu muito para o fracasso do golpe de 2022/2023.

Se conseguirem mentir sobre Alexandre de Moraes só o suficiente para que os americanos, no curtíssimo intervalo de tempo em que pensarão sobre o Brasil, achem nebuloso identificar os democratas brasileiros, podem ter mais sorte na próxima vez.

Alexandre de Moraes tem bons argumentos jurídicos para suspender o Twitter até que a empresa cumpra a legislação brasileira. Mesmo assim, eu não o faria: os golpistas e Musk provavelmente ganharão pontos de simpatia junto aos cidadãos comuns que usavam o site de maneira razoável.

Fui um usuário do ativo do Twitter (@NPTO) por muitos anos. Lá conheci bons amigos, tive bons debates. A coisa vinha piorando com a degradação geral do discurso político, mas será uma pena se o Twitter acabar porque um fascista teve dinheiro para comprá-lo. Torço para que o moleque se canse do brinquedo e venda-o para um adulto.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Deborah Bizarria, **Camila Rocha** **TER.** Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari **QUI.** Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves **SÁB.** Demétrio Magnoli



Guilherme Boulos discursa em ato de campanha na praça Roosevelt Roberto Sungi/Ato Press/Folhapress

Boulos muda de posição em temas como aborto, drogas e Venezuela após virar candidato

Deputado federal acumula recuos, adapta tom e se distancia de bandeiras do PSOL e da esquerda durante a campanha a prefeito

Marcos Hermanson e Joelmir Tavares

SÃO PAULO O deputado federal Guilherme Boulos (PSOL), candidato à Prefeitura de São Paulo, mudou de posição em temas-chave desde que concorreu a um cargo eletivo pela primeira vez, em 2018, distanciando-se de bandeiras de seu partido e da esquerda.

Ele abandonou defesas como a da legalização do aborto e da descriminalização das drogas e recuou no apoio ao regime de Nicolás Maduro na Venezuela.

Se antes fazia críticas ao PT —embora mais brandas que as de alas à esquerda de seu partido—, hoje tem uma petista, a ex-prefeita Marta Suplicy (PT), como vice.

A mudança de tom ante 2018, quando concorreu à Presidência da República, e com 2020, quando disputou o comando da capital, são parte do processo de conversão ao centro político e busca por moderação que norteia sua nova tentativa de se tornar prefeito.

O movimento, visto como concessão ao pragmatismo nos moldes do adotado para eleger seu aliado Lula (PT) presidente em 2022, é controverso mesmo entre aliados e integrantes de PSOL e PT, mas as críticas têm surgido apenas em privado, num esforço para não prejudicar a campanha.

Boulos, que já defendeu a descriminalização das drogas e a legalização da maconha, hoje diz que sua posição não é de legalização e, sempre que questionado, afirma defender o entendimento do STF (Supremo Tribunal Federal) pela diferenciação entre traficante e usuário.

Também se declarou no passado a favor do direito das mulheres de decidirem sobre aborto e celebrou a aprovação de uma lei na Argentina em 2020 que aprovou o direito de a mulher ter a palavra final sobre o procedimento. Hoje, é evasivo sobre o tema e repete defender que o aborto ocorra só nos casos previstos na legislação.

Boulos, que também já disse considerar que nem Venezuela nem Cuba fossem ditaduras, agora diz que a Venezuela não é seu "modelo de democracia" e, ante perguntas das últimas semanas, disse que há indícios suficientes para crer que houve fraude eleitoral no pleito recente no país.

No campo das privatizações e terceirizações, hoje defende "fiscalização adequada" de aparelhos públicos sob gestão de entidades privadas, dizendo que encerrar parcerias levaria a um colapso da saúde e da educação na cidade.

Em 2020, ele falava em "enfrentar as máfias dos ônibus, das OSs [organizações sociais] na saúde e nas creches", com um programa que apontava para a "reversão do processo de terceirização e restituição progressiva de serviços diretos por efetivos". Para isso, queria abrir concursos públicos.

O plano de governo de quatro anos atrás, prometendo "reverter a lógica privatizante", dizia que, se eleito, revogaria a concessão do estádio do Pacaembu, cuja administração foi para a iniciativa privada em contrato válido por 35 anos.

A mudança busca conquistar um eleitorado mais amplo e reverter a pecha de "radical", apontada por pesquisas internas da campanha como um dos grandes fatores para a alta taxa de rejeição do candidato —hoje em 37%, a maior entre todos os postulantes.

A escolha de Marta para a vice é vista como um aceno a setores de fora da esquerda com os quais a ex-prefeita tem proximidade.

Ele repete que, eleito, não representará só seus ideais ou seu partido, mas um conjunto de forças da sociedade —inclusive a parcela do eleitorado que não terá votado nele.

A campanha de Boulos, em resposta à **Folha**, disse que as posições não podem ser analisadas isoladamente. "Hoje a conjuntura nacional é completamente diferente. É importante que o contexto político seja apresentado", afirma.

Deputado defende bloqueio ao X e chama Musk de 'alucinado da extrema direita'

O candidato à Prefeitura de São Paulo Guilherme Boulos (PSOL) defendeu a decisão do ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Alexandre de Moraes que determinou o bloqueio da rede social X (antigo Twitter) em todo o Brasil.

A declaração foi dada durante atividade de campanha na manhã deste sábado (31), no Itaim Paulista, zona leste da capital paulista.

Segundo ele, as big techs não estão acima das leis brasileiras. O também deputado federal criticou a postura do proprietário da plataforma Elon Musk, a quem chamou de "alucinado de extrema direita".

"O Brasil não é terra sem lei. Eu fui a favor, desde o princípio, como deputado federal, do PL das Fake News", disse o candidato.


Alerta
AMARELO
USE AQUI
SAQUE ANIVERSÁRIO
FGTS
Aproveite as promoções incríveis.
FINAL DE ANO Garanta a sua viagem de fim de ano dos sonhos
SERRA GAÚCHA
5 DIAS
Passagem aérea, hospedagem com café da manhã, transfer e ingresso para o Natal Luz
A partir de 12x R$ 228
Total à vista R$ 2.736*
Saída: 26/12/2024
Hotel Laghetto Stilo Borges
*Consulte condições.
ALL INCLUSIVE
NAUTICOMAR RESORT
PORTO SEGURO - BA
8 DIAS
Passagem aérea, hospedagem, transfer, city tour e by night
A partir de 12x R$ 428
Total à vista R$ 5.136*
Saída: 14/12/2024
*Consulte condições.
ORLANDO
6 DIAS
Passagem aérea e hospedagem
A partir de 12x R$ 438
Total à vista R$ 5.256*
Saída: 18/12/2024
Grand Hotel Orlando
*Consulte condições.
FÉRIAS Compre a sua viagem de férias na baixa temporada e aproveite as ofertas
SANTIAGO
4 DIAS
Passagem aérea, hospedagem com café da manhã
A partir de 12x R$ 198
Total à vista R$ 2.376*
Saída: 19/11/2024
MR Hotel Santiago
*Consulte condições.
ALL INCLUSIVE
VILA GALÉ CABO RESORT
CABO DE SANTO AGOSTINHO - PE
5 DIAS
Passagem aérea e hospedagem
A partir de 12x R$ 358
Total à vista R$ 4.296*
Saída: 04/11/2024
*Consulte condições.
LISBOA
6 DIAS
Passagem aérea e hospedagem com café da manhã
A partir de 12x R$ 499
Total à vista R$ 5.988
Saída: 01/12/2024
Hotel Roma Lisboa
*Consulte condições.
FÉRIAS DE VERÃO Compre a sua viagem de férias na baixa temporada e aproveite as ofertas
BEACH PARK
5 DIAS
Passagem aérea, hospedagem com meia pensão e 1 dia de ingresso para o Beach Park
A partir de 12x R$ 278
Total à vista R$ 3.336*
Saída: 28/01/2025
Oceani Beach Resort
*Consulte condições.
ALL INCLUSIVE
SAUÍPE RESORTS
COSTA DO SAUÍPE - BA
5 DIAS
Passagem aérea, hospedagem
A partir de 12x R$ 358
Total à vista R$ 4.296*
Saída: 17/01/2025
*Consulte condições.
ALL INCLUSIVE
IBEROSTAR WAVES DOMINICANA
6 DIAS
Passagem aérea, hospedagem
A partir de 12x R$ 548
Total à vista R$ 6.576*
Saída: 16/12/2024
*Consulte condições.
CRUZEIRO Embarque em uma aventura no mar e tenha momentos inesquecíveis
MSC ARMONIA
4 DIAS
Pensão completa
A partir de 12x R$ 168
Total à vista R$ 2.016*
Saída: 17/02/2025
*Consulte condições.
COSTA PACÍFICA
5 DIAS
Pensão completa
A partir de 12x R$ 202
Total à vista R$ 2.424*
Saída: 22/12/2024
*Consulte condições.
MSC GRANDIOSA
8 DIAS
Pensão completa
A partir de 12x R$ 358
Total à vista R$ 4.296*
Saída: 01/02/2025
*Consulte condições.
FALE COM NOSSAS LOJAS, acesse o site ou app.
Condições gerais: Serra Gaúcha: 5 dias, inclui aéreo voando Latam, com saída em 26/12/2024, hospedagem com café da manhã no Hotel Laghetto Stilo Borges, transfer e ingresso para o Natal Luz. Nauticomar Resort: 8 dias, inclui aéreo voando Latam, com saída em 14/12/2024, hospedagem All Inclusive no Nauticomar Resort, transfer, city tour e by night. Orlando: 6 dias, inclui aéreo voando Copa Airlines, com saída em 18/12/2024, hospedagem no Grand Hotel Orlando. Santiago: 4 dias, inclui aéreo voando Latam, com saída em 19/11/2024, hospedagem com café da manhã no MR Hotel Santiago. Vila Galé Cabo Resort: 5 dias, inclui aéreo voando Azul, com saída em 04/11/2024, hospedagem All Inclusive no Vila Galé Cabo Resort. Lisboa: 6 dias, inclui aéreo voando Latam, com saída em 01/12/2024, hospedagem com café da manhã no Hotel Roma Lisboa. Beach Park: 5 dias, inclui aéreo voando Latam, com saída em 28/01/2025, hospedagem com meia-pensão no Oceani Beach Resort e 1 dia de ingresso para o Beach Park. Sauípe Resort: 5 dias, inclui aéreo voando Latam, com saída em 17/01/2025, hospedagem All Inclusive no Sauípe Resort. Iberostar Waves Dominicana: 6 dias, inclui aéreo voando Gol, com saída em 16/12/2024, hospedagem All Inclusive no Iberostar Waves Dominicana. MSC Armonia: 4 dias, com embarque em Santos no dia 17/02/2025. Costa Pacifica: 5 dias, com embarque em Santos no dia 22/12/2024. MSC Grandiosa: 8 dias, com embarque em Santos no dia 01/02/2025. As ofertas são por pessoa, com voos saindo de São Paulo e acomodações duplas (com exceção da oferta de Orlando, que são acomodações quádruplas). Preços de pacotes internacionais calculados com câmbio CVC de 27/08/2024, US$ 1,00 = R$ 5,93, € 1,00 = R$ 6,62, sujeitos a alterações. Os cruzeiros ofertados incluem 5 refeições por dia e taxas portuárias e de serviço. As condições ofertadas ficam sujeitas à disponibilidade de datas, vagas dos hotéis e cabines. Consulte condições, informações adicionais e taxas adicionais no momento da compra. Condição de pagamento com parcelamento em 12x sem juros para nos cartões de crédito. Ofertas válidas até 1 dia após a veiculação deste anúncio.
CVC



Pablo Marçal faz campanha na região da avenida Paulista, em São Paulo Marina Uezima - 27.ago.24/Brazil Photo Press/Agência O Globo

Marçal tem ao menos R$ 135 milhões em bens fora de declaração ao TSE

Influenciador deixou de declarar participação em empresas, aeronaves e imóveis à Justiça Eleitoral; assessoria de candidato do PRTB não comenta omissões na lista

Artur Rodrigues

SÃO PAULO O autodenominado ex-coach Pablo Marçal (PRTB) costuma usar a própria riqueza como chamariz para atrair alunos para seus cursos, em que chega a cobrar até R$ 250 mil.

Marçal, empatado tecnicamente na liderança da corrida municipal ao lado de Guilherme Boulos (PSOL) e Ricardo Nunes (MDB), é de longe o candidato dono do maior patrimônio declarado à Justiça Eleitoral na disputa paulistana, com R$ 168 milhões.

Mas o número não contempla o tamanho real da riqueza do candidato que, em vídeo, chega a dar a entender que pode ser bilionário.

A reportagem localizou empresas, imóveis e aeronaves em nome de Marçal e de suas pessoas jurídicas que não constam da declaração dele à Justiça Eleitoral. Há companhias que foram omitidas, e outras, subvalorizadas.

No total, somam um patrimônio de R$ 135 milhões a R$ 168 milhões, a depender do valor de mercado das aeronaves.

A **Folha** procurou a assessoria do candidato para saber das inconsistências localizadas, mas não obteve resposta.

O modelo da declaração eleitoral de bens tem formato vago. Uma das brechas permite, por exemplo, que um candidato declare uma empresa com valor pequeno, mas não declare os bens que essa empresa possua e que eventualmente valham mais.

Ao analisar a declaração de Marçal, a reportagem constatou que ele omitiu ao menos duas empresas de que é sócio, além de informar valores inferiores estimados de outras companhias.

Boa parte do seu patrimônio está concentrada na Marçal Participações, que só em imóveis tem R$ 79 milhões, entre os quais um terreno em Santana de Parnaíba, na Grande São Paulo, comprado por R$ 24 milhões neste ano.

Além disso, ela ainda tem um avião e dois helicópteros, um dos quais —o AW109 Grandnew - Agusta— tem valores de mercado que variam entre R$ 10 milhões e R$ 35 milhões, segundo sites especializados.

Marçal declarou ter 90% da companhia, com valor estimado de R$ 450 mil. Mas no site da Receita Federal ela tem um valor maior, de R$ 2,9 milhões.

Essa pessoa jurídica faz parte de uma intrincada engenharia empresarial, sendo sócia de diversas empresas, algumas com capital social bem maior que o dela.

Um exemplo é a Marçal Incorporadora, com capital social de R$ 30 milhões e que tem o próprio Marçal como administrador —em casos assim, o candidato não é obrigado a incluir a empresa em sua declaração.

As empresas do grupo de Marçal se distribuem por diversas áreas, do ensino ao transporte aéreo. Algumas, além da Marçal Participações, também têm grande patrimônio em imóveis.

Ao todo, a reportagem localizou por volta de R$ 100 milhões em imóveis em nome de empresas do influenciador. Parte está registrada como propriedade da Flat Participações, que também não consta da declaração eleitoral do autodenominado ex-coach.

Outra empresa omitida na declaração é a Mcar, uma holding sediada em Barueri (SP), que Marçal tem em sociedade com a esposa, Ana Carolina Marçal.

Outra holding do casal é objeto de inconsistência milionária na declaração. A Marçal Holding, que teve 50% das suas cotas declaradas por R$ 250 mil, na verdade tem capital social de R$ 39 milhões, segundo o site da Receita Federal. Com isso, a declaração à Justiça Eleitoral deveria aumentar em quase R$ 20 milhões.

O advogado especializado em direito eleitoral Renato Ribeiro de Almeida destaca a importância de os candidatos declararem corretamente os dados para que a população e as autoridades possam acompanhar a evolução patrimonial dos que forem eleitos.

Mas diz que esse tipo de informação não costuma ser fiscalizado pela Justiça Eleitoral. Eventualmente, omissões podem ser investigadas pelo Ministério Público quando houver suspeitas de que não são meros erros, mas sim fraude ou falsidade ideológica.

Nas eleições de 2022, Marçal entrou na mira da Polícia Federal que investigou empresas incluídas em sua declaração.

Ele foi pré-candidato à Presidência da República pelo Pros, mas teve o nome barrado pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Após a decisão, ele se lançou a deputado federal, mas também teve o registro indeferido.

Segundo apurações da PF, Marçal e um sócio fizeram doações à campanha do influenciador à Presidência e à Câmara, e parte desses valores foi remetida às próprias empresas de que são sócios.

Uma dessas empresas é a Aviation Participações, que teve R$ 80 milhões em cotas declaradas por Marçal na atual eleição. A empresa tem um avião Cessna 510, que pode ser encontrado por preços entre R$ 10 milhões e R$ 35 milhões —valor que pode estar incluído no capital social da empresa.

Marçal é hoje uma das maiores referências no ramo de produtos digitais. Ele afirma ter enriquecido a partir de seus cursos e mentorias, com pitadas de autoajuda e messianismo, pelos quais diz cobrar até R$ 250 mil.

Ele promete ajudar os alunos a melhorar de vida de forma rápida, desafiando-os a adotar mudanças na mentalidade e em hábitos.

No Método IP, um dos cursos mais famosos, alunos pagam R$ 20 mil pela promessa de aprender, segundo o site de Marçal, a "governar a sua mente, vontade e emoções"; "destravar a prosperidade, que é completamente natural"; "criar hábitos desencadeadores de sucesso"; "ressignificar crenças e reprogramar trilhas neurais" e "instalar drives mentais de alto impacto emocional". O próprio Marçal costuma usar seu sucesso empresarial como modelo para os alunos.

Bens que não aparecem na declaração*

Imóveis
R$ 97 milhões

Flat Participações
R$ 1 milhão

Mcar
R$ 100 mil

50% da Marçal Holding
R$ 19,5 milhões**

Marçal Participações
R$ 2,8 milhões**

Avião e helicópteros***
R$ 14,5 milhões a R$ 48,5 milhões

Valor total
R$ 135 milhões a R$ 168 milhões

*O cálculo não inclui o avião Cessna da empresa Aviation, cujo capital social é superior ao seu valor

**Valores na Receita Federal

***Estimativa de sites de vendas da internet


OBRAS AVANÇADAS | CONCLUSÃO EM JULHO/2025
LEN.COM.BR
MOV
PERDIZES
MORE BEM E INVISTA COM SEGURANÇA.
FUTURA ESTAÇÃO PERDIZES
MAIS MOBILIDADE E FACILIDADE A POUCOS PASSOS
ALLIANZ PARQUE
PRÓXIMO À MAIOR ARENA DE ENTRETENIMENTO DA AMÉRICA LATINA, RENTABILIDADE PARA SEU INVESTIMENTO - 550 M*
AV. SUMARÉ
A AVENIDA QUE CONECTA VOCÊ À CIDADE, COM UMA CICLOVIA DE MAIS DE 3 MIL METROS DE EXTENSÃO - 100 M*
1 E 2 DORMS.
(1 SUÍTE)** 1 A 2 VAGAS(1)
STUDIOS
Perspectiva ilustrada da fachada sujeita a alterações.
UM PROJETO DA CONSTRUTORA PAULO MAURO, REFERÊNCIA NO MERCADO, COM MAIS DE 69 ANOS.
A PARTIR DE
R$ 14.530/M²***
***VALOR À VISTA, REFERENTE À UNIDADE 66 DE 1 DORM. COM 38,83 M².
VENHA CONHECER - R. AIMBERÊ, 126 - PERDIZES
CONHEÇA O DECORADO ATRAVÉS DO TOUR VIRTUAL.
11 3181.5171
movperdizes.com.br
Incorporação, construção e intermediação
PAULO MAURO
CONSTRUTORA
INCORPORAÇÃO REGISTRADA SOB R.2 NA MATRÍCULA Nº 137.584 DO 2º CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DA CAPITAL EM 13/12/2021. INTERMEDIAÇÃO: PAULO MAURO CONSULTORIA E VENDAS – AV. SUMARÉ, 1.421 – PERDIZES – SÃO PAULO/SP – CEP: 05016-110 – TEL.: (11) 3215-0792 – WWW.PAULOMAURO.COM.BR – CNPJ: 30.860.663/0001-47 E CRECI: 32286-J. TODAS AS UNIDADES SERÃO ENTREGUES COM FECHADURA DIGITAL . *FONTE: GOOGLE MAPS. **1 SUÍTE APENAS NAS UNIDADES DE 2 DORMS. (1)REFERENTE AOS APARTAMENTOS DE 1 DORM. (38,83 M²): 7 UNIDADES COM 1 VAGA; REFERENTE AOS APARTAMENTOS DE 2 DORMS. (58,97 M²): 29 UNIDADES COM 1 VAGA E 39 UNIDADES COM 2 VAGAS; REFERENTE AOS APARTAMENTOS DE 2 DORMS. (78,18 M²): 6 UNIDADES COM 2 VAGAS E 2 UNIDADES COM 3 VAGAS. ***VALOR À VISTA, REFERENTE À UNIDADE 66 DE 1 DORM. COM 38,83 M². VÁLIDO PARA O MÊS DE SETEMBRO/2024.

INÊS 249



O prefeito Ricardo Nunes (MDB) come pastel com apoiadores em campanha no bairro Jardim das Flores, na zona sul de São Paulo Ítalo Leite/Folhapress

Cobiçado por campanha de Nunes, Nikolas mistura redes sociais com religião e ódio

Versão 2.0 do bolsonarismo, deputado cresce em arena de Marçal, discursa contra minorias e não declara apoio a nenhum dos candidatos

Ana Gabriela Oliveira Lima

SÃO PAULO Acionado para alavancar a campanha de Ricardo Nunes (MDB) à Prefeitura de São Paulo, o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) desponta como herdeiro do bolsonarismo com foco nas redes sociais, uso da religião e discurso contra minorias.

Visto como versão 2.0 do que representou Jair Bolsonaro (PL), projetado em programas de televisão com ataques a grupos minorizados, Nikolas foi chamado para participar de jantar em 15 de agosto com o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e o marqueteiro da campanha de Nunes, Duda Lima, para dar dicas ante o avanço de Pablo Marçal (PRTB).

Publicamente, Nikolas não crava o apoio a nenhum dos candidatos, dizendo que o objetivo é focar no "inimigo em comum: a esquerda". Embora Nunes tenha o apoio formal de Bolsonaro, é Marçal quem, como Nikolas, pensa a ação política a partir do engajamento das redes sociais.

Liriam Sponholz, professora visitante da Universidade de Brasília e pesquisadora associada do Centro Alemão de Pesquisa em Integração e Migração, o Dezim-Institut, diz que o ataque a minorias por identidade, gênero e raça vai além de mera opinião ou incivilidade na internet e é usado para captar votos em um contexto insuflado pelas plataformas digitais.

O tema é frequente para Nikolas, que coleciona posicionamentos considerados por estudiosos como ataques a minorias e "apitos de cachorro" —mensagens cifradas para atrair radicais.

Um dos casos fez referência à atual vice-presidente dos Estados Unidos, Kamala Harris. Em julho, Nikolas disse que eventual disputa à presidência do país norte-americano entre a democrata e o republicano Donald Trump seria "chocolate".

No mundo do futebol, a gíria significa goleada, mas Kamala ser uma mulher negra e o histórico de Nikolas levaram a questionamentos sobre racismo.

A Justiça de Minas Gerais condenou Nikolas por transfobia contra Duda Salabert (PDT-MG), deputada federal e candidata à Prefeitura de Belo Horizonte, por ele dizer, em 2020, que chamaria Duda pelo pronome "ele" numa entrevista. Na época, os dois eram vereadores em Belo Horizonte.

Outros casos de transfobia foram um episódio em que Nikolas apareceu na tribuna da Câmara dos Deputados usando peruca, no dia 8 de março de 2023, e postagem na internet feita em 2022 de vídeo de uma aluna trans no banheiro feminino de uma escola.

Se coleciona ataques a minorias, Nikolas tem bom desempenho no universo digital. Em pesquisas, foi considerado o deputado mais popular nas redes sociais, o mais buscado no Google e o político classificado como de extrema direita com maior alcance nas redes.

Para Hannah Maruci, doutora em ciência política pela USP e co-fundadora d'A Tenda das Candidatas, o crescimento das plataformas digitais potencializou o uso do discurso de ódio como forma de acumular capital político.

Embora usar polêmicas para ganhar visibilidade sempre tenha ocorrido, uma série de características das redes, como rapidez e a lógica dos algoritmos, contribui para exacerbação do uso do ataque a minorias para aumentar o engajamento, diz ela.

San Romanelli Assumpção, doutora em ciência política pela USP e professora do Iesp/Uerj (Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), diz que o fenômeno Bolsonaro "aumentou o capital político da intolerância". Ela vê a Nikolas como o "típico [político] praticante do discurso de ódio".

Já Liriam Sponholz diz que discursos de ódio são "pauta específica na agenda da extrema direita" e tendem a produzir conflitos que alavancam as interações nas plataformas digitais.

A fama de habilidoso nas redes de Nikolas é explorada na venda de cursos. Um voltado a quem queria se candidatar nas eleições municipais, lançado em fevereiro e chamado Caixa Preta, promete "acesso às estratégias que mudaram o meu [do deputado] jogo na corrida eleitoral" a quem não quer "perder para um esquerdista em 2024".

Deputado federal mais votado do Brasil em 2022 e quem mais recebeu votos na história de Minas, Nikolas tem outro elemento que especialistas veem como central na política brasileira e usado para movimentar as plataformas digitais: a religião, que, segundo Sponholz, virou nos últimos anos coluna de sustentação de um projeto da extrema direita no Brasil.

Sobre o tema, San Romanelli Assumpção acrescenta que, assim como o discurso de ódio, a religião tende a ser usada para gerar capital político porque costuma movimentar de maneira eficiente a paixão dos eleitores.

Na atuação do deputado, o assunto aparece como questão basilar. Nikolas se apresenta como "cristão desde criança, conservador, defensor da família e dos princípios bíblicos" e afirma que a crença é um dos principais fatores que conduzem sua carreira.

Na avaliação de Jefferson Rodrigues Barbosa, doutor em ciência social e professor da Unesp, Nikolas é um dos possíveis herdeiros de Bolsonaro, junto a Tarcísio e ao deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP).

Enquanto o filho do ex-presidente tem atuação central na articulação com a extrema direita internacional, Tarcísio segue o projeto bolsonarista com comportamento público mais comedido, afirma o especialista.

Nikolas, por sua vez, representaria exemplo de liderança que se aproxima de maneira oportunista do bolsonarismo raiz, na interpretação de Barbosa.

A **Folha** tentou contato com Nikolas Ferreira, que não respondeu. Em um episódio anterior em que teve seu nome vinculado ao debate sobre transfobia ou discurso de ódio, o deputado afirmou estar apenas exercendo o direito constitucional de expressar sua opinião.

Prefeito diz que Brasil deixa 'real democracia'

O prefeito Ricardo Nunes (MDB) comentou neste sábado (31) o bloqueio do X pelo ministro do STF Alexandre de Moraes. Para o candidato, a derrubada da rede social representa censura. "A gente sai da lista dos países da real democracia. É para lamentar", afirmou.

A declaração, alinhada às críticas feitas por bolsonaristas sobre o bloqueio do X, foi dada durante uma visita do prefeito ao Jardim das Flores, na zona sul de São Paulo.

"A censura é sempre algo que vai em desencontro à nossa democracia. O Brasil entra agora como o sétimo colocado numa lista de países que acabaram excluindo o X. Não podemos concordar de forma nenhuma. A gente preza pela democracia, pela liberdade de expressão", disse Nunes.

Nunes vem sendo cobrado por aliados de Jair Bolsonaro a defender de forma mais firme as ideias do grupo. Ele deve participar de um ato com o ex-presidente no próximo dia 7 em protesto contra Moraes.

60 milhões de escovas de dentes

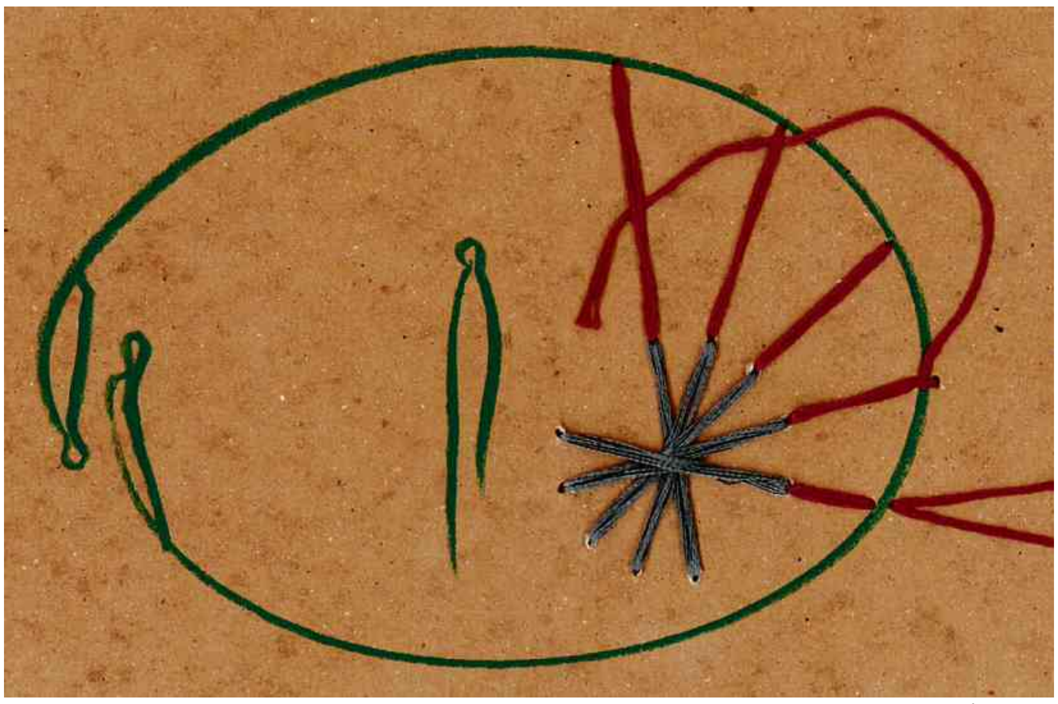
A Justiça e o TCU barraram a girafa

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

A repórter Andreza Matais revelou que a Justiça Federal suspendeu a licitação do Ministério da Saúde para a compra de 60 milhões (repetindo: 60 milhões) de kits com escovas de dentes, fio dental e dentifrício. Acionado, o Tribunal de Contas da União reconheceu que o pregão estava viciado.

Pindorama tem uma estrutura robusta para defender o cofre da Viúva. É o Sistema U. Além do TCU, há a Controladoria-Geral da União. O TCU barrou a maluquice do trem-bala. Em 2019, a CGU detonou uma licitação de R$ 3 bilhões do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, o FNDE, para equipar escolas públicas com laptops e computadores. Nessa festa, uma escola de Minas Gerais que tinha 255 alunos receberia 30.030 laptops.



Juliana Freire

Infelizmente, não foram responsabilizados os autores da malandragem.

Com o pregão dos 60 milhões de escovas de dentes, a Justiça e o TCU funcionaram, mas não basta.

O kit teria o logotipo do programa Brasil Sorridente. A área jurídica do Ministério da Saúde advertiu para o "risco" de a iniciativa ser considerada "publicidade institucional ou distribuição gratuita de bens, a depender da forma como for feita". Não foi ouvida, e o pregão foi em frente.

O bicho tinha cabeça pequena e pescoço grande. O edital que anunciava o pregão informava que "o custo estimado da contratação possui caráter sigiloso". (Seria coisa de uns R$ 400 milhões.)

O bicho tinha também pernas enormes: Os interessados tinham quatro dias para apresentar suas propostas (a lei fala em oito dias) e três para produzir amostras das bolsinhas de plástico com o logotipo do programa. Segundo o ministério, os prazos eram curtos porque é necessário prevenir as cáries.

A juíza federal Luciana Raquel Tolentino de Moura, da 7ª Vara de Brasília, barrou a girafa: "Não se verifica nos autos justificativa capaz de ensejar o exíguo prazo concedido para participação na licitação. Assim, o certame encontra-se em desacordo com o regramento legal, restringindo a concorrência, dificultando a escolha da melhor proposta e até mesmo prejudicando o tratamento isonômico das concorrentes."

O ministro Benjamin Zymler, do TCU, amarrou o bicho: "A mera alegação de urgência em prevenir a ocorrência de cáries e outras patologias bucais não justifica a redução dos prazos licitatórios, pois não se imagina que a redução de oito para quatro dias úteis para a apresentação das propostas impacte na política de saúde bucal."

Segundo o Ministério da Saúde, 94 empresas foram consultadas, e 7 apresentaram propostas. Contudo, depois das decisões da Justiça e do TCU, o ministério fechou a boca.

As ações da juíza e do TCU repetiram o êxito da CGU no caso da compra dos laptops. A bolsa da Viúva foi protegida. O melhor que pode acontecer é que não se repita a pizza de 2019.

As girafas, como os jabutis, têm dono. O episódio lançou um facho de luz sobre o aparelhamento petista das arcas do Ministério da Saúde.

(O ministério poderia também avaliar a saúde mental dos doutores que usaram as cáries dos outros para justificar a pressa.)

Queimadas e incêndios

Com centenas de incêndios nas matas brasileiras e pelo menos dez pessoas presas só em São Paulo, os governos estão cautelosos e evitam atribuir uma parte da desgraça à ação de criminosos.

O Ministério do Meio Ambiente não é polícia, mas a doutora Marina Silva comporta-se como se fosse presidente de uma banca de doutorado. Trata dos problemas em tese.

No século passado, alguns incêndios de canaviais eram coisa de militantes políticos.

Elon Musk x Moraes

Torcer por Elon Musk no seu litígio com o ministro Alexandre de Moraes pode ser uma anomalia.

Mesmo assim, o bilionário deu-lhe um drible digno de Garrincha e/ou Maradona. Ao ver que Moraes mandou bloquear as contas da sua Starlink, prometeu aos seus 215 mil clientes brasileiros manter, de graça o serviço de conexão com a internet por satélites.

A ver.

Alerta no PT

As pesquisas colocaram a infantaria do PT em estado de alerta. Em cinco capitais, os seus candidatos a prefeito patinam com um só dígito.

Pelo tamanho e pelo simbolismo, o desempenho de Guilherme Boulos em São Paulo decidirá o balanço da eleição municipal.

Lula perderá seu bode

A escolha de Gabriel Galípolo para a presidência do Banco Central poderá trazer (ou não) algum alívio para o Planalto com uma queda na taxa de juros. Lula, contudo, perderá seu bode. Com a economia andando de lado, Roberto Campos Neto era um bode ideal.

Sem Campos Neto na vitrine, o bode ideal seria o presidente da Câmara, Arthur Lira, mas escalá-lo seria má ideia, pois sua caneta tem mais tinta.

Ademais, Dilma Rousseff resolveu brigar com Eduardo Cunha quando ele presidia a Câmara e deu-se mal.

Campos e as pressões

O doutor Roberto Campos Neto disse que Galípolo "vai passar por pressão, como eu passei". Uma parte da pressão, vinda de Lula e do PT, é conhecida. Se houve outras, bem que poderia revelá-las.

De qualquer forma, até hoje, Galípolo não foi votar vestindo uma camisa vermelha.

Maduro e Lula

Depois de sugerir que Lula deveria tomar chá de camomila, Nicolás Maduro usou o negacionismo eleitoral de Bolsonaro para alfinetar a diplomacia brasileira.

Enquanto a ditadura venezuelana sobe o tom com o Brasil em manifestações públicas, aumenta o receio de que ele baixe o nível, remexendo velhas negociações dos dois países.

Supremas câmeras

O rápido bate-boca do ministro Dias Toffoli com o presidente Luís Roberto Barroso foi um mau momento da história do Supremo Tribunal Federal.

Há anos, discute-se a utilidade de TV Justiça. Seus adversários sustentam que as câmeras criaram uma fogueira de vaidades e têm alguma razão.

O vídeo do bate-boca dura cerca de um minuto. Depois dele, será difícil argumentar contra a existência das câmeras.

Trump pisou onde não devia

Donald Trump parece desorientado. Só isso explica sua decisão de transformar uma ida ao Cemitério Nacional de Arlington num evento de campanha eleitoral.

Arlington era a fazenda da família da mulher de Robert Lee, o comandante das tropas rebeldes durante a Guerra da Secessão (1861-65). Antes mesmo da rendição do general, a propriedade foi tomada pelo governo para dar sepultura aos soldados do Norte. Depois, aceitou-se também os do Sul, mais os americanos mortos em outros combates, bem como figuras ilustres. Lá estão os restos mortais de John e Robert Kennedy.

Trump quis fazer um evento para seduzir os veteranos e irritou-os.

As girafas, como os jabutis, têm dono. O episódio lançou um facho de luz sobre o aparelhamento petista das arcas do Ministério da Saúde

As pesquisas colocaram a infantaria do PT em estado de alerta. Em cinco capitais, os seus candidatos a prefeito patinam com um só dígito

Enquanto a ditadura venezuelana sobe o tom com o Brasil em manifestações públicas, aumenta o receio de que ele baixe o nível, remexendo velhas negociações dos dois países

TSE expõe indevidamente informações de candidatos e corrige falha após alerta

Dados como identidade de gênero estavam públicos mesmo sem consentimento; não havia brecha para manipulação

DELTAFOLHA

Marina Pinhoni e Daniel Mariani

SÃO PAULO O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) tornou públicos, indevidamente, dados pessoais como número de CPF, orientação sexual e identidade de gênero de candidatos que escolheram não divulgar essa informação. O problema foi corrigido na quarta-feira (28) após apontamento feito pela **Folha**.

A reportagem pediu um posicionamento oficial do tribunal sobre a falha desde a terça-feira (20), mas não obteve resposta até a publicação desta reportagem.

A falha estava relacionada a uma exposição dos dados, não se tratava de uma brecha para que outras pessoas pudessem manipular as informações.

Embora não apareça no site Divulgacand —que reúne informações sobre candidaturas e contas—, os dados ficaram visíveis na API pública do TSE por cerca de um mês.

A API (Interface de Programação de Aplicações) permite que diferentes programas de computador se conectem, e é usada por pesquisadores, jornalistas e membros da sociedade civil para análise de dados.

A falha contraria a resolução de fevereiro da presidente do TSE, Cármen Lúcia, que estipula as regras para as eleições municipais de 2024. Diferentemente das eleições passadas, a atual resolução determina que o CPF do registro de candidatura é sigiloso. A decisão é contestada por entidades que defendem transparência em dados públicos.

Já a possibilidade de informação sobre identidade de gênero e orientação sexual é novidade neste pleito e atende a uma demanda de movimentos LGBTQIA+ por estatísticas oficiais na política. Esse preenchimento não é obrigatório. Ao menos 70 candidaturas tiveram a informação exposta na API do TSE sem o consentimento dos candidatos.

967

candidatos informaram ser transgêneros, ou seja, não se identificam com o gênero que lhes foi designado no nascimento

2.420

candidatos disseram ser gay, lésbica, bissexual ou pansexual

70%

dos 459 mil candidatos decidiram não informar dados sobre identidade de gênero e sexualidade

Para o advogado Bruno Bioni, diretor do Data Privacy, a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais) não pode ser usada como justificativa para a inclusão do CPF na categoria de dados sigilosos.

"O CPF é usado para cumprimento de uma obrigação legal, que é dar transparência e possibilitar o controle social dessas candidaturas. É um dado chave para cruzamento com outros bancos de dados. Para a verificação, por exemplo, de candidaturas 'laranja'", diz Bioni.

A Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) também se posicionou contra o sigilo imposto sobre o CPF.

"Há um enorme prejuízo para o controle social, e especialmente para a produção de reportagens bem embasadas. A organização entende que o CPF é um dado cadastral, reconhecido assim por bases de dados de órgãos públicos e pela própria Receita Federal e que, por isso, não deveria ser enquadrado como dado privado. Dezenas de fraudes já foram identificadas a partir desses dados", diz posicionamento da associação.

A avaliação dos especialistas é diferente em relação aos dados de identidade de gênero e de orientação sexual, que podem ser enquadrados como dados sensíveis segundo a LGPD.

A lei define como dados sensíveis aqueles relacionados à origem racial ou étnica, convicção religiosa, opinião política, filiação a sindicato ou a organização de caráter religioso, filosófico ou político, dado referente à saúde ou à vida sexual, dado genético ou biométrico.

Os dados de gênero e origem racial de políticos têm divulgação obrigatória porque embasam políticas afirmativas de cotas para destinação de verbas pelos partidos, segundo Bioni. Já os dados de sexualidade ainda não se enquadram nesta categoria.

"Há uma violação potencial dupla da LGPD. Primeiro, da perspectiva de segurança da informação. Também, porque os titulares expressamente assinalaram que não queriam que os dados fossem publicados", diz.

O TSE tornou-se um dos alvos da extrema direita nos últimos anos, que tentou promover uma onda de desconfiança sobre a segurança do órgão, especificamente acerca do sistema eleitoral, que tem se provado seguro e não tem relação com o caso apontado pela **Folha**.

Conheça 25 marcos da evolução da Folha ao longo de 103 anos

Edição impressa em formato berliner é mais um passo na trajetória de inovação do jornal; novo padrão traz mais conteúdo e tem o objetivo de facilitar a vida dos leitores

SÃO PAULO Ao adotar o formato berliner, com mais conteúdo e mais fácil de manusear, a **Folha** volta a inovar em uma trajetória de 103 anos marcada por frequentes avanços editoriais e tecnológicos. Veja 25 marcos dessa evolução a partir do lançamento da primeira edição da Folha da Noite, em fevereiro de 1921.

*

A primeira edição - 1921
Criada por Olívio Olavo de Olival Costa e Pedro Cunha numa São Paulo com cerca de 580 mil habitantes, a Folha da Noite circula pela primeira vez no dia 19 de fevereiro de 1921. Na edição de estreia, publica a primeira foto, algo incomum para a época.

Folha da Manhã - 1925
Nasce mais um jornal do grupo, a Folha da Manhã. Naquele mesmo ano, surge em suas páginas um personagem que faz sucesso ao expressar os anseios da classe média paulistana. É Juca Pato, uma criação do cartunista e chargista Belmonte.

Quadrinhos - 1935
Em 7 de setembro, a Folha da Noite publica, pela primeira vez, tiras de histórias em quadrinhos. O personagem pioneiro é o marinheiro Popeye, que passa a ser exclusivo do jornal no Brasil.

Unificação - 1960
Ocorre a unificação dos nomes da Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite sob **Folha de S. Paulo**. O slogan "Um jornal a serviço do Brasil" é lançado em 1961.

Edição em offset - 1968
O jornal publica pela primeira vez uma edição inteira em offset, tecnologia que permitia estampar mais imagens e com maior nitidez que os concorrentes.

Tendências/Debates - 1976
É criada a seção Tendências/Debates, com espaço para diferentes opiniões, algo inovador para o jornalismo da época no Brasil, que vivia sob ditadura militar.

Campanha das Diretas - 1983 e 1984
No início de 1983, o deputado federal Dante de Oliveira (PMDB) apresenta emenda que restaura as eleições diretas no país. Dias depois, a **Folha** publica editorial de apoio à ideia, dizendo que só seria vitoriosa se fosse sustentada pela opinião pública. O envolvimento do jornal com a campanha aumenta, e a **Folha** passa a ser conhecida como "o jornal das Diretas".

Datafolha - 1983
No final de abril, o departamento de pesquisa da **Folha** realiza seu primeiro levantamento, cujo tema é o maior medo dos paulistanos. Esse movimento representa o início do Datafolha.



1 Zanone Fraissat/Folhapress



2 Eduardo Knapp - 1º.fev.2011/Folhapress



3 Reprodução

Projeto editorial - 1985
Jornal torna público seu projeto editorial, que tinha começado a entrar em prática no ano anterior. Propõe um jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno, que guia as práticas da empresa até os dias de hoje.

Ombudsman - 1989
A **Folha** é o primeiro jornal do Brasil a criar o cargo de ombudsman. O jornalista Caio Túlio Costa começou a exercer a função e, desde então, 15 jornalistas estiveram no cargo.

1 Edição da Folha e de jornais europeus em formato berliner 2 Da esq. para a dir., Mario Vitor Santos, Renata Lo Prete, Junia Nogueira de Sá (ao fundo), Caio Túlio Costa (ao fundo), Mário Magalhães, Marcelo Leite (ao fundo), Suzana Singer e Bernardo Ajzenberg, ex-ombudsmans da Folha 3 Página da Folha Web em 1995

Imagem digital - março de 1994
Em 21 de março de 1994, a **Folha** publica pela primeira vez na América Latina uma foto totalmente digital, da câmera à edição.

Recorde de tiragem impressa - agosto de 1994
Com o lançamento do "Atlas **Folha**/The New York Times" em fascículos, o jornal bate recorde de tiragem e de vendas impressas na história de jornais e revistas do país no dia de lançamento (1.117.802 exemplares). Hoje, o site da **Folha** atinge mais de 20 milhões de leitores por mês.

Lançamento da Folha Web - julho de 1995
O internauta passa a ter acesso a textos feitos no próprio dia pela Agência **Folha**. Havia notícias sobre ciências e informática, coluna sobre internet e acesso à primeira pesquisa do Datafolha sobre racismo no Brasil. Em 1999, entrou no ar a **Folha** Online, primeiro site com cobertura em tempo real em língua portuguesa e embrião do atual site da **Folha**.

Novo parque gráfico - dezembro de 1995
Começa a funcionar o Centro Tecnológico Gráfico - **Folha** (CTG-F), em Tamboré, na cidade de Santana de Parnaíba, na Grande São Paulo. É considerado o maior parque gráfico da América Latina.

Acervo digital - 2011
No seu aniversário de 90 anos, **Folha** se torna o primeiro dos grandes veículos brasileiros a digitalizar seu acervo integral e a colocá-lo à disposição dos leitores.

TV Folha na TV Cultura - março de 2012
Folha estreia programa jornalístico na TV Cultura. Foi ao ar na emissora todos os domingos à noite, com duração de 30 minutos, ao longo de dois anos. Atualmente, as produções da TV Folha, como o programa "Como É que É?", são apresentadas no site do jornal e no YouTube.

Paywall - junho de 2012
Jornal é o primeiro veículo da imprensa brasileira a implementar o paywall poroso, em que acesso ao noticiário é gratuito até certo limite de textos.

Atualização do projeto editorial - 2017
O jornal publica a versão mais recente de seu projeto editorial, documento que atualiza compromissos da **Folha** em uma era de mudança de hábitos dos leitores, e divulga, pela primeira vez, uma lista de 12 princípios que sintetizam os compromissos editoriais, políticos e éticos.

Saída do Facebook - 2018
Ao constatar que o Facebook agia para diminuir a visibilidade do jornalismo profissional, permitindo que notícias falsas proliferassem e se misturassem com informações sérias, a **Folha** deixou de postar na rede social. Pouco mais de três anos depois, quando o Facebook tomou medidas em sentido contrário, o jornal voltou a fazer postagens na rede social.

Editoria de diversidade - 2019
Folha cria editoria com objetivo de refletir sobre a variedade da vida social no país e o dia a dia na Redação. Entre os objetivos, está aumentar a diversidade entre os profissionais do jornal.

Recorde online - abril de 2020
Em meio à pandemia da Covid-19, **Folha** atinge 73,8 milhões de visitantes únicos no mês, recorde do site. Jornalistas passam a trabalhar quase 100% em home office e conseguem manter o bom nível da cobertura.

Campanha pela democracia - agosto de 2020
Folha lança a campanha "#UseAmarelo pela Democracia", que inclui um curso sobre o período da ditadura militar.

100 anos - 2021
Em 19 de fevereiro, a **Folha** entra para o seleto grupo de jornais centenários. Entre dezenas de novidades, o jornal lança, em parceria com a USP, a cátedra Otavio Frias Filho, voltada à comunicação, à democracia e à diversidade. Em outra parceria, desta vez com o Google, indexa 2,5 milhões de fotografias do seu acervo.

Recorde de assinantes - 2º semestre de 2023
Folha alcança 831.654 assinantes (soma das edições digitais e impressas) segundo dados de circulação verificados pela PwC, uma das maiores empresas de auditoria do mundo.

Energia limpa - 2024
Em fevereiro deste ano, ao completar 103 anos, o jornal lança campanha por energia limpa, com ampliação da cobertura da transição energética no Brasil e no mundo e apresentação de novos colunistas.

‘Essa tinta que não suja as mãos é um acontecimento’, celebra leitora de décadas

Assinante Rebeca Belk comenta novo formato, recorda sua relação de mais de 40 anos com a Folha e comemora volta do Guia Folha

MINHA HISTÓRIA
REBECA BELK, 90

SÃO PAULO No final de semana passado, o ritual matinal de Rebeca Belk foi praticamente o mesmo que ela cumpre há décadas: acordar e logo tomar café lendo a **Folha**. A diferença é que a professora aposentada, 90 anos mas com a cabeça tinindo, folheou um jornal diferente.

Assinante há décadas (ela lembra que pelo menos desde os anos 1970), Belk foi uma das raras leitoras a receber antecipadamente um exemplar da **Folha** no novo formato, berliner em vez do standard que circulou até agora. A partir deste domingo (1º), com a mudança implantada, todos os leitores terão a mesma experiência.

A primeira impressão foi de estranhamento, conta Belk. Mas a assinante aposta que se acostumará rapidamente com o novo formato, e constatou com satisfação que a edição em berliner preservou todo o conteúdo da standard —na verdade, terá até uma oferta maior de textos.

E celebrou inovações trazidas pela mudança, como o retorno do Guia Folha destacável e as colunas de texto mais largas, mas sobretudo a impressão que não solta tinta, ou seja, que não suja as mãos —nem as portas brancas do seu apartamento, como às vezes ocorria. “Eu acho um grande acontecimento.”

Rebeca Belk foi professora de português dos ensinos fundamental e médio nas redes pública e privada. Leitora ávida de livros e jornais desde a mocidade, mantém o hábito. E continua exercitando o raciocínio. Faz cursos de estímulo cerebral (“porque a minha memória recente às vezes falha”), de atualidades/mundo contemporâneo e de história da arte.

Alguns ela faz online —a família prefere, para evitar riscos de quedas nos deslocamentos, uma vez que Belk mora sozinha. Mas, na hora da leitura, seu fraco é pelo papel. “Gosto de folhear.”

*

Eu sou uma pessoa conservadora quanto aos costumes. Estranhei o formato do jornal, porque estava acostumada com o tal do formato standard. Mas eu acredito que, depois de uma semana familiarizada com o novo formato, não vou ter problema algum, porque o que mais me importa realmente é o conteúdo.

O que eu mais gostei é que não vai sujar as mãos. Porque as portas aqui são brancas. Meu marido [o engenheiro Samuel Belk], por exemplo, a gente dividia o jornal, ele ficava com o primeiro caderno e eu com Cotidiano. Quando acabava de tomar o café e ia ao banheiro, ele ia batizando todas as portas de preto, com as mãos bem sujas. E, já que essa tinta não vai sujar as mãos, eu acho um grande acontecimento.

Eu me importo muito com o conteúdo e percebi, pelo exemplar que você me trouxe, esse tal berliner, que o conteúdo era identicamente igual àquele que eu havia lido na terça-feira. Desde que tenha o conteúdo necessário e suficiente, eu acho ótimo.

Percebi que as colunas estão mais largas, eu achei ótimo. Se pudesse aumentar um pouquinho a letra eu também gostaria.

Eu estou achando ótimo que o Guia Folha será um caderno, porque aqui no prédio o jornal depois de lido é doado, mas o Guia Folha vou guardar para a semana seguinte, para me informar a respeito de filmes e exposições que vão estrear e estão em cartaz. Você pode pelo menos guardar por 15 dias. Eu acho ótimo. Acho ótimo se for ter mesmo uma oferta maior de conteúdo, como está se dizendo. Só vem enriquecer o jornal.

Eu sou disciplinada, recebo o jornal às 6h30 da manhã e já começo a ler no meu café. Atualmente, a primeira coisa que eu leio é Mundo. Eu estou preocupada com as guerras de Israel, contra o Hamas e agora com o Hezbollah, e com a guerra entre Ucrânia e Rússia.

Aí eu passo para a página dois, porque eu gosto do Ruy Castro, gosto do Bruno Boghossian, do Álvaro Costa e Silva, da Mariliz Pereira Jorge, ela escreve muito bem. E o Hélio Schwartsman, muitas vezes eu gosto, e outras, quando ele se apoia única e basicamente num livro inglês que só ele leu, eu não gosto, porque não gosto de perder tempo com uma coisa que eu não entendo.

> **Eu me importo muito com o conteúdo e percebi, pelo exemplar que você me trouxe, esse tal berliner, que o conteúdo era identicamente igual àquele que eu havia lido na terça-feira. Desde que tenha o conteúdo necessário e suficiente, eu acho ótimo**
>
> **Rebeca Belk**
> professora aposentada e leitora da **Folha**

Gosto muito da página três, não são todos os artigos que eu aprecio, às vezes são assuntos de que eu não gosto. Eu leio o Painel do Leitor, e assim vai. Leio Política, gosto de ler Cotidiano, eu leio sempre a Tati Bernardi, aos domingos eu adoro Antonio Prata. Cada dia há colunistas diferentes, eu gosto da Vera Iaconelli, gosto da Ilona Szabó.

Nas terças-feiras eu gosto do João Pereira Coutinho, mas ele não escreve no Cotidiano, ele escreve na Ilustrada, leio Luiz Felipe Pondé. Eu adoro o João Pereira Coutinho, adoro esse português, estava me fazendo falta quando ele estava de férias. Eu gosto do pessoal da **Folha**.

Eu leio a **Folha** há muitos anos, muitos anos. Eu me alfabetizei aos quatro, cinco anos de idade lendo jornais. Mas, naquele tempo —eu tenho uma idade provecta, você sabe— eu nem sei se a **Folha** existia [existiam a Folha da Noite e a Folha da Manhã, que, em 1960, foram fundidas na **Folha de S.Paulo**].

O fato é que meu pai comprava o Estadão [O Estado de S. Paulo]. Houve uma época, talvez até o final da década de 70, começo dos 80, nós éramos assinantes de ambos os jornais, **Folha** e Estado. Mas meu marido e eu trabalhávamos bastante, e não nos sobrava tempo suficiente para ler os dois jornais.

Como ainda era a época do Cláudio Abramo, depois do Clóvis Rossi, eu adorava, depois o Gilberto Dimenstein, ele foi para Nova York, eu adorava as crônicas que ele escrevia a partir de Nova York, eu então optei pela **Folha**. Hoje nem me sinto à vontade lendo o Estadão, tal é a minha familiaridade com a **Folha**.

Eu fui professora de português por muitos anos, dei aula em escola pública e, quando se tratava do curso colegial, hoje ensino médio, eu muitas vezes usei textos da **Folha**, porque eram bem escritos, o Clóvis Rossi, o Cláudio Abramo, escreviam divinamente, eram muito sensatos nas proposições.

A vida toda eu li jornal porque meus pais eram pessoas humildes, que tiveram instrução básica, mas culturalmente eram muito instruídos. Havia muitos livros na casa dos meus pais, e meu pai fazia questão que eu lesse. Eu era adolescente quando li Tolstói, Dostoievski.

Eu gosto do jornal e do livro impresso, não gosto de ler na internet. Gosto de folhear, dependendo do livro eu até assinalo frases ou trechos interessantes —se o livro for meu.

Em depoimento a Fabio Victor



Rebeca Belk, 90, folheia a Folha em sua casa em São Paulo



O estudante Antônio Figueiredo Cedroni, 17, examina a novidade



Fotos Eduardo Knnap/Folhapress



'Entre os dois formatos da Folha, escolheria o novo', diz estudante

Antonio Figueiredo Cedroni lê o jornal impresso para escolher e se familiarizar com o noticiário de sua futura profissão

MINHA HISTÓRIA
ANTONIO F. CEDRONI, 17

SÃO PAULO Antonio Figueiredo Cedroni, que faz 17 anos neste domingo (1º), começou a ler a **Folha** impressa no colo do avô. Naquela época, ele só queria saber de notícias de futebol.

Hoje, porém, às voltas com a escolha da faculdade para a qual vai prestar vestibular no fim do ano que vem, ele costuma ler o jornal para saber mais detalhes de suas possíveis profissões.

No mesmo dia em que Antonio faz aniversário, a **Folha** passa a circular em novo formato. "Mais confortável", ele decretou, de cara, ao colocar as mãos em um exemplar já com as dimensões berliner. "Se pudesse escolher entre os dois formatos, eu escolheria esse novo", afirmou.

Como convém a um rapaz em vias de entrar na faculdade, ele exerceu seu espírito crítico. "Parece que as fotos ficaram menores... E podia ter mais futebol."

*

Meu pai e meus avós sempre tiveram o costume de assinar e ter jornal impresso em casa, e eu sempre gostei muito de futebol, de esporte. Então, quando via meu pai lendo jornal, meu avô lendo jornal, eu ia atrás e procurava o caderno de esportes.

Meus dois avôs gostam muito de futebol e sempre me mostravam o caderno de esporte. Lembro de ficar vendo a tabela do campeonato, os próximos jogos, coisas assim. Meu pai é a mesma coisa, ele sempre assinou a **Folha**. Eu estava sentado com ele, pegava ou pedia o caderno do esporte, a gente via juntos. O caderno era muito maior do que é hoje. Poderia ter mais opinião sobre futebol, eu acho.

Quando fui crescendo, fui tendo contato com outros tipos de notícia também. Quando via alguma matéria sobre um assunto que eu conhecia ou tinha interesse, eu pegava e lia.

As que eu mais costumo ler são de política, de economia e o próprio caderno de esportes. De economia, sim [risos]. Porque uma das faculdades que eu penso em fazer é economia, e aí sempre tem uma matéria que me chama atenção. Não sou a pessoa que mais entende, mas estou querendo entender.

Eu tenho em mente direito, economia, administração, já quis medicina, mas acho que hoje em dia não mais, e penso também em uma que eu acho legal, engenharia agrônoma. Acho que ter contato com as notícias desses assuntos me faz pensar se eu gosto disso, se eu me vejo fazendo isso no futuro.

Já usei bastante o jornal para escola, tanto digital quanto impresso. Às vezes, pedem para a gente escolher uma reportagem, levar ela impressa e escrever alguma coisa baseada nela.

Comecei a ler o jornal impresso com uns 14 anos, na época da pandemia, até porque eu estava em casa sempre, né? Via meu pai com o jornal, também via o jornal na TV para saber as notícias. E aí, quando foi acabando a pandemia e tudo foi voltando, comecei a procurar as notícias no celular. Mas às vezes, via só a manchete e não entrava a fundo. Quando chegava em casa, eu lia a mesma notícia no jornal.

Moro uma semana com minha mãe e outra com meu pai. Minha mãe só assina o digital. Quando estou na casa do meu pai, sou o primeiro a descer para ir à escola, então pego o jornal na portaria e coloco no elevador. Aí já procuro na capa alguma coisa que me interessa para quando voltar. Durante o final de semana, é mais fácil ler.

No Instagram, eu vejo muita coisa de futebol. E minha mãe gosta muito de tênis.

Com esse novo formato, a **Folha** ficou mais fácil de segurar. Ficou mais confortável. Percebi uma diferença no tamanho das imagens também. Elas parecem um pouco menores. Mas achei mais fácil de manusear. Se pudesse escolher entre os dois formatos, eu escolheria esse novo.

Em depoimento a Ivan Finotti

> **Ficou mais confortável. Percebi uma diferença no tamanho das imagens também. Elas parecem um pouco menores. Mas achei mais fácil de manusear. Se pudesse escolher entre os dois formatos, eu escolheria esse novo**
>
> **Antonio Figueiredo Cedroni**
> estudante do ensino médio e leitor da Folha

A Folha reimaginou a experiência de leitura a fim de criar um jornal mais confortável para o leitor e com o mesmo conteúdo crítico e pluralista que é sua marca.

O conteúdo foi redistribuído a fim de valorizar textos, infografia e imagem e permitir o acréscimo de resumos para o leitor que tem pressa. É um jornal em duas velocidades

A área de cada página é menor para facilitar o manuseio e valorizar a curadoria, mas o total de páginas foi ampliado, resultando em um jornal mais organizado



50% a mais em páginas do que formato anterior. Mais seções, mais reportagens, mais colunas

Nova seção **Agenda** ajudará a planejar o dia a dia com informações rápidas



NOVIDADES E MELHORIAS

folhinha

A Folhinha volta a ser um caderno para colecionar e presentear novos pequenos leitores



guia

O Guia Folha volta a circular em caderno especial





acabamento

A impressão muda para melhor, com fotos mais nítidas, cores mais vibrantes e tinta que não suja as mãos



FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

R$ 6,90

TERÇA-FEIRA, 10 DE SETEMBRO DE 2024

ANO 104 ★ Nº 34.859

Banco Central anuncia intervenção no câmbio com leilão de dólares

Operação que acontece hoje é a segunda atuação da autoridade na moeda norte-americana no governo Lula 3, após valor chegar a R$ 5,621 e um dia depois de indicação de Galípolo

O Banco Central anunciou ontem a segunda intervenção no câmbio do terceiro mandato do presidente Lula (PT). Hoje, a autoridade monetária fará um leilão de venda de dólares à vista, com valor máximo de US$ 1,5 bilhão.

A medida acontece após a moeda fechar a R$ 5,621, alta de 1,18%. A divisa norte-americana também avançou em relação a de mercados emergentes, puxada pelos dados da economia dos EUA e pela aposta dos agentes no afrouxamento nos juros.

Nesta intervenção, o BC vende reservas internacionais sem compromisso de recompra, e o dinheiro é injetado no mercado. O último leilão realizado nesta modalidade ocorreu em dezembro de 2021, no valor de US$ 500 milhões.

Na gestão Lula, a primeira intervenção aconteceu em abril, quando o BC leiloou contratos de swap cambial tradicional. O anúncio da operação ocorreu um dia após Lula indicar Gabriel Galípolo para presidir a instituição a partir de 2025. Mercado A18

ilustrada — Adams Carvalho — Romance gay banido na Rússia chega ao Brasil B1

Moraes bloqueia contas de empresa de Musk; X diz esperar punição

O ministro Alexandre de Moraes, do STF, bloqueou ontem contas da Starlink, de Elon Musk, no Brasil, para cobrar eventuais punições contra a rede social X por descumprimento de ordem judicial. Na terça, Moraes deu 24 horas para a companhia indicar um representante legal. Ontem, ao final do prazo, a rede social disse em postagem que não cumprirá a ordem e que já espera ser bloqueada. Política A6

mercado — Governo quer facilitar outorga de empresas para atrair interesse a leilões A16

Priscilla Bacalhau — *Um retrato da nossa educação infantil* — Para muita gente, creches e escolinhas são a alternativa. Mas essa opção não está disponível a todas as mães: 44% das redes municipais reportam filas por vagas, diz o MEC. Opinião A3

Franck Fife/AFP

Gabrielzinho conquista o 1º ouro do Brasil nas Paralimpíadas de Paris

Nadador Gabriel Araújo celebra a vitória nos 100 m costas na modalidade S2, prova na qual havia ficado em segundo lugar em Tóquio; país também ganha a prata com Phelipe Rodrigues nos 50 m livre S10 e o bronze com Gabriel Bandeira nos 100 m borboleta S14 Esporte A46

mercado — XP é acusada de induzir pai de ex-funcionário a prejuízo A19

saúde — Alimentação ruim afeta o crescimento das crianças A44

Queimadas avançam em terras indígenas com mais garimpo ilegal

Três das terras indígenas mais invadidas por garimpeiros na Amazônia registraram explosão de queimadas. Em agosto, houve 1.111 focos nas TIs Kayapó, Munduruku e Sararé, ante 249 no mesmo mês de 2020, o ano com mais pontos de calor.

O garimpo ilegal de ouro nos territórios Kayapó e Munduruku se deu no governo Jair Bolsonaro (PL), enquanto a Sararé foi invadida em 2023, na gestão Lula (PT). O Ibama disse estudar a logística para o combate ao fogo. Cotidiano A39

mundo — Candidaturas de Venezuela e Nicarágua para entrar nos Brics constrangem Lula A35

Tufão atinge ilha no sul do Japão, causa alagamentos e deixa ao menos 3 mortos A38

Objeto preso em linha de energia em Miyazaki, no Japão Kyodo/Reuters

Folha terá Guia com formato inédito e mais suplementos Política A12

EDITORIAIS A2 — Galípolo será teste para a autonomia do Banco Central. A respeito da indicação de Lula para o comando da autarquia. Mulheres nas Forças Armadas. Sobre regras para o alistamento feminino no Exército, na Marinha e na Aeronáutica.

ISSN 1414-5723

suplementos

Equilíbrio, Turismo, Veículos e Folhainvest ganham destaque dentro do jornal



ilustrada ilustríssima

O suplemento cultural continua sendo publicado aos domingos em caderno separado, incluindo o quente da Ilustrada



folhacorrida

Traz as newsletters do Editor, Cuide-se, Combo, Sobretudo, Maratonar, Tudo a Ler e Folha Carreiras



colunistas

Painel ganha novas peças; Mônica Bergamo volta a ter uma página exclusiva



espaço entre seções ajustado de acordo com o tamanho do jornal

leitura mais confortável

Colunagem levemente mais larga e uma fonte um pouco menor facilitam a leitura em textos longos

ANTERIOR corpo 11pt	NOVO PROJETO corpo 10,5pt
MANAUS A cidade mais populosa da Amazônia, Manaus, voltou a ser inundada por ondas de fumaça provenientes de queimadas, nove meses após a capital de passar pelo mesmo processo de deterioração da qualidade do ar, na seca extrema de 2023.	MANAUS A cidade mais populosa da Amazônia, Manaus, voltou a ser inundada por ondas de fumaça provenientes de queimadas, nove meses após a capital de passar pelo mesmo processo de deterioração da qualidade do ar, na seca extrema de 2023.
4,60 cm	4,95 cm



Linha de produção de vidros para embalagens na Wheaton Brasil, em São Bernardo do Campo, no ABC paulista Karime Xavier/Folhapress

Do pão ao carro, energia cara pesa no preço de produtos e acentua desindustrialização

Estudo mostra pela primeira vez impacto da eletricidade e do gás na tonelada produzida no Brasil e estima PIB dois pontos percentuais maior se custo caísse para níveis internacionais

Alexa Salomão

SÃO PAULO Energia cara foi um item decisivo para aumentar o preço dos produtos brasileiros e levar à desindustrialização —e a reversão desse custo pode elevar a taxa de crescimento do país em quase dois pontos percentuais. A análise consta do primeiro estudo que mediu o impacto de energia elétrica, gás natural e outras fontes, como combustíveis, no custo da tonelada produzida pela indústria nacional.

O estudo identifica os efeitos do encarecimento da energia sobre a produção industrial e mostra o impacto sobre diferentes produtos, inclusive sobre itens básicos.

Uma fatia de 23% do valor da cesta básica é de gasto com energia. No preço do pãozinho, equivale a 27%. Nas carnes e leite, 33%.

Nos materiais da construção civil, a energia corresponde a cerca de 25% do preço das esquadrias de alumínio, tubos de PVC e do cimento.

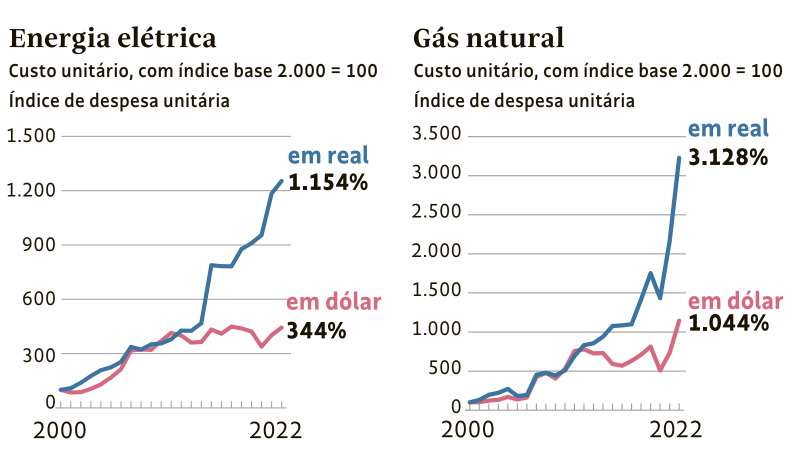
Cerca de 14% do preço de um automóvel fabricado no Brasil é energia, e o de um eletroeletrônico, quase 11%. A energia pesa até no material escolar: 36% do preço do caderno, 24% da borracha e 15% do lápis.

O levantamento foi feito pela ExAnte Consultoria Econômica a pedido da Abrace, que representa os 50 maiores consumidores industriais do país. Na avaliação da entidade, o momento é decisivo para o setor no que se refere ao preço desse insumo.

A conta de luz do brasileiro já financia uma série de políticas públicas, como consumo de combustível fóssil de térmicas de lugares remotos, carvão de usinas, transmissão para projetos solares e eólicos. Agora, com a transição energética ganhando tração, cresce a demanda por mais incentivos —via subsídios, como o benefício ao hidrogênio verde na tarifa, e consumo compulsório, caso da mistura do biometano ao gás natural.

Segundo o presidente da Abrace, Paulo Pedrosa, concretizadas essas e outras propostas, a tendência é que o custo da energia mantenha o movimento de alta, prejudicando ainda mais a competitividade da indústria local, e até comprometa a capacidade de o país se destacar no nascente mercado global de produtos verdes.

Custo com energia para fabricar produtos no Brasil teve forte alta nos últimos anos



Preços dos produtos industriais aumentaram no período

585% no Brasil · **52%** nos EUA · **48%** na União Europeia

Fonte: Abrace

"Estados Unidos, União Europeia e China usam políticas energéticas associadas a políticas industriais para fortalecer as suas economias e levar cadeias produtivas de baixa emissão para os seus países, e nisso a gente está no vazio", afirma Pedrosa.

"No Brasil, o tema da transição energética está fragmentado em vários órgãos e entidades, mas nos falta uma visão agregadora como estratégia de transição do país para uma sociedade mais próspera. Energia limpa, barata e segura deveria fazer parte de uma política de desenvolvimento. Elevar a tarifa de energia, como tem sido feito, e pode ser mantido, vai na direção contrária."

O estudo apresenta dados novos para incluir a indústria no debate da transição energética.

Análises tradicionais que tratam do impacto da energia sobre a produção trabalham em unidades de energia gasta. Ou seja, indicam a evolução dos preços da energia, mas não o impacto dessa evolução sobre a competitividade das empresas.

O novo estudo discute a despesa com energia por tonelada produzida —e chama esse indicador de custo unitário. O estudo observa a evolução desse custo de 2000 a 2022, não apenas no Brasil mas também nos Estados Unidos, para eletricidade e gás natural. A análise mostra um forte descolamento.

Continua na pág. A34

Sobretaxa na luz deve ter peso de 0,4 ponto no IPCA

Na noite de sexta (30), a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) anunciou que a bandeira tarifária de setembro será vermelha patamar 2, que corresponde a um acréscimo de R$ 7,877 a cada 100 quilowatts-hora (kWh) consumidos. Em agosto, a bandeira era verde (sem sobretaxa). Esse foi o primeiro acionamento da bandeira vermelha patamar 2 desde agosto de 2021. O motivo, segundo a agência, é a previsão de chuvas abaixo da média em setembro. Na avaliação de economistas ouvidos pela **Folha**, a decisão eleva a pressão sobre o Copom na definição dos juros neste mês. O economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale, estima um impacto de 0,4 ponto percentual no IPCA de setembro. "Com isso, aumenta o risco de a inflação passar do teto neste ano, caso a bandeira vermelha seja mantida até o fim de 2024, o que é provável. A discussão passa a ser de impacto de alta de juros, que poderá ser de 0,5 ponto percentual. Os riscos que estão se avolumando até o fim do ano podem demandar altas mais fortes."

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

LEANDRO ARAGONEZ
Diretor de engajamento de parcerias globais da IGLTA

Turismo gay fatura mais que Pão de Açúcar

Diretor de associação de turismo LGBTQ+ afirma que Brasil concentra 10% das receitas globais

Há quase duas décadas promovendo roteiros turísticos pelo Brasil, Leandro Aragonez assumiu a diretoria global de parcerias da IGLTA, a maior liga de promoção de turismo e negócios LGBTQIA+ do mundo. Mesmo com recordes de ataques e homicídios a homossexuais e transgêneros, o Brasil desponta como um dos mais atraentes destinos, concentrando 10% dos negócios globais do segmento, o equivalente ao faturamento anual do Grupo Pão de Açúcar. Em parceria com a Embratur, a organização vai turbinar locais que hoje contam com políticas de inclusão.

*

Por que o país cresce tanto, mesmo com índices tão alarmantes de homofobia? Ao mesmo tempo em que desponta como o que mais mata transgêneros, por exemplo, o Brasil também promove políticas de inclusão por meio de diversas secretarias estaduais.

Pipa, no Rio Grande do Norte, e o estado como um todo, tem feito um trabalho muito bom de respeito e inclusão. São Luís (MA), Fortaleza (CE), Bahia, Mato Grosso do Sul, além de São Paulo e Rio de Janeiro, também estão ampliando suas políticas. A própria Embratur passou a monitorar esse segmento para desenvolvimento de políticas públicas [para promoção desses novos destinos LGBTQ+].

Este é um negócio lucrativo? O turismo LGBTQ+ cresce cerca de 7,6% ao ano e representa de 10% a 20% do turismo global, que movimenta cerca de US$ 1 trilhão por ano.

Desses US$ 200 bilhões, o Brasil concentra de 10% a 15% —algo entre R$ 20 bilhões e R$ 35 bilhões. A média de gastos desses turistas é muito superior à dos demais, o que eleva a margem para algo em torno de 30%.

Esses dados são precisos? O número deve ser muito maior, porque muitos turistas não se declaram abertamente, como gays, por exemplo, quando vão para destinos conhecido, mas inseguros, como Malásia, Maldivas, Egito, Abu Dhabi ou Arábia Saudita.

Por que a média de gasto de LBGTQ+ é mais elevada? Para ter mais segurança quando viajam, os turistas da comunidade preferem pagar mais e ficar em redes como o Hilton e o Hyatt [ambos têm política global de inclusão], porque sabem que lá estarão seguros. Existem 15 países que criminalizam a homossexualidade.

Promover a inclusão não gera mais reação contrária? Quando a gente faz uma campanha muito grande, com alcance de milhões de pessoas, espera reações negativas. Apesar de percebermos aceitação maior, principalmente em países com nível de educação mais elevado, sempre esperamos reações contrárias.

Nos EUA, mais de 500 projetos de leis contra a comunidade foram criados só no ano passado. Mas não há outro caminho. Há gays em países da África e do Oriente Médio e não podemos ignorá-los. Por isso, a IGLTA tem uma rede de relações em mais de 80 países e com mais 13 mil empresas. A solução é via diálogo em busca de um meio termo.



Leandro Aragonez

Formado em administração de empresas, atuou no marketing de gigantes como Nestlé e CVC. Engajou-se com o turismo e, pela Promo Marketing Inteligente, 'vendeu' destinos brasileiros para secretarias estaduais e, depois, para Embratur. Foi consultor do Ministério do Turismo de Angola. Hoje é diretor global de parcerias e patrocínios da IGLTA

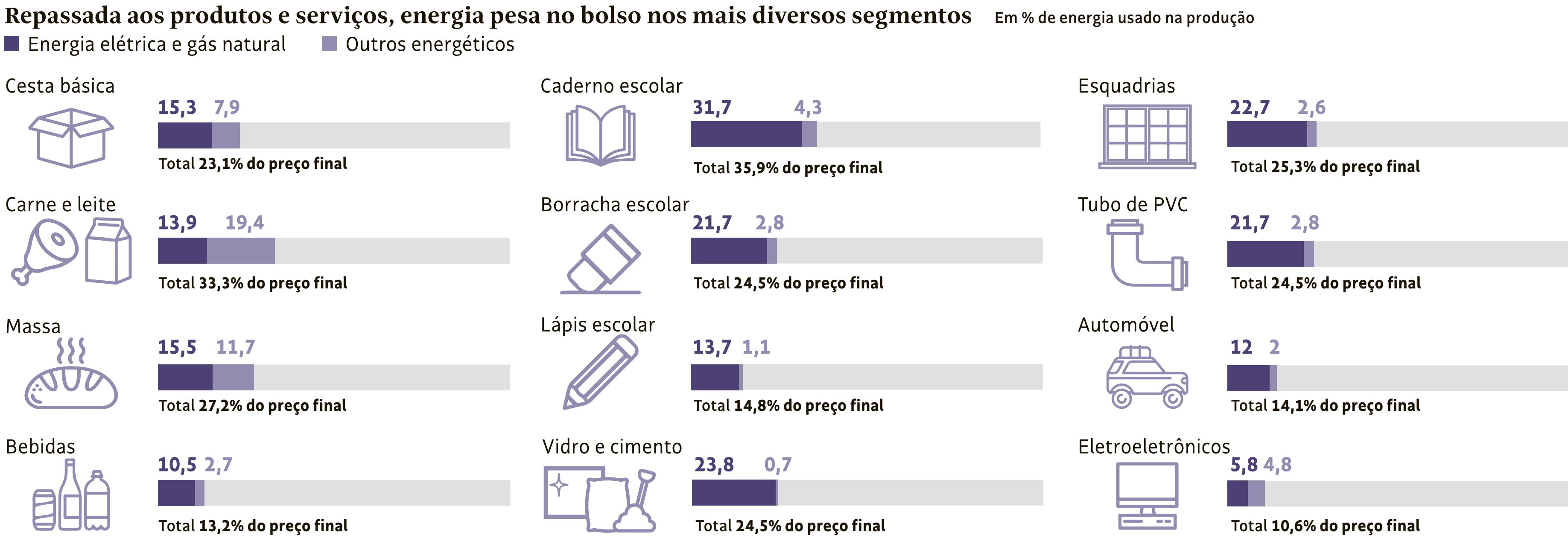
Como isso funciona, na prática? Morei em Angola, quando trabalhei para ministério [do Turismo] e, em 2016, o governo daquele país queria diversificar a economia por conta da crise do petróleo, apostando no turismo.

Naquela época, a comunidade era criminalizada. O movimento pelos direitos humanos ajudou muito a encontrar uma abertura. Em 2019, já não havia mais a criminalização e isso abriu possibilidades [de negócios no turismo]. Nas Maldivas, a American Express me procurou porque queria promover o destino [como um roteiro friendly]. Eu disse que o país era muito restritivo a gays e à comunidade LGBTQ+ e que o melhor caminho seria começar por resorts, que estavam interessados.

Qual sua posição sobre boicotes a empresas que não respeitam os LGBTQ+? Nosso princípio é o do diálogo para a inclusão. Evidentemente, as empresas que são friendly hoje têm a preferência do público LGBTQI+, mas, aos poucos, a missão da IGLTA é ampliar esse ambiente de inclusão ao redor do mundo.

É por isso que, em destinos mais perigosos, começam pelas bordas, como nos resorts das Maldivas? Exatamente.

Repassada aos produtos e serviços, energia pesa no bolso nos mais diversos segmentos Em % de energia usado na produção



Valores para 2018 | Fonte: Abrace

Do pão ao carro, energia cara pesa no preço de produtos e acentua desindustrialização

Continuação da pág. A33

O custo unitário com eletricidade avançou 1.154%, e o gás natural, 3.128% —enquanto a inflação oficial foi de 291%. Convertendo esse aumento para dólar, a alta do custo unitário de eletricidade no Brasil foi de 344%, e o do gás, 1.044%.

Isso fez o preço dos produtos industriais brasileiros, ao saírem pela porta da fábrica, terminar o período acumulando um aumento de 585% em reais. Já os preços industriais nos EUA tiveram alta de 52% em dólar, e os da União Europeia, de 48% em euro.

"Essa nova abordagem mostrou uma situação mais grave do que a gente identificava", afirma o economista Fernando Garcia de Freitas, sócio da ExAnte e coautor do estudo.

"Nos 20 e poucos anos que analisamos, vimos a indústria economizar energia e elevar ganhos de eficiência, mas, mesmo assim, as empresas não conseguiram segurar os aumentos, e foram não só elevando o preço dos produtos mas consumindo margens de ganho."

Segundo Freitas, o ambiente de custos em alta também comprometeu a estrutura produtiva do Brasil, acelerando a desindustrialização.

"A indústria nacional sofreu com o comércio exterior, basicamente a abertura e a entrada da China como competidor relevante. Sentiu o aumento do valor da mão de obra. Mas ao longo das ultimas décadas pesou demais o recorrente e crescente aumento no preço da energia", diz Freitas.

O baque foi generalizado, explica ele, mas maior para eletrointensivos, que dependem de fundição ou eletrólise, como indústrias de aço, alumínio, PVCs, vidro e cerâmica.

O estudo também faz projeções macroeconômicas, considerando dois cenários, um de referência, em que se preserva a atual tendência de alta de custos, e um outro, de maior competitividade, em que ocorreria redução dos preços para níveis internacionais. No cenário mais benigno, a eletricidade teria queda de 23% a 33%, a depender do nível de tensão, e o preço do gás natural cairia pela metade, em relação ao patamar atual.

> **"EUA, UE e China usam políticas energéticas associadas a políticas industriais para fortalecer as suas economias e levar cadeias produtivas de baixa emissão para os seus países, e nisso a gente está no vazio"**
>
> **Paulo Pedrosa**
> presidente da Abrace, que representa os 50 maiores consumidores industriais do país

Com essas retrações, o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) passaria de 1,9% ao ano, no cenário de referência, para 3,7% ao ano, no cenário de mais competitividade. Ao final de dez anos, o PIB teria R$ 2,6 trilhões adicionais. O PIB per capita encerraria o período em US$ 69 mil, US$ 12 mil acima do valor traçado no cenário de referência.

Em relação à geração de empregos, a diferença entre os dois cenários aponta que quase 7 milhões a mais de postos de trabalho tenderiam a ser criados num ambiente de preços de energia mais competitivo, com efeitos sobre a qualidade de vida e o desenvolvimento humano.


Saber dói
Mais de 5 crianças menores de 13 anos estupradas por hora no Brasil.
mas liberta!
Fonte do dado: Anuário Brasileiro de Segurança Publica 2024.
Assista aos filmes em:
liberta.org.br
LIBERTA
ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES



Complexo minerário S11D, em Canaã dos Carajás (PA), de onde a Vale extrai minério de ferro Felipe Borges/Folhapress

Transição energética impulsiona mineração no Pará e ameaça hegemonia de Minas Gerais

Empresas expandem operações no estado do Norte, mas ainda não no ritmo desejado por governos federal e municipais; minério de ferro deve ser o responsável por descarbonizar a indústria mundial de aço

FRONTEIRAS DA MINERAÇÃO

Pedro Lovisi

CARAJÁS (PA) E QUADRILÁTERO FERRÍFERO (MG) Nenhuma mina em operação no mundo tem minério de ferro mais puro do que as do sudeste do Pará, sobretudo das cidades de Canaã dos Carajás e Parauapebas, onde a Vale opera seus dois principais complexos minerários. É de lá, segundo especialistas, que virá boa parte do minério responsável por descarbonizar a indústria mundial do aço, uma das mais difíceis de se livrar das emissões de combustíveis fósseis.

Não à toa, a Vale, dona de 73% do mercado de minério de ferro brasileiro, concentra seus investimentos, outrora direcionados a Minas Gerais, na região. A empresa é a única das grandes mineradoras a extrair ferro no Pará, já que a Rio Tinto, segunda maior do mundo, tem participações da MRN, que extrai bauxita.

Primeira do mundo, a BHP Billiton comprou em 2023 uma empresa detentora de minas de ouro e cobre, metal importante para transição energética, também em Carajás. É um movimento importante da empresa, que até então operava no Brasil só por meio da Samarco em Minas Gerais.

A produção da Vale no Pará supera a em Minas Gerais desde 2018, quando o estado também foi para a liderança como principal exportador de minério de ferro, carro-chefe do setor no país.

E não há sinais de reversão. Segundo o Ibram (Instituto Brasileiro de Mineração), os investimentos serão muito semelhantes nos dois estados até 2028, mas o Pará deverá liderar nos anos seguintes, afirma quem acompanha o mercado.

Dos 9 principais investimentos destacados pela Vale a seus investidores no relatório anual de 2023, só 2 estão em Minas Gerais, sendo um de produção de energia solar. Os investimentos em Minas representam 16% dos listados, enquanto os no Pará somam quase 50%, considerando também os projetos de extração de cobre e níquel.

O segundo maior investimento da mineradora nos próximos anos está no Pará (o primeiro é uma mina de níquel no Canadá). A empresa está em processo de expansão do complexo minerário S11D, em Canaã dos Carajás, um dos mais modernos do mundo, em operação desde 2016.

A mineradora também quer expandir seu complexo em Parauapebas, em funcionamento desde a década de 1980. Chamado de Serra Norte, ele tem hoje capacidade de extrair até 173 milhões de toneladas de minério de ferro por ano e pode chegar a 190 milhões nos próximos anos.

No Pará, o minério de ferro extraído pela Vale tem teor próximo de 66%, considerado de altíssima qualidade. O extraído em Itabira (MG), onde a Vale começou suas atividades na década de 1950, tem teor de 48% —o mais puro extraído pela mineradora em Minas Gerais tem 56%. Já o extraído pela Anglo American, a segunda maior do país, tem teor de 41% em Minas.

Os números acima direcionam os investimentos. Hoje, segundo especialistas, a forma mais trivial de produzir aço com a menor emissão possível de combustíveis fósseis, a redução direta, exige teor superior a 65%.

> **Para o processo de produção de aço via redução direta, seja ele com hidrogênio, seja com gás natural, é necessário um minério de altíssima qualidade, porque nesse processo não há derretimento e, portanto, com um minério de baixa qualidade, separar as impurezas fica muito difícil e se torna muito custoso**
>
> **Stefania Relva**
> diretora de energia e transformação industrial do Instituto E+

"Para o processo de produção de aço via redução direta, seja ele com hidrogênio, seja com gás natural, é necessário um minério de altíssima qualidade, porque nesse processo não há derretimento e, portanto, com um minério de baixa qualidade, separar as impurezas fica muito difícil e se torna muito custoso", diz Stefania Relva, diretora de energia e transformação industrial do Instituto E+.

Os dois produtos da Vale, por exemplo, voltados para a descarbonização da siderurgia seguem essa lógica. Tanto o briquete, material à base de minério de ferro que antecede a fabricação de aço, quanto as pelotas voltadas para a produção de aço via redução direta exigem um minério de ferro deste teor. O primeiro, ainda em fase inicial de produção, é a maior aposta da empresa, e o segundo, uma das principais fontes de receita da mineradora.

Continua na pág. A37

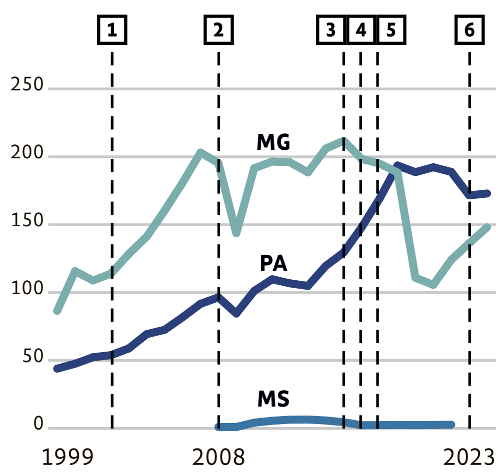
Onde está o minério de ferro no Brasil



Fontes: Vale e Mdic

Produção da Vale de minério de ferro*

Em milhões de toneladas



1 **2002** Vale compra Caemi, que tem minas em MG

2 **2008** Vale inicia Sistema Centro-Oeste

3 **2015** Tragédia de Mariana

4 **2016** S11D entra em operação

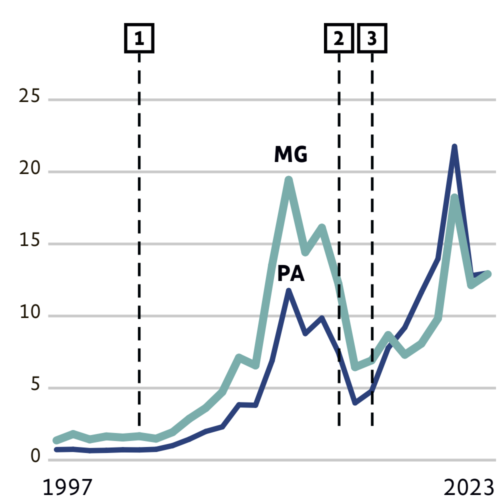
5 **jan.2019** Tragédia de Brumadinho

6 **2022** Vale vende Sistema Centro-Oeste

*O gráfico desconsidera a produção da Samarco, em Mariana

Exportação de minério de ferro

Em US$ bilhões



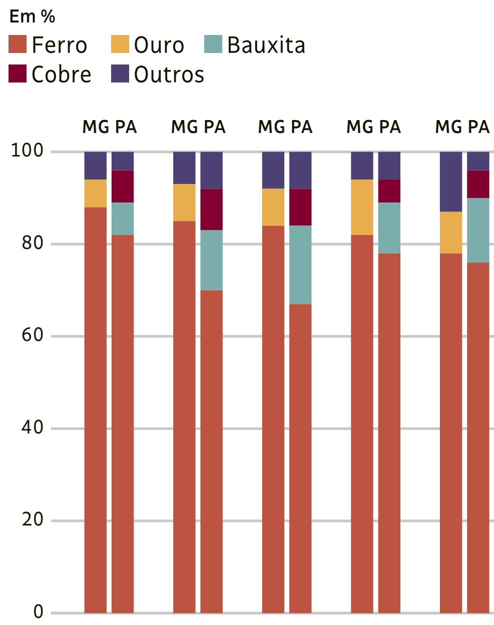
1 **2002** Vale compra Caemi, que tem minas em MG

2 **2014** Anglo American faz 1º embarque de minério de ferro

3 **2016** S11D entra em operação

Produção mineral

Em %



Continuação da pág. A36

Em tese, seria possível alcançar esse teor com o minério de Minas Gerais a partir do processo de concentração, que usa grandes volumes de água —daí surge o rejeito depositado em barragens como as que romperam em Brumadinho e Mariana. Mas quanto menor o teor do minério de ferro, mais caro se torna o processo, o que pode inviabilizar as operações.

No Pará, como o teor do minério já atinge os padrões de mercado, após a extração, a Vale apenas brita e peneira a maior parte para deixá-lo no tamanho necessário para a comercialização ou fabricação de outros produtos, como os briquetes. Com as tecnologias empregadas nos complexos da região, não há necessidade, portanto, de gastar em escala com produtos químicos nem utilizar muita água.

Isso faze com que a viabilidade econômica no Pará seja superior à de Minas. Hoje, segundo fontes desse mercado, o custo de produção de minério de ferro no sudeste paraense é de R$ 80 por tonelada, enquanto em Minas é de cerca de R$ 160. A Vale não divulga os valores por estado.

"O Pará teve um ganho excepcional em cima de Minas Gerais, porque ele adentrou ao mercado já com novas tecnologias inseridas", diz Carlos Alberto Pereira, advogado e consultor técnico especialista em mineração.

Como alternativa, a Vale mistura os minérios do Pará e de Minas Gerais para chegar a um teor de 62%, porcentagem padrão do mercado. Isso é possível porque as siderurgias ainda têm desafios tecnológicos e financeiros para descarbonizar suas operações, o que as inviabiliza de comprar em escala minério com teor superior a 65%. Até por isso, 40% das vendas da Vale vêm da mistura entre os minérios dos dois estados —a maior parte é exportada para a China.

"A gente também vende o minério de Carajás puro, mas em menor quantidade, porque aí a gente consegue vender a um prêmio alto. Se inundarmos o mercado com o minério puro de Carajás, o prêmio dele tende a cair e os clientes vão comprá-lo para misturar e corrigir o minério pobre dos nossos concorrentes", diz Vagner Loyola, diretor da cadeia integrada de minério de ferro da Vale.

Mas isso pode mudar, apontam especialistas. "O nosso principal comprador é a China e ela está cada vez mais preocupada com a descarbonização e com a meta de atingir o seu pico de emissão em 2030; então a tendência é que o mercado chinês procure cada vez mais minério de elevada qualidade", afirma Yasmin Riveli, consultora de mineração e siderurgia da Tendências Consultoria.

Apesar de minério menos puro, a infraestrutura de Minas é vantagem. É difícil cravar quando o Pará vai ultrapassar de vez Minas como principal estado minerador do país, ainda que a data não esteja longe. Hoje, os mineiros ainda lideram a produção de substâncias minerais no país, inclusive no ferro.

"O teor de pureza do minério é muito central, mas há outros cálculos que precisam ser feitos. Na Amazônia, projetos com teor baixo de minério não são viáveis economicamente, porque ainda não tem a infraestrutura de transporte e beneficiamento instalada; você tem que criar praticamente do nada as coisas por lá", diz Tádzio Coelho, professor do departamento de ciências sociais da Universidade Federal de Viçosa.

Mas não falta minério de alta qualidade no Pará —inclusive os importantes para a transição energética. Só na área onde ela extrai o minério em Canaã, a Vale estima uma reserva de 10 bilhões de toneladas de minério de ferro de altíssimo teor. Além disso, a região de Carajás tem grandes jazidas de ouro, níquel, manganês, cobre e bauxita.

A classe política do Pará cobra que a Vale acelere seus processos de expansão, já que a empresa tem direito minerário sobre quase toda a região de Carajás, o que impede a entrada maciça de concorrentes —a norueguesa Hydro extrai bauxita em uma região próxima. Situação diferente da de Minas Gerais, onde Anglo American e CSN operam duas das maiores minas de minério de ferro do país.

A cobrança ganhou coro recentemente do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

De acordo com levantamento de uma empresa que presta consultoria para o município de Parauapebas, existem atualmente 6.755 processos registrados na ANM (Agência Nacional de Mineração) para extrair minério na região de Carajás. Mas só 32 estão em operação.

Como é improvável que a Vale invista em jazidas pequenas na região, políticos do estado tentam aprovar um projeto de lei no Senado que autoriza garimpeiros a extraírem minério em área onde outra empresa tenha direito minerário, desde que autorizado pela mineradora.

O projeto, que pode antecipar essa mudança de hegemonia no setor, está na Comissão de Meio Ambiente da Casa e aguarda relatório do senador Beto Faro (PT-PA). Mas mineradoras não sinalizaram apoio à medida e o Ibram se manifestou contra.

Série mostra impactos econômicos e ambientais de mineração em MG e no PA

A **Folha** estreia neste domingo (1º) a série "Fronteiras da Mineração" com cinco reportagens, publicadas a cada 15 dias, que mostram os impactos econômicos e ambientais para cidades de Minas Gerais, berço do setor, e Pará, estado onde estão as mais produtivas minas de ferro do mundo. A reportagem percorreu uma rota de 5.000 quilômetros, durante três semanas de julho, e conversou com especialistas, autoridades municipais, estaduais, federais, além de representantes de mineradoras e de moradores de cidades protagonistas dessas mudanças. Foram mais de 40 entrevistas feitas em nove municípios.


uol PLAY
DESCUBRA UM UNIVERSO DE CONTEÚDO
Assista a filmes, séries, esportes, canais ao vivo, desenhos e muito mais. Tudo em um só lugar!
E MAIS
ACESSE
UOL.COM.BR/PLAY
Planos a partir de R$ 14,90/mês
DISPONÍVEL EM
App Store e Google Play | SmarTVs Samsung, LG e Android TV
Também assista direto no seu browser
GANHE TODO MÊS R$ 40 EM CINEMA
na Ingresso.com ao assinar o plano anual

Proposta do Orçamento 2025 prevê corte de recursos para o Bolsa Família

Valor para bancar programa de transferência de renda é R$ 2,3 bi menor que o deste ano; na avaliação de técnicos da área econômica, ainda há margem para mais economia

Adriana Fernandes

BRASÍLIA O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) promoveu um corte nos recursos do programa Bolsa Família no ano que vem.

No projeto de Orçamento de 2025, encaminhado na sexta-feira (30), a administração direcionou R$ 167,19 bilhões para o funcionamento do programa de transferência de renda do governo federal.

O valor aponta para uma queda de R$ 2,3 bilhões em relação à dotação de R$ 169,47 bilhões prevista no Ploa (Projeto de Lei Orçamentária) deste ano.

Na aprovação da lei orçamentária pelo Congresso Nacional, o recurso destinado ao Bolsa Família já tinha caído para R$ 168,6 bilhões. É a mesma previsão que consta no 3º relatório bimestral de receitas e despesas e receitas, encaminhado ao Congresso no último dia 22 de julho.

Com base nesse valor, a queda da verba para o programa em 2025 será de R$ 1,4 bilhão.

O corte de recursos para Bolsa Família já era esperado e está previsto no programa de revisão de gastos do governo Lula, batizado de Revisar para Priorizar, que prevê uma economia de R$ 25,9 bilhões em despesas obrigatórias em 2025.

A conta vendida pela equipe econômica como uma medida para reverter o pessimismo leva em consideração um corte de R$ 2,3 bilhões no Bolsa Família.

O Executivo espera poupar R$ 18 bilhões com a revisão de benefícios da Previdência e da assistência social em 2025, entre eles o programa de transferência de renda.

Os detalhes da revisão de gastos foram detalhados nesta semana pelos ministérios do Planejamento e Orçamento e Fazenda.

Na ocasião, o secretário de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas do Ministério do Planejamento, Sérgio Firpo, explicou que o corte para 2025 tem como premissa a "manutenção do Orçamento de 2023", que foi de R$ 166,3 bilhões. O que significa uma redução em relação aos R$ 168,6 bilhões programados para este ano.

Ainda não há um detalhamento de quais medidas serão adotadas pelo MDS (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome) para alcançar os novos valores, mas o governo acredita ser possível dar continuidade à revisão cadastral do Bolsa Família —que contribuiu, no ano passado, para uma economia de R$ 9,4 bilhões após a revisão de pagamentos a famílias que não se encaixavam nos critérios do programa.

No caso do programa Bolsa Família, há uma cobrança ao MDS para redobrar os esforços de revisão das chamadas famílias unipessoais —formadas por apenas uma pessoa.

A equipe do ministro Wellington Dias cortou quase dois milhões de beneficiários unipessoais de janeiro do ano passado até maio deste ano. Técnicos envolvidos na discussão de revisão de gastos, entretanto, avaliam que ainda pode haver gordura a ser eliminada nos benefícios aos unipessoais.

O problema surgiu com o programa Auxílio Brasil do governo Bolsonaro, que pagava um valor mínimo independentemente do número de pessoas na família e estimulou a divisão artificial de famílias e converteu o cadastro em um registro individual, sem o mapeamento preciso das vulnerabilidades das famílias nem o diagnóstico correto de sua situação socioeconômica.

No final de 2022, o número de famílias unipessoais explodiu e chegou a 5,4 milhões, o triplo do 1,8 milhão observado em 2020. Após um esforço de regularização, as famílias unipessoais caíram a 3,4 milhões em 2024, mas o número ainda é elevado.

Ao longo das discussões de revisão de gastos, Wellington Dias tem apresentado resistências ao corte de benefícios. Na véspera do anúncio dos detalhes do programa, ele chegou a dizer que a economia com o pente-fino em programas sociais era incerta. Nenhum integrante da sua equipe foi convidado para participar da entrevista de apresentação do "Revisar para Priorizar" no Ministério do Planejamento.



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) Adriano Machado - 22.ago.24/Reuters

Aprovação de alta em JCP e CSLL é improvável, diz Lira

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), disse a uma plateia de investidores neste sábado (31) que é muito difícil o Congresso Nacional aprovar o aumento de tributos a empresas. "Não acho que esse debate de enviar um projeto com urgência constitucional, sem discussão prévia, possa ter liga no Congresso Nacional. Portanto, discussão de JCP e CSLL para aumento de arrecadação, para cumprir a meta, é improvável que seja aprovada, é quase impossível que seja aprovada", disse no evento Expert XP, em São Paulo.

O projeto foi enviado ao Congresso em regime de urgência constitucional para acelerar a tramitação. O governo quer arrecadação adicional de R$ 32,56 bi entre 2025 e 2027 com a medida. As receitas ajudarão a fechar as contas do Orçamento de 2025 dentro da meta fiscal.

mercado

Carne na cesta básica envolveu benefício 'oculto' e debate sobre 'boi bípede'

Sabatina de auditor da Receita e discussão sobre desoneração da picanha marcaram negociações da reforma tributária

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Benefícios fiscais "ocultos" e impostos pouco transparentes estão por trás da guerra de números travada durante as discussões sobre a inclusão das carnes na cesta básica da reforma tributária.

Embora a questão tenha sido resolvida na Câmara, o Senado pode ressuscitar uma discussão que assombra a cadeia de produção e venda de proteína animal.

Duas perguntas estiveram no ar entre a apresentação da proposta do governo para a lista da cesta básica, no final de abril, e sua votação pelos deputados, em julho: qual a tributação atual das carnes bovinas e qual o impacto da sua desoneração sobre a carga dos demais bens e serviços?

Num primeiro momento, o governo pensou em desonerar só os cortes mais consumidos pela população de menor renda. A classificação padrão é a separação do boi entre quartos dianteiros e quartos traseiros. Em geral, carnes nobres estão na parte de trás.

Uma brincadeira, com base em fatos reais, diz que, em alguns estados que tentaram fazer a separação, auditores fiscais constataram que os bois se tornaram bípedes. Só havia quartos dianteiros chegando aos açougues.

O governo propôs então reduzir a alíquota dessas proteínas em 60%, o que resultaria em uma tributação estimada em 10% (8,5% para quem recebesse cashback).

Na apresentação do projeto, o secretário Bernard Appy afirmou que a picanha estava desonerada, mesmo sem a isenção, estimando uma tributação atual acima de 12%. Os números foram contestados pelo setor, com o argumento de que as carnes estão na cesta, com isenção de PIS e Cofins.

Já o governo apontava que o preço da carne tem resíduo tributário das despesas das empresas.

A maioria dos estados tem alíquota nominal de ICMS para carnes de 7% nas vendas internas e 12% nas operações interestaduais. Os números não incluem benefícios fiscais.

Impacto das mudanças da Câmara na alíquota geral

Aumento na alíquota, em pontos percentuais

Mudança	Aumento
Carnes na cesta básica	0,56
Redesenho do regime de imóveis	0,27
Queijos na cesta básica	0,13
Recuperação de crédito para imunidades*	0,13
Mais medicamentos na alíquota reduzida	0,12
Carvão mineral no Imposto Seletivo e redução da alíquota sobre minerais de 1% para 0,25%	0,1
Alíquotas favorecidas de sal, farinhas, aveia, óleos de milho e babaçu, plantas e flores etc.	0,1
Demais favorecimentos**	0,08
Cashback de 100% da CBS para energia, água e esgoto	0,04
Inclusão de bets e carros elétricos no Imposto Seletivo	-0,06

1,47 é o total

*Radiodifusão/imagens, livros, jornais e periódicos **Crédito para planos de saúde, dedução de repasses das cooperativas de planos de saúde, planos de saúde sob autogestão e previdência fechada não contribuintes etc. Fonte: Ministério da Fazenda

28% é a alíquota média estimada pelo Ministério da Fazenda com as mudanças aprovadas pela Câmara dos Deputados na regulamentação da reforma tributária

26,5% era a alíquota média quando o ministro Fernando Haddad (Fazenda) entregou ao Congresso Nacional a primeira proposta de regulamentação da reforma tributária

No momento mais tenso das discussões, as empresas decidiram colocar na mesa a existência desses incentivos, que vão acabar em 2033.

A tensão nos debates sobre os números fez com que, no dia da votação, um auditor da Receita Federal fosse convocado a comparecer na residência do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), para uma "sabatina" sobre o cálculo da tributação das carnes, na presença do ministro Fernando Haddad (Fazenda) e de técnicos do governo.

A Receita estimou um impacto de 0,53 ponto percentual na alíquota sobre os demais produtos para bancar a desoneração das carnes. A metodologia do Banco Mundial mostra impacto de 0,56.

A avaliação é que o técnico se saiu bem. Ainda assim, os deputados decidiram desonerar as carnes, com o apoio do presidente Lula, em uma derrota para Lira e Haddad.

Guarulhos alerta sobre atraso de cargas, e setor vê gargalo crônico

Anac e Receita acompanham caso; concessionária diz que mercadorias tiveram alta

Joana Cunha

SÃO PAULO Maior complexo logístico aeroportuário do Brasil, o terminal de cargas do aeroporto internacional de Guarulhos vem sofrendo acúmulo de mercadorias no armazém de importação, gargalo que já tem sido tratado no setor como um problema crônico.

No fim de agosto, a concessionária GRU Airport enviou um comunicado aos transportadores e importadores avisando que o recebimento de importações teve um salto no mês e que, por isso, "o tempo de recebimento e de entrega pode sofrer atrasos".

Episódios semelhantes se repetem desde o ano passado, e o caso tem sido acompanhado por órgãos como a Receita Federal e a Anac (Agência Nacional de Aviação Civil).

Segundo a Receita, em uma reunião realizada com o Ministério Público em agosto, a concessionária se comprometeu a apresentar e implementar medidas concretas nos próximos dias para normalizar a situação até uma solução definitiva, que passará obrigatoriamente pelo aumento de funcionários e áreas para o tratamento das cargas movimentadas no aeroporto.

Se o problema não for resolvido, pode haver multas e medidas de controle de capacidade.

"A Receita Federal tem buscado a convergência entre todos os envolvidos na questão para que uma solução duradoura e definitiva seja alcançada", afirma o órgão. "Cabe ressaltar que caso os esforços envidados para as correções necessárias não logrem o devido e esperado êxito, a Receita Federal não se furtará em tomar medidas mais duras previstas na legislação, que vão de punições pecuniárias a sanções em relação a capacidade de volumes a serem tratados no aeroporto."

Procurada pela **Folha**, a GRU Airport nega a dificuldade, diz que a operação está funcionando normalmente, sem apresentar gargalos operacionais.

"A concessionária informa que registra em agosto de 2024 um volume maior de cargas do que o habitual para o mês. Este aumento súbito, motivado pelos desafios na cadeia logística global e pelo aumento de voos, levou a um reforço da operação no terminal de cargas", diz a empresa em nota.

De acordo com o comunicado enviado pela concessionária a clientes no dia 22 de agosto, a média diária de recebimento no mês já estava 8% superior a julho e 28% superior ao mesmo mês do ano passado.

O balanço mais recente divulgado pela empresa, com os dados de junho, indica 42,3 mil toneladas de cargas internacionais movimentadas em seus terminais logísticos no mês, sendo 23,7 mil toneladas de itens importados e 18,6 mil toneladas provenientes de exportações.

Procurada pela reportagem, a Anac afirma, em nota, que monitora a situação "para garantir que o funcionamento do setor seja mantido e que o aumento no volume de cargas importadas recebidas não prejudique os consumidores".

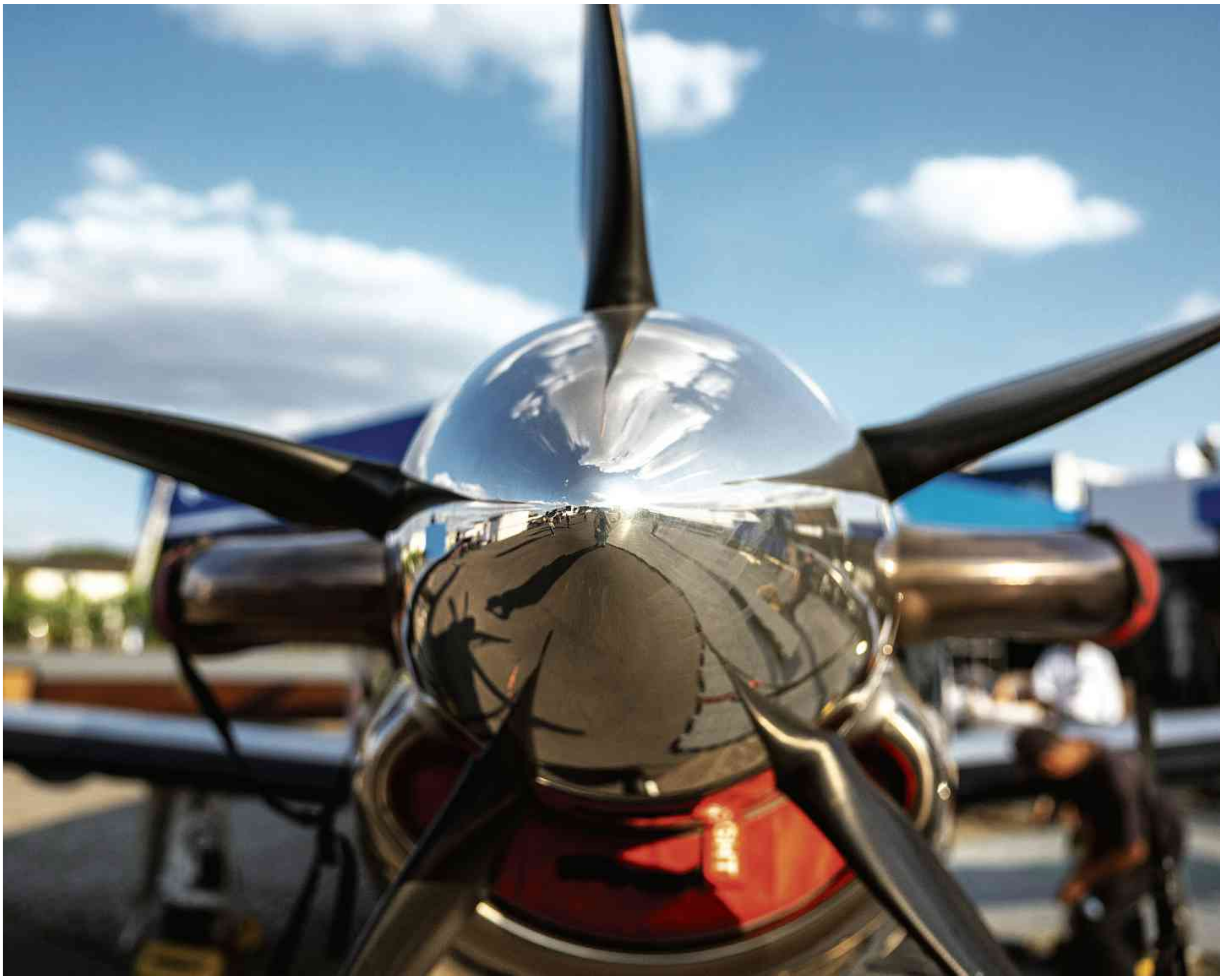
> **Eles têm que liberar a carga em 24 horas. Se virar a noite, eles levam para o armazém, aí muda a tabela e incide a cobrança da armazenagem. Para eles, vale a pena, porque eles vão receber mais**
>
> **Felipe Vieira**
> FV Advogados, que representa a Abclia

Em maio, a agência disse que estava acompanhando "com preocupação os reiterados episódios de problemas na prestação de serviços pelo terminal". Desta vez, o órgão afirma que ainda não recebeu reclamações de dificuldades ou atrasos significativos por parte dos agentes logísticos. Pontua também que o comunicado enviado pela concessionária aos clientes em agosto sinaliza uma busca de alternativas para reduzir o volume de cargas recebidas.

Por ora, uma solução proposta é ajudar a dar fluxo por meio das entregas aos finais de semana. O aeroporto afirma que sua operação é ininterrupta.

A ideia de entregar aos sábados e domingos não resolve o gargalo, que já se tornou crônico, na opinião de Felipe Vieira, da FV Advogados, escritório que representa a Abclia (Associação Brasileira dos Centros Logísticos e Industriais Aduaneiros).

"Eles têm que liberar a carga em 24 horas. Se virar a noite, eles levam para o armazém, aí muda a tabela e incide a cobrança da armazenagem. Para eles, vale a pena, porque eles vão receber mais. A demora na entrega da carga os beneficia", afirma Vieira.



Jatinho durante montagem da Labace, feira anual do setor, no aeroporto de Congonhas, em São Paulo Danilo Verpa - 5.ago.24/Folhapress

Procura por jatinhos usados cresce enquanto fila por novos dura anos

Preço de alguns modelos seminovos chega a ser maior do que o de recém-fabricados, como aconteceu no mercado de carros durante a pandemia, diz diretor de empresa

Paulo Ricardo Martins

SÃO PAULO Empresas do segmento de jatos executivos afirmam notar aumento na procura por aeronaves seminovas. Enquanto a espera para receber um jatinho novo chega a durar anos, os usados continuam a ganhar força e, por vezes, custam mais caro do que um recém-fabricado.

Na Líder Aviação, empresa que atua com compra, venda e fretamento de aeronaves, a expectativa é fechar o ano com 20 aviões usados (jatos e turboélices) entregues —66% a mais que em 2023. Nos primeiro semestre, foram dez aviões usados entregues —três a mais do que no mesmo período do ano passado.

Segundo Anderson Markiewicz, diretor de vendas, a fila para uma aeronave nova está variando de um ano e meio a três anos, ainda sob efeitos da pandemia.

Com o fluxo interrompido na aviação comercial na época, executivos passaram a procurar mais por jatos, diz o setor. Fabricantes, por sua vez, enfrentam problemas com disponibilidade de peças e mão de obra.

Segundo a Líder Aviação, o tempo de entrega varia de 1 a 2 meses para jatos usados que estão no Brasil. Para os que estão fora, de 2 a 6 meses. O período mais curto para receber a aeronave torna o segmento de usados mais atrativo, diz Markiewicz.

"É um fenômeno muito similar ao que aconteceu com o mercado automotivo. Na pandemia, a gente observou claramente: os carros seminovos nunca foram tão caros, tão valorizados", afirma.

A Synerjet, distribuidora de aeronaves da fabricante suíça Pilatus no Brasil, decidiu entrar no segmento de seminovos durante a pandemia. Um cliente que hoje busca uma aeronave nova por meio da empresa tem de esperar cerca de dois anos, segundo Fabio Rebello, diretor-executivo.

Ele afirma que, com a baixa oferta, alguns usados estão custando mais caro do que aeronaves novas. É o caso do jato Pilatus PC-24, cujo preço do seminovo com cerca de cinco anos de uso varia de US$ 13 milhões a US$ 15 milhões (R$ 73 milhões a R$ 84 milhões). Um PC-24 novo é avaliado em US$ 14 milhões (R$ 78 milhões), diz o executivo.

Ele explica que, atualmente, clientes estão comprando jatos seminovos e, depois, quando há disponibilidade de aeronaves novas, dão os usados como parte do pagamento. Segundo Rebello, a tendência é que os preços dos seminovos se estabilizem.

Luiz Sandler, fundador da Jet Match, afirma que também observou aumento do preço de seminovos por causa da fila de espera para adquirir aeronaves novas.

Porém, essas são situações específicas que não duram muito, segundo Sandler.

"Isso tem mais a ver com os modelos do que com as empresas que os vendem. Já houve momentos, inclusive recentes, que os usados valorizaram, e aqueles com pouquíssimo uso superaram o valor dos novos. Mas esses momentos duram relativamente pouco e, no meu entender, já passamos dessa fase", completa.

Dono de um jato Gulfstream G450 usado, Flávio Augusto da Silva, fundador do curso de inglês Wise Up, diz que, por questões tributárias, aeronaves totalmente novas são menos vantajosas no Brasil na comparação com países como os EUA.

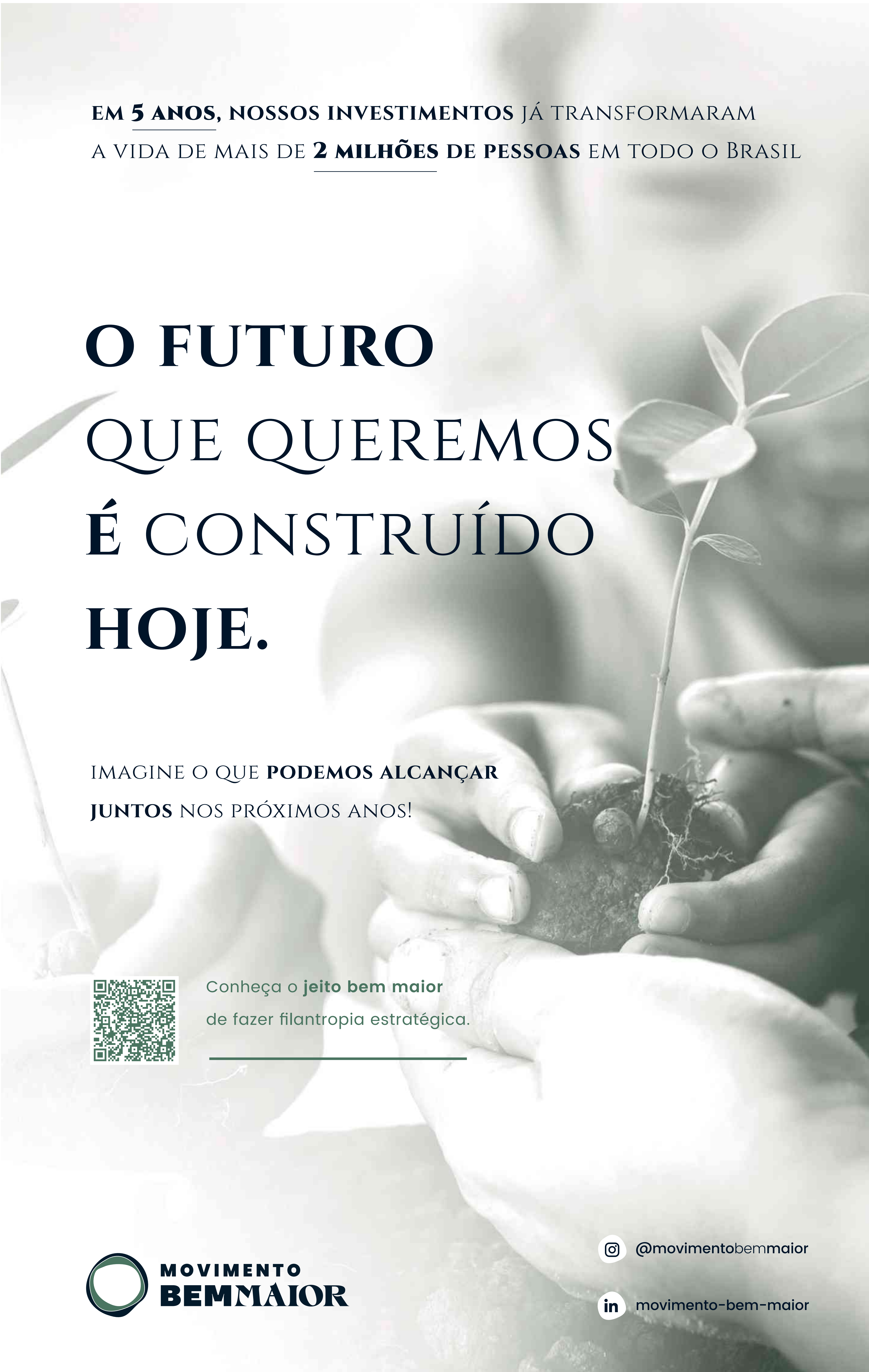
"O mercado latino-americano é predominantemente secundário. Nos EUA, você aplica depreciação acelerada e deduz isso nos impostos sobre o lucro da sua empresa. Então, grande parte daquilo que você está comprando é custeado pelo incentivo fiscal nos EUA", afirma.

Ele comprou o jato há cerca de dois meses e conta que fretava aviões anteriormente. O empresário afirma ter gasto na aquisição do avião, que tem cerca de 200 horas de voo, aproximadamente US$ 15 milhões, US$ 20 mi a menos do que o modelo novo.

Pedro Ferreira, chefe de aviação da Timbro, diz que a aquisição de uma aeronave seminova hoje está demora em torno de 45 dias. Para uma nova, chega a dois anos, diz. Segundo a Abag (associação que representa o setor), o tempo era de nove meses antes da pandemia.

Até R$ 84 mi

é o preço de um jato Pilatus PC-24 com cerca de cinco anos de uso. Um novo é avaliado em R$ 78 mi, segundo Fabio Rebello, diretor-executivo da Synerjet


EM 5 ANOS, NOSSOS INVESTIMENTOS JÁ TRANSFORMARAM
A VIDA DE MAIS DE 2 MILHÕES DE PESSOAS EM TODO O BRASIL
O FUTURO
QUE QUEREMOS
É CONSTRUÍDO
HOJE.
IMAGINE O QUE PODEMOS ALCANÇAR
JUNTOS NOS PRÓXIMOS ANOS!
Conheça o jeito bem maior
de fazer filantropia estratégica.
MOVIMENTO
BEMMAIOR
@movimentobemmaior
movimento-bem-maior

mercado

Guerra contra Musk e a plutocracia tecno

Reação a abusos e força política de redes e 'big techs' tem prisão e bloqueios

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA).

Pavel Durov, dono do Telegram, passou três dias em uma cadeia da França, em agosto. Está sob vigilância estrita. É acusado, entre tantas outras coisas, de obstruir a Justiça e de administrar plataforma online para facilitar transações de quadrilhas envolvidas em crimes digitais, pornografia infantil, tráfico etc.

Em março de 2022, o Supremo Tribunal Federal mandou bloquear o Telegram. A ordem durou de uma quinta-feira a um domingo. Cairia antes do vencimento do prazo da suspensão efetiva do Telegram, que acabou por acatar ordens judiciais (o que não fizera até então, dizia, por ter perdido emails do STF).

Na sexta (30), o ministro Alexandre de Moraes, do STF, mandou derrubar o X, o Twitter, de Elon Musk. As empresas encarregadas de fechar o acesso ao X tinham prazo de cinco dias para executar a ordem. Por quanto tempo o X vai sair do ar, se algum? Haverá armistício, recuo tático de Musk, acordão?

Um "X" dessa questão é saber até onde vai mais essa batalha da guerra difusa entre autoridades públicas, do Brasil e do mundo, contra "big techs" e redes sociais em particular. O resultado da escaramuça, da batalha ou da guerra deve influenciar a atuação de empresas, Congresso, Justiça, partidos. Envolvidos e interessados no conflito vão refletir a respeito de que armas e defesas vão utilizar daqui em diante —como ocorre depois de qualquer guerra.

O conflito entre "techs" e governos já foi além da disputa acerca de regulação econômica, de responsabilidades legais online e de liberdade de expressão. É política explícita: contra e a favor do programa de plutocratas e empresas globais. É conflito político-partidário em cada país. É embate geopolítico: se continuar chinês, o TikTok será banido dos EUA em janeiro de 2025. Em suma, uma questão importante é saber se medidas recentes e mais drásticas contra empresas e donos de redes e similares seriam sinal de acirramento do conflito.

Conflito entre 'techs', redes e governos vai além de regulação econômica e liberdade de expressão. É política explícita: contra e a favor de plutocratas, luta partidária e embate geopolítico

De modo mais descarado a partir de abril, Musk misturou seus interesses de plutocrata global aos da extrema direita brasileira. Nessa refrega, o homem "X" enfatizou seu desprezo pela Justiça brasileira. Também por causa da ofensiva Musk, o projeto da lei das "fake news" foi para o vinagre no Brasil. A decisão de Moraes aumentará a oposição ao Supremo, a politização da Justiça e a partidarização da lei do digital.

Mesmo no caso de recuo do X, Musk e a direita se farão de vítimas, de defensores de liberdades e dos usuários de redes e plataformas digitais. Ainda mais em um país pobre como o Brasil, redes e similares são fontes escassas de informação e diversão. A ultradireita pode atiçar o medo do povo de perder aplicativos de mensagens, meio de negócios e sobrevivência.

Musk vai encarar uma suspensão longa ou proibição total (como em vários países dos despotismos asiáticos)? O STF vai abrir uma fresta para acordo? A guerra das redes no Brasil, mercado enorme, embora pobre, será um caso de estudo desse conflito midiático-político-empresarial.

No livro de fotos que vai lançar em breve, Donald Trump ameaça Mark Zuckerberg de prisão perpétua caso o Facebook "interfira" na eleição deste ano. A ameaça será inócua caso Trump não vença Kamala Harris, aliás odiada por Musk. Mas trata-se de outra sugestão de que os casos TikTok, Durov, Musk não devem ser anedóticos.

vinicius.torres@grupofolha.com.br



Café robusta em Rondônia; na sexta-feira (30), saca foi negociada a R$ 1.484, e a do arábica, a R$ 1.448 Divulgação

Estoques apertados e safras ruins fazem preço do café robusta superar o do arábica

Encarecimento da variedade de grão, utilizada na formação do blend da bebida, elevará a pressão no bolso dos consumidores

AGROFOLHA

Mauro Zafalon

SÃO PAULO Em um cenário pouco usual, o preço do café robusta ultrapassa o do arábica, tradicionalmente o produto mais caro entre as duas bebidas. Na sexta (30), a saca de café robusta foi negociada a R$ 1.484, R$ 36 acima do valor do arábica, comercializado a R$ 1.448, conforme pesquisa do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada).

"O grande problema do momento é a oferta. Os estoques já estão apertados, em especial os do robusta, a safra brasileira não foi boa, e as perspectivas para o Vietnã são péssimas", afirmou Renato Ribeiro, pesquisador de mercado do setor de café do Cepea.

Com uma produção prevista em 30 milhões de sacas de café robusta, os vietnamitas, devido ao calor, poderão ter uma safra reduzida em 10%, para 27 milhões, segundo o pesquisador.

Algumas estimativas de mercado, ainda mais pessimistas, estimam uma retração de até 20%, o que elevariam as perdas para 6 milhões de sacas no país asiático.

Isso ocorre em um momento de cenário de oferta justa, o que ajudou o preço do robusta a superar o do arábica, afirma Ribeiro.

O momento atual é semelhante ao de 2016 e 2017, quando o preço do café canéfora (conilon e robusta) também superou o do arábica. "Para piorar, a oferta de arábica também não é abundante. O volume produzido foi limitado, devido ao forte calor que atrapalhou várias culturas no país, inclusive a do café", afirma o pesquisador.

Para Guilherme Morya, analista do Rabobank, o café já vem com pressão nos preços desde o ano passado. Quebra de safra no Vietnã, elevação de custos de frete, devido a questões geopolíticas, e clima afetaram várias áreas de produção.

A florada dos cafezais do Vietnã começaram a apresentar problemas ainda no primeiro semestre, devido ao clima quente, e isso deverá refletir na colheita a partir de novembro.

Uma nova quebra de produção complicaria ainda mais os estoques mundiais, segundo Morya. O ciclo 2024/25 apresentará o quarto déficit desse tipo de café entre oferta e demanda.

Para o analista, os preços atuais ainda não estão computando possíveis efeitos do clima seco das próximas semanas na florada dos cafezais brasileiros.

A saca de café conilon, negociada no patamar apurado pelo Cepea na sexta, supera em 130% os valores de há um ano. A média de cinco anos dos preços do café robusta é de 90 centavos de dólar por libra-peso. Atualmente está em 180 centavos. O preço do robusta dá sustentação ao do arábica.

Nesse patamar, os preços deste ano beneficiam o produtor, que recebe valores altos e tem custos menores. Segundo o analista do Rabobank, a relação de troca é de 1,79 saca de café de 60 quilos por tonelada de fertilizante (mistura 20-05-20). No ano passado, eram necessárias 2,9 sacas.

Bom para os produtores, mas os consumidores vão pagar mais pelo produto nas prateleiras dos supermercados, afirma o pesquisador do Cepea.

Com o calor nesse período de florada, não se sabe como a planta vai reagir, e o quadro preocupa porque o setor vem de uma safra estranha e caminha para uma menor, diz Ribeiro. "Não haverá alívio a curto prazo."

O conilon, que era o produto mais barato na formação do blend da bebida, agora passa a custar mais do que o arábica, o que elevará pressão no bolso do consumidor.

Oferta menor e eventuais problemas com as importações no próximo ano, com a entrada em vigor da lei antidesmatamento da União Europeia, fizeram as empresas da Europa elevarem as compras, aquecendo ainda mais os preços.

Segundo a European Coffee Federation, as empresas europeias iniciaram o ano com estoques de 6,9 milhões de sacas, mas já estão com 8,4 milhões.

Com a participação maior das empresas europeias no Brasil, o país acumula exportações de 28,1 milhões de sacas de café arábica e robusta, 46% a mais do que em igual período do passado. As exportações de conilon aumentaram 314%, somando 5,2 milhões de sacas nos sete primeiros meses deste ano.



YARSHELL
ADVOGADOS

Ao longo de nossa história construímos uma reputação sólida e respeitada no mercado jurídico nacional, graças ao nosso compromisso em oferecer um serviço de excelência, personalizado para cada cliente.

A complexidade dessa tarefa muitas vezes é atenuada quando nos deparamos com clientes com quem compartilhamos visões, valores e pelos quais torcemos.

A **Folha de S.Paulo**, com sua longa tradição de jornalismo de qualidade e espírito inovador, é um desses clientes. Sua capacidade de incorporar novas tecnologias ao conteúdo que entrega, sem perder a essência e a credibilidade, é um testemunho de sua liderança no setor, atestada pelos seus milhares de exigentes leitores.

Yarshell Advogados e **Folha de S.Paulo** compartilham de uma mesma filosofia: a dedicação à excelência em nossas respectivas áreas. Essa sinergia fortalece, respectivamente, nossos papéis na vanguarda do mercado jurídico e do jornalismo, garantindo que continuemos a entregar o melhor para nossos clientes e leitores.

Assim é que, com grande orgulho, fazemos parte, ainda que muito singelamente, dessa trajetória de sucesso, tendo a **Folha de S.Paulo** como um parceiro querido e estratégico.

Parabéns à **Folha de S.Paulo** por essa edição histórica! Que venham as próximas!

yarshell.com.br
Rua Alves Guimarães, 1120 - 5º andar
Pinheiros - São Paulo - SP
+55 11 3288-4322

70 anos do suicídio de Getúlio Vargas

Última tentativa de reviver getulismo terminou na maior crise de nossa história

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

No sábado, 24 de agosto passado, completaram-se 70 anos do suicídio de Getúlio Vargas.

Getúlio Vargas representou uma profunda mudança de governança do capitalismo brasileiro na direção de o Estado ser o grande intermediador da poupança nacional e, portanto, das decisões de investimento.

Na República Velha, criamos mecanismos de mercado de capitais para alocar a poupança doméstica e a poupança externa. Com eles, financiamos boa parcela das ferrovias e dos serviços de utilidade pública nas cidades brasileiras.

Havia uma legislação de falência que dava muita segurança para o credor. O mercado de dívida era seguro. Adicionalmente, após os excessos do Encilhamento, no início da República, foi aprovada legislação que obrigava as empresas abertas a serem muito transparentes. O nível de segurança do minoritário era maior que o do Novo Mercado da Bovespa hoje.

Esta institucionalidade permitiu o financiamento de muita infraestrutura via mercado de capitais.

Duas Grandes Guerras e uma Grande Depressão entre elas mudaram esse arranjo. Em parte devido a uma redução dos fluxos de capital, em parte por ideologia, nós escolhemos alterar a regulação de nosso capitalismo.

A nova lei de falência varguista dava muito poder ao devedor, e as alterações na legislação das empresas abertas deixaram de proteger o interesse dos minoritários. Nesse tipo de capitalismo, fazem mais sentido empresas familiares: a família discute direto com o chefe do Executivo nacional.

Adicionalmente, o período getulista e o interregno democrático foram de baixíssimo investimento em educação. Aceitamos enfrentar uma transição demográfica fortíssima investindo em ensino fundamental 1% do PIB.

Esse modelo entrou em crise com o esgotamento das contas públicas nos anos 1980. Após longa luta contra a inflação, o governo FHC fez esforços para a liberalização dos mercados. Note que, do ponto de vista do gasto social, o governo FHC tem herança equivalente ao do período petista. A diferença é que o PT sonha com o getulismo. Sonha com o Estado intermediando a alocação da poupança nacional.

> **Do ponto de vista do gasto social, o governo FHC tem herança equivalente ao do período petista. A diferença é que o PT sonha com o getulismo. Sonha com o Estado intermediando a alocação da poupança nacional**

Lula se incomoda muito com a nova Eletrobras. Há uma limitação no poder de voto do acionista majoritário: ninguém, independentemente da quantidade de ações que tem, pode ter mais do que 10% de peso na assembleia de acionistas. Limites como esse eram corriqueiros no Brasil nas primeiras décadas do século 20 e explicam em boa medida o bom funcionamento do mercado de capitais no período.

Coluna de Malu Gaspar publicada no jornal O Globo de quinta (28) documenta os esforços que o governo Lula tem feito para que os fundos de previdência de estatais possam investir diretamente em obras de infraestrutura. A experiência passada é muito ruim, com enormes prejuízos aos aposentados.

Sobre a Vale, o presidente comentou: "Uma tal de corporate que, sabe, não tem dono. Um monte de gente com 2%, com 3%. (...) A Vale tinha uma diretoria, eu sabia quem era o presidente da Vale".

Lula tem muitas saudades dos tempos de Getúlio Vargas. A última vez que tentamos reviver esse período terminou na maior crise de nossa história.

DOM. Samuel Pessôa **SEG.** Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos **TER.** Michael França, Cecilia Machado **QUA.** Bernardo Guimarães, Lorena Hakak **QUI.** Cida Bento, Solange Srour **SEX.** Bráulio Borges **SÁB.** Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Suplemento esportivo vai além dos marombeiros, chega a idosos e fatura mais de R$ 4 bi

Volume de vendas dobra em três anos, e previsão é que continue crescendo; produtos expandem presença para farmácias e mercados

Daniele Madureira



A consultora Deyse Macedo, 61, que passou a tomar creatina depois de tirar um câncer de mama Zanone Fraissat/Folhapress

SÃO PAULO Margarida Rosa de Barros Godinho, a Margot, 68, toma creatina regularmente. Quem recomendou foi seu filho Leonardo, nutricionista e personal trainer. "Sinto mais energia, mais força muscular, tenho mais ânimo para o trabalho", diz ela, que também toma whey protein, magnésio e vitamina D3.

Margot faz parte de um grupo que vem puxando o consumo de produtos de nutrição esportiva no Brasil, que envolve creatina, aminoácidos e itens proteicos (barras, bebidas prontas e whey protein): o dos 60+, que veem nesse tipo de produto alternativa para melhorar o sistema imunológico, aumentar a resistência e a recuperação muscular.

Segundo a consultoria Euromonitor International, o consumo de nutrição esportiva atingiu os R$ 4,4 bilhões no Brasil em 2023, o dobro de 2020. A previsão é que em 2028 o consumo destes produtos chegue a R$ 9,6 bilhões.

Já suplementos alimentares e vitaminas, como minerais, óleo ômega 3, entre outros, são um mercado ainda maior, de R$ 12,6 bilhões, com chance de chegar a mais de R$ 20 bi em quatro anos.

"Os idosos vêm se tornando um público-alvo do mercado de nutrição esportiva, que já não é exclusiva para atletas e frequentadores assíduos de academias", diz Mariana Teixeira, consultora da Euromonitor. A busca pelo envelhecimento saudável é elemento importante por trás do movimento, diz ela, lembrando estimativas que apontam o aumento de mais de sete vezes da população com mais de 65+ até 2050, em comparação com 1950.

A ênfase na proteína dentro das formulações é um chamariz para este público, diz Mariana. Diogo Campos concorda. "O que as pessoas mais querem garantir no processo de envelhecimento é a mobilidade", diz ele, presidente da Sanavita, fabricante de suplementos alimentares. "Para isso a proteína é fundamental".

Com sede em Piracicaba (SP) e pertencente à Farmais, do fundo de investimentos Vinci Partners, a Sanavita teve alta de 50% nas vendas em 2023, para R$ 100 mi, puxada pela nutrição esportiva.

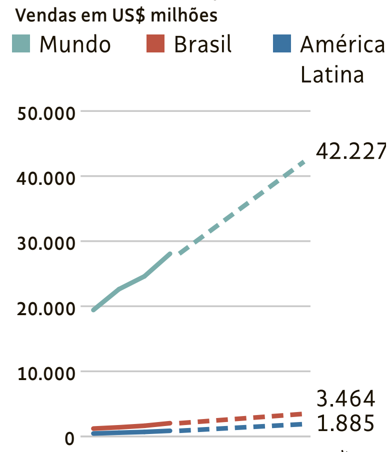
Já a rival Supley, de Matão (SP), chegou recentemente a grandes redes de farmácias e aos supermercados, indo além das lojas especializadas. A empresa é dona de marcas como Max Titanium, Probiotica e Dr. Peanut.

A empresa está disposta a expandir sua comunicação para atingir o público 60+, que faz uso também da creatina, outro carro-chefe da Supley, que deve faturar R$ 1,1 bilhão este ano, 14% a mais que em 2023.

Nutrição esportiva

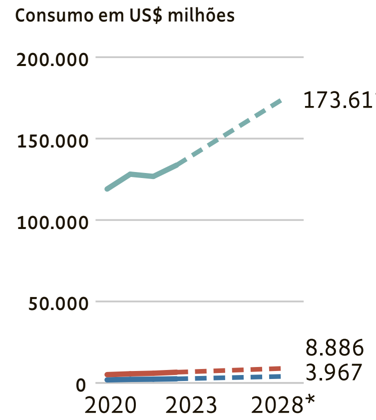
Consumo avança

Vendas em US$ milhões



Vendas em alta de suplementos e vitaminas

Consumo em US$ milhões



* Previsão

Fonte: Euromonitor

Cesar Borchert, 71, aposentado, começou a fazer academia no início do ano. Mas às vezes se sentia cansado após o treino. Conversando com amigos e família, ouviu que a creatina dá um "up" na energia e decidiu experimentar. "Comecei a tomar regularmente há cerca de dois meses e estou me sentindo muito bem. Minha namorada e minha filha, muito interessadas no assunto nutrição, também recomendaram", diz ele.

Já a consultora Deyse Macedo, 61, começou a tomar creatina diariamente por outro motivo. Ela retirou um câncer de mama no final de 2023. No começo deste ano, passou por sessões de radioterapia. Sua imunidade foi afetada e ela contraiu herpes-zóster.

"Estava me sentindo muito desanimada, minha tireoide parou de funcionar e eu engordei. Como não gosto de academia, decidi contratar uma personal trainer e treinar duas vezes por semana no meu condomínio". Segundo ela, foi a personal quem sugeriu o consumo de creatina.

"Meu endocrinologista aprovou e estou tomando três gramas por dia, todos os dias. Sinto que tenho mais ânimo agora", diz.

O preço, porém, pode ser barreira à popularização desses suplementos. Um pote de 900 gramas de whey custa mais de R$ 80.

INÊS 249

MASSA FALIDA CERVEJARIA MALTA

Planta industrial em pleno funcionamento

A 1ª Vara Cível de Assis, cidade localizada a 430 quilômetros de São Paulo, determinou a venda em leilão da Cervejaria Malta Ltda., fundada em 1956, ainda sob a denominação de Schincariol herdada de descendente de italianos quando Caetano Schincariol resolveu iniciar seu próprio negócio de bebidas.

O local foi escolhido pela presença de uma mina de água com características minerais ideais para a produção dos refrigerantes. Foi só em 1996, que a denominação social mudou para "Cervejaria Malta Ltda" e, com a ajuda dos seus filhos, Caetano Schincariol, inaugurou uma das primeiras cervejarias do interior de São Paulo. Com o avanço tecnológico e o controle rigoroso de qualidade, tanto os refrigerantes quanto as cervejas, passaram a conquistar cada vez mais os consumidores e, dessa forma, a marca passou a ocupar um lugar de destaque entre as cinco maiores indústrias do Interior Paulista.

Ainda em funcionamento, porém com débitos junto à Fazenda Nacional e Municipal, entre outros credores, o leilão acontecerá no dia 18/09/2024, às 14h00 horas (horário de Brasília), na modalidade *on line*, pelo site **www.leje.com.br**.
Será leiloado todo parque fabril, ou seja, toda operação da empresa que inclui as marcas registradas, bens móveis, carteira de clientes e fórmulas de composição de produtos resguardadas por segredo industrial.

As formas de pagamento podem ser à vista ou parcelada, com entrada a partir de 25% do valor do arremate e o saldo dividido em até 30 parcelas sem juros, apenas com correção monetária e com índice a ser escolhido pelo comprador.

Propostas podem ser enviadas para o e-mail: **proposta@leje.com.br** e maiores informações pelos telefones **(11) 3969-1200** | **(11) 95577-1200** ou pelo e-mail: **contato@leje.com.br**.



ID 6899 | Imagem aérea do Aviamento Empresarial da Massa Falida de Cervejaria Malta Ltda.









LEILÃO JUDICIAL ELETRÔNICO

Expanda seus investimentos com imóveis até 50% abaixo do valor de mercado. Acesse o portal leje.com.br e aproveite o melhor dos leilões.

Imóvel Residencial

Alphaville/SP

Imóvel de alto padrão com 3.229 m² de construção e terreno com área de 2.581 m². Composto por 4 pavimentos, salas, escritórios, cozinha, área de serviço, lavabo, 6 suítes, piscina, quadra de futebol society, salão de jogos, saunas, sanitários, vestiários e garagem para 8 veículos.



1º Leilão 16/09 - 14:00hs | 2º Leilão 16/09 - 15:00hs

Avaliação **R$ 40.000.000,00** | Lances a partir de **R$ 20.000.000,00**

Juiz: Exmo. Dr. Bruno Paes Straforini - 1ª Vara Cível de Barueri/SP

Galpão Comercial

Franca/SP

Imóvel comercial com 766 m² de construção e terreno com área de 3,63 hectares. Localizado a 3 min. do Aeroporto Estadual de Franca.



1º Leilão 16/09 - 14:00hs | 2º Leilão 16/09 - 15:00hs

Avaliação **R$ 19.913.620,18** | Lances a partir de **R$ 15.851.241,66**

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha - 3ª Vara Cível de Franca/SP

3 Edifícios Residenciais

Bairro Flamengo/RJ

Imóveis denominados Edifício Barth, Edifício Anchieta e Edifício Nóbrega. Localizados na Praia do Flamengo, à 10 minutos do Aeroporto Santos Dumont.



Leilão 19/09 - 10:00

Lances a partir de **R$ 75.000.000,00**

Juiz: Exmo. Dr. Igor Fonseca Rodrigues - Tribunal Reg. do Trabalho da 1ª Reg. do Rio de Janeiro/RJ

Imóvel Industrial

Jandira/SP

Prédio industrial com 16.000 m² de construção sobre terreno de 44.800 m². Localizado a 4 min. do Jandira Plaza Shopping e a 5 min. da Rod. Pres. Castello Branco.



1º Leilão 30/09 - 14:00hs | 2º Leilão 15/10 - 14:00hs

Avaliação **R$ 62.870.260,50** | Lances a partir de **R$ 31.435.130,25**

Juíza: Exma. Dra. Juliana Moraes Corregiari Bei - 2ª Vara Cível de Jandira/SP

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 198/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS (SEXO MASCULINO) PARA SERRANA (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 02/09/2024 às 14h do dia 06/09/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;

b) Possuir Certificado de Conclusão do **ENSINO FUNDAMENTAL**, expedido por escola oficial ou reconhecida, ou Declaração de Conclusão do curso fornecida pela escola.

Taxa: R$ 10,00 (dez reais)

Jornada de trabalho: 36h/semanais.

Salário: **R$ 1.914,39 (mil, novecentos e catorze reais e trinta e nove centavos)**

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 199/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

FISIOTERAPEUTA PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 02/09/2024 às 14h do dia 06/09/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;

b) Possuir Diploma de Graduação de **FISIOTERAPEUTA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;

c) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)

Jornada de trabalho: 30h/semanais.

Salário: **R$ 4.872,58**

(quatro mil, oitocentos e setenta e dois reais e cinquenta e oito centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 200/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO ENDOCRINOLOGISTA PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 02/09/2024 às 14h do dia 13/09/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;

b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;

c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **ENDOCRINOLOGIA** emitido por instituição credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) ou, ainda, Título de Especialista em **Endocrinologia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);

d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)

Jornada de trabalho: 12h/semanais.

Salário: **R$ 4.868,62**

(quatro mil, oitocentos e sessenta e oito reais e sessenta e dois centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*

(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 18/09/2024 até as 17h do dia 19/09/2024 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 201/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO UROLOGISTA PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 02/09/2024 às 14h do dia 13/09/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;

b) Possuir Diploma de Graduação de **MÉDICO**, expedido por escola oficial ou reconhecida;

c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **UROLOGIA** credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) ou Título de Especialista em **Urologia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);

d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada;

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)

Jornada de trabalho: 24h/semanais.

Salário: **R$ 9.737,22**

(nove mil, setecentos e trinta e sete reais e vinte e dois centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*

(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 18/09/2024 até as 17h do dia 19/09/2024 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 204/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO CLÍNICO GERAL PARA AMÉRICO BRASILIENSE (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 02/09/2024 às 14h do dia 13/09/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;

b) Possuir Diploma de Graduação de **MÉDICO**, expedido por escola oficial ou reconhecida;

c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **CLÍNICA MÉDICA** credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Clínica Médica** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);

d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada;

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)

Jornada de trabalho: 24h/semanais.

Salário: **R$ 9.862,22**

(nove mil, oitocentos e sessenta e dois reais e vinte e dois centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*

(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 19/09/2024 até as 17h do dia 20/09/2024 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREVISTA *ON LINE*

(somente para os candidatos classificados)

DATA: 26/09/2024 às 08h30

Os candidatos realizarão a **ENTREVISTA** por videoconferência por meio da plataforma utilizada para tal finalidade cujo link será enviado pela Unidade de Recursos Humanos e deverão acessá-la pelo menos **10 (dez) minutos** antes da hora marcada.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 205/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO GERIATRA PARA AMÉRICO BRASILIENSE (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 02/09/2024 às 14h do dia 13/09/2024

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;

b) Possuir Diploma de Graduação de **MÉDICO**, expedido por escola oficial ou reconhecida;

c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **GERIATRIA** credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Geriatria** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);

d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada;

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)

Jornada de trabalho: 24h/semanais.

Salário: **R$ 9.862,22**

(nove mil, oitocentos e sessenta e dois reais e vinte e dois centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*

(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 19/09/2024 até as 17h do dia 20/09/2024 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREVISTA *ON LINE*

(somente para os candidatos classificados)

DATA: 26/09/2024 às 14h

Os candidatos realizarão a **ENTREVISTA** por videoconferência por meio da plataforma utilizada para tal finalidade cujo link será enviado pela Unidade de Recursos Humanos e deverão acessá-la pelo menos **10 (dez) minutos** antes da hora marcada.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

mercado

TECNOLOGIA

Nova versão da Alexa usará IA da Anthropic, afirma agência

SAN FRANCISCO | REUTERS A versão reformulada da Alexa, da Amazon, será alimentada principalmente pelos modelos de inteligência artificial Claude, da Anthropic, em vez de sua própria IA, disseram cinco pessoas familiarizadas com o assunto à Reuters.

A Amazon prevê lançar o produto em outubro nos Estados Unidos e planeja cobrar de US$ 5 a US$ 10 (R$ 28 a R$ 56) por mês pela nova versão "Remarkable" da Alexa, pois usará uma poderosa IA generativa para responder a consultas complexas, enquanto ainda oferece o assistente de voz "Classic" gratuitamente.

As versões iniciais da nova Alexa usando software interno sofriam para encontrar palavras, às vezes levando seis ou sete segundos para reconhecer um comando e responder, disse uma das pessoas.

É por isso que a Amazon recorreu ao Claude, um chatbot de inteligência artificial desenvolvido pela startup Anthropic, pois ele teve um desempenho melhor do que os próprios modelos de IA do gigante do varejo online, informaram as pessoas.

A Alexa, acessada principalmente através de televisores da Amazon e dispositivos Echo, pode definir temporizadores, tocar música, atuar como um hub central para controles de casa inteligente e responder a perguntas pontuais.

A Amazon diz que vendeu 500 milhões de dispositivos habilitados para Alexa, mas não divulga quantos usuários ativos existem.

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA Lei 9.514/1997

1º Leilão 07/10/2024 às 14h00min | 2º Leilão 17/10/2024 às 14h00min

DANIEL BIZERRA DA COSTA, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 1175, com escritório na Rua José Debieux, 35, sala 158, Santana, São Paulo/SP, Faz Saber, pelo presente edital e devidamente autorizado pela **Credora Fiduciária CONSTRUTORA JOSÉ TURECKI – SOCIEDADE DE PROPÓSITO ESPECÍFICO III LTDA**, inscrita no CNPJ nº 12.584.335/0001-83, atualmente com sede na Rua Doutor Cesar, 1.161, conjunto 901, Santana, São Paulo/SP, nos termos da Escritura Compra e Venda, com Pacto Adjeto de Alienação Fiduciária em Garantia, lavrada em 28/06/2017, conforme R.03 e R.04, no qual figura como **Devedores Fiduciantes RODRIGO STEFANINI ARAÚJO** (RG nº 29.387.790-7/SSP/SP e CPF/MF nº 259.310.468-60), residente e domiciliado na Rua Engenheiro Alexandre Machado, nº 540, Vila Augusta, Guarulhos/SP, CEP 07040-040 e **LUCIANA LOPES** (RG nº 25.896.671-3/SSP/SP e CPF/MF nº 272.904.048-07), residente e domiciliada Rua Áustria, nº 145, Centro, Ribeirão Pires/SP, CEP 09402-080, que levará a **PÚBLICO LEILÃO**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 07 de outubro de 2024, às 14h00min,** em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.314.110,47 (um milhão, trezentos e quatorze mil, cento e dez reais e quarenta e sete centavos), o imóvel objeto da matrícula nº 152.038 do 2º Oficial de Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Guarulhos-SP**, com a propriedade consolidada, conforme **Av.9**, em nome da credora Fiduciária constituído por: **Apartamento nº 42, localizado no 4º pavimento tipo ou 4º andar do empreendimento denominado "QUARTIER ROSÁLIA", situado na Rua Dona Benedita, nº 271**, esquina com a Rua Recife, na Vila Rosália, perímetro urbano do Município e Comarca de Guarulhos-SP, possuindo a área privativa principal de 162,615m², a área privativa acessória referente as VAGAS DE GARAGEM nºs 164 localizada no 3º subsolo, e 12/13-duplas localizadas no 1º subsolo de 30,030m², e a área privativa acessória referente ao DEPÓSITO nº 45 localizado no 3º subsolo de 6,542m², com a área privativa total de 199,187m², a área de uso comum de 60,466m², com a área total de 259,653m², com um coeficiente de proporcionalidade de 1,72004%, e a fração ideal no terreno correspondente a 31,434m². Inscrição Cadastral nº 083.44.11.0001.01.014 (Conf. Av.07). Ônus: Consta sobre o imóvel demanda judicial sob o nº 1038596-43.2023.8.26.0224 promovida pelo credor Condomínio Quartier Rosália (CNPJ/MF nº 29.111.130/0001-83) contra dos devedores fiduciantes, para a cobrança dos débitos condominiais na monta de R$ 18.638,10 (atualizados até 12/08/2024 – conforme planilha anexa nas fls. 230 dos autos). **O imóvel está ocupado, a desocupação será por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97.** Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 17 de outubro de 2024, às 14h00min,** no mesmo horário, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.142.713,94 (um milhão, cento e quarenta e dois mil, setecentos e treze reais e noventa e quatro centavos), nos termos do art. 27, §2º da Lei 9514/97). A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra.** No Primeiro Leilão, o valor o lance mínimo será nos termos do parágrafo 1º, do art. 27 da Lei 9.514/97. No segundo leilão, será aceito o maior lance oferecido, desde que igual ou superior ao valor total da dívida, nos termos do parágrafo 2º, do art. 27 da Lei 9514/97. Todos os horários estipulados neste edital, no *site* do leiloeiro **www.AGSLEILOES.com.br**, em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O envio de lances será somente na modalidade **ONLINE** através do site **www.AGSLEILOES.com.br**, em igualdade de condições entre os participantes, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido na disputa pelo lote do leilão, **com exceção dos devedores fiduciantes, que poderão adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão.** Os interessados em participar do leilão, deverão se cadastrar no site **www.AGSLEILOES.com.br**, encaminhando a documentação necessária para liberação do cadastro em até 24 horas do início do leilão e se habilitar, acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. **Os devedores fiduciantes serão comunicados na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo os fiduciantes adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos, despesas e demais valores previstos em lei, incluindo a comissão do leiloeiro, que será no montando de 5% (cinco por cento) sobre a totalidade do valor a ser pago, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. As vendas ficarão, portanto, condicionadas ao não exercício da preferência pelos devedores fiduciantes.** Se os devedores fiduciantes, não efetuarem o pagamento da dívida e demais encargos, nas condições e prazos previstos no presente Edital, considerar-se-á automaticamente a sua desistência do exercício de preferência na compra do imóvel. Nesse caso, havendo licitantes, o imóvel será vendido para aquele que ofertou maior lance. Caso haja arrematante em Primeiro ou Segundo Leilão a Escritura de Venda e Compra, será lavrada em até 60 dias, contados da data do leilão. A escolha do Tabelionato de Notas, responsável pela lavratura da competente Escritura, caberá exclusivamente ao Vendedor. O arrematante vencedor deverá efetuar o pagamento integral do preço do imóvel arrematado, à vista, por meio de boleto ou transferência bancária, em favor da credora fiduciária, no prazo de 24h do encerramento do leilão depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelos devedores fiduciantes, para efetuar o pagamento. A título de comissão, pagará em igual prazo, à vista, o valor de 5% sobre o lance ofertado, a ser depositada diretamente na conta corrente bancária indicada pelo Leiloeiro Oficial. A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, se exercida o direito de preferência, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil. Em caso de inadimplemento do valor de arrematação, por desistência do arrematante na oferta do lance vencedor, imotivadamente, a venda/arrematação será desfeita e o arrematante deverá pagar ao vendedor multa no importe de 5% (cinco por cento) sobre o valor do arremate além de 5% (cinco por cento) do valor do lance ao Leiloeiro, valores estes que serão cobrados, por via executiva, como dívida líquida e certa, prevista no artigo 39, do Decreto nº 21.981/32, bem como nos termos do art. 585, inciso II do Código de Processo Civil, corrigida monetariamente até o efetivo pagamento, sem prejuízo das perdas, danos e lucros cessantes, do Processo Criminal se aplicável (art. 171,inciso VI, do Código Penal) e do art. 580 do Código de Processo Civil e ainda com a inclusão do arrematante nos serviços de proteção ao crédito. Correrão por conta do arrematante todas as despesas e procedimentos relativos à arrematação do imóvel, tais como, itbi, taxas, alvarás, certidões, emolumentos cartorários, registros etc., despesas com regularização e encargos, junto aos órgãos competentes (se houver), bem como a desocupação, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Eventuais débitos pendentes relativos a tributos (IPTU, taxas e outras contribuições) e despesas condominiais, vencidas até o leilão serão de responsabilidade da vendedora, exceto as que não tenham sido incluídos e considerados no valor final dos leilões, serão de responsabilidade do Arrematante, inclusive os débitos lançados em dívida ativa ou em cobrança judicial, devendo ser quitados junto aos respectivos credores até a data de outorga da escritura pública definitiva ou assinatura do Instrumento, conforme o caso, sem direito a qualquer ressarcimento. O Vendedor não responde pelas condições físicas do imóvel e nem mesmo por eventuais divergências existentes entre o Imóvel e sua documentação, ficando por conta do Arrematante todas as providências e despesas necessárias aos reparos e às regularizações necessárias, ainda que originadas antes da data do Leilão. Nos termos do artigo 448, do Código Civil, a Credora Fiduciante responderá pela evicção, somente até o valor recebido a título de arremate, excluídas quaisquer perdas. As fotos divulgadas no site do leiloeiro são meramente ilustrativas, devendo o arrematante constatar a localização e situação real do bem. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427 de 1° de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. A publicação deste edital supre eventual insucesso nas notificações pessoais e dos respectivos patronos. Será o presente edital, afixado e publicado na forma da lei. **MAIORES INFORMAÇÕES e ESCLARECIMENTOS** – Através do e-mail: **contato@agsleiloes.com.br**, ou telefone/WhatsApp 11. 3213-4148. O certame será realizado exclusivamente pelo leiloeiro oficial através do site **www.AGSLEILOES.com.br** com endereço na Rua José Debieux, 35, 15º andar, Sala 158, Santana, CEP 02038-030, São Paulo/SP. **DANIEL BIZERRA DA COSTA** Leiloeiro Oficial - JUCESP nº 1175 **www.AGSLEILOES.com.br**

INÊS 249

Empresas tentam reter trabalhadores com flexibilização de benefícios

Vale-alimentação que pode ser utilizado para outros gastos e programas com foco em saúde mental ganham espaço

Cristiane Gercina

SÃO PAULO Regime híbrido de trabalho, vale-alimentação flexível, passe livre para academia e clínicas de saúde e convênio médico custeado pelo empregador foram os pontos que fizeram o analista de inteligência de mercado Leandro Santana, 25 anos, optar pela empresa onde trabalha atualmente, mesmo diante de uma proposta de salário 15% maior em uma outra companhia.

“Eu tinha acabado de sair de uma outra empresa e estava procurando um lugar que pudesse oferecer alguns benefícios a mais, como o home office, que eu não tinha. Precisava disso, não tinha mais fôlego, precisava estudar, cuidar da saúde física e mental”, afirma ele.

A opção de Santana por um local com benefícios flexíveis —como o home office e um vale-alimentação no qual parte do valor pode ser usado em outras compras— tem se tornado cada vez mais comum entre jovens da geração Z, mas também tem sido atrativo para profissionais mais experientes, fazendo que as empresas repensem o pacote oferecido e busquem, na flexibilidade, uma forma de conseguir reter talentos.

Um conjunto de fatores que combinam a pandemia de Covid-19, mudança na forma de pensar o trabalho trazida pela nova geração e recente estabilidade no mercado formal do Brasil, com queda no desemprego, é o que tem levado empresas a alterar o portfólio entre novos e benefícios já consolidados.

“As empresas começaram a entender que, depois da pandemia de Covid-19, a força de trabalho passou a ter uma atuação um pouco diferente”, diz Leonardo Coelho, vice-presidente de saúde e talento da empresa de benefícios Aon.

“As pessoas estão valorizando o trabalho, mas pesando entre como fica o papel como pai, mulher, o papel dentro da sociedade e dentro da empresa. Então, a questão da flexibilidade veio de forma muito crescente”, afirma ele.

Pesquisa da Aon com 929 empresas mostra que o regime híbrido de trabalho é hoje um dos benefícios mais prevalentes, sendo oferecido por 8 em cada 10 companhias, e que programas de bem-estar vêm ganhando destaque, especialmente no que diz respeito à saúde mental, com 7 em cada 10 empresas oferecendo aos seus funcionários.

Santana, que mora em Embu das Artes (cidade da Grande SP) e trabalha na Prestex, empresa de logística com sede na zona sul da capital paulista, afirma que os dois dias de home office mudaram sua rotina, possibilitando cuidar de si e da casa —ele mora sozinho. Antes, gastava 1 hora e 20 minutos para ir e o mesmo tempo para voltar, todos os dias. Hoje, vai presencialmente ao trabalho três dias na semana.

Além de sentir o alívio por poder cuidar da saúde, já que passa menos tempo em trânsito, afirma que o vale-alimentação com cartão flexível também o ajuda muito, porque pode destinar 40% do valor para outros gastos. “Pago contas, como a internet, e até cursos”, afirma ele.

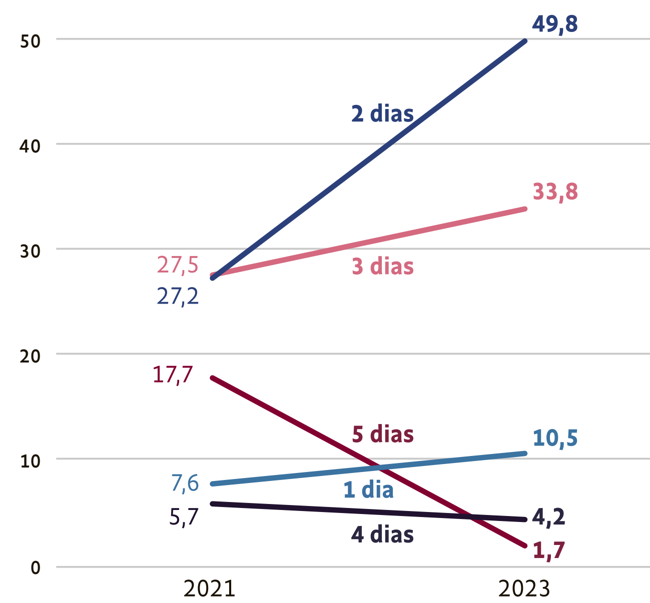
O cartão flexível também é um dos benefícios destacados por Mariana Rodrigues, 21, como atrativo no atual emprego, assim como a política de educação com o custeio de cursos. A profissional, que é estrategista de comunicação e negócios na Portão 3, plataforma de gestão de pagamentos, paga até o cabeleireiro com ele.

“Elimina a preocupação de encontrar lugares específicos para utilizar o benefício. É muito mais prático e conveniente em minha rotina poder utilizá-lo desde alimentação até mesmo em meu salão de beleza e para abastecimento; é incrível”, diz.

> **As empresas começaram a entender que, depois da pandemia de Covid-19, a força de trabalho passou a ter uma atuação um pouco diferente**
>
> **Leonardo Coelho**
> vice-presidente de saúde e talento da Aon

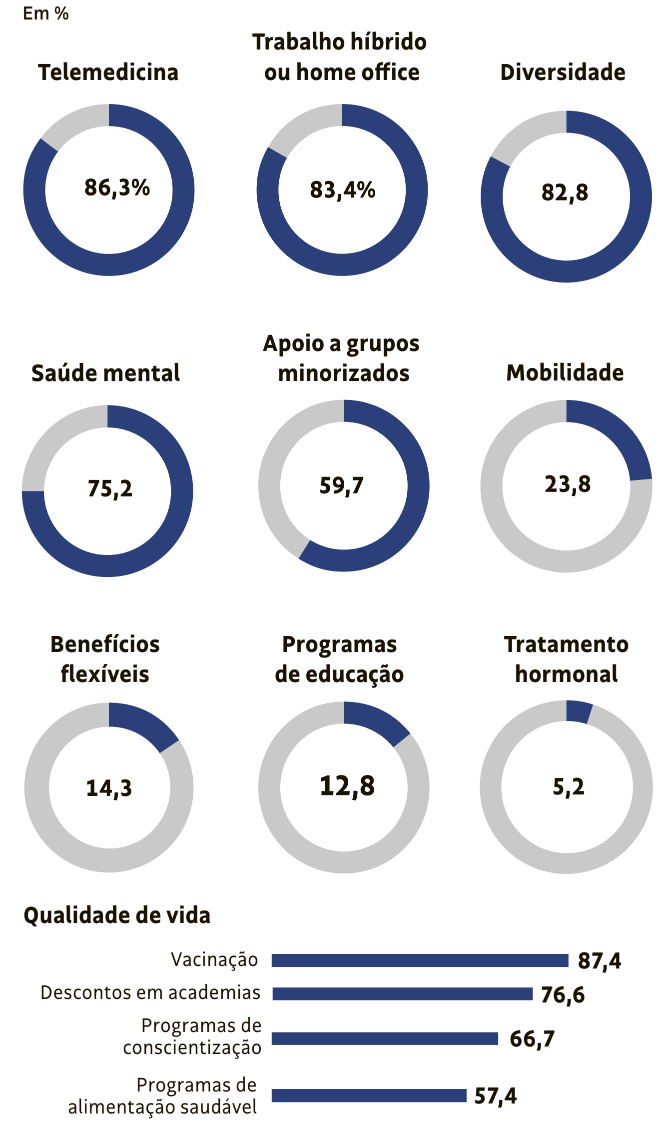
Cresce número de empresas que consolida home office de 2 ou 3 dias como benefício

Evolução do trabalho remoto por número de dias, em %



Benefícios para atrair e reter talentos realizados pelas empresas

Em %



Fonte: Pesquisa de Benefícios 2023, da Aon

De acordo com Carolina Ferreira, superintendente de Gente na Alelo, empresa especializada em benefícios, justamente focada nesta demanda a companhia passou a desenvolver produtos que têm como característica principal a flexibilidade em alimentação, refeição, mobilidade, cultura e saúde.

“Isso tudo a gente traz nos nossos produtos justamente porque é uma demanda muito latente”, diz.

A profissional aponta, entretanto, que um dos maiores desafios das companhias atualmente é com os benefícios mais tradicionais, como o plano de saúde, que custa caro.

“Existem algumas pesquisas que mostram que só 25% só da população no Brasil têm acesso a plano de saúde e, desses, 70% vêm por parte das empresas. É uma responsabilidade muito grande proporcionar uma saúde de qualidade”, diz.

“O que eu acredito é que as empresas vão precisar se reinventar nesse sentido, porque acaba sendo um dos valores de maior impacto quando a gente fala de custo para a companhia”, afirma Carolina.

Helida Martins de Souza Oliveira, especialista em recursos humanos na Portão 3, vê o plano de saúde como forma de atrair funcionários mais experientes.

“Empresas que oferecem pacotes de saúde completos, com baixa coparticipação, ou nenhuma coparticipação, tendem a se destacar positivamente no mercado de trabalho, pois esse benefício é visto como uma demonstração de cuidado com o bem-estar”, afirma.

A pesquisa da Aon mostrou que os principais benefícios oferecidos pelas companhias ainda são os tradicionais. Nove em cada dez têm plano de saúde e seguro de vida.

Coelho, da Aon, afirma que a flexibilidade não está apenas no tipo de benefício, mas na rotina, em oferecer opções de telemedicina, programas de educação financeira e outros.

Além disso, afirma que há uma área que ainda pode ser explorada, como a oferta de previdência privada, hoje presente em 50% das empresas.

Smilinguido, a formiguinha cristã, busca se reerguer após quase falir

Licenciar produtos é caminho do 'Mickey cristão' contra crise impulsionada pela Covid

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO É um trabalho de formiguinha. A marca Smilinguido tenta aos poucos se recuperar de um baque que quase a fez quebrar na pandemia de Covid-19, quando, diz seu diretor-executivo, Valter Cintra, chegou a acumular prejuízo de R$ 30 milhões.

O personagem da formiga cristã surgiu há 44 anos, criado por jovens missionários instalados em Curitiba, entre eles um casal que havia se conhecido na Aliança Bíblica Universitária, Hialmar e Márcia d'Haese. Ela desenhava o insetinho que tem por mote "comunicar o amor de Deus", enquanto ele largou um emprego na Volvo para gerir o projeto. Hialmar morreu em janeiro, já há anos afastado dos negócios.

A escolha pelo pequeno inseto não é gratuita. "A analogia é que somos frágeis como uma formiga, e quem nos fortalece é Deus. Por isso o Smilinguido não é um super-herói. Nosso super-herói é Cristo", diz Cintra.

A proposta inicial era que se chamasse Zecão, mas o nome não combinava muito com essa ideia de fragilidade. Daí a alcunha Smilinguido, de estar desmilinguido diante da onipotência divina.

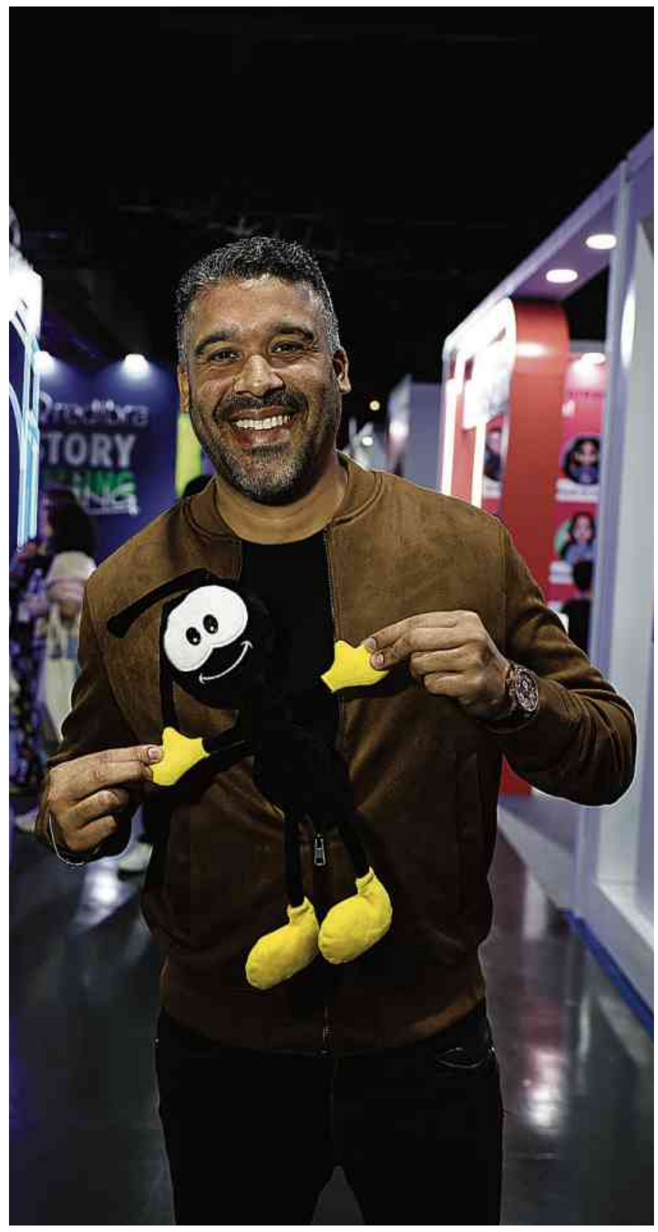
Embora o público-alvo seja sobretudo evangélico, o personagem acabou entrando no imaginário afetivo de todo um país. "Chamam de Mickey cristão. Todo mundo conhece, mesmo se não for da igreja", diz o diretor-executivo, fiel da Igreja Anglicana que abandonou o setor eólico para assumir a gestão da editora Luz e Vida, detentora dos direitos autorais do desenho.

O Smilinguido apareceu em toda uma sorte de produtos nas últimas décadas: filmes, capas de caderno, agendas, adesivos. "Daí vem o xis da questão", diz Cintra. "A Luz e Vida acabou protegendo demais o personagem e não abriu licenciamento para ele, o que é a nossa estratégia comercial hoje."

Não por acaso esta entrevista foi feita durante uma feira do ramo, a LicensingCon, superpovoada por modelos vestidos em trajes de pelúcia dos mais variados personagens. O Smilinguido não foi, até porque um estande custa caro, R$ 30 mil, diz Cintra. Mas fechou parceria com a Destra, agência da área com espaço ali.

Temia-se, diz Cintra, descontrole da imagem da formiga, como se licenciá-la implicasse em ficar à mercê de outras visões de mundo.Só que, do jeito que estava, a conta não fechava.

A editora tinha que pensar no material, mandar fabricá-lo na China, cuidar da logística para trazê-lo de volta ao Brasil, fechar a venda e cobrar os pagamentos por ela. "Isso nos tomou muita energia, e deixamos de gerar conteúdo." Praticamente um atestado de óbito empresarial para os novos tempos, em que a métrica do sucesso passa por abastecer plataformas com materiais diversos.


Valter Cintra, 42, diretor-executivo da marca Smilinguido, mostra boneco do personagem Zanone Fraissat/Folhapress

O Smilinguido, reconhece Cintra, "perdeu o timing do digital", que, por sinal, lhe parece uma herança incontornável da pandemia. Não ajudou a crise em que o varejo como um todo se meteu no período. Agora é correr atrás.

No rol de produtos licenciados tem de tudo: perfume, gelatina, , Bíblia para crianças, dominó, fraldas, lancheiras, canecas onde a formiga posa ao lado de dizeres como "Deus é amor" e até um musical que é encenado quase sempre dentro de templos.

Não que haja um libera-geral. "Nosso projeto não visa apenas ao lucro. Digo que o Smilinguido não é garoto-propaganda, é um missionário da palavra de Deus."

Trabalhar com parceiros evangélicos costuma dar menos dor de cabeça. Quando se juntaram à cantora gospel Fernanda Brum em "Alegria do Senhor", música que começa dizendo que "quem tem Jesus é feliz, quem tem Jesus é legal", a gravadora dela — uma gigante secular, ou seja, sem DNA religioso— enviou um contrato padrão para a turma do Smilinguido assinar.

Um dos tópicos dizia que a artista poderia divulgar o single em qualquer lugar, o que incluía bares. Não que Brum planejasse fazer isso, mas Cintra pediu que o contrato fosse retificado para se adequar ao ethos cristão.

Ele vislumbra um caminho para que a grife possa se recuperar. Já a imagem do Smilinguido vai bem, ele avalia. Um trunfo, para Cintra, é um mercado com poucos concorrentes. "Não tem muito personagem para uma mãe cristã botar o filho para assistir."

"Nosso objetivo é alcançar a nova geração". E se a ferramenta de Deus for um celular, um tablet, que seja. "Hoje o que querem para assinar contrato: visualizações. Comparam likes."

MÓVEIS

Cade aprova compra da Tok&Stok pela rival Mobly sem nenhuma restrição

SÃO PAULO | REUTERS O Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) aprovou, sem restrições, o acordo para a transferência do controle da rede de varejo de móveis Tok&Stok para a rival Mobly e fundos geridos pela SPX Capital, de acordo com despacho publicado no DOU (Diário Oficial da União) na sexta-feira (30).

A transação, conforme as companhias anunciaram no começo de agosto, se dará por meio de aumento de capital da Mobly. Os fundos geridos pela SPX transferem a totalidade de sua participação de 60,1% na Tok&Stok para a Mobly e passam a deter 12% da companhia combinada.

Com a operação, a Mobly passa a operar 70 lojas físicas, de ambas as marcas, além de 6 centros de distribuição.

O faturamento anual combinado da nova companhia sai de R$ 542 milhões para R$ 1,62 bilhão.

Itália estuda cobrar até € 25 por noite para diminuir número de turistas

Associações reclamam do governo, que quer aumentar taxa cobrada de estrangeiros

Amy Kazmin e Giuliana Ricozzi

ROMA | FINANCIAL TIMES Um projeto na Itália propõe aumento acentuado nas taxas de turismo para ajudar cidades com dificuldades financeiras a aumentar suas receitas e tornar os visitantes "mais responsáveis" em meio a uma crescente reação pública contra o excesso de turistas.

Associações da indústria hoteleira e de turismo estão indignadas com o plano, que prevê taxa de até € 25 (R$ 157) por noite para os quartos de hotel mais caros.

"O objetivo deve ser apoiar o crescimento, não desacelerá-lo", disse a Federalberghi, que representa hotéis pequenos e médios.

Barbara Casillo, diretora da Confindustria Alberghi, que representa hotéis maiores e redes globais, alertou que a Itália já enfrenta forte concorrência de outros destinos europeus e pode perder ainda mais ao elevar as taxas de turismo que ela já classifica como "muito altas."

O Ministério do Turismo, comandado por Daniela Santanchè (do partido Irmãos da Itália da primeira-ministra Giorgia Meloni), informou que planeja "um diálogo" com os órgãos relevantes do setor em setembro sobre uma "possível proposta para modificar as regras da taxa de turismo."

"Em tempos de excesso de turismo, estamos debatendo isso para que realmente ajude a melhorar os serviços e tornar os turistas que pagam mais responsáveis", comentou a ministra.



Turistas lotam os arredores da Fontana di Trevi, em Roma Li Jing - 14.jul.24/Xinhua

Marina Lalli, presidente da Federturismo —que representa todos os tipos de empresas de turismo— reclamou que muitas cidades já usam "ilegalmente" as receitas da taxa de turismo para cobrir déficits no orçamento.

A lei atual exige que as cidades usem esses fundos para pagar outros gastos relevantes para os turistas, como sinalização multilíngue.

> **Em tempos de excesso de turismo, estamos debatendo isso para que realmente ajude a melhorar os serviços e tornar os turistas que pagam mais responsáveis**
> **Daniela Santanchè**
> ministra do Turismo da Itália

O debate ocorre em um momento que a Itália enfrenta forte pressão sobre suas finanças públicas, com a dívida, segundo previsões do FMI, prevista para atingir quase 140% do PIB este ano, e seus custos anuais de serviço da dívida atingindo o mesmo patamar dos gastos com educação pública.

A indústria do turismo no país viu forte recuperação após a pandemia, com associações estimando que 65 milhões de estrangeiros visitariam a Itália em 2023, igualando o nível pré-pandemia.

Mas muitos italianos estão indignados com as consequências do excesso de turismo, à medida que os centros históricos perdem seu caráter tradicional e cada vez mais apartamentos urbanos são alugados por curto prazo.

As cidades italianas podem impor taxas para estadias noturnas tanto de visitantes estrangeiros quanto italianos, e essas agora variam normalmente de €1 a €5 euros (R$ 6,28 a R$ 31,41) por pessoa por noite, dependendo do número de estrelas do local.

Um dos maiores pontos turísticos do mundo, Veneza cobra uma taxa de entrada para estrangeiros que visitam seu centro histórico.

A última proposta do governo, vista pelo Financial Times, sugere aumento na taxa. As regras especificam que os fundos poderiam apoiar a coleta de lixo, provocando a ira do setor de turismo.

"É muito importante ter uma cidade com boa aparência —pelo menos nas áreas turísticas— mas não devemos usar o dinheiro dos turistas para consertar coisas que acontecem em locais que os turistas não vão", afirma Lalli, da Federturismo.

Os dilemas do próximo Banco Central

Autoridade monetária necessita aperfeiçoar instrumentos decisórios e de comunicação

Ana Paula Vescovi
Economista-chefe do Santander Brasil


Amarildo

A indicação de Gabriel Galípolo como futuro presidente do Banco Central veio em linha com as expectativas e retira um fator de incerteza dos mercados. O aumento da incerteza nas economias tem recebido crescente atenção de acadêmicos e gestores como fonte geradora de flutuações econômicas. Navegar sobre essa nova realidade e reancorar as expectativas de inflação serão o maior desafio do futuro presidente.

A crise financeira de 2007/2008 e a recessão subsequente à pandemia de Covid-19, por exemplo, trouxeram picos significativos em diferentes medidas de incerteza, o que renovou o interesse sobre seus efeitos na economia.

Aos olhos dos bancos centrais, a literatura sugere que, em períodos de alta incerteza, a política monetária perde eficácia, exigindo doses mais elevadas de juros para alcançar a mesma desinflação ou recuperação do PIB em comparação com momentos menos ruidosos. Uma explicação simples seria que as empresas e as famílias teriam incentivos em adiar suas decisões de investimento e consumo, em razão da menor visibilidade do cenário.

Diante da extensão e da magnitude dos ciclos de alta de juros em todo o mundo nos últimos anos, o tema foi incluído no tradicional simpósio de Jackson Hole deste ano, que reúne diversos banqueiros centrais todo mês de agosto, na cidade de mesmo nome. O tema concorreu com discussões sobre juros de equilíbrio mais elevados e políticas fiscais persistentemente expansionistas.

Olhando para trás, ao longo do tempo, uma vez que os mercados financeiros e os analistas do setor privado ficaram mais instrumentalizados com seus modelos, tornaram-se também capazes de prever taxas de juros de curto prazo com vários meses de antecedência. Assim, os bancos centrais têm comunicado decisões aos mercados com cada vez mais antecedência (orientação futura ou "forward guidance"). E isso, em alguma medida, ganhou importância como mecanismo de transmissão da política monetária.

A eficácia da política monetária depende crucialmente das percepções públicas da sua estrutura sobre dois principais fatores. Primeiro, uma comunicação bem compreendida sobre o componente técnico do processo decisório acelera a transmissão dos juros e encurta o tempo necessário para o controle da inflação. Adicionalmente, a credibilidade, ou a percepção de força da resposta do banco central à inflação, permite um ajuste com menos doses de juros.

Mais recentemente, houve uma inovação no marco técnico da política monetária por parte do banco central dos Estados Unidos, o Fed. Para prevenir que os mercados fossem surpreendidos com decisões mais agressivas que o esperado em razão, especialmente, da ocorrência de choques, em 2022 o Fed mudou o seu marco decisório para o "Flexible Average Inflation Targeting" (Fait), cuja principal inovação seria a adoção de medidas alternativas de inflação média para a ação da política monetária. Após a sua adoção, cresceu a percepção de que a resposta do Fed para o aumento de inflação pode ter sido atrasada. Segundo alguns autores, isso tem trazido algum impacto altista para a inflação (cerca de 0,5 ponto percentual), desde então.

O fato é que vários anúncios e coletivas de imprensa do Comitê de Política Monetária do Fed, desde 2022, moveram os mercados em direções opostas, não necessariamente as mais corretas.

Vindo para o Brasil, aqui também passamos por mudanças no ferramental técnico da política monetária. Em junho de 2023, adotou-se a meta permanente de inflação de 3%, com uma banda de tolerância de 1,5 ponto percentual (para cima e para baixo). Uma importante inovação, para a qual ainda falta a observação quanto ao seu funcionamento efetivo ao longo do tempo. Mas, a princípio, trouxe a percepção de que não haverá mudanças fundamentais em relação à suavização das medidas de inflação, tal como houve com o Fait.

O aumento da incerteza nas economias tem recebido crescente atenção de acadêmicos e gestores como fonte geradora de flutuações econômicas. Navegar sobre essa nova realidade e reancorar as expectativas de inflação serão o maior desafio do futuro presidente do Banco Central

Outra importante inovação foi a aprovação da independência formal do Banco Central, por lei, permitindo que cada um dos nove membros do Comitê de Política Monetária tenha mandatos fixos, descasados do mandato presidencial, e alternados. Nesse caso, a primeira impressão dos mercados foi que os membros interpretaram essa autonomia como a liberdade de emitir seu posicionamento sobre o cenário de inflação prospectiva ante a conjuntura econômica.

Se assim for, talvez tenhamos substituído uma governança mais sólida —na qual a disciplina da comunicação com os mercados e a sociedade era mais rigorosa— por um ideário de independência. Isso porque, inquestionavelmente, as manifestações cada vez mais frequentes dos membros do comitê vêm adicionando mais ruídos à comunicação dos objetivos e função de reação da autoridade monetária, tornando os mercados mais voláteis.

E, por fim, a mais recente novidade foi a indicação pelo governo do futuro presidente do Banco Central, a fim de permitir uma transição suave por parte do atual presidente, que sai em dezembro próximo.

Além de melhorar a comunicação sobre as decisões do Copom, amadurecendo o entendimento sobre sua independência formal, deverá demonstrar um arcabouço técnico (usando as melhores práticas encontradas na literatura) e dar estabilidade e consistência a esse arcabouço ao longo do tempo.

Não bastasse, precisará ainda contar com a política fiscal e seu novo arranjo para recompor a confiança dos mercados e a potência da política monetária e assim reduzir os custos da última milha de desinflação no Brasil.



A vice-presidente e candidata democrata à Presidência dos EUA, Kamala Harris, ri ao telefone durante encontro com apoiadores em Savannah, na Geórgia Saul Loeb - 29.ago.24/AFP

Embate de Kamala e Trump leva a cisão política recorde entre os homens e as mulheres nos EUA

Eleição explicita visões opostas sobre os papéis de gênero, mas desta vez em um cenário considerado mais prejudicial para o republicano do que em 2016, quando ele derrotou a candidata democrata Hillary Clinton

Fernanda Perrin

WASHINGTON A eleição que pode colocar na Casa Branca a primeira presidente dos EUA caminha para ser também a de maior polarização política entre homens e mulheres na história do país.

O choque reflete visões conflitantes sobre os papéis de gênero, visíveis no embate em torno do direito ao aborto, nos comentários sobre "loucas dos gatos sem filhos" feito por J.D. Vance, candidato a vice de Donald Trump, e nas discussões sobre masculinidade projetada pelos homens em cada lado da corrida.

Gênero sempre esteve nas entrelinhas da política americana, um terreno habilmente explorado por Trump contra Hillary Clinton e Joe Biden, diz o cientista político Dan Cassino, diretor do instituto de pesquisas da Universidade Fairleigh Dickinson e autor do livro "Ameaça de Gênero: Masculinidade americana em face de mudanças".

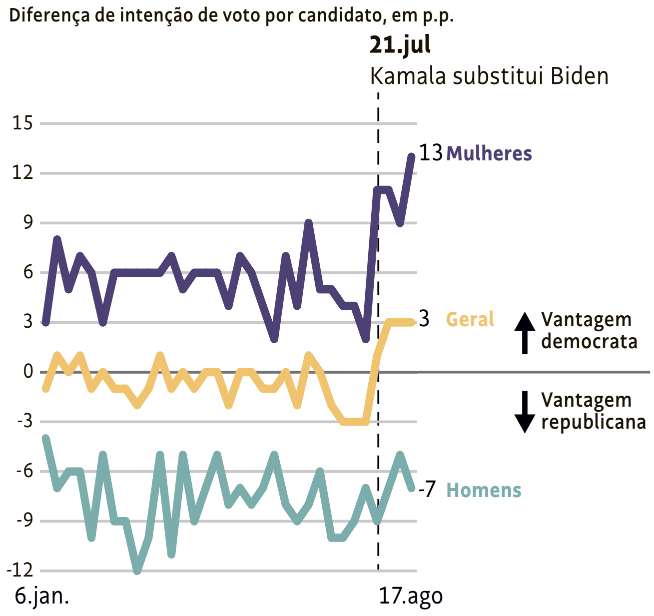
Mas desta vez algo não está funcionando na estratégia do republicano. A entrada de Kamala Harris na disputa fez a vantagem do Partido Democrata entre eleitoras disparar de 2 para 13 pontos percentuais. Enquanto isso, Trump manteve sua vantagem de 7 pontos entre homens, segundo pesquisa The Economist/YouGov.

A distância total de 20 pontos entre os gêneros quase triplica se considerados apenas os mais jovens —a geração Z. Nesse grupo, que abrange aqueles com idades de 18 a 29 anos, Kamala tem vantagem de 38 pontos entre mulheres, e Trump, de 13 pontos entre homens, de acordo com pesquisa New York Times/Siena College.

"Estamos caminhando para a maior diferença de gênero na história das eleições", afirma Cassino. Segundo ele, essa polarização teve início nos anos 1980, mas se intensificou com Trump. "Os homens, especialmente os que acreditam em papéis tradicionais de gênero, estão muito mais do lado republicano, enquanto as mulheres e as pessoas que não creem nisso votam nos democratas."

Kamala faz crescer vantagem democrata entre mulheres

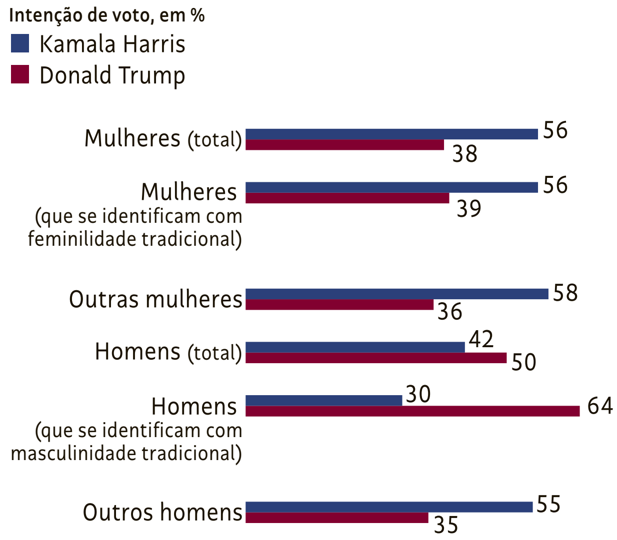
Diferença de intenção de voto por candidato, em p.p.



Fonte: Pesquisa The Economist/YouGov

Diferença fica mais profunda quando se leva em conta visões sobre papel de gênero

Intenção de voto, em %



Fonte: Pesquisa FDU realizada com 801 eleitores nacionalmente entre os dias 17 e 20 de agosto com margemd e erro de 3,5 p.p.

O cenário tem beneficiado Kamala, em parte, por culpa do próprio Trump, diz o analista. "Agora Trump não consegue parar de falar sobre Kamala ser mulher, sobre ser metade negra e metade indiana. O subtexto funciona enquanto for subtexto. No momento em que você o torna explícito, as pessoas reagem mal."

Um comentário vulgar feito na última semana por um usuário na rede de Trump, a Truth, e compartilhado pelo perfil do empresário ilustra esse ponto. A mensagem comparava Kamala a Hillary e insinuava que a atual candidata teria ascendido profissionalmente por meio de favores sexuais.

O mesmo raciocínio se aplica a J.D. Vance. Seus comentários criticando mulheres sem filhos —viralizados em memes na declaração sobre as loucas dos gatos— são uma versão explícita de argumentos que republicanos têm feito nas entrelinhas desde os anos 1980.

Na época, tornou-se famoso o ataque feito pelo então presidente Ronald Reagan às "rainhas de programas sociais" (welfare queens, em inglês), em alusão a mulheres negras com filhos. O outro lado da moeda desse argumento, ecoado hoje por Vance, é que mulheres brancas não estão tendo filhos o suficiente, diz Cassino.

Esse tipo de pensamento está ligado à chamada teoria da substituição, popular entre supremacistas brancos, que temem se tornar minoria —em termos populacionais e de poder político.

Para Carrie Baker, professora do programa de estudos sobre mulheres e gênero da Smith College, a masculinidade sempre foi relevante nas eleições americanas, mas agora Trump e sua base foram ao extremo da caricatura. "Hulk Hogan literalmente rasgou a camisa na convenção republicana. O presidente do UFC [Dana White] estava lá. É quase cômico", diz a especialista.

A estratégia, no entanto, não é de todo despropositada. Trump e Vance miram os votos de homens jovens, um grupo mais influenciado por discursos sexistas em voga nas redes sociais, afirmam Cassino e Baker.

Do lado democrata, Kamala fez a escolha de não abordar seu gênero e raça explicitamente, deixando a tarefa para aliados e adversários. Para não incorrer no erro de Hillary, ela tem usado a defesa do direito ao aborto como uma forma indireta de ressaltar o fato de ser mulher.

Por isso, Cassino espera que a diferença de votação por gênero seja maior no Arizona e em Nevada, os dois estados-pêndulo que terão plebiscitos sobre interrupção da gravidez em paralelo à eleição.

Nos estados do chamado Cinturão da Ferrugem, especialmente Wisconsin e Pensilvânia, o cientista político diz que a distância também deve ser grande, mas por outro motivo: a economia. A crença de muitos homens de que precisam ser provedores da família torna esses eleitores mais sensíveis a problemas como inflação e desemprego. Em ambos os temas, Trump é mais bem avaliado que democratas.

Leis antiaborto nos EUA atingem até mulheres que querem ter filhos

Plebiscitos sobre o direito à interrupção da gravidez ocorrerão em dez estados em novembro, em paralelo à eleição presidencial

KAMALA X TRUMP

Fernanda Perrin

WASHINGTON Dani, 43, engravidou 11 vezes. Mãe de dois filhos, um de 21 e outro de 18 anos, sofreu 8 abortos espontâneos e fez um aborto voluntário em 2013.

Agora, a americana quer um terceiro filho —e, para isso, planeja se mudar de Missouri para o vizinho Illinois.

"Eu vou fazer fertilização in vitro (FIV) e sou de alto risco. Então, preciso que o aborto seja uma opção. Missouri não oferece proteção a nenhum desses procedimentos", diz Dani, que pediu à **Folha** para ter seu nome completo preservado.

Dominado pelos republicanos, o estado é um dos 14 em que o procedimento foi proibido após a Suprema Corte derrubar, em 2022, a histórica sentença Roe v. Wade, que garantiu o direito à interrupção voluntária da gravidez nos EUA por 50 anos.

Agora, cada estado pode definir sua própria lei. Dani vive sob uma das legislações mais restritivas do país, mais até do que a brasileira: não há exceção prevista para casos de estupro e incesto. O procedimento só é autorizado se há risco à vida da gestante.

"Você praticamente precisa de uma ordem judicial para obter uma curetagem. Não terei tempo para isso", diz ela, em referência à retirada de restos fetais e placentários do útero, resultantes de um aborto incompleto —seja ele espontâneo ou intencional.

Na falta do procedimento, uma mulher pode morrer por infecção ou hemorragia. No entanto, nos estados em que o aborto foi proibido, muitos médicos se negam a fazer intervenções passíveis de serem interpretadas como abortivas por temerem processos criminais. Uma condenação prevê penas como multa, prisão e perda do registro médico.

"Muitas pessoas pensaram que derrubar a Roe v. Wade afetaria apenas essa imagem caricatural de mulheres promíscuas querendo fazer sexo sem proteção e depois abortar", afirma a pesquisadora Carrie Baker, professora do programa de estudos sobre mulheres e gênero da Smith College.

"Mas as mulheres cuja saúde está realmente sendo ameaçada são aquelas com gestações desejadas e que precisam de aborto por complicações em estágios mais avançados da gravidez."

Em todos os sete estados que realizaram plebiscitos sobre o tema, a posição pró-aborto prevaleceu. Nas eleições de meio de mandato de 2022, realizadas poucos meses após a decisão da Suprema Corte, uma esperada vitória acachapante republicana foi impedida pelo surpreendente engajamento de eleitores pró-aborto.

A eleição presidencial deste ano é a primeira nesse novo cenário. Junto com ela, outros dez estados vão pôr o aborto nas urnas —entre eles, Arizona e Nevada, dois dos sete colégios eleitorais que determinarão quem será o novo ocupante da Casa Branca.

"A última rodada de plebiscitos não foi muito boa para para o movimento pró-vida e, pelo que estou vendo das pesquisas, a próxima não deve ser boa também, infelizmente", diz Matt Yonke, da Pro-Life Action League, organização antiaborto fundada em 1980.

Democratas contam com uma mobilização em torno dessa questão para vencer Donald Trump em novembro, acusando o adversário de querer proibir o procedimento em todo o país. A estratégia já vinha desde quando Joe Biden era o candidato, mas ganhou ainda mais peso com sua substituição por Kamala Harris, que se sente muito mais confortável para falar sobre o tema do que o presidente católico.

Dani, por exemplo, afirma ter divergências com a chapa democrata e que não está especialmente empolgada com a eleição, mas que vai votar em Kamala. "A outra opção é perigosa demais para os americanos, especialmente mulheres e minorias", diz ela.

Enquanto isso, Trump tenta atrair eleitores moderados sem desagradar a sua base antiaborto. Ele nega que vá implementar uma proibição nacional e diz que sua intenção é manter o atual cenário, em que cada estado decide.

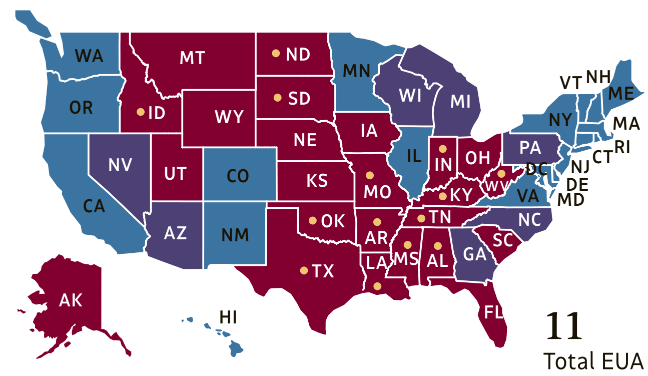
Para a ira dos conservadores, o ex-presidente retirou a condenação ao procedimento que constou por anos na plataforma eleitoral republicana. Mas, na última sexta (30), disse ser contrário à inclusão do direito ao aborto na constituição da Flórida, seu domicílio eleitoral.

"Não acho que Trump se importe tanto com a questão, mas ele sabe de que lado está sua base. Já J.D. Vance [candidato a vice republicano] acho que seja pró-vida. Mas ambos veem que falar sobre aborto é bastante tóxico", afirma o ativista Yonke.

Democratas querem mobilizar eleitor com direito ao aborto

Legalidade do procedimento é apoiada por maioria da população

- Estado democrata/tende a democratas
- Estado republicano/tende a republicanos
- Indefinido
- Proibiu o aborto



Evolução do número de abortos realizados no sistema formal de saúde entre 2020 e 2023, em %

AK	Alasca	33
AL	Alabama	–
AR	Arkansas	–
AZ	Arizona	-10
CA	Califórnia	17
CO	Colorado	88
CT	Connecticut	31
DC	Distrito de Columbia	-6
DE	Delaware	92
FL	Flórida	9
GA	Geórgia	-21
HI	Havaí	27
IA	Iowa	18
ID	Idaho	–
IL	Illinois	71
IN	Indiana	–
KS	Kansas	152
KY	Kentucky	–
LA	Louisiana	–
MA	Massachusetts	26
MD	Maryland	20
ME	Maine	1
MI	Michigan	18
MN	Minnesota	49
MO	Missouri	–
MS	Mississippi	–
MT	Montana	36
NC	Carolina do Norte	44
ND	Dakota do Norte	–
NE	Nebraska	16
NH	New Hampshire	19
NJ	Nova Jersey	20
NM	Novo México	256
NV	Nevada	45
NY	Nova York	21
OH	Ohio	14
OK	Oklahoma	–
OR	Oregon	39
PA	Pensilvânia	18
RI	Rhode Island	7
SC	Carolina do Sul	69
SD	Dakota do Sul	–
TN	Tennessee	–
TX	Texas	–
UT	Utah	32
VT	Virgínia	77
VA	Vermont	21
WA	Washington	35
WI	Wisconsin	-88
WV	Virgínia Ocidental	–
WY	Wyoming	321

Estados que restringiram acesso ao procedimento: Arizona, Flórida, Geórgia, Carolina do Norte, Nebraska, Carolina do Sul e Utah

Estados com posição favorável a aborto venceram plebiscito pós-Dobbs: Califórnia, Kansas, Kentucky, Michigan, Montana, Ohio e Vermont

Estados que terão plebiscito sobre aborto em novembro: Arizona, Colorado, Flórida, Maryland, Missouri, Montana, Nebraska, Nevada, Nova York e Dakota do Sul

Fonte: Instituto Guttmacher, Sabato's Crystal Ball e Ballotpedia

Exército americano mata 15 membros do Estado Islâmico em operação no Iraque

WASHINGTON | AFP Uma operação conjunta entre forças americanas e iraquianas matou pelo menos 15 membros do grupo Estado Islâmico (EI) no oeste do Iraque, anunciou na sexta-feira (30) o Comando Central no Oriente Médio (Centcom) do Exército dos Estados Unidos, segundo o qual sete de seus militares ficaram feridos.

"Este grupo do EI estava equipado com numerosas armas, granadas e cintos explosivos. Não há indícios de que tenha havido vítimas civis", declarou o Centcom em publicação na rede social X.

A operação, realizada na manhã de quinta-feira (29), "teve como alvo dirigentes do EI com o objetivo de desbaratar e minar a capacidade do grupo de planejar, organizar e realizar atentados contra civis no Iraque e contra cidadãos, aliados e parceiros americanos na região e fora dela", afirmou a entidade militar.

O Centcom especificou que o Exército iraquiano continuava "explorando o local da incursão", sem dar mais detalhes da operação militar nem sua localização exata.

Cinco dos sete soldados americanos ficaram feridos durante a incursão, informou posteriormente um responsável do Departamento de Defesa. Um deles foi levado para receber tratamento. Todos estão em condição estável, disse o funcionário.

Os EUA têm cerca de 2.500 soldados no Iraque e quase 900 na Síria como parte de uma coalizão internacional criada para combater o EI.

As forças dessa aliança têm sido alvo recente de dezenas de ataques com drones e foguetes, tanto no Iraque quanto na Síria, enquanto a violência relacionada com a guerra entre Israel e Hamas em Gaza tem atraído grupos armados apoiados pelo Irã em todo o Oriente Médio.

Após sua ascensão meteórica ao poder em 2014 e a conquista de vastos territórios no Iraque e na vizinha Síria, o EI viu seu autoproclamado califado desmoronar sob sucessivas ofensivas nesses dois países.

Embora as autoridades iraquianas tenham declarado vitória sobre o EI no fim de 2017, células jihadistas continuam atacando esporadicamente soldados e policiais, especialmente em áreas rurais e remotas. Analistas têm se preocupado, em especial, com os braços do grupo na Ásia Central, onde tem crescido.

No último 15 de agosto, o Iraque anunciou o adiamento do fim da missão da coalizão internacional anti-jihadista liderada por Washington, atribuindo a decisão aos "últimos acontecimentos" em um contexto regional tenso.

Extrema direita alemã pode chegar ao poder em eleições locais, 80 anos após nazismo

AfD lidera pesquisas para disputas em dois estados, mas esbarra na resistência de forças tradicionais em formar coalizão com radicais

Victor Lacombe

SÃO PAULO O partido AfD (Alternativa para a Alemanha) lidera as pesquisas eleitorais em dois estados do país que vão às urnas neste domingo (1º). Esta é maior chance da extrema direita de voltar ao poder na Alemanha quase 80 anos após o fim do regime nazista.

A sigla deve ser a mais votada tanto na Saxônia quanto na Turíngia, que escolhem os membros de seus Parlamentos. Ambos faziam parte da Alemanha Oriental, oficialmente República Democrática Alemã, país comunista que existiu de 1949 a 1990.

A AfD é monitorada nacionalmente pelo serviço de inteligência interno da Alemanha por conta de seu caráter radical, e seus diretórios nesses dois estados são oficialmente considerados extremistas —ou seja, as autoridades alemãs consideram que seus objetivos políticos são incompatíveis com a democracia, o que pode abrir a porta para o banimento do partido.

Membros da legenda disseminam abertamente o discurso racista de que europeus brancos estão sendo substituídos por imigrantes e dizem que muçulmanos não têm lugar na sociedade alemã. Segundo os serviços de inteligência, mantêm contato com grupos neonazistas, principalmente por meio da juventude do partido, a JA (Jovem Alternativa).

Em janeiro, a imprensa local revelou que integrantes da cúpula da AfD se reuniram com neonazistas para discutir um plano de deportar milhões de pessoas da Alemanha para a África —tanto estrangeiros quanto cidadãos alemães descendentes de imigrantes. A revelação desencadeou semanas de protestos.

Nada disso, porém, vem afetando a popularidade do partido na Alemanha, especialmente no leste do país. O pleito na Saxônia e na Turíngia deve tornar o partido o mais votado em uma eleição pela primeira vez desde sua fundação, em 2013.

Entretanto, as pesquisas apontam que o partido não deve conseguir mais de 50% dos votos em nenhum dos estados. Isso implicaria depender de coalizões com outras forças políticas para chegar ao poder.

Desde que a AfD se tornou politicamente relevante, as outras agremiações da Alemanha se recusam a fazer alianças com o partido —um acordo tácito de formar uma espécie de cordão sanitário e impedir a sigla de efetivamente governar.

"Aqui na Turíngia, desde 2000, pesquisas sempre mostram que cerca de 20% da população compactua com visões chauvinistas, extremistas de direita, nacionalistas", diz André Brodocz, cientista político da Universidade de Erfurt, capital do estado. "Mas essas pessoas nem sempre iam às urnas. A AfD conseguiu incentivá-las, pois agora se sentem representadas."

Levantamentos nacionais apontam que 22% dos eleitores do principal partido de centro-direita alemão, a CDU (União Democrata-Cristã), da ex-primeira-ministra Angela Merkel, não concordam com o cordão sanitário contra a AfD e apoiariam uma coalizão com os extremistas —algo rejeitado fortemente pela liderança da CDU em Berlim.

Na Turíngia, o candidato da AfD a governador é Björn Höcke, deputado estadual e um dos nomes mais conhecidos da sigla nacionalmente, em parte pelo fato de ter sido condenado duas vezes por usar o lema paramilitar nazista "Tudo pela Alemanha" em discursos. Höcke foi obrigado a pagar multa nas duas ocasiões.

Se as projeções se confirmarem, o cenário na Turíngia dependerá de um novo partido no cenário político alemão —a BSW (Aliança Sahra Wagenknecht), de centro-esquerda com discurso populista, fundada em janeiro deste ano.

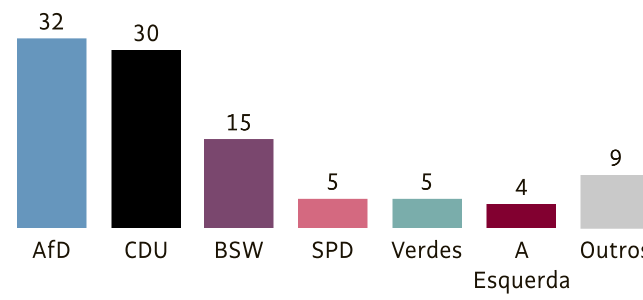
Da mesma forma que os partidos tradicionais se recusam a cooperar com a AfD, a CDU rejeita qualquer elo com A Esquerda, considerada sucessora da sigla comunista que governava a Alemanha Oriental. Essa barreira só deixa uma opção nos dois estados do leste: um governo que una CDU e BSW.

Ambas as agremiações já se mostraram dispostas a conversar sobre uma possível aliança após as eleições, mas o quadro é incerto.

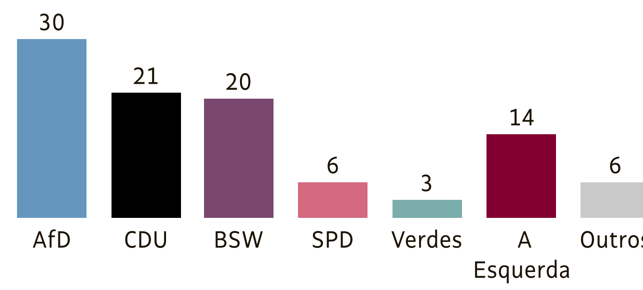
Para Brodocz, um dos principais impactos da votação na Saxônia e na Turíngia é a preparação para uma campanha acirrada nas eleições gerais do ano que vem. "Ainda que os partidos da coalizão [do primeiro-ministro] Olaf Scholz já contem com uma derrota, eles podem observar quais estratégias funcionam, quais temas são importantes", afirma o cientista político. "Se o SPD [de Scholz] não superar a cláusula de barreira de 5% dos votos nos dois estados, será uma derrota dolorosa."

O que dizem as pesquisas eleitorais na Alemanha

Saxônia
Intenção de voto, em %



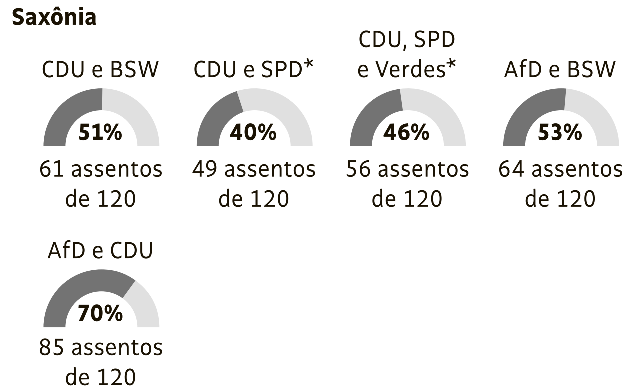
Turíngia
Intenção de voto, em %



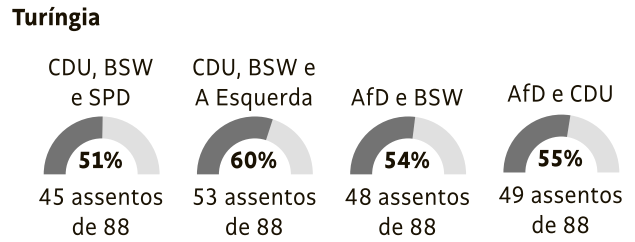
Um partido precisa obter pelo menos 5% dos votos para entrar no Parlamento
Pesquisas realizadas de 19 a 23.ago com margem de erro de 1,5 ponto percentual
Fonte: INSA

Possíveis coalizões, da mais provável à menos provável

Saxônia



Turíngia



*governo minoritário
Projeções com base em pesquisas realizadas de 19 a 23.ago com margem de erro de 1,5 ponto percentual
Fonte: INSA

De direita na imigração e de esquerda na economia, nova agremiação será decisiva em pleitos regionais

SÃO PAULO As eleições regionais deste domingo (1º) na Alemanha devem ser decididas pelo desempenho de um novo partido —a BSW (Aliança Sahra Wagenknecht), cujo apoio será central para qualquer negociação de governo no dia seguinte aos pleitos.

Fundada em janeiro, a BSW leva o nome da deputada federal ex-comunista que liderou um racha dentro do partido A Esquerda e criou sua própria sigla. Desde então, a agremiação tem desafiado classificações no espectro ideológico e tem sido acusada de autoritarismo por outros partidos.

A BSW é baseada em uma combinação de crenças políticas: tem posições de esquerda na economia e na política social e de direita quando os temas são imigração e liberdade de expressão —a sigla é contra regulação em redes sociais e contra restrições a quem questiona a eficácia de vacinas.

Outro eixo importante para a BSW é a defesa do fim do envolvimento da Alemanha em conflitos externos, seja a guerra Israel-Hamas ou a Guerra da Ucrânia —a Alemanha é a maior apoiadora militar de Kiev na Europa.

"A Esquerda costumava fazer política para o trabalhador, ter uma forte política de paz. Por isso fui membro daquele partido", diz à **Folha** a deputada federal Amira Mohamed Ali, cofundadora e copresidente da BSW.

"Existe hoje na Alemanha um clamor por uma política que coloca o trabalhador e o aposentado no centro, mas que segue um caminho conservador em relação à imigração. Havia um vazio, e nós o ocupamos", afirma Ali.

É difícil saber qual dos dois eixos da BSW mobiliza mais o eleitor, mas as pesquisas de intenção de voto para os Parlamentos da Saxônia e da Turíngia apontam que a sigla pode ficar em terceiro lugar em ambos.

Dessa forma, o partido deve chegar ao poder na primeira eleição que disputa, uma vez que nenhuma sigla se mostra disposta a se unir à AfD (Alternativa para a Alemanha), de extrema direita. **VL**



Sahra Wagenknecht, líder do partido BSW, discursa durante comício em Dresden, na Saxônia Matthias Rietschel - 28.ago.24/Reuters

Vice de Milei pratica revisionismo histórico

Nenhum governo democrático da Argentina relativizou tanto a ditadura

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

Até hoje nenhum governo democrático argentino, desde o término da ditadura militar (1976-1983), havia questionado de maneira tão firme o fato de que, no período, houve repressão política com milhares de vítimas, como na atual gestão de Javier Milei.

A visão do chefe de Estado se baseia na obsoleta "teoria dos dois demônios", segundo a qual o que ocorreu nos anos da repressão teria sido um conflito entre forças equitativas (Forças Armadas e um Exército e alguns grupos guerrilheiros), e não o ataque do Estado contra parte de sua população, usando toda sua estrutura para sequestrar, torturar, lançar opositores de "voos da morte" e sequestrar bebês.

Milei contesta a escala da tragédia e considera que grupos armados teriam causado tanta devastação quanto tanques e aviões do Estado. Na prática, porém, Milei não faz mais do que usar sua explosiva retórica nessa questão tão cara aos argentinos.

Dentro do Estado, quem, de fato, leva adiante o revisionismo é sua vice, Victoria Villarruel. Para ela, trata-se de uma agenda pessoal.

Nascida em uma família militar, com parentes vinculados a causas da repressão e outros que participaram da Guerra das Malvinas, Villarruel conhece muitos desses criminosos desde sua infância. Com frequência foi visitar atrás das grades figuras como o ditador Jorge Rafael Videla (1925-2013).

Entre os grupos dos quais participa está o Celtyv, associação que busca "reparar as vítimas do Estado". Villarruel viajou o mundo com essa agenda, o que a transformou em quadro importante do recém-nascido A Liberdade Avança, de Milei.

Nascida em uma família militar, Victoria Villarruel conhece muitos desses criminosos desde a infância. Com frequência foi visitar atrás das grades figuras como o ditador Jorge Rafael Videla (1925-2013)

Villarruel não é, porém, figura de grande poder dentro do círculo de decisões. O próprio presidente costuma deixá-la fora de eventos importantes, como efemérides, viagens e reuniões de gabinete. Isso ocorre, principalmente, porque seu perfil bate de frente com o da irmã de Milei, Karina, a secretária-geral da Presidência e quem comanda sua agenda.

Nas últimas semanas, Villarruel promoveu uma visita de membros do A Liberdade Avança a uma das prisões onde estão os genocidas.

Em um discurso firme, defendeu o reinício dos julgamentos de ex-opositores do regime. Os ex-guerrilheiros também foram julgados nos anos 1980, ainda durante a gestão de Raúl Alfonsín (1927-2009), e muitos deles cumpriram pena de prisão. Porém, as várias políticas de indulto, entre elas a de Carlos Menem (1930-2021), acabaram deixando-os livres.

Tanto uma anistia a repressores como um novo julgamento de combatentes servem na disputa pelos espaços políticos no governo. Nas últimas vezes em que apareceram de modo mais articulado, as propostas foram rejeitadas pela população. Em 2017, quando a Corte Suprema sugeriu a redução de penas para muitos dos perpetradores (a chamada lei 2x1), as manifestações populares foram tão intensas que obrigaram o tribunal a recuar.

Ainda assim, o retorno dessa questão à pauta do debate político mostra uma ferida aberta que, a essa altura, só se fecharia com um conhecimento mais amplo do que ocorreu. Isso já não é mais possível porque faltam bons estudos independentes sobre o período e porque militares destruíram evidências que permitiriam dar a dimensão exata das mortes.

DOM. Sylvia Colombo SEG. Bianca Santana TER. Mundo Leu
QUI. Lúcia Guimarães SÁB. Igor Patrick

Pequim vê 'caixa de Pandora' no mar do Sul da China em meio a disputa com Filipinas

Chineses acusam EUA de provocar instabilidade na região, embora potências tratem a questão como paralela na relação bilateral

Nelson de Sá

PEQUIM Nas reuniões dos líderes chineses com o conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, Jake Sullivan, em Pequim, o mar do Sul da China foi tratado como questão paralela. Os comunicados chineses reafirmaram que sua prioridade é Taiwan, não as Filipinas.

Escalões abaixo, o tom foi outro. Em entrevista coletiva na quinta-feira (29), mesmo dia em que o líder Xi Jinping recebia o enviado do presidente Joe Biden, o porta-voz do ministério chinês da Defesa, coronel Wu Qian, afirmou que as Filipinas abriram "uma caixa de Pandora" ao estacionar mais um navio em recife disputado pelos dois países. Na mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher. Ela tinha uma jarra ou uma caixa que continha todo tipo de miséria e maldade.

Desde abril, um navio da guarda costeira filipina está parado no recife Sabina (ou Xianbin, para os chineses). As tentativas de abastecimento marítimo vinham sendo impedidas pela guarda costeira chinesa. No recife próximo chamado Second Thomas (ou Ren'ai), com navio filipino estacionado desde 1999, negociações meses atrás permitiram o abastecimento, e a tensão baixou.

"A China está empenhada em administrar diferenças por meio do diálogo, mas há limites para a paciência", declarou o porta-voz militar, cobrando "medidas imediatas para evacuar o recife de Xianbin" e apontando os EUA como "o maior destruidor da paz e da estabilidade" na região.

Na mesma quinta, as Filipinas anunciaram ter abastecido o navio, por helicóptero.

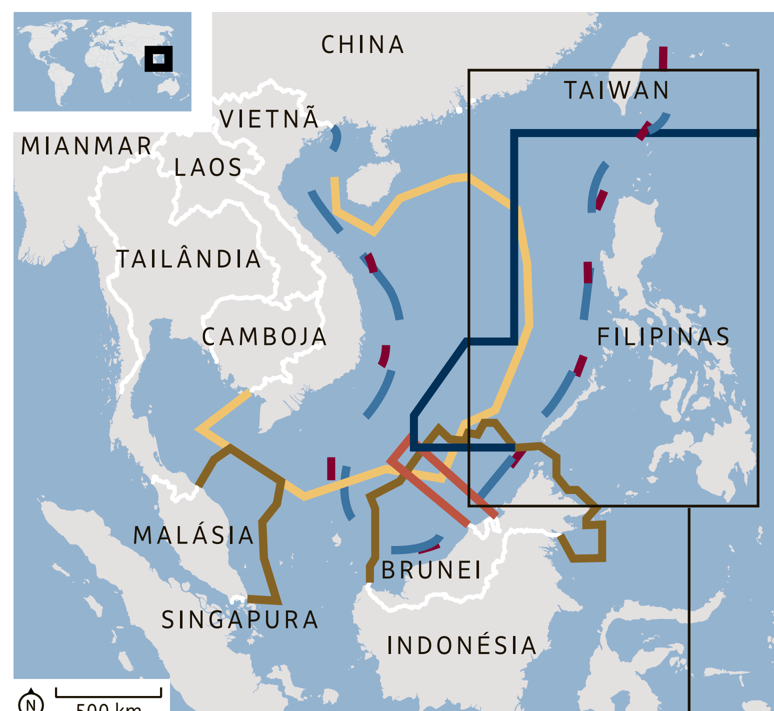
Da parte dos EUA, embora seus porta-aviões tenham abandonado o entorno da China nas últimas semanas para se concentrar no Irã e no Líbano, o comandante militar na região, almirante Samuel Paparo, afirmou nesta semana que levaria em consideração escoltar navios filipinos para o abastecimento nos recifes.

A região vive uma escalada. Em fevereiro, o governo filipino ampliou o número de bases militares liberadas para as forças americanas, de cinco para nove. Uma delas, ilha Balabac, fica próxima às ilhas Spratly, dos recifes disputados. Semanas atrás, Washington anunciou investimentos de US$ 32 milhões (R$ 180 milhões) para ampliar a Base Aérea de Basa, mais ao norte.

Em abril, os EUA instalaram um sistema de mísseis balísticos de médio alcance no extremo norte das Filipinas. Pequim vem cobrando sua retirada desde então.

Reivindicações marítimas de países asiáticos geram disputa regional

- China
- Taiwan
- Vietnã
- Malásia
- Brunei
- Filipinas



Bases militares abertas aos EUA pelas Filipinas

- Bases
- Pontos de disputa entre China e Filipinas



Fontes: agência CNA/Wen-Ti Sung e Agência de Notícias das Filipinas

Um mês antes, em março, conforme revelou o jornal The New York Times, o governo americano havia aprovado secretamente um plano estratégico nuclear que, pela primeira vez, reorientou o foco para a China.

E nesta semana, mais uma vez, o ministério chinês da Defesa questionou "o pretexto da inexistente teoria da ameaça nuclear da China".

INÊS 249

Estudantes bolsistas de colégios de elite de São Paulo relatam discriminação e segregação

Jovens falam em xingamentos, apelidos racistas e preconceito velado por parte de colegas; escolas dizem que tratam todos os alunos da mesma maneira e conduzem iniciativas para evitar o bullying

Bruno Lucca e Isabela Palhares

SÃO PAULO Quando Gabriel Domingues chegou ao Colégio Marista Arquidiocesano, em São Paulo, causou espanto. Bolsista, negro e periférico, destoava dos demais alunos da escola, com mensalidades a partir de R$ 3.000. Era o 1º ano do ensino médio, e os seguintes seriam marcados por percalços.

A primeira barreira enfrentada por ele foi a social. Era difícil se enturmar com pessoas de vivências tão diferentes. "Eles não me chamavam para sair e justificavam dizendo que era muito caro", relata.

Depois, a racial. Na turma, havia homônimos e, como forma de diferenciá-los, foram criados apelidos. Gabriel Domingues, o único não branco, foi intitulado "Gabnegão". "À época, tolerei para ser aceito. Agora, entendo o contorno racista daquilo."

Hoje com 21 anos e estudante de administração pública na FGV (Fundação Getulio Vargas), Gabriel faz parte da Ponteduca, uma organização sem fins lucrativos que luta pela redução das desigualdades socioeconômicas a partir da democratização da educação particular.

Lá, ele recolhe relatos de bolsistas em colégios da elite paulista e busca garantir o melhor tratamento. A **Folha** também ouviu relatos de estudantes e ex-estudantes de escolas como Porto Seguro, São Luís e Santo Américo. Todos pediram para não ter identidade revelada.

Na maioria dos casos, os alunos consideram que a discriminação ocorria de forma velada, na ausência de convites para festas ou EM comentários sobre as roupas e tênis. Mas, em outros, a segregação ocorria de forma institucionalizada, segundo eles.

No colégio São Luís, na Vila Mariana, alunos pagantes estudam durante o dia. Já os bolsistas, no noturno e sem autorização para entrar na escola antes do horário das aulas, mesmo que para estudar.

Uma ex-aluna contou que, além da segregação por turnos, também havia a diferenciação em atividades esportivas. Durante os campeonatos internos, bolsistas competiam somente entre bolsistas, afirma. Outro ponto é o uniforme. Pagantes usam uma camiseta branca. Quem é isento da mensalidade, uma camiseta azul-marinho, na qual está escrito "noturno".

O Porto Seguro é outro colégio que separa os alunos bolsistas. A instituição mantém desde 1966 a Escola da Comunidade para atender estudantes pobres.

Até 2020, pagantes e não pagantes estudavam na mesma unidade, no Morumbi. Isso mudou quando os bolsistas foram transferidos para outro prédio na Vila Andrade. As duas unidades estão separadas por cerca de quatro quilômetros.

Uma ex-aluna conta que, mesmo quando estudavam no mesmo prédio, os bolsistas não podiam circular pelas áreas da escola sem autorização prévia. Nada de piscina ou quadra.

Ela, filha de empregada doméstica, diz que se culpava por sentir que estava sendo discriminada. Por um lado, recebia uniforme, material didático, lanche e uma educação de qualidade. Por outro, a sensação de não pertencimento.

Não só os alunos da Escola da Comunidade relatam casos de discriminação. Filhos de professores, que têm direito a bolsa integral, também contam sofrer ofensas e exclusão por não pagarem mensalidade.

Uma ex-professora do Porto Seguro conta que tinha bolsa integral para suas duas filhas no colégio. A caçula começou a ser alvo de piadas e exclusão quando ainda estava no 2º ano do ensino fundamental. A mãe lembra que as colegas de turma foram uma única vez em sua casa para fazer um trabalho de escola. Depois espalharam para a sala que a menina morava em uma casa que parecia de favela.

Ao longo dos anos, a menina continuou sendo alvo das ofensas e ficou cada vez mais excluída. A mãe conta que, alertada, a coordenação e os pais dos alunos nada fizeram. Os filhos de docentes, ela diz, são tratados como uma extensão dos funcionários.

Para evitar que os filhos sofram preconceito, alguns professores preferem abrir mão do direito à bolsa de estudos. À **Folha**, uma docente contou que decidiu tirar o filho do colégio em que leciona, com mensalidades em torno de R$ 6.000.

Cerca de uma dezena de colégios com mensalidades altas também atendem alunos de famílias pobres por meio de parceria com ONGs. Essas instituições fazem a seleção de estudantes de escola pública com bom rendimento e arcam com as bolsas de estudo.

É o caso, por exemplo, do colégio Santo Américo, no Jardim Colombo. Uma aluna do 3º ano do ensino médio conta que, apesar dos benefícios de ter o ensino custeado em uma escola reconhecida, é difícil lidar com as provocações dos colegas. Ela diz que foram criados grupos no WhatsApp apenas para xingar bolsistas.

Nas últimas semanas, ganhou força o debate sobre a responsabilidade das escolas particulares em oferecer cuidado e proteção aos estudantes bolsistas. O assunto repercutiu após um aluno do colégio Bandeirantes, na Vila Mariana, se suicidar. O menino era bolsista e já havia se queixado de ser vítima de discriminação.

A socióloga e educadora Ednéia Gonçalves, coordenadora da Ação Educativa, diz que as escolas têm obrigação de proteger os estudantes. Para ela, a "escola não pode ter medo de ofender os pais por relatar que o seu filho teve atitude preconceituosa". "

Em nota, o colégio São Luís disse que as bolsas para o ensino médio noturno existem desde 1943 e foram criadas para " defender e promover uma educação de qualidade para aquelas pessoas que correm o risco de ter esse direito negado pela sociedade". A direção afirma que esses estudantes são tratados da mesma forma que os demais, sem discriminação.

Já o colégio Porto Seguro que "o combate ao bullying é uma prioridade" da escola, que conta com uma equipe com mais de 50 psicólogos e psicopedagogos para atender os alunos.

O colégio Marista afirmou que possui "projetos para promover a acolhida e integração de estudantes de forma indistinta para todos que ingressam na instituição". A direção diz ter um programa de prevenção ao bullying. Procurado, o Bandeirantes disse que não iria se manifestar.



Bolsista quando estava no ensino médio, Gabriel Domingues, 21, preside entidade que luta contra a desigualdade educacional e discriminação em escolas particulares Rafaela Araujo/Folhapress

> **"Eles não me chamavam para sair e justificavam dizendo que era muito caro**
>
> **Gabriel Domingues**
> estudante de administração pública na FGV (Fundação Getulio Vargas), ex-bolsista do Colégio Marista Arquidiocesano

Câmera sináptica alienígena

A câmera sináptica equivaleria a um detector de mentira, a um soro da verdade

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Parado no sinal, em frente ao Playball da Pompeia, com suas inúmeras quadras de futebol, penso: taí um raríssimo quadrilátero feliz na cidade de São Paulo. Sem muro alto nem morador de rua, sem catraca nem crack, só amigos jogando, suando, comendo churrasco e tomando água de coco ou cerveja.

É então que o OVNI baixa no meu pensamento, junto à tecnologia da "câmera sináptica". Como uma câmera de visão noturna capta o calor, a "câmera sináptica" alienígena seria sensível à concentração e distribuição dos neurotransmissores no cérebro.

Faria, à distância, uma espécie de tomografia, não só de indivíduos, mas de grupos. A câmera conseguiria enxergar se uma pessoa ou grupo está feliz (serotonina), bravo ou com medo (adrenalina), satisfazendo vícios, fazendo sexo (dopamina), amando-se ou cuidando das crianças (ocitocina), estudando, lendo ou criando (acetilcolina e glutamato). (Neurologistas indignados com meus probabilíssimos erros, por favor, cartas —cheias de adrenalina, acho— à redação).



Adams Carvalho/Folhapress

Claro que, como há no cérebro infinitas sinapses ao mesmo tempo e as corredeiras de neurotransmissores se misturam num sem-número de pororocas, a câmera seria capaz de analisar a mistura de todos esses liquidozinhos e mostrá-la através de cores. Quanto mais ligada à paz e à felicidade fosse a mistureba de neurotransmissores, mais próximo do azul claro seria o indivíduo ou o grupo observado. Quanto mais ligada ao sofrimento, à dor, à angústia e ao ódio, mais próxima do vermelho.

Se os ETs olhassem pra baixo, ali no Playball da Marquês de São Vicente com a Nicolas Boer, veriam uma grande mancha azul claro. Se fossem um pouco adiante e sobrevoassem as proximidades do Parque Antártica, numa briga de torcida, veriam uma nódoa cor de sangue.

A "câmera sináptica" equivaleria a um detector de mentira, a um soro da verdade. Se a tivéssemos na Terra e fôssemos fazer uma entrevista de emprego, bastaria dar uma olhada na nuvem vermelha resultante de todos os funcionários atrás de suas baias para sair correndo da empresa.

A "câmera sináptica", porém, poderia cair em mãos erradas. Poderia ser usada por uma ditadura, em drones, para descobrir quem pensa livremente. Quem ri

Seria possível ver se uma pessoa te ama ou te odeia a metros de distância. Escolas poderiam ser avaliadas num átimo pelo ranking cromático, capaz de demonstrar não só a abertura pro aprendizado dos alunos, mas com quanta dor ou prazer ele estaria sendo produzido.

Uma foto de satélite revelaria a distribuição de felicidade pela cidade de São Paulo. Políticas públicas seriam desenhadas a partir dessa paleta. O PIB ou IDH dos países seriam só o segundo e terceiro índice mais importantes. Seria o fim do populismo e da demagogia.

A "câmera sináptica", porém, poderia cair em mãos erradas. Poderia ser usada por uma ditadura, em drones, para descobrir quem pensa livremente. Quem ri. Quem faz sexo. Quem, em meio à mancha rubra de uma escola militar, está desviando para o azul. Seria o maior pesadelo de vigilância social, deixando a Gestapo ou a Stasi no chinelo.

Abre o farol. Deixo pra trás o quarteirão azul bebê e vou me embrenhando, entre moradores de rua e motoristas enfurecidos, pela vermelhidão da cidade. Imagino o OVNI dando uma rápida espiada pelos arredores, ziguezagueando entre a Pompéia, Casa Verde e Barra Funda e partindo pro espaço em busca de paragens mais aprazíveis.

DOM. Antonio Prata **SEG.** Becky S. Korich, Giovana Madalosso **TER.** Vera Iaconelli **QUA.** Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques **QUI.** Sérgio Rodrigues **SEX.** Tati Bernardi **SÁB.** Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Direito da USP investiga pichações de suástica

Desenhos apareceram em mesas, portas e cartazes; diretor diz que levará caso 'às últimas consequências'

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO A diretoria da Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo) realiza uma investigação interna em busca do autor ou dos autores de pichações de suásticas nazistas em vários ambientes do prédio no largo São Francisco, no centro de São Paulo.

De acordo com o diretor da faculdade, Celso Campilongo, as inscrições em mesas, na porta do elevador e em placas metálicas foram feitas entre o Natal do ano passado e o Ano Novo do ano passado, mas as ações têm se tornado algo contínuo, com desenhos de suásticas em cartazes fixados nas paredes.

"A gente tem percebido algo continuado. É fácil a gente aferir isso pelos cartazes, porque os cartazes são colocados geralmente às vésperas de um evento, eu vou ter um seminário, um palestrante, um congresso qualquer, então os cartazes são colocados mais ou menos na véspera desses eventos, e eu vejo inscrições nessas coisas. Então são [atos] continuados e alguns mais recentes", disse o diretor.

Duas salas que foram vandalizadas com suásticas haviam passado por restauração pouco antes. As mesas pichadas também eram novas.

"Nós temos câmeras espalhadas aqui pela faculdade, mas nenhuma delas captou nada suspeito ou alguém fazendo uma inscrição", disse Campilongo. A suspeita é de que a pessoa ou as pessoas envolvidas conhecem o ambiente e sabem como escapar do monitoramento.

A Faculdade de Direito não possui catraca para acesso, ou seja, é livre o acesso do público em geral além de professores, alunos e funcionários. "No período de férias, é comum também que eu tenha muitos visitantes à faculdade, tem muita gente que vem aqui visitar, quer conhecer o prédio da faculdade porque quer estudar aqui, então tem um acesso mais ou menos franqueado."

Campilongo afirmou que, assim como o prédio, os elevadores são tombados, o que dificulta a realização de uma reforma para a remoção das suásticas. Já os cartazes são removidos assim que identificado o problema.



Suásticas foram desenhadas em superfícies de madeira na Faculdade de Direito da USP Divulgação

O diretor disse ter relatado o caso para o Ministério Público Estadual e para o Procuradoria Federal, mas não houve ainda uma representação formal aos órgãos. A Polícia Civil também não foi procurada. "Eu tenho poucos elementos de prova. Eu não tenho como acusar ninguém, responsabilizar ninguém. Se eu tiver elementos de prova, nós vamos levar isso às últimas consequências. Estamos investigando tudo."

"Nós temos uma legislação que proíbe o racismo, depois essa legislação foi aditada para proibir também a proliferação de símbolos nazistas, a divulgação expressamente, fala em cruz suástica ou cruz gamada, expressamente a legislação menciona que isso é crime, crime com pena de reclusão de dois a cinco anos".

Campilongo avalia algumas hipóteses para a motivação dos atos "Por exemplo, o fato de ter uma guerra que começou em outubro do ano passado, entre Israel e Palestina, entre Hamas e Israel. Eu não duvido que isso possa ter tido alguma interferência nisso, é uma hipótese", disse

Rede mundial de educação é lançada por ex-detentos

Contra o encarceramento em massa, iniciativa busca ampliar acesso de egressos ao ensino

DIAS MELHORES

Lucas Lacerda e Zanone Fraissat

SÃO PAULO Entre indas e vindas, Eder Henrique da Silva passou 10 dos seus 36 anos preso. A perda precoce de um irmão de sete anos fez o então pré-adolescente abandonar os estudos, compensar o luto com drogas e acabar com passagens na Fundação Casa e em diferentes presídios de São Paulo, ora por roubo de cargas, ora por receptação.

"Parece que foi outra pessoa, só lembro quando tenho que contar." Há oito anos fora do sistema, ele é pintor no setor na construção civil e aluno do quarto período de engenharia de software em uma universidade privada em São Paulo.

O interesse pela área começou com o gosto por jogos como Age of Empires, e amadureceu como a vontade de criar soluções na área de tecnologia. Marido e pai de quatro filhos, Eder quer estudar inglês.

Eder e colegas do Brasil e de outros 12 países se encontraram na tarde de sábado (31) no Museu do Futebol, no Pacaembu, para o lançamento da Rede Global de Acadêmicos da Liberdade (Global Freedom Scholars Network, em inglês).

Além de divulgar a bandeira do acesso de egressos à educação, o evento também vai ser a ocasião de lançamento de uma plataforma para alunos que passaram pela prisão para a troca de informações sobre oportunidades de estudo e emprego.

A iniciativa é da Incarceration Nations Network, fundada e dirigida por Baz Dreisinger, professora na Escola John Jay de Justiça Criminal da Universidade da Cidade de Nova York.



Egressos lançam rede internacional de educação para ex-presidiários Zanone Fraissat/Folhapress

> **Não precisamos de mais estudos para provar [que a educação pode quebrar o ciclo da violência]. É a realidade**
>
> **Baz Dreisinger**
> fundadora da iniciativa

Quebrar o ciclo de violência e aprisionamento com educação já é uma evidência consolidada. "Nem é uma questão mais. Não precisamos de mais estudos para provar isso. É a realidade", diz.

Dreisinger, que fundou em 2011 um programa para oferecer bolsas a presidiários e egressos do sistema, afirmou que este tipo de ajuda é, muitas vezes, a primeira oportunidade de educação para parte da população.

Na sexta (29), integrantes da futura rede se encontraram na capital para uma visita ao Museu Penitenciário Paulista e ao Espaço Memória Carandiru, para uma visita às áreas dos pavilhões demolidos do antigo presídio.

Para a educadora social Dandara Zainabo Diaz, 27, a principal função da rede é quebrar um ciclo. "Os cinco anos da minha vida em um presídio me fizeram entender que ainda vivemos um sistema colonialista, que tem essa função separar".

cotidiano

Estátua católica trinta metros maior que o Cristo Redentor é construída no interior de SP

Imagem que retrata São Miguel Arcanjo pretende ser a maior figura do catolicismo do mundo

Aléxia Sousa

RIO DE JANEIRO Uma estátua de São Miguel Arcanjo com 70 metros de altura está em construção na cidade que leva o nome do anjo, no interior de São Paulo (a 180 quilômetros da capital paulista). Cerca de 30 metros maior que o Cristo Redentor, o monumento pretende ser a maior figura católica do mundo.

A imagem faz parte do complexo religioso Gruta do Arcanjo, desenvolvido pela Basílica de São Miguel em parceria com a iniciativa privada. O terreno de 30 mil m² foi doado à igreja por uma família de moradores.

As obras começaram em maio de 2023, e têm previsão de entrega para 2026.

Antes, a estátua teria 58 metros de altura, mas foi corrigida para 70 metros, do chão a ponta da asa da imagem do arcanjo. O Cristo do Rio tem 38 metros, contando a estátua e o pedestal.

A obra é assinada pelo escultor Markus Moura, mesmo responsável pelo Cristo Protetor, monumento de 43,5 metros de altura inaugurado ano passado em Encantado, no Rio Grande do Sul.

Quando inaugurada, a estátua de São Miguel Arcanjo baterá o recorde do monumento de Santa Rita de Cássia, em Santa Cruz, no Rio Grande do Norte. A imagem é atualmente o maior monumento cristão construído no país.

De acordo com o projeto, a escultura do arcanjo terá uma espada na mão direita e uma balança, na esquerda. A obra também prevê um mirante, localizado no peito da estátua.

O complexo religioso terá uma praça para missa campal, com capacidade para 12 mil pessoas. Haverá ainda área para lojas, museu de arte sacra e estacionamento para 550 automóveis.

O projeto prevê ainda dois prédios, sendo um com estrutura de banheiros, cozinha, espaço de lanchonete, capela de 80 lugares e auditório para 25 pessoas. O segundo será acoplado à estátua, com uma área de recepção aos visitantes. Este ainda está em fase final de orçamento.

A prefeitura do município também acompanha o plano e disse que tem feito estudos para avaliar os impactos do projeto na cidade.

A igreja foi elevada à categoria de basílica em 2018, título dado pelo Vaticano que confere um status internacional ao local.

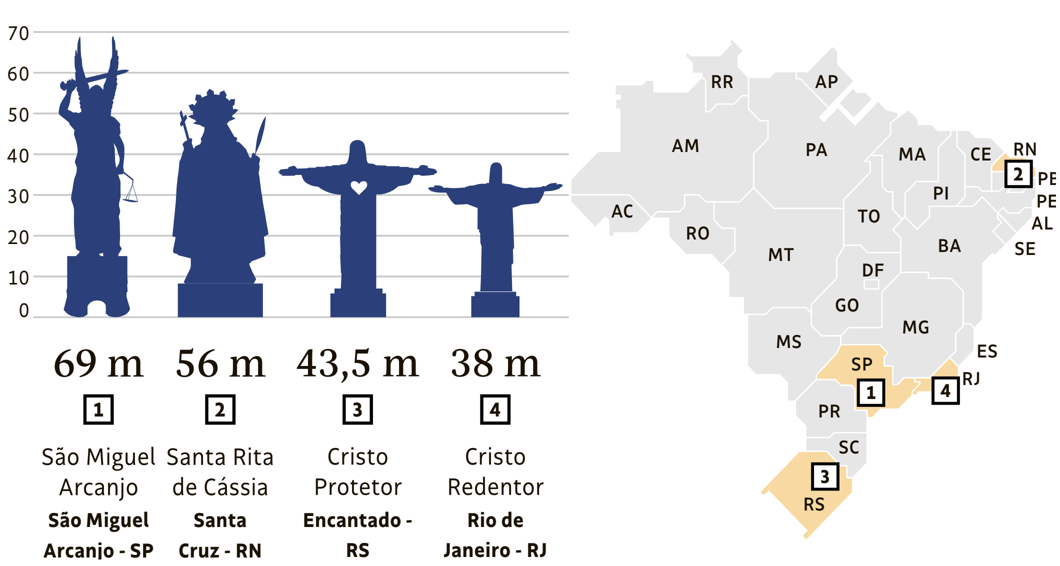
"A ideia é tornar ali um polo devocional a São Miguel Arcanjo", diz o padre Márcio Almeida, reitor da basílica.

"Nós viramos santuário há cerca de dez anos, e desde então trabalhamos na acolhida do peregrino e fomentado a ideia do turismo religioso", completou o padre, que já recebe turistas e fiéis aos fins de semana. No local, que ainda é um canteiro de obras, está exposta a cabeça da estátua.



Projeção da futura estátua, que terá 70 metros de altura Basílica de São Miguel Arcanjo/Divulgação

Estátua católica maior que o Cristo Redentor é construída no interior de SP



Mortos em desabamento de igreja no Recife haviam ido buscar cestas básicas

As duas pessoas que morreram no desabamento do teto no santuário de Nossa Senhora da Conceição, na zona norte do Recife, na sexta (30), foram identificadas como Maria da Conceição de França Pinto, 68, e Antônio José dos Santos, 54. A tragédia deixou ainda 28 feridos.

Segundo a Arquidiocese de Olinda e Recife, cerca de 70 pessoas estavam no local para receber cestas básicas. O santuário costumava sediar ações desse tipo.

Apagão em SP atinge a avenida Paulista e o bairro da Liberdade

SÃO PAULO Diversos bairros das cidades de São Paulo e Guarulhos, na região metropolitana, tiveram interrupção de energia elétrica na tarde deste sábado (31). Houve relatos de apagões em diversas regiões da capital por volta das 17h30.

A Enel Distribuição SP afirmou que havia normalizado por volta das 20h o fornecimento a todos os clientes afetados. A empresa, responsável pelo serviço na região metropolitana, atribuiu o apagão a uma "ocorrência envolvendo o sistema de transmissão, que não pertence à Enel". Ela não informou quantos bairros foram impactados pela falta de luz.

Houve registro de falta de luz em vários pontos da região central, incluindo alguns quarteirões da avenida Paulista e o bairro da Liberdade.



Shopping Pátio Paulista, na região central de São Paulo, ficou sem energia na tarde deste sábado (31) em apagão que afetou diversos bairros e parte de Guarulhos Roberto Sungi/Ato Press/Folhapress

O apagão afetou inclusive o transporte público no centro da cidade. Por volta das 18h45, ao menos dez composições do sistema de trólebus, que é abastecido por cabos de energia, estavam parados na rua Conselheiro Furtado, na Liberdade.

Houve relatos de falta de energia também nos bairros de Tucuruvi e Jaçanã, na zona norte, e em Tatuapé, Belém e São Miguel Paulista, na zona leste.

Em Guarulhos, houve interrupção de energia no centro e em bairros como Vila Rio, Jardim Moreira, Bosque Maia e Vila Augusta.

O ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico) afirmou que houve o "desligamento de todos os equipamentos da subestação Guarulhos, de propriedade da Eletrobrás". O órgão diz aguardar informações sobre as causas.

ambiente



O líder indígena guarani Márcio Verá Mirim cria espécies de abelhas localmente extintas em meliponário na aldeia Tekoa Yvy Porã, no Jaraguá, em São Paulo Bruno Santos/Folhapress

Indígena guarani traz de volta abelhas nativas que haviam sumido do Jaraguá

Povos originários de aldeias em São Paulo criam dez espécies sem ferrão ameaçadas pelo desmatamento; insetos polinizam mata atlântica e produzem cera para rituais

SOCIAL+
MINHA HISTÓRIA
MÁRCIO VERÁ MIRIM

SÃO PAULO A primeira coisa que Márcio Verá Mirim precisa explicar quando recebe visitantes na criação de abelhas de sua aldeia é que elas não machucam. Apesar de serem nativas do Brasil, as espécies que voam por lá são pouco conhecidas pelos brasileiros, que costumam associar esses insetos voadores à *Apis mellifera* — aquela que produz mel nos apiários e dá ferroadas doloridas, trazida pelos portugueses no século 19.

Liderança guarani, Márcio, 40, trouxe de volta para a Terra Indígena Jaraguá, em São Paulo, espécies que não se viam mais por ali.

Conhecidas como abelhas sem ferrão por terem um ferrão atrofiado, elas produzem o mel, o própolis e a cera utilizados nos rituais sagrados e na medicina tradicional indígena, além de serem importantes polinizadoras da mata atlântica remanescente.

Márcio cuida de um meliponário com 140 caixas de madeira usadas para substituir o oco das árvores, habitat natural dessas abelhas, que vêm sendo ameaçadas pelo desmatamento, pelas mudanças climáticas e pelos agrotóxicos das plantações.

Elas pertencem a dez espécies, sendo que sete delas estavam localmente extintas até 2017, quando o projeto começou. Não à toa, são conhecidas pelos nomes indígenas recebidos há séculos: uruçu amarela, mandaçaia, mandaguari, manduri amarela, guaraipo, jataí, tubuna, iraí, mirim-droryana e mirim-guaçu.

*

As abelhas nativas estavam desaparecendo do nosso território. Não tínhamos mais contato com essas espécies, tudo o que sabíamos sobre elas era o que ouvíamos nas histórias dos anciões. Por isso decidimos criar esse projeto. A gente não tem medo de abelhas porque aprende, desde cedo, que elas não têm ferrão e que fazem bem à natureza. Para nós, guaranis, elas são parte da família.

A cera, o mel e o própolis são usados na medicina tradicional e nos nossos rituais sagrados.

A gente deixou a prática cultural de tirar os enxames da mata e passou a reproduzir as abelhas que já estão nas caixinhas. Na minha concepção, foi uma mudança para melhor, porque, além de usar a cera e o mel para a nossa vida, a gente está praticando o bem-estar das que estão na natureza.

Nós escolhemos as espécies que vamos reintroduzir ouvindo os anciões, mas também vendo o que a mata consegue suportar. É um trabalho de longo prazo, e temos que ter um olhar calmo e analítico para fazer o nosso papel de forma correta.

As abelhas nativas têm o papel fundamental de polinizar a mata atlântica. Elas são seletivas: cada espécie tem a sua função, seu território e a vegetação que precisa polinizar. As pequenininhas polinizam as plantas rasteiras e medicinais. As maiores, como voam mais alto e têm mais força, polinizam as árvores maiores. E tem aquelas que são ainda maiores e que vão polinizar as árvores de vários metros de altura.

Na nossa cultura, a gente entende que Nhanderu [Deus] criou várias espécies para destiná-las para esses diferentes trabalhos na floresta e nos ensinou, como povo originário, a cuidar delas. Mantendo essa diversidade de espécies, elas vão manter a biodiversidade da nossa mata.

Nosso papel é protegê-las e plantar árvores nativas para ajudá-las. O resto já é com elas.

O Pico do Jaraguá é sagrado para nós. Com o tempo, a cidade de São Paulo foi se aproximando e com ela veio um costume, uma maneira de viver, um tempo diferente do nosso.

A gente tenta adaptar essa realidade para que nos traga coisas boas, mas mantendo nossas tradições fortes. Porque a cultura guarani é uma cultura viva. Está no nosso dia a dia, nos rituais, no artesanato, na agricultura, na forma de olhar a mata.

A mata atlântica é nosso elixir da vida. Sabendo utilizar de uma maneira respeitosa, com o manuseio correto, a gente vai viver, e não sobreviver, como a maioria está fazendo nos tempos de hoje.

Eu me preocupo quando olho para o futuro. Em vez de só ter uma visão crítica sobre as mudanças climáticas e os desastres ambientais, eu trago esse olhar da nossa prática. Falar é importante, mas não adianta só falar.

Depoimento a Flávia Mantovani

> **“A mata atlântica é nosso elixir da vida. Sabendo utilizar de uma maneira respeitosa, com o manuseio correto, a gente vai viver, e não sobreviver, como a maioria está fazendo nos tempos de hoje. Eu me preocupo quando olho para o futuro. [...] Falar é importante, mas não adianta só falar**
>
> **Márcio Verá Mirim**
> líder guarani da Terra Indígena Jaraguá

Causa do Ano
Mata Atlântica: Regenerar e Preservar

ESTUDO

Mudança climática agravou tufão devastador na Ásia

REUTERS O tufão Gaemi, que deixou mais de cem mortos em julho ao passar por Filipinas, Taiwan e China, foi agravado pelas mudanças climáticas, aponta relatório publicado na quinta (28). Mares mais quentes devido às emissões de carbono dão “combustível” extra para tempestades tropicais.



Poço de extração de gás natural instalado pela empresa Eneva em meio a região de floresta no município de Silves, no Amazonas Fotos Lalo de Almeida/Folhapress

Poços para exploração de gás e óleo atropelam pequenos agricultores com preços baixos por suas terras

Empreendimento se expande em ritmo acelerado em área preservada de floresta na amazônia ocidental e ignora indígenas; Eneva diz que paga valores acima do mercado

Vinicius Sassine e Lalo de Almeida

SILVES E ITAPIRANGA (AM) O sossego, o silêncio e o espaço de quem se viu no meio do caminho de um gigantesco empreendimento de gás natural e óleo, no coração da floresta amazônica, podem valer de R$ 400 a pouco mais de R$ 3.000 por mês.

A 80 metros da porta da casa de José Carlos da Silva, 58, e Alzira Pereira Pinto, 65, um poço foi cavado para a prospecção de combustível fóssil, alimento futuro de termelétricas. O descampado em volta do poço e das válvulas está ainda mais perto, a 30 metros. O quintal da casa, que fica na beira de uma rodovia rumo a Itapiranga (AM), tem agora uma estrutura de gás e petróleo.

"Esse descampado já destruiu minhas plantações", diz o agricultor, que é ex-cortador de cana e ex-vendedor de frutas. "Eu não sabia que tinha gás aqui. Fico vendo a perfuração e tenho medo de explosão, vazamento, essas coisas", afirma a mulher.

A Eneva, uma empresa com faturamento bilionário e que é dona do maior empreendimento privado de exploração de óleo e gás na amazônia, em franca expansão, alugou o quintal de José e Alzira para cavar um poço de gás. Começou pagando R$ 3.400 por mês pelo aluguel e reajustou para R$ 4.000, segundo o casal.

Outro pedaço do terreno foi alugado para a passagem de um gasoduto. O valor: R$ 500 ao ano, ou R$ 42 por mês. "Eles 'amarraram o nó'. Disseram que se a gente não aceitasse, outros vários iam aceitar. Como que peita? Não tenho essa força. Tive de me sujeitar", afirma José Carlos, pernambucano, há 36 anos na amazônia.

A casa do policial aposentado Francisco de Moraes, 65, está na beira de outra rodovia, no caminho para Silves (AM), cidade que é uma ilha, próxima a Itapiranga. Ele alugou parte de seu terreno —500 metros de comprimento, 35 metros de largura— para a Eneva seguir com o gasoduto em construção, conectando poços de exploração e unidade de tratamento do gás.

"Eu comprei isso aqui para sossego. Era o paraíso. Agora estou no inferno", diz Francisco. "Eu encho o ouvido de algodão para tentar dormir. É muito barulho, muita zoada, principalmente à noite. Eu quero ir embora."

O aluguel acertado, segundo ele, foi de quase R$ 5.000 ao ano, ou pouco mais de R$ 400 por mês. Tratores quebraram sua bomba d'água, uma estrada de chão imponente surgiu no fundo de sua casa, árvores frutíferas precisaram ser arrancadas. "Eu me arrependi de ter aceitado. Não sabia que seria esse transtorno."

A consolidação de um polo de gás e óleo em uma área superpreservada da amazônia teve início efetivo em 2021 e uma expansão sem precedentes em 2023, que avança por 2024.

Para isso, a Eneva obteve licenças para perfuração de 29 poços de gás (18 somente em 2023) em blocos na região compreendida entre Itacoatiara, Silves e Itapiranga, no leste do Amazonas, um lugar alcançado por terra, o que é raro no estado amazônico dependente do transporte fluvial em quase toda sua extensão.

As autorizações incluem um gasoduto com 32 km de extensão e a construção de usinas termelétricas. As licenças foram emitidas pelo Ipaam (Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas).

O Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) se retirou dos processos de licenciamento do empreendimento com base em declaração da Eneva de que os projetos não impactam terras indígenas.

A Eneva afirmou, em nota, que paga aos proprietários de terra valores acima da média de mercado e que preza por transparência e bom relacionamento com os agricultores. Quase 100% das negociações foram concluídas e de forma amigável, disse.

Quem tem um poço produtor no imóvel tem direito a participação na produção, conforme a companhia. Segundo a Eneva, são 20 licenças para perfuração de poços de gás natural, e 18 já foram perfurados, com extração efetiva de 3.

A expansão de gás e petróleo pela floresta está em pleno vapor, com perfurações de poços novos para prospecção, distribuição de dutos em diferentes pontos da mata, formatação do gasoduto —que já ganha forma em diferentes trechos na floresta, para atravessar cursos d'água— e abertura de estradas de chão para a movimentação de todos os operários necessários.

Para avançar, o projeto usa métodos vistos em grandes obras na amazônia. Ignora a existência de comunidades tradicionais, como as aldeias muras no campo Tambaqui —no caso dos indígenas, não há nem preço ou conversa sobre o espaço.

Continua na pág. A65

> **Disseram que se a gente não aceitasse, outros vários iam aceitar. Como que peita? Não tenho essa força. Tive de me sujeitar**
>
> **José Carlos**
> mora há 36 anos na amazônia

> **Eu comprei isso aqui para sossego. [...] Agora estou no inferno. Eu encho o ouvido de algodão para tentar dormir**
>
> **Francisco de Moraes**
> policial aposentado



Balsa leva operários da operação de exploração de gás natural em Silves



Jonas Mura, liderança do povo mura, observa válvula instalada em um poço de gás natural perfurado na Terra Indígena Gavião Real, em Silves

Continuação da pág. A64

Atrai ainda pequenos agricultores, cujas terras são necessárias para a rede de poços. Esconde informações de quem se viu no meio do caminho.

Integrantes de comunidades locais relatam que funcionários da Eneva destacados para o convencimento sobre o aluguel das terras se negam a fornecer cópia do contrato para leitura antes da assinatura. Também há omissão sobre a possibilidade de que o pagamento seja de uma vez, não fracionado mês a mês. Eles citam ainda ameaças de perda do terreno por meio de ordem judicial.

A reportagem mapeou dez poços na região entre Itacoatiara, Silves e Itapiranga. O sistema de dados públicos da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) diz que foram 12 perfurações desde 2021.

Quatro poços estão no território reivindicado por famílias muras, a Terra Indígena Gavião Real. Da rodovia até o local de dois poços, por uma estrada de terra que os indígenas dizem ter sido aberta pela empresa, são 20 quilômetros. O rio Anebá está a 400 metros do local.

A Eneva, em nota à reportagem, afirma que a estrada foi aberta por outra empresa, a Mil Madeiras, "anos atrás, para manejo [florestal] na área".

"Aqui era o braço de um igarapé que servia como caminho para caça. Aterraram o igarapé para a estrada, não dá para passar de canoa mais", diz Jonas Mura, cacique geral da terra indígena.

As comunidades, com 1.360 indígenas, em sete aldeias, tentam a demarcação do território junto à Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas).

Jonas se tornou o rosto mais conhecido da oposição ao empreendimento de óleo e gás nesse ponto da amazônia. Ele diz ter sofrido ameaças de morte e está inserido num programa de proteção.

A Eneva afirma que não foram identificadas terras indígenas a menos de 25 quilômetros dos empreendimentos. "Foram consideradas todas as terras descritas nas bases de dados da Funai."

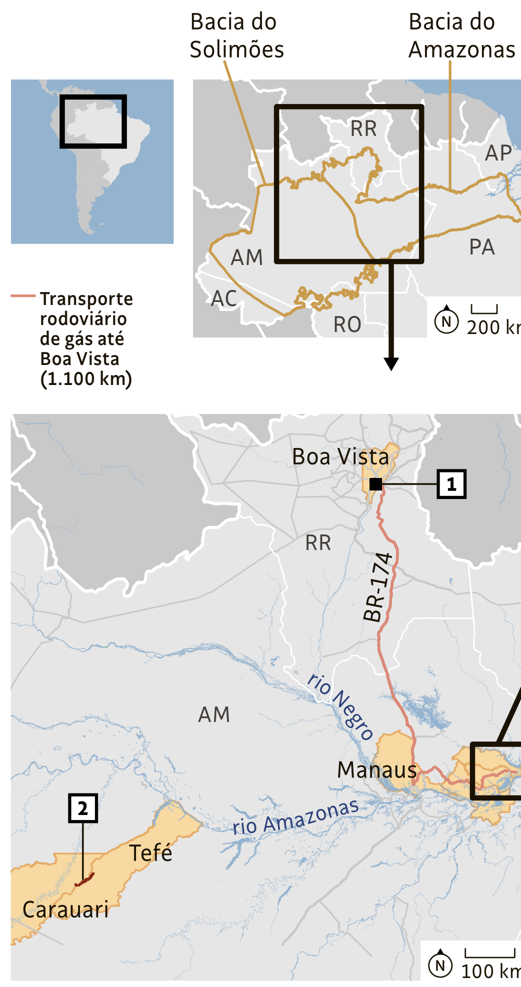
A Procuradoria da República no Amazonas pediu, em ação na Justiça Federal, a suspensão de processos de licenciamento e da exploração de poços de óleo e gás onde há sobreposição com comunidades tradicionais, além da transferência do licenciamento ao Ibama. A Justiça nega o pedido.

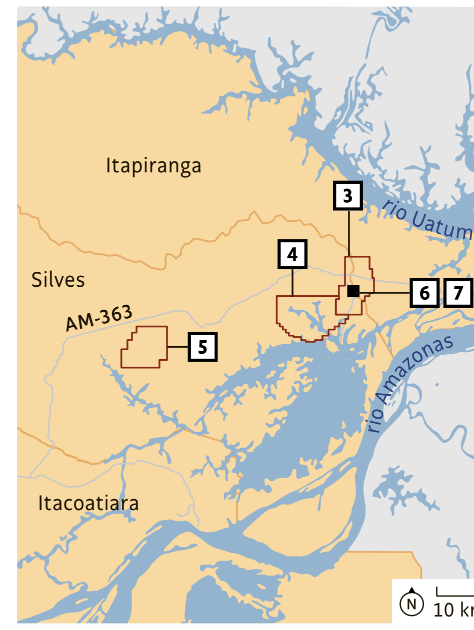
O agricultor José Carlos passa os dias observando os operários quase no quintal de casa e diz acreditar que está cada vez mais próxima a exploração do combustível fóssil na terra onde vive há mais de 20 anos. "O que ninguém da Eneva explicou até agora foi: com quem fica o dinheiro desse gás que vai sair daqui?"

Entenda a série

Este é o segundo capítulo da série de reportagens Amazônia na Rota do Petróleo, que conta os riscos para o meio ambiente e para as comunidades próximas a projetos de exploração de combustíveis fósseis na maior floresta tropical do mundo. O repórter Vinicius Sassine, correspondente da Folha na região, e o repórter fotográfico Lalo de Almeida visitaram locais com empreendimentos de óleo e gás já instalados ou em avaliação

O empreendimento interligado na amazônia ocidental





		Gás Em m³	Condensado/óleo Em barris
3	Campo Azulão	14,8 bilhões	4,7 milhões
4	Campo Azulão Oeste	2,3 bilhões	
5	Campo Tambaqui	3,6 bilhões	13,9 milhões

1 UTE Jaguatirica 2
Gás liquefeito é transportado em tanques criogênicos até a termelétrica UTE Jaguatirica 2, em Roraima. Capacidade instalada de 141 megawatts. Energia abastece parte do estado

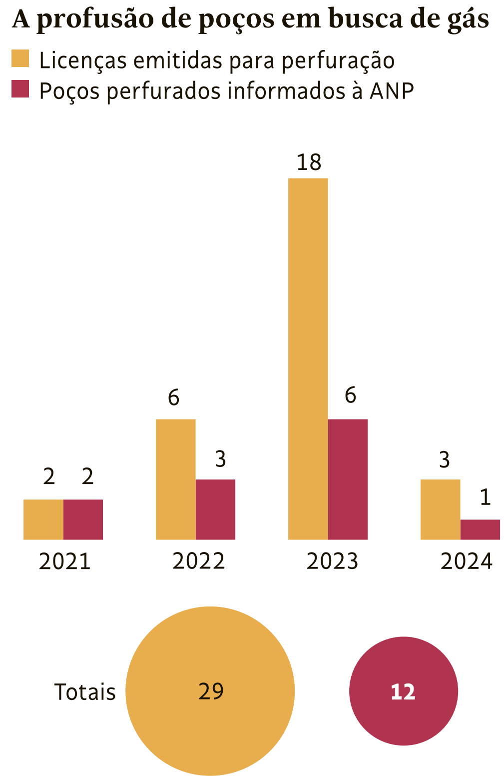
2 Campo de Juruá
Possibilidade de recuperação de um contingente de 24 bilhões de metros cúbicos de gás

6 UTE Azulão 1
Termelétrica com capacidade instalada de 360 megawatts, em construção. Abastecida com gás extraído na região. Início de operação comercial programado para 2026

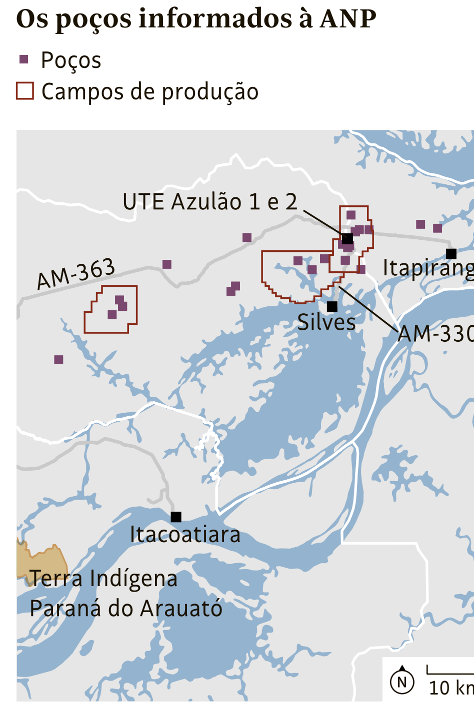
7 UTE Azulão 2
Termelétrica com capacidade instalada de 590 megawatts, em ciclo combinado com UTE Azulão 1. Início de operação comercial programado para 2026

Fonte: Eneva (apresentação a investidores em março de 2023, portfólio, site e relatório integrado da empresa de 2023)

A profusão de poços em busca de gás



Os poços informados à ANP



* dados disponíveis até julho

Fontes: Ipaam (Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas) e ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis)

Indígenas isolados no caminho

Funai apontou alta probabilidade de presença de povo indígena isolado na região do igarapé Caribi

A vida dos indígenas corre extremo risco, apontou documento da Funai, que pediu imediata suspensão da exploração de gás

Avistamento relatado está a uma distância de 31 km em linha reta de área da Eneva para prospecção de gás



Fonte: Documento da Funai de junho de 2024

INÊS 249

saúde | **eleições 2024**

Candidatos a prefeito de SP têm planos vagos e não atacam gargalos da saúde

Especialistas afirmam que propostas ignoram limitação de orçamento e dificuldades de implantação, além de não abordarem problemas cruciais como prevenir cânceres

SAÚDE PÚBLICA

Luana Lisboa

SÃO PAULO Os planos de governo dos candidatos à Prefeitura de São Paulo para a saúde são genéricos e a maior parte deles não atinge as raízes dos gargalos na saúde pública. É o dizem os especialistas ouvidos pela **Folha**.

De acordo com as análises das propostas de Ricardo Nunes (MDB), Guilherme Boulos (Psol), Pablo Marçal (PRTB), Tabata Amaral (PSB), José Luiz Datena (PSDB) e Marina Helena (Novo), mesmo quando problemas substanciais são mencionados pelos candidatos, as abordagens são mal endereçadas.

É o caso das propostas para filas para exames e cirurgias, abordadas por todos os candidatos, diz Lígia Bahia, especialista em saúde pública na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Em comum, os candidatos também não abordam o que ela diz ser o principal problema de saúde nos próximos anos: prevenção, diagnóstico precoce e tratamento para cânceres. Estudos apontam tendência de aumento de casos em adultos até 2030.

"O problema não são as filas, mas o tempo de espera. Em outros países, os políticos já entenderam isso e os programas são mais objetivos, com respostas a perguntas como: Quanto tempo uma pessoa que precisa fazer cirurgia eletiva vai ficar na fila? Quanto tempo para uma consulta médica? É uma promessa mal embalada e acaba que não será cumprida novamente."

Para tratar da questão, Datena propõe ampliar o horário de atendimento de UBS (unidades básicas de saúde). Boulos sugere criar 16 equipamentos descentralizados em todas as regiões da cidade, e Tabata fala em implantar tecnologia para gestão das filas. Em discursos e entrevistas, ela promete que, caso o paciente demore um mês para conseguir o exame, a prefeitura pagará.

Nunes diz que vai modernizar a infraestrutura e expandir hospitais municipais, enquanto Marçal promete investir em equipamentos de atendimento básico, em parcerias com instituições privadas e implementar o prontuário único. Marina Helena cita parcerias com o setor privado para reduzir a espera.

Em nenhum dos casos são previstos orçamentos ou tempo de implantação das mudanças, aponta o professor Rudi Rocha, da Escola de Administração de Empresas da FGV (Fundação Getulio Vargas), que diz sentir falta de listas que identifiquem as prioridades de ação dos candidatos. "Vários dizem que vão fazer tudo, como se não houvesse uma limitação no orçamento e na capacidade", afirma Rocha.

Rebeca Freitas, diretora de relações institucionais do Ieps (Instituto de Estudos para Políticas de Saúde), afirma que, embora os investimentos digitais estejam alinhados com diretrizes do Ministério da Saúde, em alguns planos aparecem como soluções simples para problemas complexos que envolvem o sistema de saúde.

Na sua visão, a proposta de Tabata sobre o pagamento de exames pode gerar um mercado paralelo de agendamento de serviços que beneficia as empresas de diagnóstico. Para Rocha, a proposta não é factível por questões orçamentárias.

Tanto a expansão de unidades de saúde quanto o aumento nos horários de atendimento implicam em mais recursos. Para que sejam melhor aproveitados, os desenhos dos projetos devem considerar as desigualdades da cidade, diz Freitas.

"Em São Paulo, 48% da população usa só o SUS. Quem está no Itaim Bibi tem maior chance de ter plano de saúde, outros bairros vão ter menos, então estender o horário de atendimento desses locais é uma prioridade. O olhar focado em determinantes da saúde não vem nos planos", afirma. Boulos é o único que menciona os vazios assistenciais na saúde.

Sobre as parcerias público-privadas, Freitas diz que, a depender de como implementadas, poderiam promover desigualdades nas regiões, citando a possível baixa oferta em regiões mais pobres.

Segundo Rocha, seria ainda interessante ouvir os candidatos sobre a transparência das filas. A questão é mencionada pela candidata do PSB, que não dá detalhes sobre como o fará.

Procurada, a campanha de Nunes diz que o plano de governo não é um plano de metas, apresentado para a gestão até 2028. Sobre o aborto legal, afirma que o atendimento acontece em quatro hospitais municipais de acordo com a legislação existente.

A campanha de Boulos afirma que o detalhamento das propostas e as metas estão sendo elaboradas e ajudarão a compor um novo plano para o município.

A equipe de Tabata diz que a proposta de pagamento de exames é viável por incrementar políticas já executadas, como o Corujão da Saúde, e que o recurso para gerir filas com a tecnologia seria de R$ 15 milhões por ano, advindo do remanejamento do Fundo Municipal de Saúde.

A campanha de Datena afirmou que o custo da extensão de horários nas UBS está calculado em R$ 600 milhões por ano.

Os demais candidatos à Prefeitura de SP não responderam.

> **Vários dizem que vão fazer tudo, como se não houvesse uma limitação no orçamento e na capacidade**
>
> **Rudi Rocha**
> professor da Escola de Administração de Empresas da FGV

> **Em São Paulo, 48% da população usa só o SUS. Quem está no Itaim Bibi tem maior chance de ter plano de saúde, outros bairros vão ter menos, então estender o horário de atendimento desses locais é uma prioridade**
>
> **Rebeca Freitas**
> diretora de relações institucionais do Ieps

Propostas para a saúde presentes no plano de governo de candidatos à Prefeitura em São Paulo

Propostas convergentes	Tábata Amaral	Guilherme Boulos*	Ricardo Nunes	Pablo Marçal	José Luiz Datena	Maria Helena
Ampliação do horário de atendimento de unidades de saúde	●				●	
Ampliar o número de CAPS	●	●				
Ampliar a quantidade de equipamentos de saúde	●	●	●			
Ampliar a cobertura de Equipes de Saúde da Família	●	◐	●	●	●	●
Aumentar a utilização da telemedicina com investimento em saúde digital	●	●	●	●	●	●
Investimento específico na saúde da mulher	●		●	●		
Investimento específico em saúde bucal	●				●	
Investir na contratação de médicos especialistas		●	●			
Programas voltados a distribuição de remédio para a população		●	●		●	
Desenvolvimento específicos para identificação e tratamento de TEA			●	●	●	
Investimento na capacitação dos profissionais de saúde e da gestão da saúde no município			●	●		
Investir na contratação de serviços (leitos, exames, consultas) ociosos na rede particular				●		●

* Guilherme Boulos menciona a instalação de novas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Equipes de Saúde da Família (ESF) como uma das estratégias para eliminar os vazios assistenciais em saúde. Mas sua proposta não se concentra exclusivamente no investimento e fortalecimento da atenção básica.

Fonte: IEPS (Instituto de Estudos para Políticas de Saúde), https://agendamaissus.org.br/mais-sus-nas-cidades/

Negros morrem 30% mais que brancos por álcool

Estudo aponta que desigualdade ocorre mesmo com índices semelhantes na população de uso abusivo de bebida

SAÚDE PÚBLICA

Vitor Hugo Batista

SÃO PAULO A população negra, que inclui pretos e pardos, morre mais por doenças relacionadas ao uso de álcool do que a população branca. A diferença da taxa de mortalidade é de 30%.

A desigualdade de acesso à saúde e o racismo são os principais fatores atribuídos para a disparidade. Entre os negros, as mulheres são as mais vulneráveis.

As informações fazem parte do estudo Álcool e Saúde dos Brasileiros: Panorama 2024, realizado pelo CISA (Centro de Informações sobre Saúde e Álcool), que utilizou dados do DataSUS e da PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), de 2022 — os mais recentes disponíveis.

Naquele ano, a taxa de óbitos entre a população preta e parda foi de 10,6 e 10,3 por 100 mil habitantes, respectivamente, enquanto para a população branca essa taxa foi de 7,9. Entre as mulheres, a diferença é quase o dobro entre negras e brancas. A taxa de mortalidade de pretas e pardas é de 2,2 e 3,2 por 100 mil habitantes, respectivamente, e entre mulheres brancas, de 1,4.

Dados da pesquisa Covitel (Inquérito Telefônico de Fatores de Risco para Doenças Crônicas Não Transmissíveis), de 2023, mostram que a prevalência de uso abusivo de álcool é semelhante entre negros e brancos no Brasil — 6,7% e 7,5%, respectivamente, relataram beber três ou mais vezes na semana.

O estudo Álcool e Saúde dos Brasileiros: Panorama 2024 utilizou o cálculo com base na FAA (Fração Atribuível ao Álcool). Essa metodologia utiliza uma porcentagem fornecida pela OMS (Organização Mundial da Saúde) que indica a proporção de doenças e mortes atribuídas ao consumo de álcool.

Cerca de 200 doenças foram catalogadas. Além de raça/cor e gênero, foi analisada a faixa etária.

A socióloga Mariana Thibes, coordenadora do CISA, aponta que as disparidades observadas nas taxas de mortalidade não se devem a um maior consumo abusivo de álcool pela população negra —pesquisa Covitel aponta que o consumo entre negros e brancos é semelhante.

10,3
por 100 mil habitantes foi a taxa de óbitos entre a população parda em 2022, ano mais recente com dados disponíveis

10,6
foi o índice para a população negra, no mesmo período

7,9
foi a taxa de óbitos, também em 2022, entre as pessoas brancas, segundo o estudo do CISA

Uma combinação de fatores, que incluem racismo, pobreza e desigualdades sociais históricas no país, podem explicar a diferença entre as taxas de mortalidade, segundo Thibes.

"As populações negras vivem em contextos de maior vulnerabilidade social, residindo em áreas mais precárias, com menos infraestrutura de saúde e enfrentando estigmas que dificultam ainda mais o acesso aos serviços."

A discriminação racial também atua como um estressor significativo, ampliando problemas físicos e emocionais e levando ao uso nocivo de álcool como uma forma de enfrentamento.

ciência

Saguis de subúrbio e a magia dos nomes

Primatas parecem usar denominação vocal para chamar colegas de espécie

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

É muito difícil tirar da cabeça a ideia de que existe algo mágico na capacidade de atribuir nomes a outros indivíduos e a si mesmo. Na gramática mítica que parece reger quase todas as culturas antigas da nossa espécie, o nome e a pessoa são, em grande medida, a mesma coisa. Um nome verdadeiro equivale à essência individual de alguém e, portanto, quem conhece essa palavra adquire uma espécie de poder sobre o possuidor do nome. Mas e se outros animais além de nós também dominarem uma forma rudimentar dessa bruxaria?

Já faz vários anos que essa ideia tem ficado cada vez menos estapafúrdia. Golfinhos-nariz-de-garrafa e elefantes-africanos, pelo que indicam diversas pesquisas, parecem ser capazes de produzir sons especificamente dedicados a designar a si mesmos e/ou a companheiros de espécie. OK, dirá o leitor, golfinhos podem entrar nessa lista de nomeadores pela suposta genialidade; os elefantes, por serem intrinsecamente majestosos. Mas permitir que meros saguis sejam admitidos a essa confraria? Aí já é demais.

Bem, não se depender de um grupo de pesquisadores israelenses, que estudaram as vocalizações do bicho num estudo que saiu nesta semana. Repare, aliás, que não se trata nem de algum tipo muito especial de pequeno primata, mas do ordinaríssimo mico-estrela ou sagui-de-tufo-branco (Callithrix jacchus). O bicho é originário do Nordeste, mas anda ficando tão comum que acabou se tornando espécie invasora ao ser introduzido nas demais regiões do Brasil. Qualquer pedacinho de mata, por mais exíguo que seja, parece ser suficiente para abrigá-los.

Com chamados que parecem assovios extremamente agudos, os saguis costumam manter contato com os membros de seu bando conforme passeiam pelas árvores (ou, às vezes, pelos fios da rede elétrica)

Em artigo na revista especializada Science, uma equipe liderada por David Omer, da Universidade Hebraica de Jerusalém, descreve como usou uma combinação de gravações em laboratório e análise computacional para tentar decifrar, afinal de contas, o que pode estar acontecendo nas "conversas" entre os miquinhos.

Com chamados que parecem assovios extremamente agudos, os saguis costumam manter contato com os membros de seu bando conforme passeiam pelas árvores (ou, às vezes, pelos fios da rede elétrica). O ritmo da comunicação é tal que os bichos, de fato, parecem estar se revezando em "perguntas" e "respostas", o que dá a impressão de uma espécie de diálogo.

Analisando mais de 50 mil chamados de dez saguis, pertencentes a três grupos familiares diferentes, os pesquisadores de Israel detectaram variações sutis na estrutura sonora dos assovios após gravar interações entre diferentes pares de membros desses grupos. Depois, veio o pulo-do-gato (ou, quiçá, do mico) no experimento: eles tocaram gravações desses chamados para os macacos. Mas, em certas circunstâncias, o chamado reproduzido tinha sido emitido, de fato, por um sagui que tinha interagido de verdade com o receptor; em outras, o chamado fora usado originalmente com outro indivíduo.

Resultado: o sagui reagiu rapidamente, como se dissesse "Oi? Você me chamou?" no primeiro caso, mas não no segundo.

É o que os especialistas chamam de "etiquetagem vocal". Mas, se os autores do estudo estiverem corretos, não seria absurdo dizer que se trata de um protonome. Eis mais um indício de que essa forma aparentemente tão única de magia não começou conosco.

DOM. Reinaldo José Lopes SEG. Salvador Nogueira
QUA. Marcelo Viana SEX. Suzana Herculano-Houzel
SÁB. Marcia Castro, Marcelo Leite



Kananda Eller, 28, conhecida nas redes como Deusa Cientista, faz conteúdo sobre química Adriano Vizoni/Folhapress

Com linguagem voltada para a geração Z, tiktokers seduzem público interessado em ciência

Criadores de vídeos curtos falam abertamente sobre assuntos difíceis na língua dos jovens e conquistam milhares de seguidores

Letícia Naísa

SÃO PAULO A estudante Bianca Witzel, 22, passou no curso de biologia na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) exatamente uma semana antes de a pandemia de Covid estourar em 2020. As aulas começaram à distância e ela, consumidora ávida de vídeos curtos no TikTok, teve a ideia de produzir conteúdo com dicas para quem estava na mesma situação que a dela: estudando em casa.

Quatro anos depois, o tipo de conteúdo que produz é bem diferente. Ela conta curiosidades sobre animais, sobre o corpo humano, visita laboratórios e zoológicos e fala sobre o que aprende nas aulas da faculdade. Popularmente, ela ficou conhecida por seu bordão: "Biologicamente falando", que surgiu meio sem querer e "colou" com os mais de 1 milhão de seguidores no TikTok.

Bianca é um exemplo entre muitos de criadores de conteúdo no TikTok que divulgam ciência na rede, ao lado de nomes como Alex Dalabona, 27, e Kananda Eller, 28, conhecida nas redes como Deusa Cientista.

O TikTok é uma das redes mais usadas pela chamada geração Z (nascidos entre 1995 e 2010). De acordo com a própria plataforma, 29% dos usuários fazem parte desta geração e a utilizam para se aprofundar em algum tema de interesse. "A Geração Z é a primeira a crescer totalmente imersa no mundo digital, e isso molda a forma como consomem informação", afirma Maíra Carvalho, diretora de Operações do TikTok no Brasil, em entrevista por email à **Folha**.

O formato dos vídeos de Bianca é simples e segue mais ou menos o padrão da rede social: ela fica de frente para a câmera e fala sobre o tema escolhido, às vezes com imagens ao fundo, seja de algum bicho ou de algum comentário de seguidor. "Nunca foi meu sonho ser conhecida e fazer sucesso, mas as pessoas não paravam de me marcar em vídeos de bicho me pedindo para comentar, ficavam fazendo perguntas, então continuei."

O modelo gera identificação, segundo a especialista Erica Mariosa, doutoranda na Unicamp no PECIM (Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual de Campinas). "Os jovens querem conversar com jovens, com os seus iguais, pessoas da mesma idade, com aparência parecida", diz.

Acertar o tom da linguagem é uma das chaves para atrair o público mais jovem, diz Alex Dalabona, 27, criador da página Ovelha Sideral, na qual fala sobre astronomia. "Tive que pensar em formas de 'traduzir' o 'fisiquês' para que todo mundo pudesse entender", afirma o jovem.

Para além da atenção à linguagem, Kananda, que produz conteúdos sobre química, também usa um tom politizado em seus vídeos. Em sua produção, ela questiona a suposta neutralidade da ciência e da produção científica e trata de temas como racismo e machismo na academia.

"A ciência não é neutra, ela foi utilizada por muito tempo para reforçar preconceitos e isso está cada vez mais claro nas ciências humanas e sociais, mas nas ciências mais duras, como as exatas e da natureza, isso ainda não está muito posto, então tento mostrar um pouco dessa realidade", afirma a mestranda em ciências ambientais pela USP.

Assim como Bianca e Alex, a trajetória de Kananda no TikTok também começou durante a pandemia, em 2020, quando ela havia acabado de se formar em química na UFBA (Universidade Federal da Bahia). "Percebi que por meio dos vídeos curtos eu chegaria em mais pessoas, conseguiria espalhar muito mais a minha mensagem do que fazendo vídeos longos", diz Kananda.

Mariosa, doutoranda na Unicamp, diz que houve um levante de divulgação científica durante a pandemia, uma vez que todo mundo queria saber como o vírus funcionava e o que aconteceria.

Para manter as atividades, os tiktokers são convidados para dar palestras e criar conteúdo para marcas. Mas também mantêm outros trabalhos e estudos. Bianca está na reta final de sua graduação, fazendo seu trabalho de conclusão de curso sobre divulgação científica, Alex tem uma agência de marketing, e Kananda é mestranda em ciências ambientais.

Carol Santiago alcança topo do pódio nos 100 m costas e amplia coleção de medalhas

Pernambucana domina prova do começo ao fim e empata com Ádria Santos como a brasileira com mais vitórias nos Jogos Paralímpicos

PARIS-2024

Sandro Macedo
e Josué Seixas

NANTERRE (FRANÇA) E MACEIÓ Carol Santiago conquistou o ouro na prova dos 100 m costas, na classe feminina S12 (com uma deficiência visual pequena). Com a conquista, a pernambucana se igualou a Ádria Santos, do atletismo, como a mulher brasileira com mais visitas ao topo do pódio em Paralimpíadas —cada uma tem quatro.

Ela fechou a prova em 1min08s23, à frente da ucraniana Anna Stetsenko (1min09s43) e da espanhola Maria Delgado Nadal (1min11s33), que completaram o pódio.



Carolina Santiago comemora ouro nos 100 m costas Andrew Couldridge/Reuters

"Eu não tinha isso como meta, mas fico muito feliz. Ela [Ádria] é uma grande atleta, e poder fazer parte dos maiores atletas do Brasil é grandioso, é história para o nosso país", afirmou.

Carol nasceu com síndrome de Morning Glory, uma condição congênita na retina que limita seu campo de visão. Ela praticou natação convencional até o final de 2018, quando passou a competir no esporte paralímpico.

Logo após a conquista, Carol estava querendo saber o tempo. Queria se certificar de que tinha sido suficiente para bater o recorde das Américas, um objetivo da nadadora. A meta foi alcançada.

"Tenho um respeito muito grande pelo nosso programa de treinamentos. Eu estava com alguns problemas nos fundamentos, e conseguimos resolver isso. Foi um trabalho grande para me deixar segura", disse.

Aos 39 anos, ela pode entrar no top 10 de medalhistas da história do Brasil. Ela ganhou cinco medalhas em Tóquio-2020, três de ouro, uma de prata e uma de bronze —justamente na prova que venceu hoje.

"Essa prova estava meio engasgada, porque fui bronze, mas nadei bem lá também", recordou. "Então, a minha ideia era vir aqui e fazer a minha melhor natação. Se isso fosse o suficiente para ganhar, seria satisfação completa. E foi o que aconteceu."

Na piscina, a pernambucana não tinha percebido que estava tão à frente das adversárias (ela já passou na marca dos 50 m com um segundo de vantagem).

"Confesso que eu achava o tempo todo que estavam me passando. Então, eu estava lutando até o final, passei como se não houvesse amanhã", disse, rindo. "Até na hora em que eu cheguei, não sabia que tinha ganhado. Aí, disseram: 'Comemora, você ganhou'. Ali saiu um peso."

Carol Santiago foi eliminada na prova dos 100 m borboleta S12 na quinta-feira (29), mas ainda busca mais quatro medalhas em competições individuais: 50 m livre S13 (segunda, 2), 200 m medley S13 (terça), 100 m livre S12 (quarta) e 100 m peito SB12 (quinta). Ela também disputará o revezamento misto 4x100 m 49 pontos (quarta).



Gabrielzinho confirma favoritismo e ganha segundo ouro em Paris

O nadador repetiu o feito alcançado em Tóquio, em 2021, e se tornou bicampeão dos 50 m costas neste sábado (31), na Arena La Défense, na classe S2, destinada a atletas com deficiências severas Andrew Couldridge/Reuters

Ciência, arte e acaso

O jogo é planejado, mas, com frequência, surge um artista para reinventá-lo

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

A triste morte do jogador uruguaio Juan Izquierdo, 27, decorrente de uma parada cardíaca por causa de uma arritmia, após passar mal durante o jogo no Morumbi entre Nacional e São Paulo, é um aviso, um alerta de que os clubes precisam ser rigorosos nas avaliações médicas dos atletas, embora alguns possam ter exames normais. A arritmia tem várias causas com gravidades diferentes.

Felizmente, Tite está ótimo após ter uma arritmia benigna por causa da altitude de La Paz. É um absurdo a Conmebol punir o Flamengo e Tite pela sua opinião científica de que é melhor chegar horas antes do jogo, contrariando a regra da Conmebol de que todos os times têm que chegar à véspera da partida por causa de promoções protocolares do jogo.

O jogador Eriksen teve uma parada cardíaca, anos atrás, em um jogo da Dinamarca pela Eurocopa, foi ressuscitado imediatamente no gramado por meio de um desfibrilador. Ele continua jogando graças a um marca-passo e um desfibrilador portátil implantado no seu corpo.

A ciência trouxe benefícios ao futebol, nas partes médica, física, técnica, estratégica e emocional. Porém, no futebol, na política e no mundo, existem sempre os negacionistas que não acreditam ou fingem que acreditam para não ser desacreditados. Há também o outro lado, os que acham que tudo é programado. Quando acontece uma jogada diferente, inesperada, falam que foi tudo ensaiado. A ciência não anula o acaso.

Com frequência, não há sincronia entre o resultado e a história de um jogo. Dezenas de imprevistos, como uma bola que bate em alguém e entra no gol, uma expulsão, um erro do árbitro, mudam as atuações e o placar

"Tudo parece fácil e concatenado quando ganhamos; tudo parece disperso e difícil quando perdemos. No entanto, é por tão pouco que se ganha ou se perde. O apito final estabiliza violentamente aquilo que, no transcorrer do jogo, parece um rio catastrófico de mil possibilidades, a nos arrastar com ele." (Nuno Ramos, artista plástico).

Analistas costumam procurar uma explicação sobre tudo o que acontece no jogo. As contusões musculares que têm acontecido no futebol brasileiro são, principalmente, por causa do excesso de jogos. Mas não é só isso. O futebol intenso, moderno, em que os jogadores não param de correr e ultrapassam os limites físicos, contribui também para os problemas musculares.

Um leitor, com uma educada crítica, questionou-me se não valorizo demais o acaso. Pode ser verdade, mas isso não diminui a importância que dou à ciência, à técnica, à estratégia e à arte de jogar futebol. Com o passar do tempo, ficamos mais receosos, mais vulneráveis às armadilhas e surpresas do imponderável.

Com frequência, não há sincronia entre o resultado e a história de um jogo. Dezenas de imprevistos, como uma bola que bate em alguém e entra no gol, uma expulsão, mudam as atuações e o placar. Depois da partida, tentamos explicar com detalhes técnicos e táticos o que não tem explicação.

No meio de semana, pela Copa do Brasil, tivemos quatro jogos equilibrados, com vitórias de dois mandantes e dois visitantes, com partidas decididas nos detalhes. As estratégias usadas pelos treinadores do Flamengo e do Atlético-MG foram corretas, científicas, e funcionaram, por jogarem fora de casa, priorizando a marcação mais recuada e os contra-ataques.

O jogo é sempre planejado, ensaiado. Mas, quando ele começa a ficar previsível, repetitivo, excessivamente tático e chato, surge, ainda bem, com frequência, o acaso, um artista para transgredir e reinventá-lo.

| DOM. Tostão e Juca Kfouri | seg. Juca Kfouri | ter. Sandro Macedo | qua. Tostão | qui. Juca Kfouri | sáb. Marina Izidro

ESPORTE AO VIVO Campeonato Brasileiro
16h Corinthians x Flamengo, Globo/Premiere | **16h** Athletico-PR x Palmeiras, CazéTV/Rede Furacão

Futebol é com as paulistas

Quatro times de mulheres de São Paulo nas finais do Brasileirão. E os homens?

Juca Kfouri

Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Corinthians e Palmeiras de um lado; Ferroviária e São Paulo do outro.

As semifinais do Brasileiro de mulheres escancaram a hegemonia paulista no cenário nacional.

As Brabas alvinegras eliminaram as Bragantinas. As Palestrinas deixaram para trás as Cabulosas mineiras. As Guerreiras Grenás passaram pelas Gurias Coloradas; e as Tricolores, as Gurias Gremistas.

A novidade nestas semifinais está também no fato de que as dominantes corintianas já deixaram de ser tão melhores como foram até a temporada passada, a ponto de terem sido goleadas por 7 a 2 na primeira fase pelas Cabulosas, maior derrota de sua ainda breve trajetória.

Verdade que estavam desfalcadas das jogadoras da seleção brasileira, bravas medalhistas de prata nos Jogos Olímpicos de Paris, mas, quase completas, tiveram dificuldade para derrotar as Bragantinas, com empate no jogo de ida e vitória magra, por 1 a 0, no da volta.

Neste domingo, teremos o São Paulo recebendo a Ferroviária e o Palmeiras como mandante contra o Corinthians, em dois jogos imperdíveis e sem favoritas.

Numa comparação com o que se vê no Brasileirão masculino, só o Palmeiras está no páreo pelo título, com o Corinthians sob fortíssimo risco de repetir 2007 e cair para a Série B.

Aliás, só falta para a calamitosa gestão Melo a perda do pentacampeonato brasileiro depois de 2023, quando as Brabas ganharam a quádrupla coroa, aí incluída a Copa Libertadores, além da Supercopa, do Paulista e do Brasileiro.

Na comparação entre mulheres e homens de São Paulo, a Copa do Brasil é outro bom termômetro: o Palmeiras ficou fora das quartas de final, e tanto o São Paulo quanto o Corinthians estão ameaçados de não alcançar as semifinais.

Numa comparação com o que se vê no Brasileirão masculino, só o Palmeiras está no páreo pelo título, com o Corinthians sob fortíssimo risco de repetir 2007 e cair para a Série B

Os tricolores em busca de superar o Atlético-MG, no Terreirão do Galo, depois da derrota por 1 a 0, no Morumbi, e o Corinthians derrotado na primeira partida, em Caxias do Sul, pelo Juventude, por 2 a 1.

Aos tricolores resta tentar superar o Galo depois de oito jogos seguidos sem vencê-lo, e, aos alvinegros, a aposta na força da Fiel em Itaquera, além de, quem sabe, nos milagres de Hugo, no jogo ou em eventuais cobranças de pênaltis.

Mais provável que a alegria venha das Brabas, se retomarem o caminho seguro das vitórias.

E que fique claro o significado bastante diferente de uma eliminação do São Paulo diante de força equivalente à dele, em Minas, e a do Corinthians, em casa, contra um clube de folha salarial de R$ 2,5 milhões. A do Corinthians é dez vezes maior!

Só Yuri Alberto e Igor Coronado ganham, cada um, o equivalente à folha gaúcha, o primeiro contratado na pornográfica gestão de Duilio Monteiro Alves, o segundo na de Augusto Melo. Não, rara leitora e raro leitor, vocês não leram mal; a referência é a Yuri e Coronado. Lionel Messi e Cristiano Ronaldo ganham fortunas nos Estados Unidos e na Arábia Saudita.

Estabelecida a superioridade feminina, a exemplo do acontecido nos Jogos Olímpicos, aos quais, lembre-se, a seleção masculina nem sequer se classificou, se você ainda tem resistência a assistir aos jogos das mulheres, chute o preconceito a escanteio e constate a qualidade do futebol que elas jogam —e não esqueça a diferença do que recebem os rapazes e as moças.

Fernanda Yara da Silva vence duelo equilibrado e conquista ouro nos 400 metros rasos

Brasileira triunfa no atletismo com diferença de apenas 0s04 sobre a venezuelana Lisbeli Vera, segunda colocada no Stade de France

PARIS-2024

André Fontenelle

SAINT-DENIS A brasileira Fernanda Yara da Silva, 38, conquistou a medalha de ouro dos Jogos Paralímpicos de Paris nos 400 metros rasos, classe T47 (deficiência nos membros superiores). Em uma prova muito equilibrada, ela teve que esperar a confirmação dos tempos para celebrar sua vitória, à frente de Lisbeli Vera, da Venezuela: 56s74 contra 56s78.

"Foi apertado, né? Ela me apertou, mas fiz uma corrida bem consciente. Na hora de atacar, ela atacou, eu tinha reação e fui para cima. Então ganhou quem tinha mais força no final", afirmou. "Eu vi que ela estava no meu calcanhar, acelerei até a chegada. Fiquei na dúvida se tinha ganhado, pedi a Deus, e Deus me deu a vitória. Agradeci muito."

Paraense de Curionópolis, ela tem uma má-formação congênita abaixo do cotovelo esquerdo. Começou a competir no paradesporto em 2008 e neste ano conquistou a medalha de ouro no Mundial de Kobe, no Japão. Outra brasileira na prova, Maria Clara Augusto da Silva, ficou com o bronze (57s20). Como Fernanda, ela tem má-formação no cotovelo esquerdo.

Fernanda celebrou bastante o resultado, outrora tratado como improvável. Segundo ela, fruto de um trabalho mais sério do que o realizado em outros momentos. E uma resposta aos que recomendaram sua aposentadoria.

"Eu estou com 38 anos. Quando olho para trás, penso que já fiz muita besteira. Comecei há muito tempo, né, em 2008, mas agora estou com a cabeça boa, fazendo tudo certinho. Já estou bem madura. Isso significa que tenho muita coisa para dar ainda, muita lenha para queimar", afirmou.

"Muita gente chegou para mim e falou: 'Por que você não para? Está na hora, você não vai dar em nada'. Então, esse 'em nada' foi uma campeã paralímpica. Campeã mundial. Campeã pan-americana. E futura recordista mundial", acrescentou.

"Então, foi mostrar para eles que isso serve de motivação para mim. Quando a pessoa fala 'você não consegue', eu vou lá e mostro que eu consigo. Não mostrar para ela exatamente, mas mostrar a nunca subestimar o próximo.

Também neste sábado, a brasileira Thalita Simplício da Silva, 27, conquistou sua quarta medalha de prata paralímpica em três edições. Ela foi vice nos 400 m rasos na categoria T11 (deficiência visual), na pista roxa do Stade de France. Nos Rio, em 2016, Thalita ganhou prata no revezamento 4 x 100 m. Em Tóquio, há três anos, foi vice nos 200 m e nos 400 ms.

A potiguar nasceu com glaucoma e ficou cega aos 12 anos. Três anos depois, começou a praticar atletismo em um projeto do CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro).

Lahja Ishitile, da Namíbia, liderou praticamente toda a prova e ficou com a medalha de ouro, em 56s20, contra 57s21 da brasileira. Thalita correu na raia 5, com o guia Felipe Veloso.



A atleta Fernanda Yara da Silva comemora vitória nos 400 m rasos Christian Hartmann/Reuters

Após queixas de internautas, Globo libera parte da programação das Paralimpíadas no YouTube

SAINT-OUEN O streaming de parte das competições dos Jogos Paralímpicos foi liberado pela Globo para o Brasil no final da manhã deste sábado (31). O desbloqueio ocorreu após uma série de reclamações de internautas e uma hora depois de a reportagem da **Folha** ter questionado o Comitê Paralímpico Internacional (IPC, na sigla em inglês) sobre o geobloqueio total então em vigor no país.

A permissão da Globo vale para o streaming de competições que ela própria não esteja transmitindo em suas plataformas.

Durante os dois primeiros dias de disputas paralímpicas, internautas brasileiros se queixaram da impossibilidade de assistir a algumas provas, indisponíveis nos canais da Globo e no Globoplay e bloqueadas no YouTube. O bloqueio tem a ver com o contrato de exclusividade da Globo para a transmissão dos Jogos no Brasil.

Às 12h30 de Paris (7h30 de Brasília), a reportagem recebeu uma resposta da Globo. "Não procede que a Globo bloqueou ou tenha pedido bloqueio de sinal de transmissão para o YouTube do IPC. Pelo contrário. Como prevê o acordo, a Globo tem direitos exclusivos dos Jogos, que foram sublicenciados para o CPB [Comitê Paralímpico Brasileiro] para que eles possam explorar em suas redes de maneira customizada", diz o texto.

Antes disso, a **Folha** havia indagado o IPC a respeito das regras vigentes em relação ao streaming. "Nossa detentora de direitos de TV no Brasil é a Globo. É um acordo exclusivo que nos proíbe de fazer streaming no YouTube", disse o assessor de comunicação Craig Spence. "Em alguns mercados, precisamos fazer geobloqueio. O Brasil é um."

Menos de uma hora depois, a transmissão havia sido liberada.



Estado de São Paulo registra maior número de focos de incêndios em mais de 20 anos

Fogo devastou plantação em Ribeirão Preto (foto), que teve queda de energia, suspensão de jogos e abandono de casas na última semana; um balanço divulgado pela Defesa Civil na segunda (26) apontava 34 mil hectares de área queimada em 14 regiões do estado Joel Silva/Reuters

FRASES DA SEMANA

Ao contrário de outras plataformas de mídia social e tecnologia, não cumpriremos ordens ilegais em segredo

X
rede social, em postagem na quinta (29), sobre descumprimento de ordens do STF

[Determino] suspensão imediata, completa e integral do funcionamento do 'X Brasil Internet Ltda em território nacional, até que todas as ordens judiciais proferidas nos autos sejam cumpridas

Alexandre de Moraes
ministro do STF, em ordem da Corte para derrubar o X no Brasil, nesta sexta (30)

Se um dia Galípolo chegar para mim e disser que tem que aumentar a taxa de juros, ótimo

Lula
presidente da República, na sexta (30), sobre indicado à presidência do Banco Central

É preciso proteger as crianças dos fatores de risco, de situações adversas que podem ocorrer [...] E que situações são essas? Violência, exposição à pobreza extrema, insegurança alimentar, condições de saúde mental dos seus cuidadores. Isto tudo gera barreiras para o desenvolvimento infantil

Marina Fragata
diretora de políticas públicas da Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal, na quinta (29), sobre desenvolvimento infantil

DICAS DO EDITOR

Sérgio Dávila
Diretor de Redação

Folha estreia novo projeto; veja destaques da semana

Abaixo, o resumo do melhor de uma semana muito agitada, com Pablo Marçal, cracolândia e a propaganda eleitoral "gratuita", que custa meio bilhão de reais à viúva

Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

2ª

Folha estreia novo formato gráfico; Pablo Marçal investigado pelo MP

A edição impressa da **Folha** circulará com uma novidade a partir do dia 1º de setembro: um novo formato gráfico, pensado para facilitar a leitura e ampliar a oferta de conteúdo. Com a mudança, o jornal chegará a seus leitores com mais páginas e em um padrão conhecido como berliner, mais fácil de manusear. Também recomendo reportagem sobre curso motivacional oferecido por Pablo Marçal no Pico dos Marins, montanha em São Paulo, em 2022. Por conta desse episódio, o influenciador é investigado pelo Ministério Público sob suspeita de ter colocado os participantes em risco.

3ª

Marçal cercado de pessoas suspeitas; cresce turismo em favelas do Rio

Na liderança da corrida pela Prefeitura de São Paulo ao lado de Guilherme Boulos (PSOL) e Ricardo Nunes (MDB), o influenciador Pablo Marçal (PRTB) está rodeado de pessoas com indícios de ligações com o PCC, maior facção criminosa do país. Reportagem de Arthur Guimarães e Carolina Daffara traz infográfico que explica as ligações com o ex-coach. Destaco também texto de Lucas Leite sobre o turismo nas favelas cariocas, que atrai a curiosidade dos visitantes e movimenta a economia local.

4ª

Hotéis do PCC e ruas tomadas pela cracolândia; Folha Prova géis de limpeza

Reportagem de Mariana Zylberkan mostra como hotéis do PCC funcionam como referência para a escolha de ruas ocupadas pela cracolândia. Uma investigação da Polícia Civil cruzou endereços usados como esconderijo de drogas com a movimentação de usuários pelo centro de São Paulo. Destaco também avaliação do **Folha** Prova sobre géis de limpeza, que analisou aspectos como sensação de limpeza e controle da oleosidade. Veja custo-benefício e desempenho na pele de onze produtos de até R$ 80.

5ª

IBGE estima população do país; fatores que afetam desenvolvimento infantil

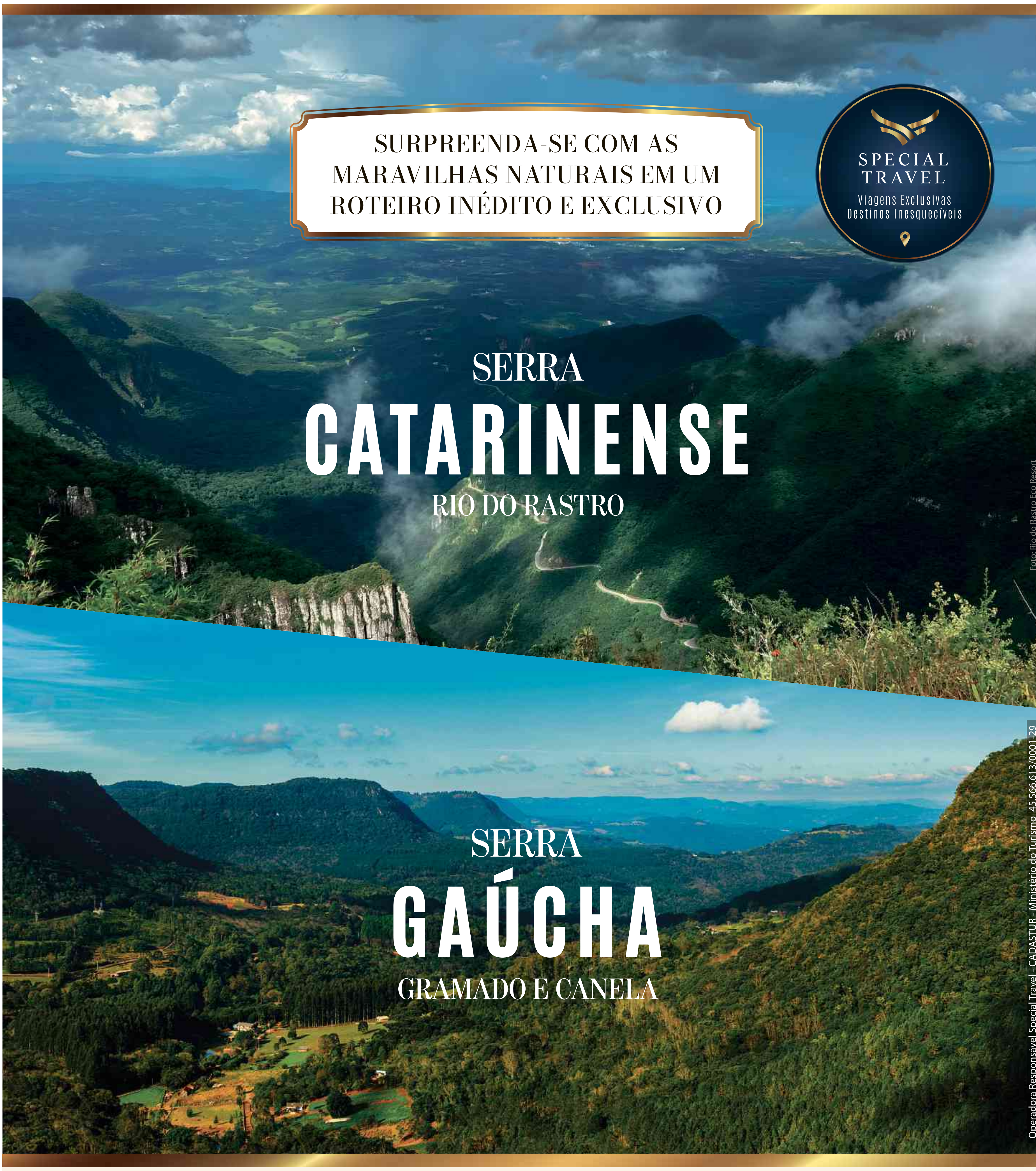
A estimativa da população nas cidades brasileiras em 2024 é de 212,6 milhões de pessoas, segundo atualização do IBGE. Do total, 20% mora em 15 cidades com mais de 1 milhão de pessoas, sendo 13 delas capitais. Um gráfico interativo do Deltafolha permite consultar a projeção de cada município. Destaco também reportagem de Ana Bottallo sobre fatores que influenciam o desenvolvimento infantil. Embora a genética tenha papel importante, alimentação inadequada e pobreza também podem afetar o desenvolvimento neurológico de crianças, segundo pesquisa da USP.

6ª

Custo fiscal da propaganda eleitoral; cuidados paliativos e qualidade de vida

A propaganda eleitoral deve garantir R$ 566 milhões em renúncia fiscal às rádios e às televisões. É o que prevê a Receita Federal, que estima o quanto o governo deixará de arrecadar em Imposto de Renda para ressarcir as emissoras obrigadas a exibir o horário eleitoral e as inserções dos candidatos ao longo da programação. Destaco também reportagem de Vitor Hugo Batista sobre como cuidados paliativos podem melhorar a qualidade de vida de pacientes com câncer em estado terminal.


BREVE LANÇAMENTO
QG VILA OLÍMPIA by you,inc
Tenha um QG
no eixo Faria Lima.
1 DORM.
LAZER COMPLETO
A PARTIR DE
R$ 299 MIL*
Perspectiva ilustrada da fachada. Imagem preliminar sujeita a alteração¹
A 7 min da estação Eucaliptos²
A 4 min da Av. Helio Pellegrino e Av. Faria Lima²
Próximo a Universidades renomadas
Visite o stand:
Rua Cabo Verde, 342 | Vila Olímpia
QGvilaolimpia.com.br
11 5054.5267
Incorporação, administração, realização e futura intermediação
you,inc
You Intermediação Imobiliária Ltda.: Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 360 – 2º andar – São Paulo/SP – CEP: 04543-000 – Tel.: (11) 3199-7900 – CRECI: 25.672-J. O empreendimento só será comercializado após o Registro de Incorporação no cartório de imóveis competente, nos termos da Lei nº 4.591-64. Projeto em aprovação sujeito a alterações. ¹As imagens contidas neste material são meramente ilustrativas, podendo sofrer alterações. A vegetação e o paisagismo retratados são meramente ilustrativos e apresentam porte adulto de referência, na entrega do empreendimento, essa vegetação poderá apresentar diferenças de tamanho e porte. ²Fonte Google Maps. Valor referente ao estudo de tabela HIS. Unidade 302 (24,40m²) – Mediante disponibilidade - Parcela de ato de R$ 9.600,00 , 4 parcelas para 30,60,90 e 120 dias de R$ 9.600,00, 40 parcelas mensais de R$ 1.200,00 1ª em 5-fev-25, 4 parcelas semestrais de R$ 6.000,00 1ª em 5-mar-25, financiamento em 28-fev-27 de R$ 179.000,00, totalizando R$ 299.000,00. Mediante a disponibilidade, demais condições e valores estão disponíveis no stand de vendas.



SÃO TRÊS PROGRAMAS ESPECIAIS
COM MUITO ESTILO, CONFORTO E SEGURANÇA

7 NOITES

Uma experiência completa para quem deseja conhecer em profundidade os encantos de cada destino. A programação inclui doses de aventura, momentos para relaxar e uma oferta de passeios incríveis, além do incomparável prazer proporcionado pela alta gastronomiavinhos da região.

4 NOITES

Uma excelente opção para desfrutar os principais atrativos, com tempo para curtir o melhor de cada uma das Serras. Passeios sob medida, com a hospedagem dos melhores hotéis de montanha do Brasil. Paisagens inesquecíveis e uma variada oferta de atividades à sua escolha.

3 NOITES

O roteiro que melhor atende quem quer aproveitar os pontos altos do destino e usufruir de todo o requinte das acomodações, com uma agenda repleta de atividades. Perfeito para recuperar as energias, conhecer o que o Sul do Brasil tem de melhor e saborear grandes prazeres à mesa.

CENTRAL DE ATENDIMENTO 011 91155.3034 OU SEU AGENTE DE VIAGENS

specialtravel.com.br

INÊS 249

SPECIAL TRAVEL

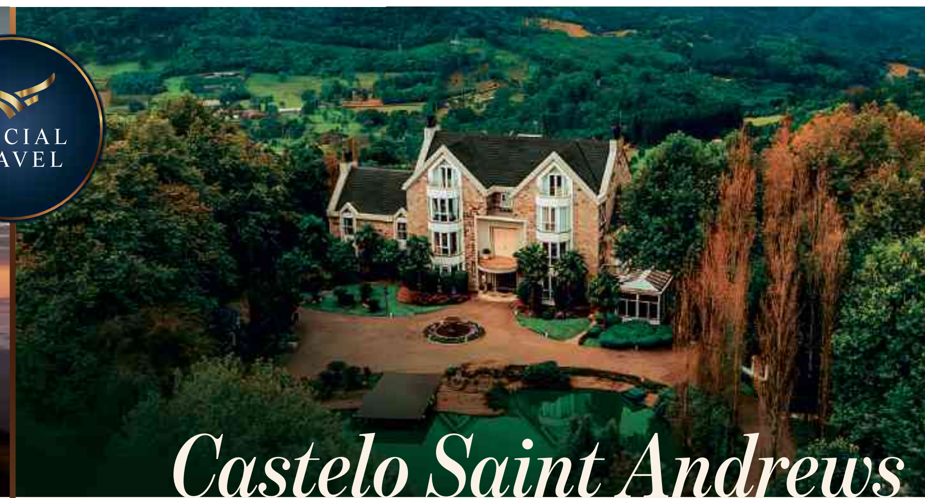


Rio do Rastro Eco Resort





Localizado numa das mais belas e exuberantes regiões do Brasil, no topo da Serra do Rio do Rastro (SC), a uma altitude de 1.500 metros e a apenas 50 km de distância do mar. Esse verdadeiro paraíso ecológico proporciona uma atmosfera de acolhimento em meio à natureza peculiar de uma região onde, em um só dia, pode-se ter a sensação das quatro estações do ano. Vistas de tirar o fôlego em meio a cânions, lagos e uma natureza totalmente preservada fazem da estadia no Rio do Rastro Eco Resort uma experiência inesquecível. A gastronomia serrana, pontuada com toques de sofisticação, permite mergulhar na cultura de montanha que ambienta todo o Eco Resort. Além do conforto dos charmosos e bem equipados chalés, todos com vista para o lago, há um extenso cardápio de atividades, como cavalgadas, café da manhã ao nascer do sol, piqueniques ao entardecer e agradáveis caminhadas pela extensa propriedade.



Castelo Saint Andrews





Um lugar memorável, onde bem-estar, gastronomia e natureza se harmonizam para proporcionar momentos inesquecíveis. Assim é o Castelo Saint Andrews, um Relais & Châteaux elegantemente construído em estilo escocês dentro de um exclusivo condomínio residencial no coração da charmosa Gramado, na Região das Hortênsias. Privacidade, conforto e sofisticação emoldurados pela deslumbrante vista do Vale do Quilombo. Relaxe em meio aos belos jardins do Castelo, saboreie a premiada gastronomia do Restaurante Primrose e aprecie os melhores vinhos do Brasil e do mundo em uma adega reconhecida pela excelência dos rótulos que oferece. Um refúgio de classe mundial onde o atendimento personalizado e a excelência dos serviços proporcionam mais que uma hospedagem de luxo. Uma experiência exclusiva, sofisticada e que proporcionará as melhores recordações de como é ser recebido em um verdadeiro Castelo.

Principais atrações da Serra Catarinense

SERRA CATARINENSE



VINÍCOLA CASA POSSAMAI: AMOR E ARTE

A vinícola Casa Possamai é um empreendimento familiar concebida dentro de um conceito raiz. Nossos vinhos são produzidos artesanalmente e batizados por boas práticas, a partir de vinhedos próprios implantados com ótima orientação solar e em altitude superior a 1.000 metros.



JARDIM SECRETO VILLE DE FRANCE

Durante 20 anos, a família Duarte dedicou seu tempo plantando e construindo um cenário cenográfico inspirado no Jardim de Monet em Giverny França e nos Alpes Suíços. Hoje, o Jardim pode ser visitado no modelos Day Use, Ensaios Fotográficos e hospedagens.



JARDIM DAS PEDRAS

Descubra o Jardim das Pedras: um local encantador com cabanas luxuosas e um bistrô charmoso, onde suas experiências na hospedagem proporcionam momentos de sofisticação e exclusividade. Perfeito para quem também deseja gastronomia única e sensorial. Venha nos visitar. Você é especial!



CAMINHO DAS NUVENS
O Brasil no alto da montanha!

A pousada Caminho das Nuvens se destaca na serra catarinense por estar localizada no alto de uma montanha com um visual ímpar, com 7 lindas cabanas únicas. E contém, em anexo, o restaurante Nuvem Gourmet, de alta gastronomia e aberto ao público.



MORADA DAS GRIMPAS

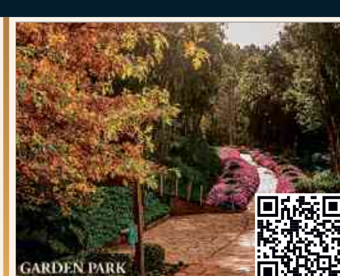
Morada das Grimpas é um refúgio romântico em Palmeira/SC, oferecendo uma experiência única de luxo e tranquilidade. Com ambientes acolhedores e o Bistrô Raízes, que serve culinária local com refeições inclusas, é o destino ideal para casais em busca de descanso e conforto na natureza.



RECANTO FELIZ: NATUREZA E CONFORTO

Apresentamos o Recanto Feliz, sua casa de campo na serra catarinense. Com serviço de hotel, nossas casas de aluguel oferecem o máximo conforto à beira de um lindo alagado. Perfeito para momentos de tranquilidade e contato com a natureza, em um cenário deslumbrante.

Principais atrações da Serra Gaúcha



DESCUBRA O GARDEN PARK GRAMADO

O Garden Park Gramado é um refúgio natural, com 4500 metros de trilhas, caminhos e jardins, cercado pela imponente mata nativa da Serra Gaúcha. Idealizado para proporcionar experiências únicas de conexão com a natureza, vivendo cada espaço desse verdadeiro oásis de tranquilidade.



JUNTE-SE A SPACE ADVENTURE!

Uma experiência com 8 salas imersivas e interativas, simuladores, VRs e um planetário com um filme de média-metragem produzido pelo Museu de História Natural de NY. Venha maravilhar-se com itens ORIGINAIS da NASA referente aos Projetos MERCURY, GEMINI e APOLLO.



SPACCIO RAR - GRAMADO

Trattoria que leva a tradição da marca RAR e oferece o melhor da enogastronomia do Vêneto, no Centro de Gramado, um empório de produtos nacionais e importados premium. Viva uma experiência única na Serra Gaúcha!



ALICE E O CHAPELEIRO - GRAMADO

Venha fazer uma viagem ao mundo das maravilhas! Um restaurante temático inspirado no conto Alice no País das Maravilhas. É a única experiência que conta uma história atemporal, verdadeira e elegante, entregando arte, gastronomia e atendimento de alta qualidade.



CONHEÇA O DI PAOLO CUCINA

Descubra a autêntica culinária italiana da Serra Gaúcha com deliciosas massas frescas, molhos irresistíveis e o famoso Galeto al Primo Canto que você só encontra aqui. Tudo em um ambiente acolhedor que leva o sabor autêntico das receitas da nonna e a fartura das mesas italianas para todo o Brasil. Aqui é alegria a vontade!

Visite: www.dipaolo.com.br



FOLHA DE S.PAULO
DOMINGO, 1º DE SETEMBRO DE 2024 3

ilustríssima
ilustrada



História submersa

Em entrevista, Walter Salles diz que seu novo longa, 'Ainda Estou Aqui', baseado em livro de Marcelo Rubens Paiva, é um alerta sobre a ditadura e os riscos do autoritarismo B6

Walter Salles dirige Fernanda Torres
Alile Dara Onawale/Divulgação

INÊS 249

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Luciano Callegari
Egos ditam hoje o caminho do SBT

Ex-diretor do SBT e amigo de Silvio Santos relembra trabalho ao lado do apresentador, diz não achar que Eliana seja uma estrela de primeira grandeza e critica ideia de Daniela Beyruti de tornar a emissora uma 'Disney brasileira'

Por **Karina Matias**

Ex-manda-chuva do SBT, Luciano Callegari , 86, conta que Iris Abravanel foi até a casa dele há cerca de cinco meses para fazer um pedido especial: Silvio Santos queria falar com ele. Os dois trabalharam juntos por mais de 40 anos, desde quando Silvio fazia shows em circos, passando pela criação da emissora e durando até o fim dos anos 1990.

Desde a pandemia de Covid-19 o dono do SBT vivia recluso, recebendo poucas visitas. Callegari atendeu ao pedido e, no dia seguinte, foi vê-lo. O jantar na casa de Senor Abravanel, em São Paulo, reuniu as duas famílias. O ex-executivo do SBT, porém, achou que Silvio já não estava muito bem de saúde. "Eu sentia que ele queria falar alguma coisa, mas não conseguia", diz.

"O que ficou gravado [na minha memória] é que na hora em que eu estava saindo, ele me chamou numa outra sala e me perguntou se eu precisava de alguma coisa. Foi a última vez que eu falei com meu amigo", recorda. Silvio Santos morreu no dia 17 de agosto, aos 93 anos.

Callegari foi o braço-direito dele na fundação e nas primeiras décadas do SBT, quando a emissora conquistou a vice-liderança de audiência e chegou a ter embates com a Globo pelo primeiro lugar.

Na visão dele, o sucesso aconteceu porque ambos eram apaixonados por TV e conversavam dez horas por dia para debater os "melhores talentos para a programação e o que deveria ser feito". As brigas também eram frequentes, admite Callegari.

"Mas não tinha ego envolvido. A nossa intimidade e o fato de podermos falar tudo um para o outro, sem qualquer tipo de preocupação, ajudou no desenvolvimento da emissora", acrescenta. Callegari saiu do SBT em 2000, quando Silvio assumiu também as decisões executivas da emissora. Posteriormente, entre 2002 e 2004, ele foi superintendente artístico na Record.

Avesso a entrevistas, o executivo aceitou falar com a coluna por intermédio do seu filho Rogério. As respostas foram dadas por escrito.

Ele disse não ver com bons olhos os caminhos que Iris e as filhas de Silvio têm tomado nos últimos dois anos, quando começaram a assumir o comando dos negócios. "Nós vimos que a falta de experiência e os egos são o que ditam hoje o caminho do SBT."

Também critica a afirmação feita à **Folha** por Daniela Beyruti, filha número 3 e apontada como sucessora na condução do SBT, de querer transformar o canal numa "Disney brasileira". "É uma brincadeira, não pode ser levado a sério."

Callegari falou ainda sobre a aposta da emissora em contratar influenciadores e que vê "muito barulho na saída da Eliana". "Não acho que ela seja uma estrela de primeira grandeza", diz.

*

ENCONTRO

Eu não falava com o Silvio fazia um tempo, até que um dia a Iris foi na minha casa e me pediu para falar com ele. Ela passou a tarde comigo e com meu filho Rodrigo. No dia seguinte, fomos jantar na casa dela. Vi o Silvio, ele não estava bem. Eu sentia que ele queria falar alguma coisa, mas não conseguia.

O que ficou gravado é que, na hora em que eu estava saindo, ele me chamou numa outra sala e me perguntou se eu precisava de alguma coisa. Foi a última vez que eu falei com meu amigo.

PARCERIA

A principal qualidade do Silvio é que quando ele pegava o microfone, em frente ao público, acontecia a mágica, as pessoas ficavam hipnotizadas. Fora a parte artística, fazíamos uma dupla que deu muito certo. Brigávamos muito, mas, no final, a programação se tornava um sucesso.



O ex-diretor do SBT Luciano Callegari
Bruno Poletti -6.dez.2016/Folhapress



Callegari no casamento de Silvio Santos com Iris Abravanel em 1967 Arquivo pessoal

FAMÍLIAS UNIDAS

A minha maior satisfação não foi ser o melhor amigo do Silvio, como ele disse diversas vezes. Mas foi ver que nossas famílias se davam bem também.

A Anna [mulher de Callegari, já falecida] e a Iris sempre se deram muito bem, viajávamos muito juntos nas férias para a Flórida, e os meus filhos [Luciano Jr., Mauro, Rodrigo e Rogério] e as meninas [filhas de Silvio] sempre se deram muito bem também. A gente era uma família como na televisão.

Uma curiosidade, da qual a gente ri até hoje, é que o Silvio me deu de Natal uma viagem para qualquer lugar do mundo com a Anna e meus filhos. Depois de pensar muito, fomos parar na Flórida novamente, porque era onde nós nos sentíamos bem, e o que importava mesmo era estarmos todos juntos.

ACERTOS NO SBT

Só aconteceram porque nós conversávamos dez horas por dia, em média. Não tinha ego envolvido [entre] ele e eu. Discutíamos por horas os melhores talentos para a programação e o que deveria ser feito.

A nossa intimidade, e o fato de podermos falar tudo um para o outro, sem qualquer tipo de preocupação, ajudou no desenvolvimento da emissora. A paixão que tínhamos pela televisão se refletia na audiência.

A maioria das conversas era pelo telefone. Silvio não era um executivo, ele ficava em casa, no seu escritório. Ele fazia seu programa e ia para casa.

IDA DE ELIANA PARA A GLOBO

Acho que foi feito muito barulho com a saída da Eliana. A Globo tirou a Eliana do SBT devido ao faturamento que ela alcançava. Não acho que ela seja uma estrela de primeira grandeza.

Já achei estranho quando o SBT permitiu que ela fizesse o Criança Esperança junto com a Xuxa e com a Angélica.

Continua na pág.B5

Continuação da pág. B4

Foi uma ingenuidade do SBT, deram um espaço para ela de estrela de Hollywood.

A Globo testou as águas naquele momento. E depois que a Eliana já não participou das celebrações de final de ano do SBT, a saída já era certa. Eu acredito que, em outra gestão, a Eliana estaria ainda no SBT.

SBT SEM SILVIO

Não precisou o Silvio morrer para sabermos qual será o caminho do SBT. Desde que o Silvio deixou de participar, e suas filhas e a Iris começaram a liderar os negócios, nós vimos que a falta de experiência e os egos são o que ditam hoje o caminho do SBT. Infelizmente, o SBT deixou de ser vice-líder numa rapidez alarmante, e o caminho contrário é muito mais difícil.

Acho que tem que haver um equilíbrio entre a marca colocada pelo Silvio e a modernização. Modernizar não quer dizer você destruir o DNA da empresa. É triste ver o caminho que o SBT está tomando.

GESTÃO E 'DISNEY BRASILEIRA'

A Daniela [Beyruti] tem que descobrir alguma forma de melhorar o SBT. Faço votos para que ela consiga. Mas, até agora, ela não agradou. Transformar o SBT em Disney brasileira é uma brincadeira, não pode ser levado a sério. A Daniela vai ter muitos problemas.

INFLUENCIADORES NA TV

Converso muito com o meu filho Rogério que, como eu, é muito ligado em televisão.

Quando a Daniela divulgou essas contratações [de influenciadores como Virgínia e outros], falei com ele, que mora nos Estados Unidos faz quase 20 anos. Fizemos uma análise de influenciadores que as televisões americanas tentaram colocar na TV, tanto aberta quanto fechada, e não foram nem de perto o sucesso esperado. A maioria desses programas com influenciadores não durou uma temporada, como eles dizem lá fora.

O público da televisão aberta não é o mesmo público que eles têm em redes sociais. O DNA da televisão é outro. Você não pode esperar que o influenciador vire um apresentador, não é assim. Se a pessoa não tem talento, e como bem dizia o Boni, "lastro", não vai durar.

O programa com a Virginia é muito fácil de se destacar, mas não quer dizer que é um sucesso. Dar dois pontos [de audiência] e, eventualmente, cinco pontos não é um sucesso, principalmente naquele horário de sábado à noite.

A Globo tentou com a Jade Picon, que tem no Instagram 22 milhões de seguidores. Colocou ela na novela ["Travessia"] e não deu mais audiência do que a novela daria.

A migração das redes sociais para a televisão não é assim, os números são muito maiores na televisão. Não podemos também esquecer do fato de que muita gente que só acompanha a televisão não sabe quem são esses influenciadores. Nós vivemos num país onde a grande massa ainda não tem todo esse conhecimento.

LIVRO DE MEMÓRIAS

Já pensei em escrever um livro, mas desisti. Impossível colocar certas coisas.

NOVELAS

[Luciano Callegari foi o responsável pelo investimento feito pelo SBT em produções nacionais, como o remake de "Éramos Seis", que fez muito sucesso em 1994]

Eu já não aguentava as novelas mexicanas. Chamei o Nilton Travesso e sabia que só ele poderia mudar nosso caminho em novelas. E foi o que aconteceu. Ele veio com David Grimberg e Del Rangel e construímos a cidade cenográfica onde gravamos "Éramos Seis", "As pupilas do Senhor Reitor" e outras.

Eu acredito na continuidade das novelas. Com bons autores e boas histórias, vão continuar fazendo sucesso.

REALITIES SHOWS

Acho que tem que existir mais integração com novas tecnologias. O Big Brother já não trouxe o resultado de dois anos atrás, apesar de ser um sucesso comercial.

Enquanto a TV não estiver com as tecnologias imersivas, que estão aperfeiçoando, e a integração com plataformas digitais, eu acredito que não será o sucesso que já foi um dia.

O FUTURO DA TV ABERTA

A TV aberta ainda mantém relevância e pode continuar a ser uma parte importante do panorama midiático no futuro. Mas isso dependerá de sua capacidade de adaptação às novas realidades do mercado e de sua habilidade em integrar tecnologias e estratégias digitais.

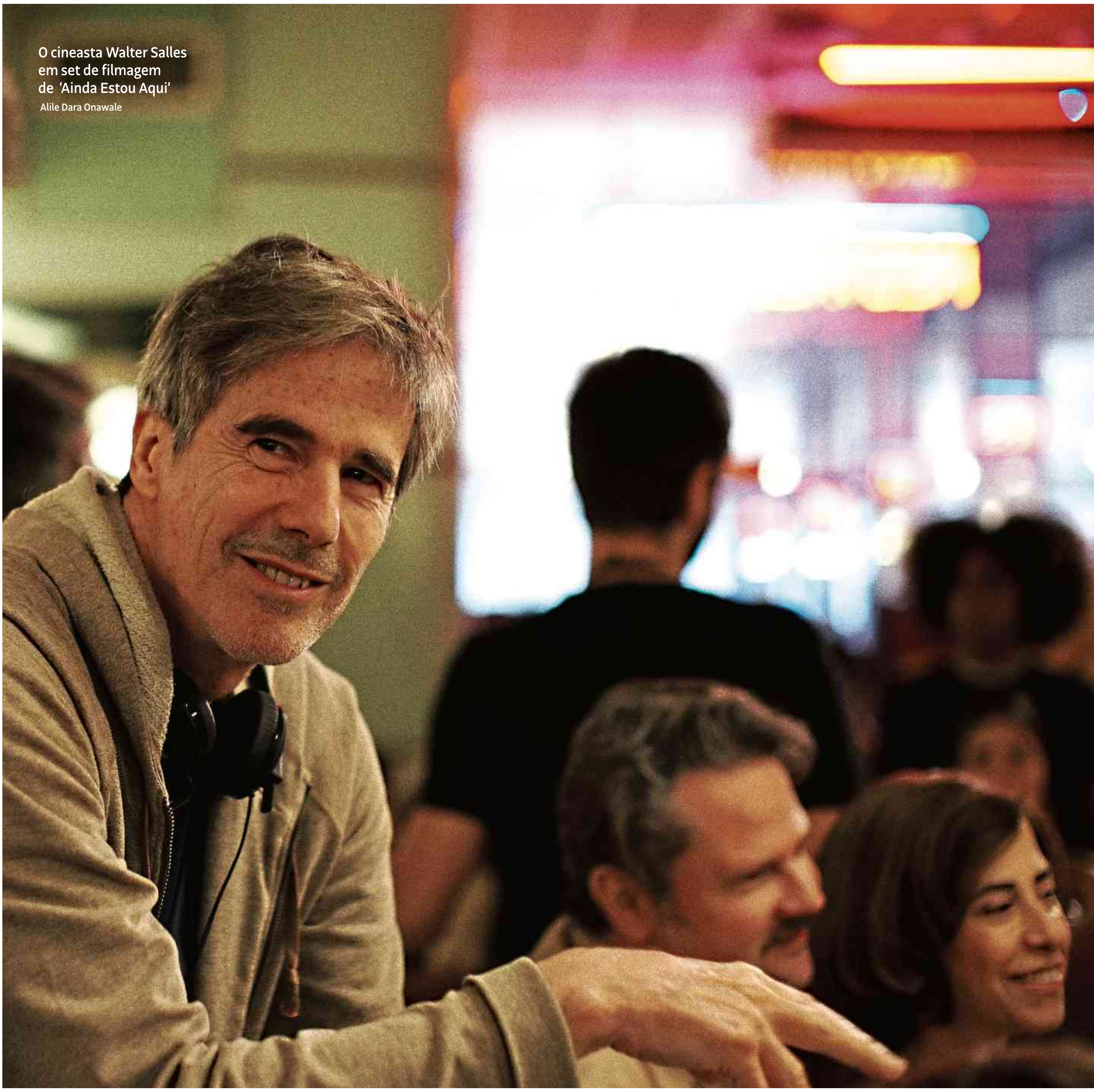
A TV aberta pode incluir uma combinação de tradição e inovação.

SAUDADES DA TV

A gente tem saudade de tudo o que foi bom, mas não tenho interesse em voltar para a TV.

O que eu e o Silvio começamos do zero, levando o SBT ao segundo lugar em audiência, foi, sem dúvida nenhuma, a maior realização da minha vida profissional.

Entrevista Walter Salles
Cineasta, dirigiu "Central do Brasil" (1998), entre outros filmes



O cineasta Walter Salles em set de filmagem de 'Ainda Estou Aqui'
Alile Dara Onawale

Ainda está aqui

[RESUMO] Melhor filme de Walter Salles desde "Terra Estrangeira" e "Central do Brasil", o inédito "Ainda Estou Aqui" ganha atualidade ao tratar de um período sombrio, a ditadura militar, que insiste em mobilizar ideias e pessoas. "Propor mais reflexos desse período parecia vital para entender melhor o trauma vivido, e não repetir os mesmos erros do passado", diz o diretor à Folha. Baseado no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva, o longa tem estreia mundial neste domingo (1º) no Festival de Veneza

Por **Sérgio Dávila**
Diretor de Redação da **Folha**

Em 20 de janeiro de 1971, o engenheiro e ex-deputado federal (PTB) Rubens Paiva, cassado pela ditadura militar, foi levado da casa onde morava no Leblon, no Rio de Janeiro, por agentes da repressão para "prestar depoimentos".

Disse à família que voltaria logo. Foi torturado e assassinado pelo regime, que vivia então seu período mais sangrento, em plena vigência do AI-5. Seus restos mortais nunca foram encontrados.

A vida antes e depois desse fato definidor levou seu filho Marcelo Rubens Paiva, autor de um dos melhores romances de formação brasileiro, "Feliz Ano Velho" (1982), a escrever "Ainda Estou Aqui" (2015).

Nele, fica claro o papel de protagonista que Eunice Paiva, sua mãe, assume, depois da morte do marido, na condução da família de cinco crianças, na busca por justiça e na reinvenção da própria vida.

A trama é a base do filme homônimo de Walter Salles, seu décimo-primeiro longa e o melhor desde "Terra Estrangeira" (1995) e "Central do Brasil" (1998). Com Fernanda Torres como Eunice jovem, Fernanda Montenegro em sua versão mais velha e Selton Mello no papel de Rubens Paiva, tem estreia mundial neste domingo (1º), no Festival de Veneza. No Brasil a data de lançamento ainda não foi definida.

Continua na pág. B7

‘Que projeto de país o golpe militar quis erradicar? Talvez um dos mais criativos e promissores da nossa história. Naquele momento havia surgido uma nova arquitetura com Niemeyer e Lúcio Costa, uma nova música com Caetano, Gal e Gil, uma nova literatura com Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, o cinema novo com Nelson Pereira dos Santos e Glauber’



Fernanda Montenegro interpreta Eunice mais velha; abaixo, Selton Mello como Rubens Paiva, deputado cassado e morto pela ditadura; Fernanda Torres como Eunice mais jovem
Fotos Divulgação





Continuação da pág. B6

Considero este seu filme mais importante desde “Terra Estrangeira” e “Central do Brasil”, que aliás formam uma “trilogia brasiliana”, chamemos assim. Como os outros, ele toca num ponto nevrálgico e atual do país. Antes o êxodo da década perdida, depois o Brasil empacado na desigualdade, agora o perigoso flerte de parte da população com ideias que julgávamos enterradas, como as da ditadura militar. São escolhas propositais ou apenas reflexo do zeitgeist? “Terra Estrangeira” e “Central do Brasil” são filmes em que o destino dos personagens se mistura à história de um país em crise identitária. Eram histórias originais, pensadas à flor da pele, como um reflexo das crises que estávamos vivendo.

O livro de Marcelo Rubens Paiva me pegou por muitas razões, incluindo essa capacidade de mesclar a história pessoal com a história coletiva. Em “Ainda Estou Aqui”, a história dos anos de chumbo é atravessada por uma família, esses personagens existem, são de carne e osso. As questões que Marcelo nara são eminentemente políticas, mas também existenciais. E, como nos ensina Fernanda Montenegro, não há salvação fora do humano e do existencial.

Quando a extrema direita começou a ganhar força no país, ficou claro o quanto nossa memória dos anos de ditadura militar era frágil. Propor mais reflexos desse período parecia vital para entender melhor o trauma vivido, e não repetir os mesmos erros do passado. Em “Ainda Estou Aqui”, o Estado invade o coração de uma família, decide quem vai viver ou morrer, faz um corpo desaparecer.

Em 2021, um presidente concedeu medalhas de honra a torturadores daquela época. Este filme, baseado em um livro publicado em 2015, entrou em gestação bem antes desses anos terríveis. Infelizmente, ele parece ser não apenas um relato sobre um passado remoto, mas também um filme sobre os perigos das novas formas de autoritarismo que rondam o Brasil e o mundo.

O Brasil ainda é um país jovem e de jovens: 54,2% da população não tinha nascido em 1985, quando acabou o período de 21 anos da ditadura militar. O filme tem esse propósito de mostrar os horrores daquela época a quem não a viveu ou se isso acontecer será um efeito colateral, ainda que desejável? Que projeto de país o golpe militar quis erradicar? Talvez um dos mais criativos e promissores da nossa história. Naquele momento havia surgido uma nova arquitetura com Niemeyer e Lúcio Costa, uma nova música com Caetano, Gal e Gil, uma nova literatura com Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, o cinema novo com Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha, Lygia Clark, Oiticica e Gerchman nas artes plásticas. Um novo projeto de educação com Paulo Freire, as propostas econômicas da Cepal.

Na casa de Rubens e Eunice pulsava justamente esse desejo de um país livre, com uma identidade independente, essencialmente brasileira. Para a família Paiva, viver segundo esses critérios era uma forma de resistência.

Nesse sentido, o início do filme busca recuperar a vitalidade daquele tempo, mostrar aquilo que poderíamos ter sido. Foi esse Brasil possível, original e independente, que foi brutalmente interrompido pelo golpe militar. O sequestro e o assassinato de Rubens Paiva são uma consequência da violência de Estado que se instalou no país em 1964, e se agravou depois de 1968.

Eunice Paiva é a heroína desconhecida da tragédia de Rubens Paiva, que ganha sua redenção no livro do filho escritor, Marcelo Rubens Paiva, no qual o filme se baseia. Fernanda Torres está contida e serena como era o personagem na vida real. Seu final, de certa maneira, é trágico: após lutar a vida inteira para que a memória do marido não desaparecesse, ela vê a sua própria esvanecer no Alzheimer. Vê uma metáfora do que acontece no Brasil, um povo que mais e mais se esquece? O livro de Marcelo nos convida a olhar essa história do ponto de vista de Eunice. No centro da narrativa, há uma mulher que teve que se reinventar, recusar o que o destino lhe impunha e romper com os laços patriarcais que prevaleciam nas famílias brasileiras, inclusive nas mais progressistas.

Continua na pág. B8

‘O cinema, como a literatura, é um poderoso instrumento contra o esquecimento. Este filme é apenas uma parte pequena de uma imensa história submersa. Novos filmes sobre a ditadura militar estão sendo rodados, o que é uma ótima notícia. É o que pode nos ajudar a não repetir os erros do passado’



Selton Mello e Fernanda Torres com atores que interpretam os filhos de Rubens e Eunice, Guilherme Silveira (Marcelo Rubens Paiva) e Cora Mora (Babiu) Alile Dara Onawale/Divulgação

Ainda está aqui

Continuação da pág. B7

Eunice encarna e traça uma forma de resistência pouco comum.

O livro e o filme podem ser vistos como um relato sobre a reconstrução de uma memória individual conduzida por essa mulher, que se sobrepõe à busca pela reconstrução da memória de um país, o Brasil. Essa superposição entre o pessoal e o coletivo é uma das razões pelas quais quis fazer este filme. Essa busca da família Paiva durou 30 anos e se confunde com a luta pela redemocratização do Brasil.

O cinema, como a literatura, é um poderoso instrumento contra o esquecimento. Este filme é apenas uma parte pequena de uma imensa história submersa. Novos filmes sobre a ditadura militar estão sendo rodados, o que é uma ótima notícia. É o que pode nos ajudar a não repetir os erros do passado.

Você frequentou a casa dos Paiva na Delfim Moreira, número 80, no Leblon, ao voltar do exterior, um lugar que depois virou um restaurante e, por fim, um prédio. Pode descrever como era a atmosfera então, o convívio com o ex-deputado, sua mulher, Eunice, e os cinco filhos, e como (e se) ela contrastava com a sua? Quanto do que você viu e viveu chegou ao filme? Conheci a família Paiva, Rubens, Eunice e seus cinco filhos, Vera, Eliana, Nalu, Marcelo e Babiu, em 1969. Eles vieram morar no Rio, cidade para onde eu voltava após cinco anos. Assim, passei parte da minha adolescência na casa que eles haviam alugado no Leblon e que está no centro de "Ainda Estou Aqui". Nalu era minha amiga mais próxima.

Uma das minhas lembranças mais fortes de adolescência é de uma casa onde as portas e janelas estavam sempre abertas, onde turmas de diferentes idades se encontravam. Essa possibilidade era surpreendente em um país sob ditadura.

Além disso, os afetos nessa família eram diferentes dos que eu conhecia na minha. Para o adolescente que eu era, esse contraste era marcante. Por ali passavam amigos da família, jornalistas, gente da música, além da moçada mais jovem. Não havia distinção entre adultos, adolescentes, crianças.

Rubens transitava entre as turmas, enquanto Eunice era o fio terra da família. Foi assim que pude ouvir debates acalorados sobre a situação política durante a ditadura, foi ali onde encontrei pessoas que me marcaram até hoje, onde descobri a tropicália, por exemplo.

A casa dos Paiva, assim como o cinema, de maneira diferente, me permitiu entender que o mundo era bem mais amplo do que eu poderia imaginar a partir da realidade da minha própria família.

O início do filme, que precede o desaparecimento de Rubens, corresponde à memória que tenho dos espaços e personagens. Em constante movimento, passando de um personagem para outro, em uma casa habitada por vozes, sons externos, música pulsante.

Quando os militares à paisana ocupam essa casa, me deparei com algo que eu não conhecia e tive que imaginar: um lugar subitamente desprovido de luz, com as persianas fechadas, em uma penumbra opaca.

Essa inversão me fez optar por planos fixos ou planos-sequência onde o tempo passa muito mais devagar. Os sons externos são abafados, um silêncio habitado prevalece. A relação entre os corpos, os personagens, se modifica.

Agora, cada um guarda segredos, eles não podem mais conversar abertamente. Enquanto eu filmava essa parte do filme, muitas vezes pensei nas pinturas de Vilhelm Hammershoi. Sua matéria é a ausência, os espaços que guardam apenas os vestígios de uma presença.

O filme marca vários reencontros, o primeiro com Fernanda Torres desde "Terra" e "O Primeiro Dia" (1998), com Fernanda Montenegro desde "Central", além de Daniela Thomas e outros parceiros. Queria que você falasse um pouco do que chama de sua "família do cinema" e a necessidade de tê-los por perto. Considero Fernanda Montenegro uma das maiores atrizes de sua geração, e não só no Brasil. Nanda é uma cúmplice e coautora desde "Terra Estrangeira", que Daniela Thomas e eu dirigimos em 1995. Gosto da inteligência aguda de sua atuação, que vem da compreensão profunda que ela tem de seus personagens.

Continua na pág. B9

Passado congelado

[RESUMO] Autor narra a sensação de rever sua mãe, Eunice, e reviver a infância ao visitar o set de filmagem do longa-metragem 'Ainda Estou Aqui', adaptação do seu livro sobre os desdobramentos na família do assassinato do seu pai, o deputado federal Rubens Paiva, pela ditadura militar

Por **Marcelo Rubens Paiva**

Escritor e dramaturgo. Autor, entre outros livros, de 'Feliz Ano Velho', 'Malu de Bicicleta' e 'Ainda Estou Aqui'



Eunice e Rubens Paiva no início dos anos 1960 Arquivo pessoal



Eunice e Rubens Paiva na praia do Leblon, no Rio de Janeiro Arquivo pessoal

Na busca por uma locação para o filme "Ainda Estou Aqui", conseguiram uma casa idêntica, rara, daquela arquitetura portuguesa comum no Rio de Janeiro do passado. Escalaram um elenco que se completava. Ao set de filmagem, eu tinha receio de ir, adiei, apesar de ser um set só de amigos.

Eu e minhas irmãs enviamos croquis da casa em que moramos de 1966 a 1971, fotos, nos lembramos de cores e móveis. Fui. Era como se eu entrasse num lar congelado no tempo: casa em que representou o cume e o abismo da minha família, como no mito de Sísifo.

Lá estavam o Opel Kadett da minha mãe, Fernanda Torres, séria, densa diante da câmera, brincalhona atrás dela, com quem passei festas de Réveillon lendárias, fazendo minha mãe, e Daniela Thomas, colega de trabalho, amiga.

No elenco, Selton Mello, amigo de Baixo Gávea, fez meu pai. Dan Stulbach, colega de arquibancada, Daniel Dantas e Thelmo Fernandes, que fizeram peças minhas, Maria Manoela, amiga de décadas, que já fez um filme meu junto com Marjorie Estiano. Tudo sob as asas e tutela da absoluta dona Fernanda (Fernanda Montenegro). Tinha uma família sendo retratada, e uma família de amigos comovida ao redor.

Ao entrar, gelei. Os mesmos móveis, cores, elementos. O mesmo cheiro. A inconfundível umidade entrava pelas frestas. Foram tão detalhistas que tinha uma conta de luz da Light de 1971 no nome da minha mãe. Na dispensa, os produtos que comprávamos no PegPag da rua Visconde de Pirajá, em Ipanema.

A cena que filmavam: num almoço, Eunice Paiva, ciente de que mataram seu marido Rubens Paiva, anuncia aos filhos que se mudariam para São Paulo. O menino Marcelo, de 11 anos, era eu ali sentado. Minhas irmãs adolescentes Veroca, Eliana e Nalu se revoltaram com a mudança repentina.

Ali, meu mundo desabou, em 1971 e naquele dia, 50 anos depois. Revi minha mãe. Revivi. O cuidado com que Waltinho dirigia, falando no ouvido da Fernanda, a quantidade de perguntas que os atores mirins me faziam, especialmente Babiu e Marcelo, o orgulho com que técnicos me mostravam o cenário, provavam que estavam abduzidos pela história.

O pequeno Marcelo (Guilherme Silveira) foi pego lendo o roteiro. Não podia. A pequena Babiu (Cora Mora) me perguntava se eu era levado assim. O ator dizia que a coisa que mais gritavam nas cenas era: "Marcelo!". Pelo roteiro, Babiu perdia um dente. No dia da filmagem, Cora perdeu um.

Eu era moleque levado, sim. Agora, virei um senhor que chora à toa, orgulhoso, com a alma lavada e levada, que, quando assistiu ao filme, correu para abraçar os filhos.

O filme "Ainda Estou Aqui" começou a ser elaborado assim que o livro saiu. Ele já tinha um dono: Walter Salles Júnior, amigo de infância, cuja família viveu em paralelo à minha, tem a vivência, sensibilidade e delicadeza que a história pedia.

Nossos pais foram exilados depois do golpe de 1964 para Paris, porque pertenciam ao governo Jango. Na volta, vivemos o ciclo de amizades dos cassados políticos no Rio de Janeiro.

Waltinho frequentava nossa casa, um ponto de encontro frenético diante da praia do Leblon. Ele e minha irmã, Nalu, eram da mesma turma. Ele se lembra da noite em que meu pai nos levou no Opel ao Maracanãzinho, para assistirmos ao show do Simonal ("moro, num pa-tro-pi..."). Ele achava minha família feliz demais.

Acompanhou à distância a invasão da casa por militares e o desfecho: o pai da sua amiga desaparecido, com suspeita de ter sido morto sob tortura, a mãe, Eunice, presa 12 dias e depois viúva com cinco crianças. Viu a casa se esvaziar e virar um restaurante. Viu pessoalmente e, agora, atrás das lentes.

Ele me enviou durante anos os tratamentos do roteiro. Relíamos, discutíamos, decidíamos. Já tive outras obras adaptadas. Tive livros e peças de teatro que viraram filmes e séries. Mas agora era diferente: a história da minha mãe, que estava ainda viva antes das filmagens, com Alzheimer, e recebeu a visita dele.

É um filme sobre uma família atropelada pela insensatez das contradições políticas, da intolerância e violência. Como tantas famílias foram atropeladas pelo ódio e terror. Aconteceu, continua acontecendo, não deveria mais acontecer. Por isso, ele foi feito. Para isso. ←

É um filme sobre uma família atropelada pela insensatez das contradições políticas, da intolerância e violência. Como tantas famílias foram atropeladas pelo ódio e terror. Aconteceu, continua acontecendo, não deveria mais acontecer

Continuação da pág. B8

"Ainda Estou Aqui" era diferente de tudo que Fernanda já havia feito, demandava uma atuação baseada na subtração, na economia dos gestos e sentimentos, na possibilidade de dizer o que era necessário com pouco. Nanda abraçou essa ideia, confiou. Essa fé no cinema que ela tem tornou o filme possível.

"Eu Ainda Estou Aqui" é um filme sobre uma família, realizado por uma família de cinema, composta por Fernanda Torres e pela extraordinária Fernanda Montenegro, por Daniela Thomas, produtora associada do filme e minha grande parceira, por Ulisses Malta, nosso chefe-eletricista desde "Terra", por Carlos Conti, diretor de arte desde "Diários de Motocicleta" [2004], por mim mesmo. E que agora se amplia com novos cúmplices, como Selton e outros atores e artesãos incríveis que abraçaram o projeto.

Outro aspecto lateral, mas importante, do livro/filme é a causa da crise climática e dos povos originários —Eunice forma-se e torna-se advogada já adulta, atuando nessas frentes. Não acha que os temas, que são interligados, merecem um filme próprio? Sim, esse ponto é de uma extrema relevância. Como aconteceu com Claudia Andujar, Eunice entendeu que havia outras formas de holocausto acontecendo no Brasil e mudou sua vida para combatê-las. Formou-se em direito aos 46 anos e abraçou a luta pela demarcação das terras dos povos originários. Eunice percebeu que as diferentes formas de violência de Estado vigentes até hoje no país não são dessemelhantes da violência que resultou no assassinato de seu marido.

Aliás, o que pode falar de seu próximo projeto? É uma série sobre Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira, o grande doutor Sócrates. A série está na confluência entre futebol e política, com a participação de convidados que nos deram depoimentos memoráveis. Aprendi muito durante o processo, e considero um presente poder ter feito dois projetos especiais nesse espaço de tempo. A série está em fase final de montagem. ←

MULTITELA

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com (interina)

Cinebiografia da cantora Amy Winehouse já está disponível no streaming

Back to Black
Lojas digitais, 16 anos

Cinebiografia sobre a ascensão da cantora Amy Winehouse rumo ao estrelato. Desde seus dias em casa em Camden Town, em Londres, até a gravação de um dos álbuns mais bem-sucedidos da história, "Back to Black", a cantora enfrenta seus demônios ao lidar com a fama e um relacionamento tóxico. A direção é de Sam Taylor-Johnson e Winehouse é vivida pela atriz Marisa Abela —conhecida pela série "Industry"— que canta com a própria voz.

Caminhos Cruzados
Mubi, 14 anos

O novo filme de Levan Akin acompanha uma professora aposentada da Geórgia, Lia, que descobre que sua sobrinha transgênero, desaparecida há muito tempo, cruzou a fronteira com a Turquia. Lia então vai para Istambul atrás dela, em companhia de seu vizinho.

Respira
Netflix, 16 anos

A série espanhola mostra o cotidiano frenético de médicos e residentes em um hospital de Valência, enquanto administram suas emoções e desejos. A chegada de uma paciente notória põe em evidência a precariedade do sistema público de saúde, dando início a uma greve sem precedentes.

Teen Wolf
MGM+, 16 anos

A vida do estudante Scott McCall muda completamente depois que ele é mordido por um lobo. Ele passa a ter poderes sobre-humanos e a conviver com outros lobisomens enquanto tenta manter seu cotidiano do ensino médio. Seis temporadas disponíveis.

O Lado Obscuro da Fama
Max, 14 anos

Segunda temporada da série documental sobre sonhos hollywoodianos que não saem como esperados e, frequentemente, se tornam fatais. Na estreia, o assassinato do genro do cantor James Brown, Jacque Hollander, em 2008.

Maratona Harry Potter
Warner Channel, desde 6h45, 10 anos

Oito filmes exibidos em sequência, começando com "Harry Potter e a Pedra Filosofal" (6h45). "Harry Potter e a Ordem da Fênix" (17h32), "Harry Potter e o Enigma do Príncipe" (20h), "Harry Potter e as Relíquias da Morte" partes um (22h46) e dois (1h20) fecham a maratona.

Os Três Mosqueteiros: D'Artagnan
Megapix, 21h, 14 anos

Após ser dado como morto, D'Artagnan volta a Paris em busca de seus agressores. Ele se junta a Athos, Porthos e Aramis, os três mosqueteiros do rei, em uma guerra que ameaça a França. Filme com Louis Garrel e Eva Green no elenco.

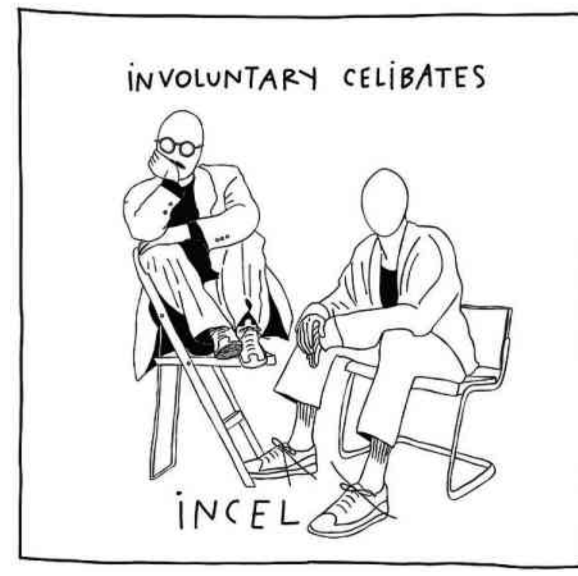
Henfil
Curta!, 21h15, 12 anos

Documentário sobre a vida e obra do cartunista, morto em 1988, que usava seus desenhos como instrumento de luta contra a censura na época da ditadura militar. O filme também traz suas obras para atualidade com jovens ilustradores revivendo seus personagens.



+ Cidade de Deus: A Luta Não Para

No segundo episódio da série da Max, Buscapé — que agora quer ser chamado de Wilson— se vê no meio do conflito entre Bradock e Curió. Além disso, a jornalista Lígia o convence a colaborar em uma reportagem sobre uma força paramilitar que se infiltra em uma comunidade vizinha. A produção tem a primeira temporada 22 anos após o filme de Fernando Meirelles e Kátia Lund



Luiza Pannunzio

Um estudo: O incel e o 'inpé'

Na vida real, nenhuma moça deseja conviver intimamente com eles

Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Bem sei que sou demasiado novo para usar com tanta frequência a expressão "no meu tempo isto não era assim", mas no meu tempo isto não era assim. Não havia incel. O incel é uma invenção moderna. Quer dizer celibatário involuntário.

São jovens que gostariam muito de não ser celibatários, mas nenhuma mulher se interessa por eles. No meu tempo, a gente chamava a esse tipo de pessoa "adolescente". A diferença para o incel é que o adolescente sabia, ou pelo menos tinha a forte desconfiança de que a situação em que se encontrava era da sua exclusiva responsabilidade. Nenhuma mulher se interessava por ele porque ele não era interessante. E ele fazia todos os esforços para corrigir essa falha.

A diferença para o incel é que o adolescente sabia que era o único responsável por sua situação. Nenhuma mulher se interessava por ele porque ele não era interessante

Mas o incel acredita que a culpa de nenhuma mulher se interessar por ele é do sexo feminino inteiro —que, por isso, odeia. Há vários problemas neste raciocínio. Suponhamos que um jovem gostaria de ser milionário. Para sua infelicidade, não consegue, e continua a ser um pé rapado. É um pé rapado involuntário. Um "inpé". Em princípio, ele não passa a odiar o dinheiro. Compreende que não tem um direito natural à riqueza. Que terá de se esforçar para a obter. Ou herdar.

Eu culpo a internet. Creio, aliás, que a culpa de quase tudo é da internet. No caso dos incel, o problema é o acesso à pornografia. No meu tempo, os adolescentes quase não tinham contato com pornografia. Por vezes, um colega da escola conseguia uma revista, de um irmão mais velho, e todo o mundo se reunia para examinar o objeto. Já lhe faltavam páginas e não se conseguia muito mais do que deitar à revista um olhar furtivo, antes que um adulto aparecesse. Hoje os jovens têm acesso a toda a pornografia do mundo.

Assistem a filmes em que uma moça leva o carro à oficina e não resiste a conviver com o mecânico. Ou está em casa e não resiste a conviver com um amigo do seu pai. Ou está na biblioteca e não resiste a conviver com o bibliotecário. Ora, a experiência dos incel, que são parecidos com um bibliotecário, é diferente.

Na vida real, nenhuma moça deseja conviver intimamente com eles. Em vez de suspeitarem que talvez os filmes retratem uma realidade que não existe, decidem que é a realidade que tem um problema. Por alguma razão que, ao que tudo indica, faz parte de uma conspiração global, as mulheres desejam conviver intimamente com todo o mundo, menos com eles.

DOM. Ricardo Araújo Pereira SEG. Bia Braune
TER. Manuela Cantuária QUA. Hmmfalemais
QUI. Flávia Boggio SEX. Renato Terra SÁB. José Simão


Confira nossa programação
VIBRA SÃO PAULO
03 SET GUILHERME & BENUTO
GRAVAÇÃO DO DVD "+AMOR +MÚSICA"
INGRESSOS ESGOTADOS
06 SET VICTOR & LEO
08 SET NATAN POR AÍ
E O SEGREDO DA COLMEIA
18 SET JEITO MOLEQUE
GRAVAÇÃO DO DVD "5 POR 5"
21 SET FESTA MONALISA
5ª EDIÇÃO
MONALISA
26 SET THE STYLISTICS
FALLING IN LOVE WITH MY GIRL TOUR
28 SET ERIC CLAPTON
ERIC CLAPTON
29 SET TURMA DO PROBLEMS
MISTÉRIO DA MÁSCARA DO STICK
02 OUT DANIEL
PRUDENTIAL CONCERTS
Prudential CONCERTS
03 OUT SNATAM KAUR
HEARTFLOW
12 OUT GALÁXIA KIDS FEST
19 OUT FABIO JR
BEM MAIS QUE OS MEUS 20 POUCOS ANOS
24 OUT GUSTAVO MIOTO
GRAVAÇÃO DE DVD
26 OUT DIONNE WARWICK
ONE LAST TIME
01 NOV HALLOWEEN DA PABLLO
09 NOV HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL IN CONCERT
10 NOV PIANO ROCK
COM ORQUESTRA SINFÔNICA VILLA LOBOS
24 NOV REVISITING CREEDENCE
REVISITING CREEDENCE
01 DEZ GIPSY KINGS FEAT. TONINO BALIARDO
12 DEZ TOKIO HOTEL
BEYOND THE WORLD
13 E 14 DEZ ZECA PAGODINHO
TOUR 40 ANOS
13 DEZ SESSÃO EXTRA
15 DEZ DREAM THEATER
40TH ANNIVERSARY TOUR
20 DEZ CABARÉ
LEONARDO E BRUNO & MARRONE
A ABERTURA DO SHOW AGORA É COM A GALERA!
CHEGUE CEDO E APROVEITE O NOVO BAR SUPER BOCK NA ÁREA EXTERNA, PARA O #PRESHOWHOUR
VIBRA SÃO PAULO
SUPER BOCK
PRATA
GARANTA SEU INGRESSO em
vibrasaopaulo.com
Av. Nações Unidas 17955 - Vila Almeida - São Paulo/SP
PROGRAMAÇÃO COMPLETA
em vibrasaopaulo.com e nos
canais oficiais /vibrasaopaulo
Troque seus pontos por ingressos
PETROBRAS premmia
Baixe o App Premmia
ALVARÁ DE FUNCIONAMENTO:
PROTOCOLO NÚMERO: 6068.2023/0010174-7
AVCB: 697701 VALIDADE 11/06/2026
ADMINISTRADA POR OPUS ENTRETENIMENTO

QUADRÃO

Ricardo Coimbra



PESSOAS DE

MEIA-IDADE

QUE ACHAM QUE SÃO JOVENS

- Um problema contemporâneo -

GODOKU

texto.art.br/fsp

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Que não é mais sadio e forte como antes **2.** A unidade de medida da energia elétrica V / Forma sertaneja e popular de até **3.** Ave com até 170 cm de altura / Determinar o destino, a sorte de **4.** Península da Ucrânia que se estende pelo mar Negro **5.** Trabalho cuja remuneração é calculada por execução de serviço / Winona Ryder, atriz de "Outono em Nova York" **6.** Trepadeira ornamental e medicinal, de flores amarelas ou arroxeadas **7.** Duro e indelicado por caráter e modos / Uma personagem do desenhista Maurício de Sousa **8.** Coexistir **9.** O didímio, entre os químicos / Nocivo, prejudicial **10.** Colocar (arroz, café etc.) em receptáculo para comercialização **11.** Que não é apertada ou estreita / Sigla da unidade hospitalar onde ficam doentes para tratamento intensivo **12.** Pintura / Dar pio **13.** Planta cheia de espinhos, de flores solitárias.

VERTICAIS

1. Sugerir, propor uma ideia, uma hipótese / (Ingl.) Atraso **2.** Proveitoso, útil / Provocar delírio ou desvario **3.** Selado com certa resina ou cera / Senhorita **4.** Liv Tyler, atriz de "O Senhor dos Anéis" / Conserto, com agulha e fios, de tecidos desgastados ou lacerados **5.** A principal entidade mundial para a organização e difusão do futebol / No bicho, o grupo das dezenas 97 a 00 **6.** Cidade histórica mineira / Menor que Pequeno **7.** Em que lugar? / Separação conjugal **8.** Relativo ao país insular do extremo Oriente cuja capital é Taipé / Da mesma forma ou maneira **9.** Chegar a 0 / Árvore de casca fina, adstringente, empregada na indústria do curtume.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1								■	
2					■				
3				■					
4		■							
5							■		
6									■
7					■				
8	■								
9			■						
10								■	
11						■			
12					■				
13		■							

HORIZONTAIS: 1. Abalado, **2.** Volt, Inté, **3.** Ema, Fadar, **4.** Crimeia, **5.** Tarefa, WR, **6.** Alamanda, **7.** Rude, Tina, **8.** Conviver, **9.** Di, Danoso, **10.** Ensacar, **11.** Larga, CTI, **12.** Arte, Piar, **13.** Amapola. **VERTICAIS: 1.** Aventar, Delay, **2.** Bom, Alucinar, **3.** Alacrado, Srta, **4.** LT, Remendagem, **5.** Fifa, Vaca, **6.** Diamantina, PP, **7.** Onde, Divórcio, **8.** Taiwanês, Tal, **9.** Zerar, Aroeira.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

			2				7	
			9					6
		7		6	4	5	3	
	9				5	8		
	3			4			9	
		2	8				1	
	8	3	5	7		1		
4					3			
	1				9			

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

3	6	9	2	5	8	4	7	1
1	5	4	9	3	7	2	8	6
8	2	7	1	6	4	5	3	9
6	9	1	3	2	5	8	4	7
5	3	8	7	4	1	6	9	2
7	4	2	8	9	6	3	1	5
9	8	3	5	7	2	1	6	4
4	7	5	6	1	3	9	2	8
2	1	6	4	8	9	7	5	3


/BLUENOTESP
PortoBank
Apresenta
Blue Note
SÃO PAULO
ELEITO O MELHOR BAR DE MÚSICA AO VIVO E MELHOR CASA DE SHOWS
ATÉ 500 LUGARES
HAPPY HOUR NA VARANDA ATÉ O ÚLTIMO CLIENTE
varanda blue
TER A SEX 12H-1H30 | SÁB 16H-2H | ENTRADA GRATUITA
ZÉLIA DUNCAN
LADO Z
07, 21, 28.NOV E 05.DEZ
20H 22H30
05.SET 22H30
XANTONÉ BLACQ
MY BRAZILIAN SOUL (LIVE FROM LONDON)
06.SET 22H30
BANDA BLACK RIO
07.SET 20H
NDUDUZO MAKHATHINI
AFROJAZZ IN TOWN
08.SET 19H
ANDRU DONALDS
10.SET 20H
MONIQUE KESSOUS
O MEU SOM É SEU DE PERTO
11.SET 20H
MATEUS SARTORI
VOZES DO SERTÃO DE GONZAGÃO A DOMINGUINHOS
13.SET 20H
MARCELO SERRADO & CONEXÃO RIO
DE SINATRA A WANDO E OUTRAS BOSSAS!
13.SET 22H30
THEO BIAL
CANTA CHICO BUARQUE
20.SET 20H
MALÚ LOMANDO
REVERÊNCIA À MARIA BETHÂNIA
22.SET 19H
SIKI JO-AN
THE INTIMATE CONCERT WITH THE AFRICAN QUEEN
24.SET 20H 22H30
YAMANDU COSTA
NO SHOW IDA & VOLTA
28.SET 20H
LETÍCIA SABATELLA E CARAVANA TONTERIA
05.OUT 20H 22H30
HERMETO PASCOAL & GRUPO
06.OUT 19H
FESTA MANIFESTO TROPICAL
PEDRO BABY & LUCIO MAURO FILHO
24.OUT 20H
THUNDERBIRD
E A HISTÓRIA ILUSTRADA DO ROCK BRASILEIRO
29.OUT 20H
NAIMACULADA
NO SHOW ACROMATOPSIA
30.NOV E 06.DEZ 20H 22H30
PAULO RICARDO
VOZ, VIOLÃO & ROCK 'N' ROLL 2
INGRESSO INDIVIDUAL
SHOWS JANTAR DRINQUES SOBREMESAS CAFÉ DA MANHÃ
Réveillon
ALL INCLUSIVE
UMA NOITE INESQUECÍVEL NA PAULISTA
31.DEZ
20h às 4h
AV. PAULISTA, 2073 CONJUNTO NACIONAL
SHOWS • RESTAURANTE • VARANDA BLUE • BRUNCH • ALMOÇO&JAZZ • EVENTOS
bluenotesp.com
AV. PAULISTA 2073 2º ANDAR | CONJUNTO NACIONAL
CLIENTES PORTO BANK TÊM DESCONTOS EXCLUSIVOS EM INGRESSOS E RESTAURANTE.
PATROCÍNIO
Heineken
BLUE MOON
Coca-Cola
CIA. AÉREA OFICIAL
Azul
APOIO
TROUSSEAU
SPECIALE Sadia
Quatá
Schweppes
ZAHIL
PARCEIROS DE MÍDIA
FOLHA
Rolling Stone
CARAS
Curta!
eventim

No turbilhão do passado

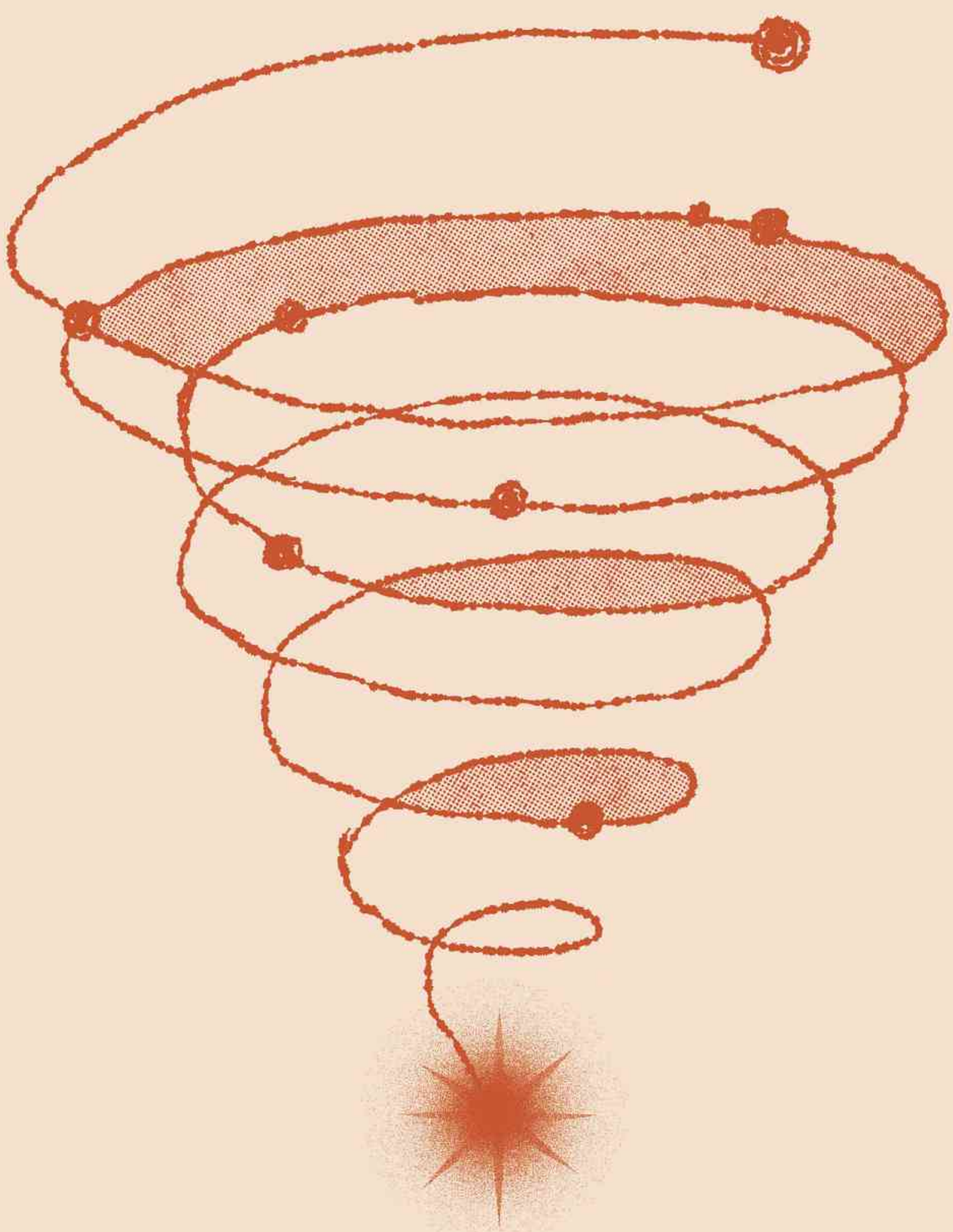
[RESUMO] A fabricação do mito de um passado glorioso, estratégia utilizada nas experiências fascistas do século 20, é reeditada no século 21 pela extrema direita e pela direita populista, com o mesmo intuito de implementar valores reacionários e fustigar o modelo de Estado de Direito liberal. No Brasil, percebe-se isso no movimento bolsonarista e na construção de um passado compartilhado judaico-cristão

Por **Ana Luiza Albuquerque**

Repórter da Folha. Mestre em jornalismo político pela Universidade Columbia e autora do podcast Autoritários

Ilustração **Julio Lapagesse**

Artista plástico e ilustrador



"Ele é o leão da tribo de Judá", cantava a senhora com a mão direita ao alto e a mão esquerda no microfone. O animal aparecia no manto que ela carregava nos ombros, junto às bandeiras de Israel e do Brasil. "Oh, esperança de Israel", a mulher repetia, entoando os versos de uma canção carimbada nos cultos evangélicos.

Naquele domingo, a reunião não era religiosa. O canto da senhora enchia a esvaziada casa de eventos que abrigou a convenção municipal do PRTB em São Paulo, confirmando a pré-candidatura do influenciador, empresário e ex-coach Pablo Marçal à prefeitura da capital.

Sem o apoio do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), Marçal ativou símbolos caros para a direita bolsonarista: Deus, família e os perigos do comunismo, das drogas e da "ideologia de gênero". Israel foi mais um deles.

Cinco meses antes, as bandeiras do país judaico haviam tomado as ruas da avenida Paulista, no centro da cidade, em manifestação em defesa de Bolsonaro. Do alto do carro de som, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL) pregou que política e religião devem, sim, se misturar, e anunciou que o povo brasileiro é cristão.

Terminou seu discurso com um recado ao Senhor: "Que tua verdadeira shalom esteja dentro dos muros de Israel. Nós abençoamos o Brasil. Nós abençoamos Israel. Em nome de Jesus, amém".

Lá embaixo, na avenida, três senhoras envoltas pela bandeira do país judaico gravaram uma entrevista que viralizaria nas redes. Questionadas por qual motivo usavam o adereço, uma delas respondeu: "Porque somos cristãs, assim como Israel".

A defesa fervorosa de Israel é reflexo da construção de uma gramática judaico-cristã, com o estabelecimento de uma origem em comum —um passado de glória compartilhado. É o que afirma Michel Gherman, professor de sociologia na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e autor do livro "O Não Judeu Judeu: A Tentativa de Colonização do Judaísmo pelo Bolsonarismo".

A história mostra que movimentos fascistas se empenharam na construção do mito de um passado vitorioso para fortalecer a identidade nacional, alavancar valores reacionários e promover mudanças alinhadas com esses valores. No século 21, a extrema direita e a direita populista seguem a mesma estratégia —um de seus instrumentos é a adoração a Israel.

Segundo o professor, a construção deste mito ajuda a ativar alguns símbolos importantes para movimentos reacionários. Primeiro, a imaginada civilização judaico-cristã se afasta dos vínculos com a África. "É o Oriente Médio que se vê como europeu", diz.

Além disso, as referências aos reinos de Salomão e Davi exploram a violência como um elemento positivo, de resistência e reação ao inimigo. "Salomão e Davi como símbolos fundamentais da conquista e da expansão", afirma Gherman.

Ele também menciona o vínculo deste mito com o empreendedorismo, considerando que o reino é independente do Estado. "Tem uma leitura ultraliberal, no sentido da ausência do Estado. Tem a presença do rei, que é o representante de Deus."

Mas se engana quem pensa que esse movimento de adoração a Israel é religioso, afirma Gherman. "Você pertence a uma comunidade política que já foi de vencedores. A religião é um detalhe. Não é um discurso religioso. É um discurso de pertencimento a um lugar que tem que ser resgatado", diz.

Continua na pág. B15

Continuação da pág. B14

"A questão do reino de Salomão não é religiosa. É militar, política, expansionista. É um erro a gente achar que está falando de religião. A gente está falando de política."

*

Em 1922, no mesmo ano em que se tornou primeiro-ministro da Itália, Benito Mussolini discursava no congresso fascista em Nápoles: "Nós criamos o nosso mito. O mito é uma fé, uma paixão. Não precisa ser uma realidade. E a esse mito, a essa grandeza, nós subordinamos tudo".

Dois anos depois, na Alemanha, o principal ideólogo do nacional socialismo, Alfred Rosenberg, escrevia: "A compreensão e o respeito pelo nosso próprio passado mitológico e pela nossa própria história constituirão a primeira condição para ancorar mais firmemente a próxima geração no solo da pátria original da Europa".

As duas falas são lembradas no primeiro capítulo do livro "Como Funciona o Fascismo", de Jason Stanley, professor de filosofia na Universidade Yale (EUA). Nele, o autor argumenta que o fascismo tem um objetivo claro ao invocar o mito de um passado puro, que foi tragicamente destruído pelos progressistas, pelo liberalismo e pelo globalismo. É na criação desse sentimento de nostalgia que os fascistas vão tentar realizar seus ideais no tempo em que vivem.

"A cultura fascista está centrada em torno de alguns mitos, e o maior deles é o de um passado patriarcal, no qual a nação era ótima, e que agora está sendo destruído pelo liberalismo. Está sendo destruído pelo feminismo, pelas pessoas LGBTQ. [Grupos] que desafiam as bases dessa nação e dessa civilização", diz Stanley à **Folha**.

O professor defende que o nazismo estava fundamentado no que hoje se chama de teoria da Grande Substituição, a ideia conspiratória de que existe um plano das elites globais para substituir cidadãos brancos por imigrantes não brancos.

"[Para os nazistas] A Alemanha era ótima, mas então foi humilhada pela Primeira Guerra Mundial, e eles passaram a ser humilhados pela imigração. [A ideia nazista era que] Os judeus fizeram com que a Alemanha perdesse a Primeira Guerra. Que eles eram traidores que tinham esfaqueado a Alemanha pelas costas. E que passaram a abrir as fronteiras para trazer imigrantes e derrubar a raça branca, a raça ariana. [Para os nazistas] Então você precisava que Hitler parasse a destruição da nação", afirma Stanley.

Se no século 20 o fascismo acusava os judeus de terem destruído o passado de glória, nos tempos atuais ganha corpo entre a extrema direita um filossemitismo deturpado, que submete os judeus a um determinado passado mítico.

"O que acontecia no fascismo histórico é que tinha um grupo muito importante na Europa que não tinha passado, ou que o passado era não europeu. Um passado desconhecido, de traição, de não reconhecimento do verdadeiro Deus", diz Gherman.

A defesa fervorosa de Israel é reflexo da construção de uma gramática judaico-cristã, com o estabelecimento de um passado de glória compartilhado

Em 'Como Funciona o Fascismo', Jason Stanley argumenta que a defesa do passado patriarcal representa a defesa do conceito de hierarquia, necessário para a manutenção da forma de governo autoritária.

Hoje, o professor continua, o passado ideal para a extrema direita não é mais, como no século 20, referente aos bárbaros arianos ou ao Império Romano. "A novidade é um elemento fundamentador desse passado: o reino de Salomão, o reino de Judá."

Agora, ele argumenta, cria-se a ideia de um passado compartilhado, uma origem comum entre cristãos e judeus em um reino glorioso, de grandes conquistas, anterior a Cristo, no território israelense.

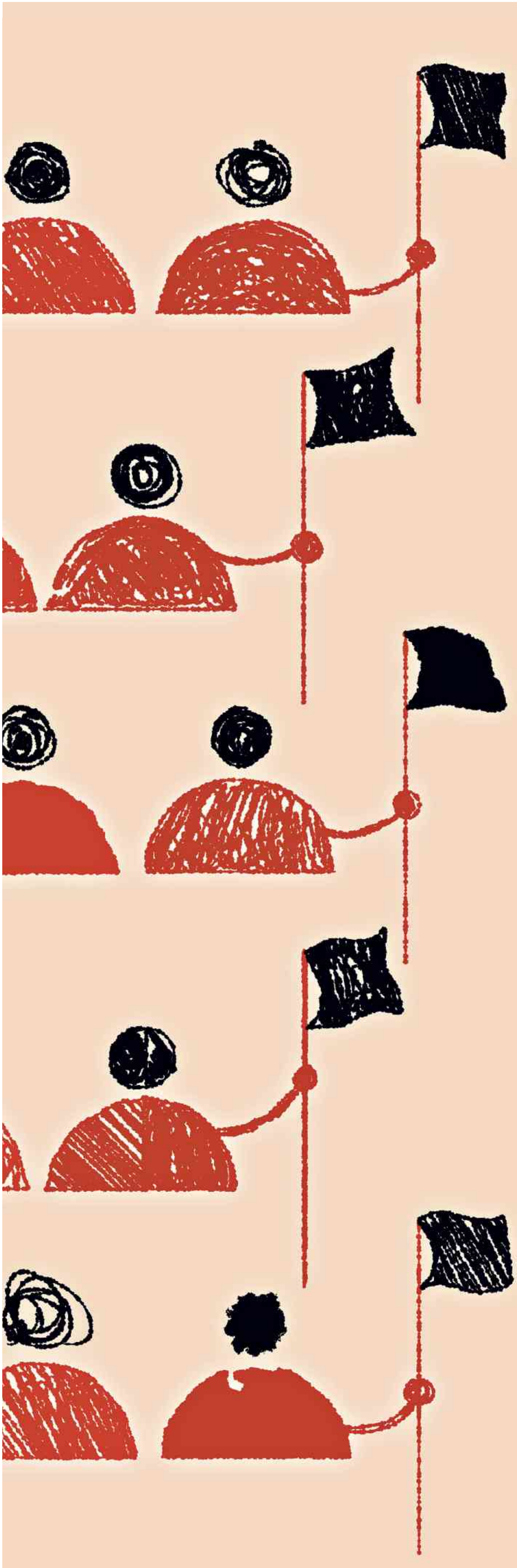
"Em vez de você perseguir um judeu sem passado, o que você faz agora é impor aos judeus um passado: o passado do reino. Os judeus existem para dar à luz a esse passado do reino de Salomão", diz Gherman. "Esse modelo de passado vai ser compartilhado por todos da extrema direita. É isso que eu chamo de judeu imaginário."

Apesar da construção desse passado comum com os cristãos, nem todo judeu agrada ao grupo, afirma o professor. Apenas aquele visto como descendente do reino.

"Você nunca vai ver, por exemplo, nas lógicas desse judeu imaginário, o judeu moderno. Nunca vai ver um judeu secular, um judeu progressista", diz. "Não é que eles deixaram de ser antissemitas. Eles refundam o antissemitismo, que passa a ser vinculado a um tipo de judeu e não a todos os judeus."

Gherman faz uma analogia para explicar por que é efetiva a construção do passado mítico pela extrema direita.

Continua na pág. B16



Julio Lapagesse

No turbilhão do passado

Continuação da pág. B15

"Eu sempre brinco com a ideia de que todo o mundo que vai fazer visita a vidas passadas acaba descobrindo que era rainha, rei, descendente de um grande assessor do rei. Ninguém é simplesmente um operário, um camponês", diz. "É mais ou menos isso que a extrema direita vende, que você é descendente de uma raça gloriosa."

O professor lembra que a moeda do fascismo para reunir seguidores era vender a ideia do pertencimento a um grupo que foi soberano no passado. "Se eu pudesse resumir o que a extrema direita pensa em relação ao presente, passado e futuro, é essa ideia de que no passado você tinha alguma coisa muito importante. E que o progresso e a expansão dos direitos destituíram você dessa importância."

*

O primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, é um dos líderes da extrema direita mundial que entenderam e se aproveitam da utilidade do mito do passado glorioso.

Ele frequentemente se refere à bacia dos Cárpatos como uma terra de origem comum de todos os húngaros, dissolvida com o Tratado de Trianon, firmado após a derrota na Primeira Guerra. Mais de 100 anos depois, Orbán insufla na população o ressentimento com o tratado, que, segundo o governo, fez com que a Hungria perdesse dois terços de seu território e 3 milhões de habitantes.

Assim, o país sai como vítima de grandes potências do Ocidente. No passado, dos vencedores da guerra; hoje, da União Europeia, que alerta para o desmonte da democracia húngara e, por isso, é desafiada por Orbán.

As referências à bacia original do povo húngaro e às ameaças enfrentadas ao longo dos séculos sobre o território servem como sustentação para o nacionalismo cristão, ideologia que norteia as práticas do governo. Desde que assumiu em 2010 com uma maioria de dois terços do Parlamento, Orbán aprovou uma série de leis anti-imigração e construiu um muro na fronteira com a Sérvia em 2015.

Em discurso em 2021, por exemplo, o primeiro-ministro afirmou que a missão dos húngaros por séculos foi defender a bacia dos Cárpatos contra a ocupação do Império Otomano, a superpotência muçulmana que durou mais de 500 anos.

Na ocasião, Orbán defendeu que a proteção do território e do cristianismo diante da ascensão do mundo muçulmano na Idade Média, da ocupação nazista, da ocupação soviética e da natureza anticristã dos anos de comunismo na Hungria se transformou em uma grande missão de importância nacional e europeia.

László Kövér, um deputado húngaro aliado do primeiro-ministro, foi mais direto ao relacionar o passado mítico com a defesa atual da ideologia nacionalista cristã. Segundo a Radio Free Europe, ao comparar o êxodo populacional pós-Trianon com a crise migratória contemporânea na Europa, Kover afirmou que houve um intercâmbio populacional planejado disfarçado de migração ilegal —acenando para a teoria conspiratória da Grande Substituição.

"Em 1920, nós, húngaros, fomos atacados por potências europeias e grupos de interesse fora da bacia dos Cárpatos. Mas, hoje em dia, potências estrangeiras e grupos de interesse fora do continente estão atacando e destruindo a Europa.... O que é isso, se não a Europa marchando em direção ao seu próprio Trianon?", disse ele.

Assim como fez a gestão Bolsonaro, com a qual firmou estreitos laços, o governo Orbán também adota uma visão sobre o gênero ligada a um passado patriarcal, prática central nas experiências fascistas.

No livro "Como Funciona o Fascismo", o professor Jason Stanley argumenta que a defesa do passado patriarcal também representa a defesa do conceito de hierarquia, necessário para a manutenção da própria forma de governo autoritária.

"Em uma sociedade fascista, o líder da nação é análogo ao pai na família patriarcal tradicional. O líder é o pai de sua nação, e sua força e seu poder são a fonte de sua autoridade legal, assim como a força e o poder do pai de família no patriarcado devem ser a fonte de sua autoridade moral máxima sobre seus filhos e esposa", escreve o professor. "Ao representar o passado da nação como um passado com uma estrutura familiar patriarcal, a política fascista conecta a nostalgia a uma estrutura autoritária hierárquica organizadora central."

Na Constituição aprovada a toque de caixa depois que Orbán chegou ao poder, o Parlamento governista determinou que o casamento é a união de um homem com uma mulher, e que a família é a base da sobrevivência de uma nação.

Em setembro de 2022, o governo Orbán baixou um decreto obrigando mulheres grávidas que buscam aborto a primeiro obter relatório de um médico dizendo que elas foram confrontadas de forma clara com sinais de vida do feto —ou seja, que ouviram o batimento cardíaco.

O governo também aprovou políticas públicas para encorajar as famílias heterossexuais a terem filhos.

Se no nazismo mulheres eram estimuladas a procriar para aumentar o que se entendia como a população ariana, na Hungria de Orbán esse incentivo se dá em meio à crise demográfica do país e receios de que os imigrantes possam substituir os brancos europeus como maioria da população.

"[A ideia da extrema direita é que] Imigrantes estão vindo e tornando o país não branco, no caso dos Estados Unidos, e não ariano, no caso da Alemanha [nazista]. Então as mulheres precisam ter mais bebês para restaurar a nação", afirma Stanley.

*

Os acenos ao passado glorioso funcionam especialmente em um momento global de crise democrática, com os percalços das democracias liberais e capitalistas que, encaradas como o modelo político ideal e definitivo após a queda do Muro de Berlim, hoje não conseguem responder aos anseios de boa parte dos cidadãos.

"Grande parte da população em países democráticos está pessimista em relação ao futuro", afirma à **Folha** Benjamin Teitelbaum, autor de "Guerra Pela Eternidade: O Retorno do Tradicionalismo e a Ascensão da Direita Populista". "Cada vez mais eles rejeitam a promessa da democracia liberal de que a vida vai melhorar, de que a passagem do tempo equivale a uma vida melhor. Muita gente não acredita mais nisso. Então é poderoso, politicamente, usar esse sentimento."

Continua na pág. B17

Continuação da pág. B16

É desse sentimento que nasce o slogan do ex-presidente Donald Trump, o "Make America Great Again" (na tradução livre, algo como "Torne a América Grande Novamente"). "Essa frase pertence a uma visão reacionária do passado. É notável por quão pouco ela diz. A frase não diz o que é tão bom sobre a América. Não há conteúdo para o conceito de grandeza. O que importa é a filosofia do tempo que está embutida nessas quatro palavras", diz o autor.

Conselheiro número 1 de Trump, Steve Bannon tem uma visão singular sobre o passado, na qual Teitelbaum mergulhou para escrever seu livro. Após mais de 20 horas de gravação com Bannon, ele afirma que o estrategista político, como também Olavo de Carvalho, o guru do bolsonarismo, é um seguidor do tradicionalismo.

Assim como os fascistas, os tradicionalistas condenam o presente. Há, porém, uma cisão importante entre os dois movimentos. Enquanto os primeiros acreditam que poderiam recuperar o passado e criar uma nova realidade ainda superior, os segundos avaliam que nada será melhor do que já foi.

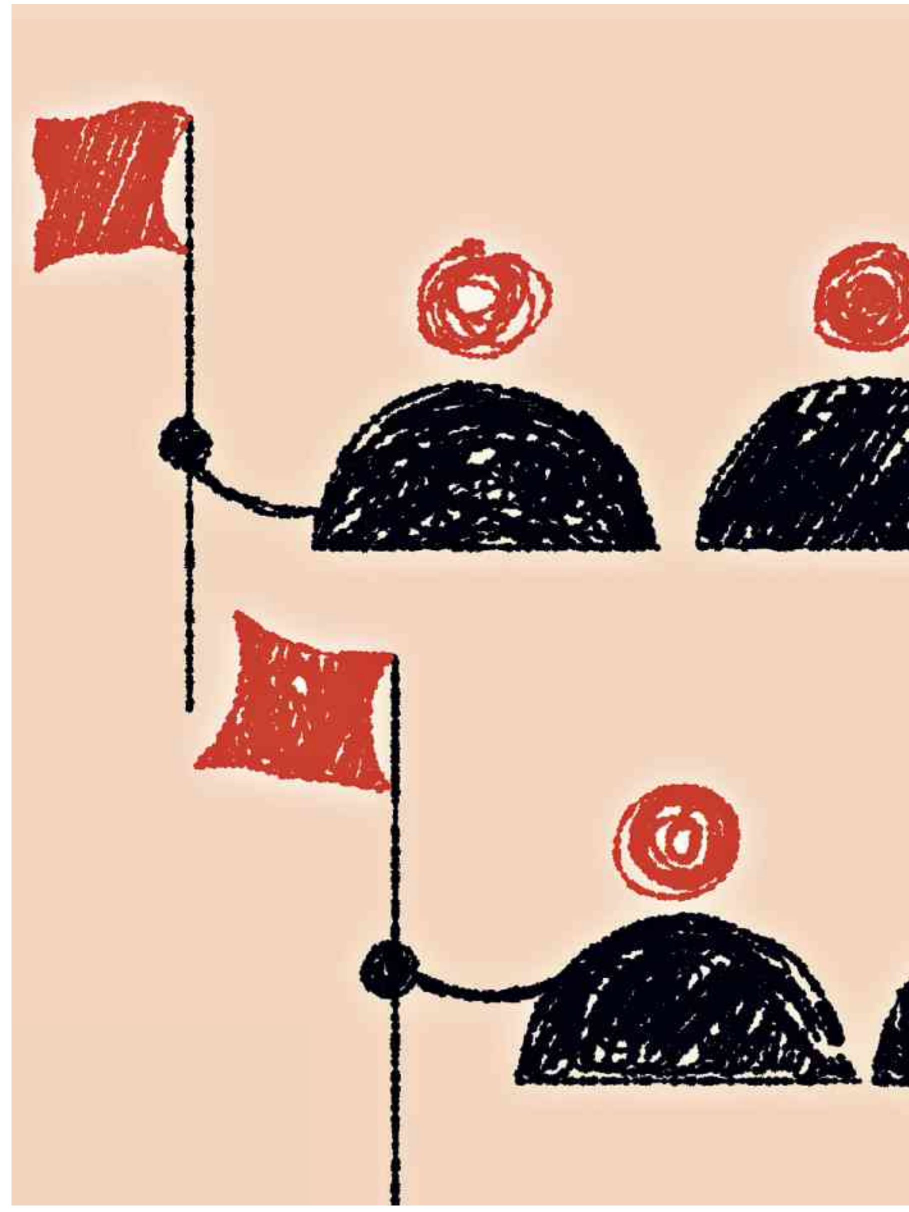
"[Para os tradicionalistas] O caminho para retornar ao que era tão bom sobre o passado é por meio da destruição. Não é uma ideologia de criação, de futurismo. É mais sobre deixar a modernidade se esgotar, tentando derrubar todas as instituições da modernidade com a crença de que no seu lugar o passado dourado vai ressurgir", afirma Teitelbaum.

Outro movimento de franja de exaltação do passado é o localismo —uma visão antiglobalista, antiliberal e nostálgica que defende que as pessoas deveriam voltar a viver em comunidades pequenas e unidas, centradas nas famílias. Entre seus defensores, estão o escritor conservador e católico Rod Dreher, que vive na Hungria e é um grande entusiasta de Orbán, e o professor, também católico, Patrick Deneen, autor do livro "Por que o Liberalismo Fracassou".

Os dois já foram citados como influências intelectuais pelo senador J.D. Vance, escolhido para a vice de Trump, novamente em busca da Presidência.

A extrema direita e a direita populista sofreram reveses nos últimos anos, com derrotas importantes, como a de Trump em 2020 e a de Bolsonaro em 2022.

A vertente populista, porém, segue em cena —em junho, a ultradireita nacionalista teve avanços significativos no Parlamento Europeu e, no mês seguinte, assombrou a eleição na França, embora não tenha vencido. Em novembro, Trump tentará voltar à cadeira presidencial. Não só o presente ainda continuará em disputa: o passado também. ←



Julio Lapagesse


9 anos
Unibes Cultural
#eudouação
O futuro é o resultado de uma história.
Banco Daycoval e Unibes Cultural: parceria que inspira futuros
Nossa jornada carrega histórias, pessoas e conquistas que refletem o poder da colaboração. Agradecemos ao Banco Daycoval por patrocinar quatro pilares essenciais da nossa programação, ajudando-nos a elevar o cenário cultural brasileiro e a fortalecer nossa comunidade. Juntos, continuamos a transformar vidas e a promover autonomia através da cultura.
Para saber mais sobre nossos pilares de atuação e programação cultural, escaneie o QR Code:
patrocínio
Banco Daycoval
realização
Unibes Cultural
Unibes #eudouação
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

O aprendizado no limiar da destruição

'A Montanha Mágica', de Thomas Mann, completa cem anos de fascínio pelo percurso

Vinicius Mota
Secretário de Redação da Folha, foi editor de Opinião. É mestre em sociologia pela USP

A literatura explora as margens da morte há milênios. Nessa fresta, um pouco para cá ou um pouco para lá do desencarne, trafegaram Homero e Dante, Shakespeare e Machado.

"A Montanha Mágica", monumento dessa tradição, completa o centenário. A história do jovem alemão que reserva três semanas para visitar o primo num sanatório alpino para tuberculosos tomaria outro curso sem o turbilhão de transformações entre o fim da década de 1910 e o início da seguinte.

Em novembro de 1924, quando Thomas Mann apresentou a saga de Hans Castorp, a Europa reemergia de guerra e epidemia arrasadoras e desbundava nas artes e nos costumes, enquanto programas totalitários, com pés já fincados na Rússia e na Itália, se alastravam na velocidade do automóvel.

A clivagem brusca permitiu a Mann tratar como se fossem de velhos tempos, porque anteriores à guerra, episódios que no romance mal perfaziam dez anos. Não que isso deixe de ser uma artimanha do narrador, pois as sementes da nova realidade estão esboçadas ao longo das 1.200 páginas.

O antissemitismo, o cientificismo e sua antítese negacionista, as ideologias integristas e autoritárias, a impotência e o declínio do liberalismo e o contágio das mentes por radicalismos são pacientemente tematizados no romance, em peripécias e diálogos envolvendo personagens inesquecíveis.

A apreensão resvaladiça do tempo exala das divagações do protagonista sobre o movimento dos astros e a passagem das estações e do próprio ritmo descompassado da narrativa. A nascente psicanálise freudiana embala as intervenções de médicos e a descrição de sonhos. Até um modismo da época, as mesas para comunicar-se com os espíritos, ganha a sua vez na montanha mágica.

Destacando-se dos tópicos mais ou menos datados ou pedantes que percorrem o romance, a sua proposta central, de que o protagonista atravesse um longo e arriscado processo de aprendizado no limiar da destruição física, é um traço que confere perenidade à obra.

Castorp não volta para casa na data planejada. Recebe o diagnóstico de doença pulmonar e ficará sete anos no sanatório. O leitor desconfia de que a enfermidade é também pretexto para o herói mergulhar nas experiências que o excitam naquela atmosfera rarefeita.

E são, todas, aventuras pedagógicas à beira do abismo. A morte é corriqueira no instituto, os trenós com os cadáveres assombram Hans Castorp, seus convivas podem desaparecer da noite para o dia. Ele próprio, com febre baixa e persistente, não está seguro.

Ávido por chacoalhar a sua vida sem graça, ele se embrenha nessa fina cartilagem que separa os vivos dos mortos, mas não a ponto de cruzar a última barreira. Mais que encontrar solução para suas angústias, o que lhe dá prazer é a experiência ("placet experiri"). Fascina-o o percurso, não o desfecho.

Desafia o aprendiz a relação com Leo Naphta —o jesuíta difamador da ciência e prosélito do terror reacionário e do comunismo cristão. Apesar das advertências de Lodovico Settembrini, iluminista fervoroso, para que Castorp não se aproxime sem guarida daquele niilista adorador da morte, o jovem alemão jamais hesita em ir ter com Naphta. Não concorda com ele nem com Settembrini, mas não se distancia deles.

Que o jesuíta e o italiano prossigam em seus debates intermináveis pela conquista do jovem em formação é tudo o que Castorp deseja, mas a violência vai romper esse equilíbrio prazeroso. O embate entre os mestres extrapola o domínio do discurso e termina num duelo de ópera bufa, em que Naphta prefere se matar a atingir o adversário com sua pistola.

A brutalidade interrompe o aprendizado, o que mais tarde a eclosão da guerra vai deixar patente ao expor o soldado Castorp à crueza destrutiva do campo de batalha. A narrativa se acelera, troca o passado pelo tempo presente e se despede do herói na iminência de ele ser exterminado.

"Aonde nos levou o sonho?", lamenta o narrador. O hábito humano de passar das ideias às metralhadoras derrubou o personagem mais sábio. Ele só queria que o papo continuasse.

DOM. Bernardo Carvalho, Ailton Krenak, Juliana de Albuquerque, Vinicius Mota

Poesia que ensina e delicia

[RESUMO] Edição histórica da obra do poeta latino Catulo (aproximadamente 87 a.C. – 52 a.C.) ganha reedição ampliada, bilíngue e com esmerada fortuna crítica. Um dos maiores autores da Antiguidade, Catulo é o expoente de uma geração que revolucionou a poesia latina, criador de versos que ainda hoje espantam pela desenvoltura com que passam do sublime à mais ríspida troça

Por **Paulo Martins**

Professor de Letras Clássicas da USP. Autor, entre outras obras, de 'A Representação e Seus Limites' (Edusp, 2021)

Há 28 anos escrevi nesta **Folha** o que pensava sobre o poeta veronense Catulo, especificamente acerca de "O Livro de Catulo". Na ocasião era lançada uma tradução completa da obra do poeta realizada por João Angelo Oliva Neto, editada pela Edusp em publicação bilíngue, algo raro ainda hoje.

O livro foi um sucesso editorial, no âmbito das letras greco-latinas em língua portuguesa do Brasil, e chegou a conquistar o prêmio de melhor tradução do ano pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). Resultado: em pouco tempo, esgotou. Restava ao público interessado, primeiramente, as fotocópias em papel, e, mais recentemente, os famigerados PDFs.

Retorno agora à **Folha** para falar novamente não do mesmo livro, mas de um absolutamente diferente, embora seja o mesmo.

Explico: a mesma editora, em ato de ousadia, encomendou a João Angelo a segunda edição dos mesmos 116 poemas e dois fragmentos. Nos anos que sucederam ao esgotamento da primeira edição, o tradutor e professor da USP se dedicou a produzir uma revisão do livro que somou 904 páginas, enquanto o original dispunha de 278.

Por que tamanha ampliação? Como resposta, proponho três questões fundamentais: o poeta, a tradução e a edição.

Catulo é um poeta enorme tanto na forma como no conteúdo. Nasceu em Verona e viveu em Roma na época de Júlio César, portanto no final da República, enfim, algo entre 87 a.C. a 54 a.C. Fazia parte de um grupo chamado poetas novos ("poetae noui"), ou, como Cícero, orador e filósofo, se referia pejorativamente em grego: os "neóteroi", os mais novos, na verdade, jovenzinhos.

Eles se aplicaram em nova tendência que diferia de maneira incisiva da poesia mais grave, séria, cujo expoente era Ênio, um poeta circunspecto, sisudo, dado a valorizar o tom épico, não que isso significasse um defeito. Catulo e seus colegas praticavam uma vertente poética helenística que remontava aos gregos Calímaco de Cirene e Teócrito de Rodes. Poetas e bibliotecários.

Na verdade, na Roma daquela época, não havia uma poesia lírica ou jâmbica próxima daquilo que alguns poetas arcaicos gregos e helenísticos já tinham produzido. A poesia invectiva e a poesia amorosa não estavam no cânone romano, não faziam parte do "cardápio".

O que nos resta de Catulo é suficiente para dizer que seu ecletismo genérico (dos gêneros poéticos) é impressionante. Sai da mais alta sublimidade e cai na mais ríspida troça.

O referente mais interessante nesse sentido diz respeito à sua musa, que nada mais é do que sua amada, sua poesia, Lésbia. Ela é alvo do mais sublime louvor, mas também do mais duro vilipêndio: "Vamos viver, Lésbia, vamos amar, / E os rumores dos velhos mais severos, / todos!, não valham mais que nada. Sóis / podem morrer e renascer, mas nós / quando se põe a nossa breve luz, / uma só noite, eterna, dormiremos. / Mil beijos dá e então mais cem, me dá / depois mais mil, mais outros cem depois, / depois mais outros mil e após mais cem, / depois ao completar muitos milhares, / vamos perder a conta, confundir, / porque malvado algum possa invejar / se de muitos souber, de tantos beijos" (poema 5).

Continua na pág. B21

Continuação da pág. B20

Parece claro que duas questões se impõem. A primeira diz respeito aos "velhos mais severos", que seriam aqueles a que Cícero teria oposto os "neóteroi", os "poetae noui".

Em segundo lugar, Lésbia, sua amada, musa, sua poesia. É curioso que seu nome remeta à ilha de Lesbos, donde veio a famosa Safo, poeta mulher, produtora de poesia. Disso podemos inferir que Lésbia é a própria poesia personificada, poesia mulher, parte da poesia de Catulo.

Mas falávamos do caminho do sublime ao rebaixamento, percurso que o poeta segue, muita vez. Se observarmos uma outra referência à Lésbia, notaremos esse contraste:

"Célio, a minha Lésbia, Lésbia, aquela, / aquela Lésbia só a que Catulo / mais do que a si amou, mais do que aos seus, / hoje em becos costuma, e nas esquinas, / filhos de Remo descascar magnânimos." (poema 58)

A referência ao poema anterior é óbvia, afinal, quanto amor está lá inscrito. Para o leitor contemporâneo, os dois últimos versos soam enigmáticos, até estranhos.

Talvez "becos" e "esquinas" sugiram algo ainda comum hoje em dia, mas o verbo "descascar" a que se refere? Felação, sexo oral? Sim, é o que parece ser. O verbo latino tem significação decifrada em sua onomatopeia, "glubit", o que redunda em amplificação tremenda: filhos magnânimos de Remo, segundo a lenda, simbolizam todos os romanos.

O transpasso do louvor ao vitupério —aristotelicamente, possibilidades do discurso epidítico ou demonstrativo— é referência metalinguística. Se Lésbia está com todos os romanos, ela não se rebaixa, ao contrário, ela se eleva, é a poesia a que todos conhecem.

Mas "O Livro de Catulo" tem muito mais. Possui três seções. A primeira, As Ninharias ("nugae"), a que João Angelo traduziu o latim pelo latim, nugas, com pequenos poemas da vida cotidiana que tratam de amor, deleite, prazer, raiva, amizade, graça. Parece-me a Roma vista poética e arqueologicamente.

A segunda consta de poemas matrimoniais, longos, alguns inclusive hexamétricos, o metro da épica, como no epílio (pequena épica) das bodas de Tétis e Peleu, que, segundo a antecedência cronológico-mítica, seria o momento anterior ao nascimento de Aquiles, logo o verdadeiro ponto de partida da saga de Ílion, afinal a epopeia trata da ira do filho de Peleu.

O terceiro e último momento do livro é a coleção de poemas em dísticos elegíacos, uma estrofe de dois versos com medidas regularmente diversas. Poemas que parelham o lamento e o erótico. Digamos que é do amor malfadado que a elegia romana trata.

Nesta seção, o estudioso-tradutor, creio, ganha relevo tanto na forma quanto no conteúdo. O poema 65 é uma preciosidade em latim ou no excelente português de João Angelo. Um dístico desta seção resume a crucificação do poeta de amor:

Catulo é um poeta enorme tanto na forma como no conteúdo. Nasceu em Verona e viveu em Roma na época de Júlio César, portanto no final da República. Fazia parte de um grupo chamado poetas novos ou, como Cícero, orador e filósofo, se referia pejorativamente em grego: os 'neóteroi', os mais novos, na verdade, jovenzinhos

"Odeio e amo. 'Como, pois?', talvez perguntes. / Não sei. Sinto ocorrer e crucifico-me". (poema 85)

Passo agora ao magistral trabalho da Edusp. Poucas vezes pude ter contato com semelhante edição. O livro é feito em capa dura; suas imagens têm significação e importância diante do conteúdo escrito. A cor das páginas matizadas entre poemas e traduções e notas, as seções precisas e inteligentes, uma bibliografia exaustiva e raramente acatada pelas casas editoriais tornam o conjunto mais importante ainda.

Por fim, João Angelo, ao rever seu trabalho de tradução, que era antes dedicado ao "make it new", da cepa de Pound e Eliot, afora dos concretos brasileiros, radicaliza, pois abandona aquela vanguarda e assume sua vocação filológica e histórica. O produto contribui para a compreensão daqueles que não conhecem o latim.

O tradutor adota radicalmente a função de operar dois níveis de significação equivalentes, não fazendo uma interpretação, muita vez, anacrônica, assumindo assim a historicidade do texto.

João Angelo hoje é um tradutor maduro e um filólogo importante. Poucos, talvez nenhum, poderiam nos oferecer uma obra tão bem acabada. Restam-nos, leitores de Catulo, o deleite e o aprendizado. Estamos diante do "dulce et utile" horaciano. Isto é, o que é doce e agrada e o que é útil e convence.

Diria Pessoa, "sentir, sinta quem lê". ←



Donald Trump, ex-presidente e candidato republicano à Casa Branca, discursa em evento de campanha, em Detroit, Michigan Emily Elconin-26.ago.24/Getty Images/AFP

Um partido de culto a Trump

[RESUMO] Corrida eleitoral nos EUA parece confirmar que Partido Republicano deixou de ser uma agremiação na concepção clássica do termo (organização que representa ampla gama de interesse, com lideranças substituíveis e uma ideologia que prevalece sobre as posições individuais) para se tornar um veículo personalista de devoção a Donald Trump, algo estranho à tradição do país

Por **Carlos Gustavo Poggio**

Doutor em relações internacionais e especialista em política dos Estados Unidos, é autor de "O Pensamento Neoconservador em Política Externa nos Estados Unidos" (Unesp, 2010)

O processo político-eleitoral de 2024 nos Estados Unidos revela uma transformação profunda e inédita na dinâmica do país. O Partido Republicano parece ter completado de vez um ciclo iniciado em 2016 e deixou evidente que não é mais um partido no sentido clássico do termo, mas apenas um veículo para um movimento com características de culto personalista centrado na figura de Donald Trump.

O próprio Trump não nutre qualquer deferência pela sigla que momentaneamente o abriga e utiliza frequentemente o termo "movimento" para referir a si próprio e a seus apoiadores.

Em contrapartida —e aqui não vai nenhum julgamento de valor—, o Partido Democrata tem demonstrado que ainda é uma agremiação organizada, com capacidade para coordenar suas ações e controlar suas lideranças, mesmo em tempos de incerteza.

Um partido político moderno é, em essência, uma organização estruturada que vai além de figuras individuais, com um programa ideológico razoavelmente definido. Nos Estados Unidos, tradicionalmente têm funcionado como entidades organizacionais que representam uma ampla coalizão de interesses, onde a liderança é substituível e as ideias coletivas prevalecem sobre a personalidade individual.

Historicamente, movimentos personalistas são estranhos à política dos Estados Unidos. Isso contrasta fortemente com a realidade política em muitas partes da América Latina, terra de peronismos, varguismos, lulismos, bolsonarismos e outros "ismos" baseados em figuras populares.

Para ficar apenas em um exemplo recente no Brasil, o caso de Jair Bolsonaro é emblemático: ele disputou a Presidência por um partido em 2018 (PSL) e por outro em 2022 (PL).

Os Estados Unidos parecem agora, com a ascensão do "trumpismo", mais perto do modelo latino-americano de fazer política. Esse movimento não é guiado por uma ideologia consistente ou por um programa de governo claro, mas pela devoção a um líder e por um conjunto de crenças que orbitam em torno da figura de Trump.

Essa transformação do Partido Republicano passou pelo silenciamento de figuras internas históricas, que perderam espaço, eleições ou faleceram. A partir de 2016, a lealdade ao partido foi sendo gradualmente substituída pela lealdade a Trump.

A sigla hoje é comandada por Michael Whatley, que participou das tentativas frustradas de Trump de burlar os resultados das eleições de 2020, e por Lara Trump, nora do ex-presidente.

As primárias republicanas para a eleição presidencial deste ano são um exemplo dessa transformação.

Desde o início, a nomeação de Trump nunca esteve realmente em dúvida, ao ponto de ele nem sequer se preocupar em participar dos debates internos, em que seus "adversários" evitavam críticas mais contundentes, com medo de antagonizarem demais com os apoiadores do movimento trumpista.

Apesar dos esforços da elite partidária para promover uma alternativa, como, por exemplo, a candidatura de Nikki Haley, nada foi capaz de deter a influência esmagadora de Trump na base do partido.

A convenção republicana em julho escancarou de vez esse processo. Em um sinal claro de como a estrutura partidária tradicional foi substituída pela lealdade a Trump, não contou com a presença de figuras históricas relevantes, como ex-presidentes ou ex-candidatos.

Em vez disso, o evento foi marcado pela participação de figuras leais a Trump, incluindo seus parentes, lutadores de luta livre e outros indivíduos que deixariam perplexo um republicano que tivesse acordado de um coma.

A seleção do candidato a vice-presidente foi outra evidência gritante. J.D. Vance foi escolhido por ser o mais leal a Trump, não ao partido como instituição. Outros nomes aventados, como Marco Rubio, senador pelo estado da Flórida, ou Doug Burgum, governador de Dakota do Norte, tinham uma trajetória política muito ligada ao Partido Republicano pré-trumpismo e por essa razão foram preteridos.

Vance, que inicialmente era crítico a Trump, teve sua curta ascensão política diretamente ligada ao ex-presidente. Sua metamorfose de autor de best-seller para candidato ao Senado por Ohio há menos de dois anos deu-se concomitantemente com sua conversão ao trumpismo. Sim, porque é disso que se trata: conversão. Alguém se filia a um partido, mas converte-se a uma religião.

Essa personalização da política americana tem levado a certas tendências autoritárias, tão conhecidas por essas bandas. Trump, sempre tão afeito à retórica autoritária, intensificou essa postura em 2024.

Continua na pág. B23

INÊS 249

Continuação da pág. B22

Prometeu, por exemplo, ser um ditador "apenas no primeiro dia" de seu mandato, caso seja eleito, e afirmou para uma plateia de ativistas religiosos que, se ele vencesse, "não teriam que votar mais".

Ele tem tecido cada vez mais elogios a Viktor Orbán, o primeiro-ministro da Hungria conhecido por sua postura autocrática, marcada pelo controle sobre a mídia, pelo enfraquecimento do sistema judiciário independente e pelo cerceamento de liberdades civis e direitos políticos no país.

Além disso, Trump tem repetidamente se recusado a aceitar os resultados das urnas em caso de derrota, questionando a legitimidade das eleições e das instituições democráticas. Para além de seu incontrolável narcisismo patológico, existe uma estratégia por trás de tais declarações.

Muitos eleitores acreditam que o sistema está corrompido e só Trump pode restaurar a ordem, mesmo que isso signifique ignorar ou subverter os processos democráticos. Essa mentalidade de "salvador" é típica de movimentos autoritários, em que a figura do líder é vista como essencial para a sobrevivência da nação, independentemente das consequências.

O problema é que essas declarações e ações não são apenas retóricas. Elas têm impacto profundo no eleitorado e na estabilidade política do país.

A base de apoio de Trump, que se tornou mais radical e menos disposta a aceitar qualquer forma de derrota, ameaça criar uma crise de legitimidade sem precedentes nos Estados Unidos.

O republicano já começou a descredibilizar pesquisas que o mostram atrás nas intenções de voto e até mesmo imagens mostrando comícios lotados da democrata Kamala Harris, preparando o terreno para um possível tumulto pós-eleitoral.

Contraste democrata

Em claro contraste com o Partido Republicano, o Democrata tem demonstrado que ainda mantém as características tradicionais de um partido político organizado. Mesmo em um ciclo eleitoral turbulento como o de 2024, mostrou incrível capacidade de organização.

A eleição de 2016 foi um primeiro exemplo claro de como os democratas ainda conseguem controlar suas lideranças. Assim como Trump se utilizou do sistema de primárias abertas para capturar o Partido Republicano de baixo para cima, os democratas enfrentaram um problema semelhante com a ascensão de Bernie Sanders, que representava a ala mais radical e progressista do partido e quase conseguiu a nomeação como candidato naquele ano.

No entanto, ao contrário dos republicanos, a elite partidária democrata, avessa a Sanders, conseguiu garantir que Hillary Clinton fosse a candidata em 2016, mostrando que o partido ainda era capaz de impor uma ordem interna. Em 2020, a escolha de Joe Biden como candidato, um claro representante do establishment democrata, foi mais uma demonstração desse controle.

O mais dramático exemplo dessa organização partidária coesa e eficaz pôde ser observado no atual ciclo eleitoral, com a célere substituição de Biden por Kamala Harris, sua vice, como candidata, mesmo com fortes resistências do próprio presidente e dos que o rodeavam.

Quando Biden mostrou sinais de que não teria condições físicas de continuar na corrida após seu desastroso desempenho no debate com Trump, a elite democrata agiu de forma decisiva.

> **Os Estados Unidos parecem agora, com a ascensão do "trumpismo", mais perto do modelo latino-americano. Esse movimento não é guiado por uma ideologia consistente ou por um programa de governo claro, mas pela devoção a um líder**

Em menos de um mês, figuras-chave do partido, como Nancy Pelosi e outros líderes no Congresso, coordenaram uma transição que, embora abrupta, ocorreu de forma ordenada e com ampla aceitação entre as principais alas do partido.

Uma vez sacramentada a saída de Biden, o partido, em vez de enfrentar uma longa e penosa disputa de facções, rapidamente se organizou em torno da vice-presidente Kamala Harris, mesmo com alguns membros tendo que abrir mão de suas próprias ambições pessoais.

Essa capacidade de reorganização interna ilustra de forma inequívoca, para o bem ou para o mal, que os democratas ainda mantêm uma estrutura partidária tradicional, em que a liderança e a tomada de decisões são coletivas e orientadas por uma estratégia política clara.

As eleições deste ano vêm expondo essa nova realidade. O futuro da política americana depende, portanto, de como essas dinâmicas evoluirão nos próximos anos e de como os eleitores responderão a essas mudanças.

Uma das inúmeras consequências dessas eleições será a determinação definitiva se o Partido Republicano terá ainda alguma esperança de restaurar sua identidade como grupo político ou se continuará a ser mero veículo para o movimento de Trump.

Para além da disputa Harris-Trump, o desfecho desse ciclo eleitoral nos Estados Unidos definirá também o triunfo de um movimento personalista ou o de um partido organizado e coeso. ←


SEU MOMENTO
SPOILER
SPOILER
SPOILER
SPOILER
SEM SPOILER
Não deixe
o spoiler te pegar
Os melhores lugares no cinema você
encontra na Ingresso.com.
Garanta o seu ingresso e seja o primeiro
a ficar por dentro das principais estreias.
ingresso.com
Aqui começa o seu momento